

ARTHUR OSBORNE

RAMANA MAHARSHI

E O CAMINHO DO AUTOCONHECIMENTO

Prólogo do

DR. S. RADHAKRISHNAN

Vice-Presidente da República da Índia

Tradução de

GILBERTO BERNARDES DE OLIVEIRA



EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Título do original:

RAMANA MAHARSHI
and the Path of Self-Knowledge

Publicado na Inglaterra por Rider & Company,
Sri Ramanasramam, 1970

Edição
9876543

Ano
89

Direitos exclusivos para a língua portuguesa adquiridos pela

EDITORA PENSAMENTO

Rua Dr. Mário Vicente, 374, 04270 São Paulo, SP, fone 63-3141,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

*Impresso em nossas
oficinas gráficas.*

ÍNDICE

	Pg.
Prefácio	9
Prólogo	11
<i>Capítulo</i> I Os Primeiros Anos	13
II O Decpsetar	19
III A Jornada	27
IV Pseudo- <i>Tapas</i>	34
V O Problema da Volta	43
VI O Arunachala	52
VII A Não-Resistência	70
VIII A Mãe	78
IX <i>Adwaita</i>	90
X Alguns dos Primeiros Devotos	95
XI Animais	122
XII Sri Ramanashram	132
XIII A Vida com Sri Bhagavan	140
XIV <i>Upadesa</i>	154
XV Os Devotos	178
XVI A Obra Escrita	189
XVII <i>Mahasamadhi</i>	197
XVIII Presença Contínua	208
Glossário	215

Desejo expressar minha gratidão àqueles devotos mais antigos que leram o manuscrito deste livro e colaboraram com sugestões; e, especialmente, à minha mulher, que ajudou enormemente na confecção desta obra.

PREFÁCIO

Ao escrever este livro busquei tornar claro o sentido das palavras sem abusar do uso de termos estrangeiros. No entanto, toda língua contém palavras que não encontram um equivalente direto em outras e toda ciência, espiritual ou física, possui termos técnicos impossíveis de traduzir. Por essa razão foi preciso lançar mão de um certo número de palavras em sânscrito bem como em outras línguas. Tais palavras encontram-se explicadas no texto, mas, para facilidade de referência e para ter-se uma idéia aproximada da sua pronúncia, acrescentou-se à obra um glossário. Uma vez que a finalidade é ajudar o leitor comum a compreender o livro, não forneci meras definições de dicionário mas, preferentemente, uma noção do sentido atribuído a cada palavra e das implicações doutrinárias nela contidas.

PRÓLOGO

*Pelo Dr. S. Radhakrishnan,
Vice-Presidente da República da Índia*

É com satisfação que escrevo este breve prólogo ao relato do Sr. Osborne acerca da vida e dos ensinamentos de Sri Ramana Maharshi. Tem a obra especial relevância para esta nossa era dominada por tão melancólico e renitente ceticismo. Ela nos dá uma religião do espírito que nos possibilita libertarmo-nos dos dogmas e superstições, rituais e cerimônias e vivermos como espíritos livres. A essência de toda religião é uma experiência pessoal interior e um relacionamento individual com o Divino; é menos uma adoração do que uma busca; é uma forma de tornar-se, de libertar-se.

O conhecido aforismo grego "Conhece-te a ti mesmo" é aparentado com o preceito do Upanichade *atmanam viddhi*, conhece o Si. Por um processo de abstração ultrapassamos as camadas do corpo, mente e intelecto e atingimos o Eu Universal, *a verdadeira luz que alumia quantos vêm a este mundo*. "Para chegarmos ao Bem, é preciso que galguemos o mais elevado dos estados e, fixando sobre ele nosso olhar, nos despojemos das vestimentas que envergamos quando cá baixamos; da mesma forma pela qual, nos Mistérios, aqueles a quem é permitido penetrar no recesso do santuário desfazem-se de toda a sua roupa e prosseguem nus em pelo".¹

¹ Plotino: *Novenas*, I, VI, 6.

Mergulhamos naquele ser imensurável, sem limite nem determinação. Trata-se de um ser puro no qual uma coisa não se opõe a outra. Não há nenhum ser a que o sujeito se oponha. Ele identifica-se com todas as coisas e acontecimentos à medida que estes se apresentam. A realidade preenche o *eu* pois já não existem preferências ou aversões, gostos ou ojerizas para obstá-la. Tais fatores já não podem atuar como elementos deturpadores.

A criança está muito mais próxima da visão do eu. É preciso que nos transformemos em criancinhas a fim de que possamos entrar no reino da verdade. Por esta razão somos obrigados a deixar de lado a artificialidade dos eruditos. Dá-se ênfase à necessidade de renascer. Diz-se que a sabedoria dos bebês é maior que a dos letrados.

Sri Ramana Maharshi nos dá os princípios gerais de uma religião baseada nas Escrituras hindus, a qual é essencialmente espiritual, sem deixar de ser racional e ética.

S. RADHAKRISHNAN

CAPÍTULO I

OS PRIMEIROS ANOS

O ARUDRÁ DARSHAN, dia da *Visão de Xiva*, é guardado com grande devoção pelos xivaítas, pois comemora a ocasião em que Xiva manifestou-se aos seus devotos como Mata-raja, isto é na dança cósmica da criação e desintegração do universo. Naquele dia de 1879 estava ainda escuro quando os devotos de Xiva na pequena cidade de Tiruchuzhi, na região de Tâmil ao sul da Índia, saíram de suas casas e palmilharam descalços as estradas empoeiradas em demanda da piscina do templo, pois a tradição exigia que se banhassem ao romper da aurora. O brilho avermelhado do nascer do sol incidiu sobre os dorsos morenos dos homens, envergando tão-somente um *dhoti*, uma espécie de calça de pano branco enrolada ao corpo da cintura para baixo, e chamejou no carmim e no amarelo dos saris das mulheres quando todos desceram os degraus de pedra do enorme tanque retangular e imergiram na água. O ar estava frio, pois o festival caiu em dezembro, mas aquela gente é valente. Alguns trocaram-se sob as árvores ou em casas situadas nas proximidades da piscina mas a maioria esperou que o sol nascente os secasse e encaminhou-se, molhada como estava, para o antigo templo da cidadezinha, de longa data cantado por Swami Sundaramurthi, um dos sessenta e três Santos-Poetas do país do Tâmil.

A imagem de Xiva no templo foi adornada de flores e levada em procissão dia e noite, com rufar de tambores e buzinas e cânticos sacros. Era uma hora da madrugada quando terminaram as procissões, mas sempre o dia de Arudrá Darshan, pois

o dia hindu vai de aurora a aurora, não de meia-noite a meia-noite. O ídolo de Xiva voltou para o templo no preciso instante em que a criança Venkataraman, na qual Xiva se manifestaria como Sri Ramana, veio ao mundo na casa de Sundaram Ayyar e sua mulher Alagmmal. Um festival hindu varia segundo a fase da lua, à maneira da páscoa ocidental, e naquele ano o Arudra Darshan caiu no dia 29 de dezembro, de modo que a criança nasceu um pouco mais tarde, tanto em hora como em época do ano, do que a divina criança de Belém quase dois mil anos antes. Idêntica coincidência assinalou também o fim da vida terrena, pois Sri Ramana deixou seu corpo na noite de 14 de abril, um pouco posterior em tempo e data à sexta-feira da paixão. Ambas as ocasiões são profundamente adequadas. A meia-noite e o solstício de inverno indicam o momento em que o sol começa a trazer luz ao mundo, e no equinócio primaveril o dia igualou a noite e começa a suplantá-la.

Depois de começar a vida como auxiliar de contador ganhando um salário; ridiculamente ínfimo até mesmo para aqueles dias, de duas rupias por mês, Sundaram Ayyar fez-se escriturário e, depois de alguns anos, obteve permissão para exercer as funções de intercessor não diplomado, uma espécie de advogado rural. Tinha prosperado e construído uma casa¹ em que a criança nascera, fazendo-a suficientemente cômoda a ponto de conter uma ala reservada aos hóspedes. Ele não era apenas sociável e hospitaleiro, mas cuidava também de acomodar visitantes oficiais e pessoas recém-chegadas à cidade — coisa que o tornava um cidadão proeminente e, sem a menor dúvida, repercutia favoravelmente sobre a sua atividade profissional.

Malgrado o sucesso de Sundaram Ayyar, um destino estranho sobrepairava a família. Conta-se que um andarilho asceta deteve-se certa vez junto à casa para pedir comida a um dos antepassados e, não tendo sido atendido, voltou-se para ele e declarou que dali por diante em cada uma das gerações de seus descendentes um membro se tornaria errante e mendigaria comida de porta em porta. Praga ou bênção, a predição se cum-

¹ Esta casa foi agora adquirida por um Ashram. Celebra-se ali diariamente a *puja* (adoração ritual) e o prédio está sempre aberto para acolher peregrinos devotos.

priu. Um dos tios paternos de Sundaram Ayyar vestiu o manto alaranjado e deixou o lar com um bordão e uma bilha; seu irmão mais velho saiu ostensivamente em visita a um lugar vizinho e dali se esqueitou como um *sanyasin*, renunciando ao mundo.

Nada parecia haver de estranho com os mais chegados a Sundaram Ayyar. Venkataraman cresceu normal e sadio. Durante algum tempo mandaram-no para a escola local e, a seguir, aos onze anos de idade, para a escola de Dindigul. Havia um irmão, Nagaswami, dois anos mais velho do que ele. Seis anos após veio um terceiro filho, Nagasundaram, e dois anos depois uma filha, Alamelu. Era uma feliz e abonada família de classe média.

Quando Venkataraman tinha doze anos, Sundaram Ayyar morreu e a família dissolveu-se. As crianças foram morar com o tio paterno, Subbier, que tinha uma casa¹ na vizinha cidade de Madura.

Venkataraman foi primeiro mandado para a Escola Média de Scott e, a seguir, para o Ginásio da Missão Americana. Não há indício de que se tenha tornado um letrado. Era um tipo atlético e futebol, luta e natação exerciam muita atração sobre ele. Sua única qualidade, no que tange à escola, era uma surpreendente capacidade de memorização que disfarçava sua preguiça, permitindo-lhe repetir toda uma lição depois de ouvi-la uma vez.

A única coisa inusitada a marcar os seus dias de meninice foi o seu sono anormalmente profundo. Devaraja Mudaliar, um devoto, relata em seu diário a descrição feita pelo próprio Venkataraman durante uma conversação no *Ashram*, muitos anos mais tarde, quando um parente entrou no saguão.

— Vê-lo lembra-me algo que aconteceu em Dindigul quando eu era menino. Seu tio, Periappa Seshayyar, vivia lá então. Havia uma reunião na casa e todos estavam presentes e à noite foram ao templo. Fiquei só na casa. Quedei-me a ler durante algum tempo na sala da frente,

¹ Foi nesta casa que Sri Bhagavan atingiu a realização. O prédio foi adquirido por um *Ashram* e instalou-se ali uma fotografia de Sri Bhagavan. O lugar é mantido como abrigo para os devotos em peregrinação.

mas depois tranquei a porta, cerrei as janelas e fui dormir. Quando voltaram do templo não houve gritos nem batidas à porta que me despertassem. Por fim conseguiram abrir a porta com auxílio de uma chave da casa em frente e tentaram acordar-me, batendo-me. Todos os meninos bateram-me à vontade, bem como o seu tio, mas sem nenhum resultado. Só fiquei sabendo o que aconteceu pela manhã.

“O mesmo aconteceu-me também em Madura. Os rapazes não ousavam bulir comigo, mas quando tinham alguma diferença a acertar comigo aproximavam-se de mim quando eu estava dormindo, levavam-me para onde bem entendiam, surravam-me a valer, recolocavam-me na cama e eu só ficava sabendo das coisas na manhã seguinte quando me contavam.”

Sri Bhagavan não emprestava maior importância ao fato, atribuindo-o à sua ótima saúde. Por vezes acontecia-lhe passar a noite em estado de semi-adormecimento. É possível que ambos os estados fossem precursores de um despertar espiritual: o sono profundo como a capacidade, embora ainda obscura e negativa, de abandonar a mente e mergulhar muito além do pensamento; e o semi-adormecimento como a capacidade de observar-se a si próprio como um espectador.

Não há fotografias de Sri Bhagavan em sua meninice. Contou-nos ele, à sua maneira característica e pitoresca, repassada de humor, como se fez uma fotografia de grupo e o obrigaram a empunhar um pesado volume para parecer estudioso, mas uma mosca pousou nele no preciso momento em que a chapa era batida e ele ergueu o braço para afugentá-la. Foi no entanto impossível encontrar uma reprodução do instantâneo e é de presumir que não exista mais nenhuma.

O primeiro indício da iniciação foi um vislumbre do Arunachala. O escolar Venkataraman não havia lido qualquer teoria religiosa. Sabia apenas que o Arunachala era um local muito sagrado e deve ter sido um pressentimento do seu destino aquilo que o abalou. Certo dia encontrou-se com um idoso parente que conhecera em Tiruchuzhi e perguntou-lhe de onde vinha. O velho respondeu-lhe: — Do Arunachala. — E a súbita com-

preensão de que a montanha sagrada era verdadeira e tangível, podendo ser visitada por qualquer ser humano, encheu Venkataraman de assombro de modo que este pôde apenas balbuciar: — Que? do Arunachala? Onde fica isso?

O parente por sua vez, entupefato diante da ignorância e inexperiência do jovem, explicou que o Arunachala ficava em Tiruvannamalai.

Sri Bhagavan fez referência ao episódio, mais tarde, na primeira das suas *Oito Estâncias ao Arunachala*.

Escutai! Parece tratar-se de uma montanha insensível. Sua ação é misteriosa, ultrapassando a compreensão humana. Desde os meus primeiros dias vislumbrei vagamente que o Arunachala era algo de transcendente grandeza, mas mesmo quando vim a saber através de uma outra pessoa que era o mesmo que Tiruvannamalai não me dei conta da sua significação. Quando a montanha me atraíu para si, aquietando-me a mente, aproximei-me e vi-a em sua imobilidade.

Este fato aconteceu em novembro de 1895, pouco antes do décimo sexto aniversário de Venkataraman pelos padrões europeus, décimo sétimo pelos hindus. A segunda premonição veio logo após. Provocou-a um livro. Uma vez mais estabeleceu-se uma onda de deslumbrante alegria à percepção de que o divino podia manifestar-se na Terra. O tio do jovem havia tomado emprestado um exemplar do Periapuranam, hagiografia dos sessenta e três santos tâmile. Venkataraman apanhou-o e, ao mergulhar na leitura, foi possuído de extático espanto ante a existência de tanta fé, tanto amor, tanto fervor divino, ante a presença de tanta beleza na vida humana. Os relatos de renúncias levando à União Divina inspiraram nele pasmo e emulação. Algo mais grandioso que todas as terras de sonho, maior que todas as ambições, era ali proclamado como real e possível e tais revelações produziram nele um sentimento de santa gratidão.

Dalí em diante a corrente de compreensão que Sri Bhagavan e seus devotos designam por “meditação” começou a despertar nele. Não a compreensão de alguma coisa por alguém, estando além da dualidade de sujeito e objeto, mas um estado de aben-

çoadá consciência transcendendo tanto o plano físico quanto o mental, sendo contudo compatível com o pleno uso das faculdades físicas e mentais.

Sri Bhagavan contou com sua característica simplicidade como essa compreensão começou a despertar nele durante suas visitas ao Templo de Meenakshi em Madura. Disse ele:

— A princípio pensei tratar-se de uma espécie de febre mas decidi que, sendo tão agradável a febre, melhor seria deixar que prosseguisse.

CAPÍTULO II

O DESPERTAR

ESSA CORRENTE de compreensão, estimulada por um esforço contínuo, torna-se cada vez mais forte e constante até levar finalmente à auto-realização, *sahaja samadhi*, aquele estado em que a mais pura e abençoada compreensão é constante e ininterrupta, sem que se impeça, contudo, as percepções e atividades normais da vida. É verdadeiramente raro que tal perfeição seja conseguida durante a vida terrena. No caso de Sri Bhagavan ela aconteceu somente alguns meses depois e sem procura, sem luta, sem preparação consciente. Ele próprio descreveu-a:

— Foi cerca de seis semanas antes que eu deixasse Madura de vez que aconteceu a grande mudança em minha vida. Foi bastante inopinado. Eu estava a sós numa sala do primeiro andar da casa de meu tio. Raramente fico doente e naquele dia minha saúde era perfeita, mas um repentino temor da morte apossou-se de mim. Nada no meu estado de saúde justificava tal coisa e eu não tentei encontrar qualquer explicação nem tampouco saber se havia alguma razão para aquele temor. Sentia apenas que *ia morrer* e comecei a pensar no que deveria fazer. Não me ocorreu consultar um médico ou os mais velhos ou os amigos; eu percebia que teria de enfrentar o problema sozinho, resolvendo-o de pronto e ali mesmo.

“O choque produzido pelo temor da morte fez com que minha mente se voltasse para dentro e eu disse com meus botões, sem chegar na verdade a articular as pala-

vras: "A morte chegou; que significa ela? O que estará morrendo? Este corpo morre". E, imediatamente, dramatizei a ocorrência da morte. Deitei-me com os membros distendidos como se o *rigor mortis* já houvesse tomado conta de mim e imitei um cadáver a fim de emprestar maior realismo à investigação. Sustei a respiração e mantive os lábios bem apertados de modo que nenhum som escapasse, de modo que nem a palavra *eu* nem qualquer outra palavra pudesse ser pronunciada. "Pois bem", disse de mim para comigo, "este corpo está morto. Será transportado para o crematório e ali queimado e reduzido a cinzas. Mas com a morte deste corpo estarei eu morto? Serei eu este corpo? Ele está silencioso e inerte mas sinto toda a força da minha personalidade e até mesmo ouço a voz do *eu* dentro de mim, totalmente apartada do corpo. De modo que sou Espírito transcendendo ao corpo. O corpo morre mas o Espírito que o transcende é imune à morte. Quer isto dizer que sou um Espírito imortal". Não se tratava de pensamentos imprecisos; eles coriscavam dentro de mim tão vividamente como a verdade que eu percebia diretamente, prescindindo quase de um processo de raciocínio. *Eu* era uma coisa muito real, a única coisa real no estado em que me encontrava, e toda a atividade consciente ligada ao meu corpo estava centralizada nesse *eu*. Daquele momento em diante o *Eu* ou *Si* passou a atrair sobre si a atenção com poderoso fascínio. O temor da morte desaparecera para sempre. Dali por diante a absorção no *Eu* prosseguiu sem solução de continuidade. Outros pensamentos poderiam vir e ir como as diferentes notas de uma melodia, mas o *Eu* continuava como a nota *sruti*¹ fundamental subjacente que se mistura com todas as demais notas. Ainda que o corpo estivesse ocupado em falar, ler ou qualquer outra coisa eu continuava sempre centralizado no *Eu*. Anteriormente àquela crise eu não tinha uma percepção clara do meu *Eu* e não me sentia atraído conscientemente por ele. Não

¹ A tautofonia que se apresenta através de todas as melodias hindus, assim como o fio a que se prendem as contas de um colar, representa o *Eu* surgindo em todas as formas do ser.

sentia qualquer interesse perceptível ou direto por ele, muito menos qualquer inclinação para manter-me nele em caráter permanente.”

Descrito por essa forma simples, sem pretensão nem verbosidade, o estado atingido poderá não parecer diferente do egoísmo, mas isto se deve tão-somente à ambigüidade entre as palavras *Eu* e *Si*. A diferença ressalta na atitude diante da morte, pois aquele cujo interesse se centraliza no ego, o *Eu* sendo um ser à parte, tem um pavor da morte que ameaça a dissolução do ego, ao passo que aqui o medo da morte desaparecerá de vez com a compreensão de que o *Eu* se confunde com o *Si* universal e imortal que é o Espírito e o *Si* de todo homem. Até mesmo dizer que Venkataraman sabia ser Uno com o Espírito é incorreto, pois faz entrever um *Eu* em separado, sabedor disso, ao passo que o *Eu* nele era, e de forma consciente, o Espírito.

Anos mais tarde a diferença foi explicada por Sri Bhagavan a Paul Brunton, um pesquisador ocidental.¹

BRUNTON: O que é exatamente o *Si* de que fala? Se aquilo que diz é verdadeiro deve haver um outro *si* no homem.

SRI RAMANA: É possível ao homem ser possuído por duas identidades, dois “Sis”? Para compreender a questão é preciso em primeiro lugar que o homem se analise a si mesmo. Porque de há muito contraiu o hábito de pensar como pensam os outros, ele jamais encarou o seu *Eu* de maneira correta. Ele não tem de si uma imagem correta; de há muito vem-se identificando com o seu corpo e o seu cérebro. Por isso peço-lhe que leve avante a sua investigação: “Quem sou eu?”

Pede-me que lhe descreva esse *Si* verdadeiro. Que se pode dizer? Trata-se daquilo de que emana o sentimento do *Eu* pessoal e em que este terá de desaparecer.

¹ Esta e outras citações de Paul Brunton fornecidas nesta obra baseiam-se no seu livro *A Índia Secreta*, publicado por Rider & Co., de Londres e reproduzido pelo Ashram com a permissão do autor. (ed. brasileira: Editora Pensamento.)

BRUNTON: Desaparecer? Como é possível a alguém perder o sentido da própria personalidade?

SRI RAMANA: O primeiro e principal de todos os pensamentos, o pensamento mais antigo na mente de qualquer homem, é o pensamento *Eu*. Somente após o nascimento desse pensamento poderá nascer qualquer outro. Somente depois que o primeiro pronome pessoal *eu* surgiu na mente poderá aparecer o segundo pronome pessoal *tu*. Se lhe fosse dado seguir o fio do *Eu* até ser reconduzido de volta à sua origem, descobriria que, assim como é o primeiro pensamento a aparecer é o último a desaparecer. É uma experiência pela qual se pode passar.

BRUNTON: Quer dizer que é possível fazer uma tal investigação mental no interior de si mesmo?

SRI RAMANA: Certamente. É possível caminhar para dentro até que o último pensamento, *Eu*, desapareça gradualmente.

BRUNTON: Que sobra então? O homem tornar-se-á então inconsciente ou simplesmente idiota?

SRI RAMANA: Não; pelo contrário, atingirá aquela compreensão que é imortal e se tornará verdadeiramente sábio, quando tiver despertado para o seu verdadeiro *Si*, que é a natureza real de todos os homens.

BRUNTON: Decerto o sentido do *Eu* pertence a isso?

SRI RAMANA: O sentido do *Eu* pertence à pessoa, ao corpo e ao cérebro. Quando um homem descobre seu verdadeiro *Si* algo mais se ergue das profundezas do seu ser e se apossa dele. Essa coisa está por detrás da mente; é infinita, divina, eterna. Alguns chama-na o Reino dos Céus, outros Nirvana e os hindus Libertação. Dê-lhe o nome que desejar. Quando acontece, o homem na realidade não se perdeu; ao contrário, encontrou-se.

A menos e até que um homem encete essa busca do verdadeiro *Si*, com certeza a dúvida e a incerteza acompanhar-lhe-ão os passos através da vida. Os maiores reis e estadistas tentam governar os outros quando no seu íntimo sabem-se incapazes de governar-se a si mesmos. No entanto, o maior dos poderes está ao alcance do homem

que penetrou na sua máxima profundidade... Que adianta saber tudo o mais quando não se sabe ainda quem se é? Os homens fogem a esta devassa do verdadeiro Si, mas existirá outra empreitada igualmente digna de ser tomada a peito?

Todo este *sadhana* não durou mais do que meia hora, mas é da maior importância para nós que tenha sido um *sadhana*, uma tentativa de alcançar a luz e não um despertar isento de esforço; pois um Guru normalmente guia seus discípulos através dos caminhos que ele próprio palmilhou. O fato de que Sri Bhagavan completou no espaço de meia hora não apenas o *sadhana* de uma vida, para a maioria dos *sadhakas*, de muitas vidas, não altera o fato de que se tratava de um esforço por meio de uma investigação do Eu tal como posteriormente ele ordenou aos seus seguidores. Advertiu-os de que a perfeição a que se é levado via de regra não se consegue de modo rápido, mas só depois de muita luta; mas disse também que: “É o único meio infalível, o único meio direto, para compreender o ser incondicionado e absoluto que realmente somos” (Evangelho de Maharshi, Parte II). Disse que de pronto se estabelece o processo da transmutação, embora possa passar muito tempo até que esta se complete. “Mas no momento em que o Eu tenta conhecer-se a si mesmo, começa ele a participar cada vez menos do corpo no qual está imerso e cada vez mais da consciência do Si”.

É também significativo que, embora nada sabendo da teoria e prática do *sadhana*, Sri Bhagavan tenha na realidade usado o *pranayama* ou respiração controlada como auxiliar na concentração. Admitiu também, portanto, que se trata de um auxiliar na consecução do controle sobre o pensamento, apesar de não ter incentivado o seu uso senão com essa finalidade e jamais tê-lo exigido de modo efetivo.

“O controle da respiração é um auxílio. É um dos muitos métodos que nos auxiliam a conseguir a precisão. O controle da respiração pode igualmente ajudar-nos a dominar a mente dispersiva e chegar a essa precisão, podendo, portanto ser usado. Mas não devemos parar aí. Depois de conseguir o controle sobre a mente através dos exercícios respiratórios não nos devemos dar por satisfeitos

com qualquer experiência que dali decorra, mas devemos restringir a mente controlada à pergunta:” Quem sou eu? “até que ela se funda com o Si”.

Esta compreensão modificada naturalmente acarretou uma modificação na escala de valores e hábitos de vida de Venkataraman. Coisas anteriormente valorizadas perderam seus atrativos, os objetivos convencionais tornaram-se irreais, mas aquilo que era até então ignorado passou a exercer um estranho fascínio. A adaptação da vida a este novo estado de consciência não pode ter sido fácil no caso de alguém que não passava de um escolar e a quem faltava toda espécie de conhecimentos teóricos sobre a vida espiritual. Ele nada disse a ninguém e, durante algum tempo, continuou com a família e freqüentando a escola; na verdade, sua modificação exterior foi a menor possível. Não obstante, era inevitável que a família notasse uma mudança no seu comportamento e desgostasse de alguns dos aspectos envolvidos. Também isto é descrito.

“As conseqüências dessa nova consciência cedo se tornaram patentes na minha vida. Em primeiro lugar, perdi o pequeno interesse que tinha no meu relacionamento externo com amigos e parentes e entreguei-me mecanicamente aos estudos. Costumava segurar um livro aberto diante de mim para mostrar aos parentes que estava lendo, quando na verdade minha atenção estava muito distante de tais assuntos superficiais. No trato com as pessoas tornei-me humilde e submisso. Anteriormente, se me davam mais trabalho do que aos demais meninos eu costumava queixar-me e se qualquer rapaz me aborrecesse eu ia invariavelmente à forra. Ninguém ousava caçoar de mim ou tomar liberdades comigo. Agora tudo estava mudado. Qualquer que fosse o trabalho dado, qualquer que fosse a provocação ou aborrecimento eu a tolerava calado. O ego anterior que se ressentia e retaliava tinha desaparecido. Deixei de sair com os amigos para brincar, preferindo a solidão. Amiúde quedava-me a sós, numa postura adequada à meditação e deixava-me absorver no Mim, no Espírito, a força ou corrente que constituía o meu ser. Mantinha-me nessa atitude a despeito das caçoa-

das do meu mano mais velho que me chamava de *sábio* ou *iogue* e me aconselhava recolher-me à floresta como os antigos Rishis.

“Outra mudança foi que eu já não tinha preferências e antipatias com relação a comida. Tudo quanto me fosse dado, bom ou ruim de gosto, eu engolia com a mesma indiferença.

“Uma das características do meu novo estado foi a mudança da minha atitude relativamente ao Templo de Minakshi.¹ Em outras épocas eu costumava ir lá de quando em quando com os amigos olhar as imagens, colocar um pouco de cinzas sagradas na fronte e voltar para casa sem qualquer emoção. Depois do Despertar, no entanto, eu para lá me dirigia quase todas as noites. Costumava ir só e permanecer estático durante longo tempo diante de uma imagem de Xiva ou Minakshi ou Nataraja e os sessenta e três Santos, e, ali estando, ondas de emoção se apossavam de mim. A alma havia desistido de seu domínio sobre o corpo quando renunciei à idéia de “eu sou o corpo” e procurava novo ancoradouro; daí as frequentes visitas ao templo e o transbordamento da alma em lágrimas. Aquilo era o jogo de Deus com a alma. Eu me quedava diante de Iswara, o Governador do universo, e rezava para que a sua misericórdia descesse sobre mim de modo que a minha devoção aumentasse e se tornasse perpétua como a dos sessenta e três Santos. No mais das vezes eu não chegava a rezar, mas permitia em silêncio que o profundo interior fluísse e penetrasse no profundo ulterior. As lágrimas que assinalavam esse derramar da alma não significavam qualquer prazer ou dor especial. Eu não era um pessimista; nada sabia da vida e não tinha aprendido ser ela cheia de sofrimentos. Não me movia nenhum desejo de evitar a reencarnação ou procurar a Libertação ou mesmo obter a salvação. Nada havia lido senão o Periapuranam, a Bíblia e trechos do Tayumanavar de Tevaram. Minha concepção de Iswara² era semelhante

¹ O grande templo de Madura.

² Iswara, o Ser Supremo, corresponde a concepção ocidental de um Deus Pessoal.

àquela que se encontra nos Puranas. Jamais ouvira falar em Brahman¹, *samsara*² e assim por diante. Não sabia ainda da existência de uma Essência ou Real Impessoal subjacente a tudo, e que tanto Iswara como eu éramos idênticos àquela Essência. Mais tarde, em Tiruvannamalai, ao ler o Gita-Rhibbu e outros livros sagrados, aprendi todas essas coisas e percebi que os livros analisavam e davam nome àquilo que eu havia sentido intuitivamente, sem análise ou nomes. Na linguagem dos livros eu descreveria o estado em que me encontrava depois do Despertar como *Suddha Manas* ou *Vijnana* ou intuição dos iluminados.

Era bastante diferente do estado do místico que é levado ao êxtase por um instante fugidio, após o qual as sombrias muralhas do cérebro voltam a cingir-se em torno dele. Sri Bhagavan já possuía uma consciência constante e ininterrupta do Si e disse explicitamente que já não havia *sadhana*, nem esforço espiritual depois disto. Já não havia luta no sentido de penetrar no Si, pois o ego, cuja oposição ocasiona a luta, tinha sido dissolvido e já não havia com quem lutar. Maiores progressos no sentido de uma contínua e consciente Identidade com o Si, estabelecida numa vida exterior plenamente normal, e uma Graça resplandecente em todos quantos dele se aproximavam, tornaram-se coisas naturais que não requeriam o menor esforço; no entanto, a existência de tal progresso evidencia-se nas declarações de Sri Bhagavan de que sua alma seguia em busca de um novo ancoradouro. Coisas como a emulação dos Santos e a preocupação quanto às opiniões dos mais velhos continuam a mostrar vestígios de uma aceitação prática de uma dualidade que mais tarde desapareceria. Havia também uma marca física do processo em andamento. Uma constante sensação de ardume era sentida no corpo desde o momento do Despertar até o momento em que Venkataraman penetrou no santuário do templo do Tiruvannamalai.

¹ Brahman é a Realidade Impessoal subjacente ao Deus Pessoal, ao universo e aos homens.

² Samsara é a sucessão de nascimentos e mortes que termina apenas com a Liberação ou Auto-realização.

CAPÍTULO III

A JORNADA

A NOVA MANEIRA de viver de Venkataraman provocou atritos. Mais do que nunca os deveres escolares foram negligenciados e, ainda que não se tratasse agora de brincadeiras e divertimentos mas sim de orações e mediações, o tio e o irmão mais velho começaram a criticar com crescente veemência o que lhes parecia uma atitude muito pouco prática. De acordo com o ponto de vista deles, Venkataraman era tão-somente um filho adolescente de uma família de classe média a quem competia preparar-se para ganhar dinheiro e ajudar os outros.

A crise sobreveio a 29 de agosto, cerca de dois meses após o Despertar. Fora dada a incumbência a Venkataraman de copiar três vezes um exercício que não aprendera na aula de língua inglesa. Era manhã e ele estava num quarto do andar de cima em companhia do irmão mais velho. Já havia feito duas cópias e se aprestava para começar a terceira quando a futilidade da coisa chocou-o de forma tão violenta que ele pôs de lado os papéis e, sentando-se de pernas cruzadas, abandonou-se à meditação.¹

¹ A palavra *meditação* pode tornar-se enganosa pois normalmente implica pensamento e reflexão. Já se ressaltou o uso que dela faz Sri Bhagavan. Pode-se acrescentar aqui que ele empregou-a como *samadhi*, palavra para a qual não há um equivalente exato em português, mas que significa contemplação isenta de pensamentos ou imersão no Espírito. Ele adotou-a também para significar o esforço por atingir o *samadhi* através da auto-investigação, que é menos pensamento do que a ausência deste.

Aborrecido com o que via, Nagaswami observou causticamente, — Que vale tudo isto para uma pessoa desta espécie? — O significado destas palavras era óbvio: aquele que desejava viver como um *sadhu* não tinha direito de gozar os confortos de um lar. Venkataraman compreendeu a verdade da observação e, com aquela impiedosa aceitação da verdade (ou da justiça, que é a verdade aplicada) que o caracterizava, ergueu-se nos pés a fim de partir imediatamente daquela casa, renunciando a tudo. Para ele aquilo significava Tiruvannamalai e a montanha sagrada, Arunachala.

No entanto, sabia ser necessário usar de astúcia, pois a autoridade é coisa muito séria num lar hindu e seu tio e seu irmão não lhe permitiriam partir se soubessem. De modo que ele alegou ter de voltar à escola para assistir a uma aula extra sobre eletrologia.

Fornecendo-lhe inconscientemente meios para a viagem seu irmão disse: — Apanhe então cinco rupias da caixa lá em baixo e aproveite para pagar a minha taxa escolar.

Não foi a cegueira espiritual da família de Venkataraman que a impediu de enxergar a sua conquista. Ninguém percebeu coisa alguma. A glória, o poder, a divindade do seu estado permaneciam ocultos. Um colega de escola, Ranga Aiyar, visitando-o alguns anos mais tarde em Tiruvannamalai, ficou tão pasmado que prostrou-se aos seus pés, mas por enquanto via apenas o Venkataraman que conhecia. Perguntou mais tarde por que era assim e Sri Bhagavan respondeu simplesmente que ninguém se tinha dado conta da modificação.

Ranga Aiyar perguntou também: — Por que não disse ao menos a mim que iria abandonar o lar?

E veio a resposta: — Como poderia tê-lo feito? Eu próprio não sabia.

A tia de Venkataraman estava no andar de baixo. Ela deu-lhe as cinco rupias e serviu-lhe uma refeição, a qual ele devorou às pressas. Havia no local um atlas e o rapaz abriu-o e verificou que a mais próxima estação de embarque para Tiruvannamalai ficava em Tindivanam. Na verdade, já havia sido construído um ramal novo para Tiruvannamalai, mas o atlas era antigo e não trazia nenhum registro a respeito. Calculando que três rupias bastariam para a viagem, apanhou apenas aque-

la quantia. Escreveu uma carta ao irmão a fim de evitar apreensões e desanimá-lo de uma eventual perseguição, deixando ao lado as restantes duas rupias. A carta dizia:

Parti em procura do meu Pai, em obediência às Suas ordens. Fui-me em virtuosa empreitada, por isso ninguém lamenta este nem desperdice dinheiro a procura deste. Sua taxa escolar não foi paga. Aqui ficam duas rupias.

Este incidente serve para mostrar Sri Bhagavan dizendo que sua alma, liberta da prisão corporal, continuava em busca de uma ancoragem permanente no Si com o qual percebera sua unicidade. O subterfúgio acerca da aula de eleitologia, conquanto dos mais inocentes, não teria sido possível em ocasião posterior. Tampouco o teria sido a idéia de uma busca, pois aquele que encontrou nada tem a procurar. Quando os devotos caíam-lhe aos pés ele era Uno com seu Pai e já não mais estava à procura deste. A própria carta ilustra a transição do amor e devoção à dualidade à bem-aventurada serenidade da Unicidade. Começa com a dualidade de *Eu e meu Pai* e a declaração de uma ordem e uma busca; mas na segunda frase não se faz mais referência ao autor como *Eu* porém como este. E no final, chegada a hora de assinar, Venkataraman compreendeu que não havia ego e por conseguinte nenhum nome a assinar, e terminou com um traço ao invés de uma assinatura. Nunca mais voltou a escrever uma carta e nunca mais assinou um nome, embora por duas vezes tenha escrito o seu antigo nome. Certa vez também, aos mais tarde, um chinês em visita ao Ashram recebeu de presente um exemplar do livro de Sri Bhagavan, *Quem sou Eu?* e, à moda cortês, porém persistente, dos chineses, forçou Sri Bhagavan no sentido de dar-lhe um autógrafo. Sri Bhagavan por fim apanhou o volume e escreveu nele o símbolo sânscrito OM, o monossílabo sagrado representando o Som Primordial subjacente a toda criação.

Venkataraman apanhou três rupias e deixou as duas restantes. Significa que não levou mais do que o necessário para a viagem a Tiruvannamalai.

Era cerca de meio-dia quando deixou o lar. A estação ficava a quase um quilômetro de distância e pôs-se a caminhar rapidamente pois o trem deveria partir às doze. Contudo, em-

bora chegasse atrasado, o trem ainda não havia surgido quando ele chegou à estação. Havia uma tabela com as tarifas e ele procurou o preço da passagem de terceira classe para Tindivanam, constatando que era duas rupias e treze anás. Se houvesse procurado algumas linhas mais abaixo teria encontrado o nome Tiruvannamalai e o preço da passagem que era exatamente três rupias. Os sucessos da viagem simbolizam a árdua jornada que um aspirante (sadhaka) enfrenta a caminho da sua meta: em primeiro lugar houve a bondade da Providência concedendo o dinheiro e permitindo-lhe alcançar o trem, embora houvesse chegado tarde; ademais a provisão fornecida era precisamente o necessário para chegar ao destino, mas a negligência do viajante encompridou a jornada e provocou dificuldades e aventuras a caminho.

Venkataraman ia sentando em silêncio entre os passageiros, perdido no júbilo da sua busca. Passaram-se assim várias estações. Um Maulvi¹ de barbas brancas que estivera a engrandecer as vidas e os ensinamentos dos Santos voltou-se para ele:

— E para onde vai, Swami?

— Para Tiruvannamalai.

— Eu também — replicou o Maulvi.

— Que? Para Tiruvannamalai?

— Não é bem isso, mas até a próxima estação.

— Qual é a próxima estação?

— Tirukoilur.

Então, desconfiando do seu erro, Venkataraman exclamou surpreso:

— Que? Está-me dizendo que este trem vai para Tiruvannamalai?

— É um estranho passageiro! — retrucou o Maulvi. — Para onde foi que comprou passagem?

— Para Tindivanam.

— Ora veja! Não há nenhuma necessidade de ir tão longe. Descemos no entroncamento de Villupuram e nos baldeamos para Tiruvannamalai e Tirukoilur.

Tendo a Providência lhe dado a informação desejada, Venkataraman imergiu uma vez mais num benfezejo *samadhi* (absor-

¹ Pândita muçulmano ou teólogo.

ção). Ao por do sol o trem havia chegado a Trichinopoly e ele começou a sentir fome, de modo que gastou um aná em duas peras silvestres, da variedade grande e carnuda encontrada nas montanhas da Índia meridional. Para surpresa sua a fome ficou saciada quase à primeira mordida, embora até então sempre tivesse sido um comilão. Venkataraman prosseguiu num jubiloso estado de sonho com os olhos abertos até que o trem chegou a Villupuran, às três horas da madrugada.

Ele permaneceu na estação até o romper do dia e depois saiu pela cidade à procura do caminho para Tiruvannamalai, decidido a fazer o restante do percurso a pé. No entanto, não encontrou o nome em nenhuma placa e não gostava de perguntar. Sentindo-se cansado e faminto depois da caminhada, entrou num hotel e pediu comida. O hoteleiro disse-lhe que a refeição só ficaria pronta por volta de meio-dia, de maneira que sentou-se para esperar e imediatamente caiu em meditação. O repasto chegou e, depois de comer, deu dois anás em pagamento, mas o hoteleiro deve ter ficado impressionado com aquele jovem brâmane de bom aspecto e longos cabelos e brincos de ouro ali sentado como um sadhu. Perguntou quanto Venkataraman tinha em dinheiro e, ao inteirar-se de que este tinha ao todo apenas dois anás e meio, recusou-se a aceitar qualquer pagamento. Explicou também que Mambalapattu, nome que Venkataraman havia visto numa placa, ficava no caminho de Tiruvannamalai. Venkataraman retornou então à estação e comprou uma passagem para Manbalapattu, o máximo que lhe permitia o seu derradeiro aná.

Chegou a Mambalapattu à tarde e dali em diante pôs-se a caminhar. Ao cair da tarde tinha percorrido dezoito quilômetros. Diante dele estava o templo de Arayaninallur, construído num enorme rochedo. A longa caminhada, quase toda ela feita no calor do dia, o havia cansado e ele sentou-se junto do templo para repousar. Pouco depois surgiu alguém e abriu as portas para que o sacerdote e outras pessoas fizessem a *puja* (adoração ritual). Venkataraman entrou e sentou-se no saguão dos pilares, único local que ainda não estava totalmente às escuras. De pronto percebeu uma luz brilhante iluminando todo o templo. Julgando tratar-se de uma emanção de uma imagem do Deus no santuário interno, foi olhar mas descobriu que não era.

Não era nenhuma luz física. O clarão desapareceu e ele sentou-se, de novo entregue à meditação.

Logo o cozinheiro perturbou-o anunciando que era hora de fechar o templo pois a *puja* estava terminada. Aproximou-se então do sacerdote e indagou se tinham algo que ele pudesse comer, mas disseram-lhe que nada havia. Pediu a seguir que lhe permitissem ficar ali até o amanhecer mas não teve êxito. Os *pujaris* (adoradores) disseram que iam para Kilur, cerca de quilômetro e pouco de distância, a fim de fazer a *puja* também ali e que depois poderia arranjar algo de comer, de modo que Venkataraman foi com eles. Tão logo entraram no templo ele se viu mais uma vez imerso numa bem-aventurada absorção denominada *samadhi*. Eram nove horas quando a *puja* terminou e eles sentaram-se para cear. De novo Venkataraman pediu. Parecia a princípio que não haveria nada para ele, mas o tamboreiro do templo impressionara-se com a sua aparência e conduta devota e deu-lhe o seu quinhão. Ele desejou água para beber com a comida e, carregando seu prato fundo com arroz, foi encaminhado à casa de um Sastri onde lhe dariam água. Enquanto esperava diante da casa que viesse a água, tropeçou após alguns passos e caiu adormecido ou desmaiado. Alguns minutos mais tarde voltou a si e deparou com uma pequena multidão a fitá-lo curiosamente. Bebeu a água, juntou e comeu um pouco do arroz que havia derramado e a seguir deitou-se no chão e dormiu.

Na manhã seguinte, segunda-feira, 31 de agosto, era o dia de Gokulashtami, aniversário de nascimento de Sri Krishna e uma das datas mais auspiciosas do calendário hindu. Tiruvannamalai estava ainda a trinta e dois quilômetros de distância. Venkataraman caminhou durante algum tempo, procurando a estrada, e uma vez mais começou a sentir-se cansado e com fome. Como a maioria dos brâmanes numa época em que os antigos costumes contavam mais do que hoje, ele usava brincos de ouro, e no seu caso incrustados de rubis. O jovem tirou-os a fim de levantar dinheiro e terminar de trem a viagem, mas o problema era onde e com quem? Parou ao acaso numa casa que verificou pertencer a um certo Muthukrishnan Bhagavatar e pediu comida. A dona da casa deve ter ficado profundamente impressionada com a aparição de um jovem brâmane de belíssimas feições e olhos luzidios no dia do nascimento de Krishna; ela deu-lhe uma lauta refeição fria e embora, conforme havia acontecido no

trem dois dias antes, o apetite do moço tivesse desaparecido ao primeiro bocado, a mulher permaneceu maternalmente ao seu lado, fazendo com que ele comesse até o fim.

Restava o problema dos brincos. Deveriam valer cerca de vinte rupias mas o jovem queria apenas um empréstimo de quatro a fim de cobrir outras despesas que surgissem a caminho. Para não levantar suspeitas pretextou estar em peregrinação e haver perdido sua bagagem, ficando destarte desprevenido. Muthukrishnan examinou os brincos e julgando-os genuínos, adiantou-lhe quatro rupias. No entanto, insistiu em obter o endereço do moço e dar o seu a fim de que as peças pudessem um dia ser remidas. O bom casal conservou-o em sua casa até o meio-dia, deu-lhe de almoçar e presenteou-o com um pacote de doces que tinham sido confeccionados para a *puja* de Sri Krishna mas não tinham ainda sido ofertados.

Tão logo deixou a casa, Venkataraman rasgou o endereço, pois não tinha a menor intenção de remir um dia os brincos. Descobrimdo que o próximo trem para Tiruvannamalai só partiria na manhã seguinte, passou a noite na estação. Homem algum pode terminar sua jornada antes do tempo devido. Era a manhã de primeiro de setembro de 1896, três dias após haver deixado o lar, quando Venkataraman chegou à estação de Tiruvannamalai.

Com passos rápidos, o coração fremente de júbilo, correu para o grande templo. Numa muda acolhida, os portões dos altos muros e todas as portas, até mesmo a do santuário interno, se abriram. Não havia ninguém no interior, de modo que ele penetrou no santuário interno e quedou-se extático ante o seu Pai Arunachaleswar.¹ Ali, na bem-aventurança da União, consumou-se a busca e a jornada teve fim.

¹ Iswara manifestado como Arunachala.

PSEUDO-TAPAS

SAINDO DO TEMPLO, Venkataraman meteu-se na cidade. Alguém gritou-lhe se queria cortar o birote.¹ A pergunta foi de grande inspiração, pois não havia nenhum outro sinal exterior de que aquele jovem brâmane tinha renunciado ao mundo ou tencionava fazê-lo. De pronto concordou e foi levado ao Tanque de Ayyankulam onde numerosos barbeiros exerciam a sua profissão. Ali raparam-lhe completamente a cabeça. A seguir, de pé na beirada do tanque, ele jogou fora o resto do dinheiro que trazia consigo: pouco mais do que três rupias. Nunca mais voltou a pegar em dinheiro. Atirou fora também o pacote de doces que ainda tinha em seu poder. — Por que dar doces a este corpo?

Vankataraman sacou o colar sagrado que é um símbolo de casta e jogou-o fora, pois aquele que renuncia ao mundo renuncia não apenas ao lar e à propriedade mas também à casta e ao *status* civil.

A seguir despojou-se do *dhoti*² que envergava, rasgou uma tira para servir-lhe de tanga e atirou longe o resto.

Desta forma, voltou ao templo, tendo completado os atos de renúncia. Ao chegar lembrou-se de que as Escrituras prescrevem um banho depois que os cabelos são cortados, mas

¹ Um hindu de casta ortodoxo usa um pequeno tufo de cabelos na nuca. Eliminar este tufo significa renunciar a tudo.

² Pano branco enrolado ao corpo da cintura para baixo.

disse de si para consigo: — Por que dar o luxo de um banho a este corpo material? — Imediatamente, entrou numa rápida ducha, de modo que antes de entrar no templo estava com o seu banho tomado.

Venkataraman não voltou ao santuário interno. Não havia necessidade. Na verdade passaram-se três anos até que ele lá voltou. Instalou sua morada no saguão dos mil pilares, uma plataforma de pedra suspensa, aberta em todos os lados, o teto sustentado por uma floresta de delgados e bem esculpidos pilares, e lá quedou-se na Bem-aventurança do Ser. Dia após dia, noite após noite, permaneceu estático. Já não tinha necessidade do mundo; a mundana existência de sombras não tinha para ele nenhum interesse, estando ele absorvido no Real. Durante algumas semanas continuou daquela maneira, raramente se movendo, jamais falando.

Começou por essa forma a segunda fase da sua vida após a auto-realização. Durante a primeira, a glória se mantivera oculta e ele tinha aceitado as mesmas condições de vida como anteriormente, com a mesma obediência aos mestres e mais velhos; durante a segunda, voltou-se para dentro de si mesmo, ignorando por inteiro o mundo exterior; e isto, conforme se demonstrará, fundiu-se gradualmente com a terceira, durando meio século, ao longo do qual seu brilho fulgiu com o sol do meio-dia sobre todos quantos dele se aproximaram. No entanto, essas fases diziam respeito tão-somente à manifestação exterior do seu estado: ele declarou explícita e reiteradamente que não havia em absoluto qualquer modificação ou desenvolvimento em seu estado de consciência ou experiência espiritual.

Um *sadhu* conhecido por Seshadriswami, que havia chegado a Tiruvannamalai alguns anos antes, tomou a si o encargo de cuidar de Swami Brahmana, denominação dada a Venkataraman, o que foi vantajoso, pois Seshadriswami dava a impressão de ser ligeiramente adoidado atraindo destarte sobre si a perseguição dos meninos de escola. Estes começaram a chamar o seu protegido de *Pequeno Seshadri*. Principiaram a atirar pedras nele, em parte devido à crueldade infantil, e em parte porque ficavam intrigados de ver alguém pouco mais velho do que eles próprios sentado como uma estátua e, conforme um deles disse mais tarde, desejavam verificar se ele era verdadeiro ou não.

As tentativas de Seshadriswami de manter afastados os garotos não tinham muito êxito; por vezes produziam o efeito oposto. De modo que Swami Brahmana buscou refúgio no *Patala Lingam*, uma abóboda subterrânea no saguão dos mil pilares, escura e úmida, onde jamais penetravam os raios do sol. Raro entrava ali algum ser humano; apenas formigas, minhocas e mosquitos vicejavam por lá. Os animais atiraram-se sobre ele até que suas coxas ficaram cobertas de chagas que purgavam sangue e pus. As marcas ficaram até o fim dos seus dias. As poucas semanas que ali passou foram uma descida ao inferno, no entanto, absorvido na bem-aventurança do Ser, o tormento não o abateu; aquilo para ele era irreal. Uma mulher piedosa, Ratnammal, entrou na abóboda para levar-lhe comida e rogou-lhe que saísse daquele lugar, transferindo-se para a sua casa, mas ele jamais deu mostras de ter ouvido alguma coisa. Ela deixou um pano limpo, implorando-lhe que se sentasse ou deitasse sobre ele ou usasse-o contra a peste dos insetos, mas ele não tocou no pano.

Temerosos de penetrar na atra abóboda, os jovens carrascos atiravam pedras da entrada ou vasos quebrados que se despedaçavam, espalhando estilhaços por toda parte. Seshadriswami montava guarda mas isto só servia para incitar ainda mais os rapazes. Certo dia, por volta de meio-dia, um tal Venkatachala Mudali aproximou-se do saguão dos mil pilares, indignado de ver os meninos atirando pedras no recinto do templo, apanhou um porrete e os afugentou. Ao voltar, viu Seshadriswami emergindo das escuras profundezas do saguão. Assustou-se a princípio, mas refez-se rapidamente e indagou de Seshadri se este se encontrava ferido. — Não — foi a resposta — mas entre e dê uma espiada no pequeno Swami lá dentro.

E dizendo isto, retirou-se.

Estupefato, Mudali desceu os degraus que conduziavam à abóboda. Tendo saído da luz do sol, nada conseguiu ver a princípio; gradualmente, porém, seus olhos começaram a acostumar-se e ele distinguiu o vulto do pequeno Swami. Aterrado com o que lhe era dado ver, dirigiu-se a um sadhu que trabalhava nas redondezas com alguns discípulos. Estes também vieram ver. O jovem Swami não se mexeu nem falou e pareceu ignorar a presença do grupo, de modo que o alçaram do chão e carregaram para fora. Colocaram-no diante de um santuário de Su-

bramaniam, sem que ele desse qualquer sinal de perceber o que sucedia.¹

Durante cerca de dois meses Swami Brahmana permaneceu no santuário de Subramaniam. Manteve-se imóvel em samadhi (absorção) e, por vezes, era preciso que se enfiassem alimentos em sua boca, pois não dava a menor atenção quando lhos ofereciam. Durante algumas semanas não se deu sequer ao trabalho de amarrar no corpo uma sunga. Cuidou dele um Swami Mouni (aquele que observa o silêncio) que também morava no santuário.

O santuário da Deusa Uma no templo era lavado diariamente com uma mistura de leite, água, pó de açafrão da Índia, açúcar, bananas e outros ingredientes, e o Mouni costumava levar um balde dessa estranha bebida ao jovem Swami todos os dias. Este engolia tudo, indiferente ao sabor, sendo que aquilo constituía toda a sua nutrição.

Depois de algum tempo o sacerdote do templo notou o que se passava e deu ordens para que se fornecesse leite puro ao Mouni a fim de que este o levasse ao Swami Brahmana.

Depois de algumas semanas Swami Brahmana mudou-se para o jardim do templo, cheio de touceiras de oleandros, alguns dos quais atingiam a altura de quatro metros. Ali também permaneceu imerso em Bem-aventurança (samadhi). Chegava mesmo a movimentar-se durante os transe, pois ao acordar para o mundo constatava muitas vezes estar sob uma outra touceira e não se recordava de como fora ter ali. Passou, a seguir, para o saguão dos veículos do templo que servem para carregar em procissão as imagens nos dias santos. Aqui também ocorria de ele despertar para o mundo e encontrar seu corpo num lugar diferente, tendo contornado os diversos obstáculos postados pelo caminho sem ferir-se, embora estivesse em estado de inconsciência.

Depois disto ficou sentado durante algum tempo sob uma árvore à margem do caminho, que contorna interiormente o recinto do templo junto à sua muralha mais externa, que é usa-

¹ O Patala Lingam foi reformado ante a santidade que adquiriu como cenário de *tapas* de Sri Bhagavan. Hoje em dia é bem conservado e iluminado a eletricidade e lá está um retrato de Sri Bhagavan.

do para as procissões. Permaneceu o Swami naquele lugar durante algum tempo e também no santuário de Mangai Pillayar. Anualmente grossas levas de peregrinos dirigem-se para Tiruvannamalai a fim de presenciar o festival de Kartikai, caindo em novembro ou dezembro, quando um farol é aceso no cume do Arunachala como testemunho da aparição de Xiva como um pilar de luz, tal como está descrito no capítulo VI, e naquele ano muitos vieram espiar o jovem Swami ou prostrar-se diante dele. Foi nesta ocasião que o primeiro devoto tornou-se ligado a ele. Uddandi Nayinar tinha se dedicado aos estudos espirituais sem contudo encontrar a paz que desejava. Vendo o jovem Swami imerso em perpétuo *samadhi* e aparentemente esquecido do corpo, percebeu que ali estava a realização e que através daquele moço encontraria a paz. Sentir-se-ia feliz em servir ao Swami mas havia muito pouco o que fazer. Contentou-se em manter afastados os turistas e sustar as perseguições dos meninos. Boa parte do tempo ele a gastava recitando obras em tâmil expondo a suprema doutrina de Advaita (Não-dualidade). Seu grande desejo era receber *upadesa*, instrução espiritual, do Swami, mas o Swami jamais lhe falou e ele não ousou tomar a iniciativa, perturbando o silêncio daquele homem santo.

Por essa época, um certo Annamalai Tambiram passou junto à árvore do jovem Swami. Ficou tão impressionado com a serena beleza do jovem ali sentado, totalmente liberto de preocupações e pensamentos, que prostrou-se diante dele e passou a vir diariamente fazer-lhe uma reverência. Tratava-se de um sadhu que costumava perambular pela cidade com alguns companheiros, cantando cânticos devotos. Com as esmolas angariadas alimentava os pobres e fazia a *puja* no túmulo do seu Guru Adhina (o fundador da linhagem dos Gurus) nas cercanias da cidade.

Depois de algum tempo ocorreu-lhe que o jovem Swami seria menos perturbado em Gurumurtam, nome que havia sido dado ao retiro do Guru, e como se estava no inverno, o moço ficaria ali mais abrigado. Hesitou em fazer a sugestão e conversou preliminarmente sobre o assunto com Nayinar, uma vez que nenhum deles jamais se havia dirigido ao Swami. Por fim reuniu coragem suficiente para fazer a sugestão. O Swami concordou e em fevereiro de 1897, menos de um ano após a sua chegada a Tiruvannamalai, foi em companhia de Annamalai Tambiram para Gurumurtam.

Seu modo de vida não se alterou ao chegar ali. O chão do santuário estava infestado de formigas mas o Swami parecia não se dar conta de que estas corriam pelo seu corpo, picando-o todo. Depois de algum tempo colocou-se um banquinho num dos cantos para que ele se sentasse, estando as pernas desse banquinho mergulhadas na água para impedir a aproximação das formigas, mas mesmo assim o Swami recostava-se à parede e servia de ponte para elas. De tanto sentar ali suas costas estamparam uma marca indelével na parede.

Peregrinos e turistas começaram a acorrer a Gurumurtam e muitos deles prostravam-se ante o Swami, alguns suplicando dádivas e outros movidos apenas por um sentimento de reverência. A multidão engrossou de tal forma que se tornou necessário erigir uma paliçada de bambu em torno da cadeira do jovem para se evitar ao menos que ele fosse tocado.

A princípio Tambiram fornecia o pouco de comida que era necessário além daquilo que era oferecido no santuário do seu Guru, mas pouco tempo depois ele partiu de Tiruvannamalai. Disse a Nayinar que estaria de volta no prazo de uma semana, mas acontece que os fatos obrigaram-no a ausentar-se por mais de um ano. Poucas semanas depois Nayinar também foi obrigado a partir a fim de dirigir-se ao seu *math* (templo ou santuário privativo) e o Swami ficou sem ter quem cuidasse dele. Não houve dificuldades quanto à comida — na verdade, numerosos devotos mostravam-se àquela altura desejosos de fornecer-lhe alimentos com regularidade. A necessidade mais premente era manter à distância as multidões de turistas e visitantes.

Não passou muito tempo até que surgisse um outro ajudante habitual. Um sadhu Malayali chamado Palaniswami estava devotando sua vida à adoração do Deus Vinayaka. Vivía ele com grande austeridade, comendo apenas uma refeição por dia e somente a comida oferecida ao Deus na *puja*, comida esta que nem mesmo era salgada. Um seu amigo, Srinivasa Iyer, disse-lhe certo dia:

— Por que passa a sua vida com esse Swami de pedra? Existe um jovem Swami de carne e osso em Gurumurtam. Ele se acha mergulhado em *tapas* (austeridade) como o jovem Dhruva dos Puranas. Se for servi-lo e vincular-se a ele sua vida terá alcançado aquilo que objetiva.

Mais ou menos na mesma ocasião outras pessoas também lhe haviam falado acerca do jovem Swami que se achava sem alguém que se ocupasse dele, salientando as bênçãos que adviriam de servi-lo. Por causa disso Palaniswami foi a Gurumurtam para ver. A simples visão do Swami impressionou-o profundamente. Durante algum tempo mais, meramente por um sentimento de dever prosseguiu em sua adoração no templo de Vinayaka, mas o seu coração estava com o Swami vivo e não demorou muito para que a sua devoção por este se tornasse de todo absorvente. Consagrou então o restante de sua vida ao serviço do Swami, tendo sido seu seguidor durante vinte e um anos.

Havia muito pouco a fazer. Os devotos ofereciam alimentos, mas tudo quanto o jovem Swami se dignava aceitar era uma tigela de comida uma vez ao dia, por volta de meio-dia, sendo o resto devolvido aos doadores na forma de *prasadam* (Graça em forma de dádiva). Se Palaniswami tinha necessidade de ir à cidade por alguma razão — via de regra para apanhar algum livro espiritualista ou devoto de um amigo trancava o santuário e na volta encontrava o Swami na exata posição em que o havia deixado.

O corpo do Swami foi inteiramente negligenciado. Ele o ignorava por completo. Não tomava banho; os cabelos haviam crescido, tornando-se densos e emaranhados; as unhas se encompridaram e ficaram recurvas. Alguns entendiam aquilo como sinais de uma idade muito avançada e comentavam entredentes que aquele homem tinha preservado a juventude através de poderes iogues. Na realidade o corpo do Swami tinha enfraquecido até o extremo limite da sua resistência. Quando ele precisava sair mal tinha forças para levantar-se. Erguia-se uns poucos centímetros e tornava a cair, e eram necessárias várias tentativas até que fosse capaz de colocar-se de pé. Numa dessas ocasiões alcançou a porta e segurava-se a ela com ambas as mãos quando se deu conta de que Palaniswami o estava amparando. Sempre avesso a aceitar ajuda, perguntou:

— Por que me segura?

E Palaniswami respondeu: — O Swami ia cair e eu o amparei para evitar a sua queda.

Aquele que chegou à União com o Divino é por vezes adorado da mesma maneira que um ídolo de templo, com cânfora ardente, pasta de sândalo, flores, libações e cânticos. Quando Tambiram esteve em Gurumurtam decidiu adorar o Swami por essa forma. No primeiro dia o Swami foi colhido de surpresa e a tentativa teve êxito, mas no dia seguinte, quando Tambiram entrou com a sua ração diária, viu escrito a carvão na parede acima da cabeça do Swami as palavras, em tâmil: — Isto é serviço suficiente para este — significando que alimento era tudo quanto se deveria ofertar àquele corpo.

Foi surpreendente para os devotos o fato de que o Swami tinha educação mundana e sabia ler e escrever. Um deles decidiu aproveitar-se para descobrir de onde provinha e qual tinha sido anteriormente o seu nome. Tratava-se de um homem idoso, chamado Venkatarama Iyer, contador-chefe do Escritório Taluk na cidade. Costumava ele vir todas as manhãs e sentar-se, meditando durante algum tempo na presença do Swami, antes de ir para o trabalho. Um voto de silêncio é respeitado e, como não falava, supunha-se que o Swami fizera tal voto, mas aquele que nunca fala ocasionalmente, escreve mensagens, e sabedor agora de que o Swami era alfabetizado, Venkatarama Iyer foi insistente. Colocou diante de si uma folha de papel e um lápis sobre um dos livros para ali trazidos por Palaniswami e rogou ao Swami que escrevesse o seu nome e lugar de origem.

O Swami não respondeu às súplicas até que afinal o homem declarou que não mais comeria nem iria ao seu escritório enquanto não recebesse a informação desejada. Então o Swami escreveu em inglês: Venkataraman, Tiruchuzhi. O conhecimento de inglês constituiu-se em nova surpresa, mas Venkatarama Iyer ficou intrigado pelo nome *Tiruchuzhi* na transliteração inglesa, particularmente pelo *zh*.

Por essa razão o Swami apanhou o livro sobre o qual havia sido colocado o papel, a fim de verificar se estava redigido em tâmil, para que pudesse mostrar a letra comumente transliterada por *zh*, uma letra cujo som é intermediário entre o *r* e o *l*. Constatando tratar-se Periapuranam, obra que tão profundos efeitos tivera sobre si antes do despertar espiritual, procurou a passagem em que se menciona Tiruchuzhi como uma cidade louvada em cântico por Swami Sundaramurti e mostrou-a a Venkatarama Iyer.

Em maio de 1898, depois de pouco mais de um ano de permanência em Gurumurtam, o Swami transferiu-se para um mangueiral das redondezas. O proprietário, Venkatarama Naicker, propôs a mudança a Palaniswami pois o pomar podia ser fechado e proporcionava maior intimidade. O Swami e Palaniswami ocuparam cada um um abrigo de guarda e o proprietário deu ordens rigorosas ao jardineiro no sentido de que ninguém poderia entrar ali sem autorização de Palaniswami.

Durante cerca de seis meses permaneceu ali o Swami e foi ali que principiou a acumular a vasta erudição que mais tarde veio a possuir. Digno de se assinalar é que isto não se tenha dado a qualquer desejo de aprender, mas puramente à vontade de prestar ajuda a algum devoto. Palaniswami costumava trazer obras de filosofia espiritualista para estudar, mas as únicas a que tinha acesso eram escritas em tâmil, língua da qual tinha muito pouco conhecimento, de modo que se via sempre a braços com tremendas dificuldades. Vendo-o lutar dessa maneira, o Swami apanhou os livros, leu-os do princípio ao fim e forneceu-lhe uma sinopse dos ensinamentos essenciais. Seu prévio conhecimento espiritual permitia-lhe compreender de relance aquilo que era explicado e sua maravilhosa memória guardava tudo quanto lia, de modo que ele tornou-se um erudito quase sem esforço. Da mesma forma, aprendeu mais tarde o sânscrito, o telugo e o malaiala, lendo livros que lhe eram trazidos nesses idiomas e respondendo perguntas neles contidas.

CAPÍTULO V

O PROBLEMA DA VOLTA

QUANDO O JOVEM Venkataraman deixou o lar, sua família foi totalmente apanhada de surpresa. A despeito da mudança nas suas atitudes e a despeito do destino da família, ninguém contava com aquilo. Fizeram-se incansáveis buscas e indagações. Sua mãe, que na ocasião achava-se hospedada em casa de uns parentes em Manamadura, ficou mais abatida do que o restante da família. Ela implorou aos cunhados, Subbier e Nelliappier, que saíssem à procura do rapaz até encontrá-lo. Correu o boato de que ele havia aderido a uma trupe teatral que representava dramas religiosos tradicionais em Trivandrum. Nelliappier dirigiu-se de pronto para lá e fez investigações entre as várias companhias dramáticas, sem lograr, obviamente, qualquer resultado. Alagammal negou-se a admitir o fracasso e instou que o cunhado fizesse uma segunda tentativa, levando-a consigo. Em Trivandrum ela viu realmente um jovem da idade de Venkataraman, da mesma altura e com o mesmo tipo de cabelos, mas este virou-lhe as costas e se afastou. Sentindo-se convencida de que se tratava do seu Venkataraman e que este a estava evitando, ela voltou desconsolada para casa.

Subbier, o tio com quem Venkataraman estivera hospedado em Madura, faleceu em agosto de 1898. Nelliappier e sua família compareceram aos funerais e foi lá que obtiveram suas primeiras notícias do desaparecimento de Venkataraman. Um jovem presente à cerimônia contou-lhes que durante uma recente visita a um *math* (templo privado), em Madura, tinha ouvido um certo Annamalai Tambiram falar com grande deferência de um

jovem Swami em Tiruvannamalai. Ao ouvir dizer que o Swami provinha de Tiruchuzhi, procurara mais detalhes e viera a saber que o nome do moço era Venkataraman.

— Deve ser o seu Venkataraman transformado agora num grande Swami — arrematou ele.

Nelliappier era um intercessor de segunda classe exercendo o seu officio em Manamadura. Ao saber das novidades pôs-se imediatamente a caminho de Tiruvannamalai em companhia de um amigo a fim de verificar. Foi-lhes possível descobrir os caminhos do Swami, mas este já se encontrava alojado no mangueiral e o proprietário, Venkatarama Naicker, negou-lhes permissão para entrar.

— Ele está em *mouni* (fez voto de silêncio); por que incomodá-lo?

Embora tivessem alegado parentesco com o jovem, o máximo que conseguiram foi enviar-lhe um bilhete. Nelliappier escreveu num pedaço de papel que trazia consigo: Nelliappier, intercessor de Manamadura, deseja vê-lo.

O Swami demonstrou já então a aguda percepção dos assuntos mundanos combinada com um completo alheamento que o caracterizaria mais tarde e que surpreenderia tão numerosos devotos. Ele observou que o papel em que a nota fora rabiscada vinha do Departamento de Registros e trazia no verso alguma coisa official escrita na caligrafia de seu mano mais velho, Nagaswami; concluiu daí que Nagaswami tornara-se escrivão do Departamento de Registros. Ainda assim, em anos posteriores, cuidou sempre de virar as cartas na mão e examinar-lhes o endereço e o carimbo postal antes de abri-las.

Ele deu permissão aos visitantes para entrar, mas quando estes o fizeram manteve-se alheio e silencioso, sem trair qualquer sinal do interesse que pouco antes revelara ao examinar o bilhete. Qualquer indício de interesse só serviria para alimentar a esperança vã da sua volta. Nelliappier ficou muito emocionado de vê-lo naquele estado: um Swami, sim, porém desleixado, sujo, com os cabelos emaranhados e as unhas compridíssimas. Julgando-o *mouni*, dirigiu a palavra a Palaniswami e Naicker, esclarecendo que lhe causava grande prazer descobrir que alguém da sua família tinha chegado a tão alto estágio mas que os confortos mínimos devidos à criatura humana não podiam ser esquecidos.

Os parentes do Swami desejavam tê-lo junto de si. Não fariam pressões no sentido de que ele renegasse seus votos ou modo de vida; que continuasse sendo um *mouni* e um asceta, mas em Manamadura, perto de onde vivia Nelliappier, existia um santuário de um grande santo. O Swami poderia permanecer ali e suas necessidades seriam atendidas sem que ele fosse perturbado. O intercessor interveio com toda a sua eloquência, mas no caso sem qualquer resultado. O Swami manteve-se imóvel, sem dar mesmo qualquer demonstração de haver escutado. A Nelliappier não restava senão render-se à evidência e reconhecer o seu fracasso. Ele escreveu a Alagammal a boa nova do encontro do seu filho de par com a má notícia de que o rapaz estava muito mudado e se recusava a voltar à família. Depois de cinco dias em Tiruvannamalai o tio do Swami retornou a Manamadura.

Pouco depois deste episódio o Swami deixou o mangueiral e foi para um pequeno templo de Arunagirinathar situado a oeste do Tanque de Ayyankulam. Relutando sempre em depender do serviço alheio, decidiu agora sair diariamente e mendigar comida ao invés de permitir que Palaniswami o alimentasse. — Você irá numa direção pedindo a sua comida e eu tomarei a direção oposta pedindo a minha, — propôs o Swami. — Não vivamos mais juntos.

Para Palaniswami foi um golpe terrível. A devoção ao Swami era a sua forma de adoração. Ele saiu só, como lhe fora pedido, mas ao cair da noite achava-se no templo de Arunagirinathar. Como poderia viver sem o seu Swami? Este concedeu-lhe permissão para ficar.

O Swami continuava a manter silêncio. Detinha-se à entrada de uma casa e batia palmas e, se lhe davam alguma comida, ele a tomava nas mãos em concha e a comia no meio da rua. Mesmo quando convidado a fazê-lo jamais entrava numa casa. Cada dia procurava uma rua diferente e nunca pedia duas vezes na mesma casa. Disse o Swami mais tarde que mendigou em quase todas as ruas de Tiruvannamalai.

Depois de um mês no Templo de Arunagirinathar ele fez sua morada numa das torres do grande templo e no Jardim Alari do mesmo. Já o acompanhavam por toda a parte àquela altura alguns devotos. Apenas uma semana permaneceu ali, indo a se-

guir para Pavazhakkuru, um dos contrafortes do Arunachala, em cujo templo permaneceu. Nesse lugar, como antes, ficou-se imerso em *samadhi* (a Bem-aventurança do Ser), e só saía para mendigar comida quando Palaniswami estava ausente. Acontecia com frequência que o sacerdote do templo trancava-o depois de executar a *puja*, sem dar-se ao trabalho de espiar se ele estava no interior.

Foi ali que Alagammal encontrou seu filho. Depois de receber as novas por meio de Nelliappier, ela aguardou as férias de Natal quando seu filho mais velho, Nagaswami, teria tempo livre para acompanhá-la e foi então para Tiruvannamalai. Ela reconheceu imediatamente o seu Venkataraman, apesar do físico desgastado e dos cabelos emaranhados do rapaz. Com amor de mãe deplorou a situação do filho e rogou-lhe que voltasse com ela, mas o jovem não se abalou, não respondeu, não deu sequer uma demonstração de haver ouvido. Dia após dia ela voltou, trazendo-lhe coisas gostosas para comer, suplicando e ralhando com ele, mas sem resultados.

Certo dia, ferida pela aparente insensibilidade do jovem, prorrompeu em lágrimas. Ele continuou a não responder, e, para que a sua compaixão não transparecesse e ela não se enchesse de falsas esperanças quanto a algo que jamais iria acontecer, levantou-se e se afastou. Noutro dia, Alagammal granjeou a simpatia dos devotos que ali se aglomeravam, exibindo-lhes a sua dor e rogando-lhes que intervissem. Um deles, Pachaiyappa Pillai, disse ao Swami:

— Vossa mãe está chorando e rezando: por que ao menos não lhe dais uma resposta? Seja afirmativamente, seja negativamente, podeis dar-lhe uma resposta. O Swami não precisa quebrar seu voto de silêncio; o Swami pode escrever aquilo que tem a dizer.

O Swami apanhou lápis e papel e, em linguagem altamente impessoal, escreveu:

O Ordenador controla os destinos das almas segundo o seu *prarabdhakarma* (destino a cumprir-se nesta vida, resultando do saldo das ações praticadas em vidas passadas).

Tudo que não está destinado a acontecer não acontecerá, tente-se como quiser. Tudo que está destinado a

acontecer acontecerá, faça-se o que for para impedi-lo. Isto é certo. O melhor caminho, portanto, é ficar calado.

Em sua essência trata-se do mesmo que Cristo disse a sua mãe: — Mulher, que tenho eu contigo? Não sabes que me cumpre cuidar dos assuntos de meu Pai?

Na forma é muito típico de Sri Bhagavan, primeiro ter permanecido calado quando a resposta só poderia ser negativa, e a seguir, não tendo sido aceito o silêncio e sob novas pressões, ter dado uma resposta vazada em termos tão genéricos que se constituía num pronunciamento doutrinário impessoal e, ao mesmo tempo, numa contestação à pergunta específica em consonância com as necessidades do perguntador.

Sra Bhagavan era intransigente ao ensinar que aquilo que tem de acontecer acontece, ao passo que ensinava concomitantemente que tudo quanto acontece se deve à *prarabdha*, um balancete do destino regido por uma tão rigorosa lei de causa e efeito que até mesmo a palavra *justiça* parece demasiado emotiva para expressá-lo. Ele recusou-se sempre a meter-se em debates acerca de livre-arbítrio e predestinação, pois tais teorias, conquanto contraditórias no plano mental, podem ambas refletir aspectos da verdade. Costumava dizer:

— Descubram quem é predestinado e quem tem livre-arbítrio.

E disse explicitamente: — Todas as ações que o corpo realizará já estão decididas quando este corpo começa a existir: a única liberdade que se tem é a de se identificar ou não com o corpo. — Quando se desempenha um papel numa peça todo o papel é escrito com antecedência e a gente se comporta com fidelidade, quer seja o César que é apunhalado, quer seja o Brutus que apunhala, não sendo afetada pois sabe não ser tal pessoa. Da mesma forma, aquele que compreende a sua identidade com o Eu imortal desempenha seu papel no palco humano sem medo nem ansiedade, sem esperança nem arrependimento, não se deixando afetar pelo papel desempenhado. Se fôssemos perguntar que realidade temos quando todas as nossas ações são determinadas, isto só serviria para levar à indagação: Quem, pois, sou eu? Se o ego que julga tomar decisões não é real e no entanto eu sei que ele existe, o que é a minha rea-

lidade? Isto é apenas uma versão preparatória e mental da busca preconizada por Sri Bhagavan, mas é uma excelente preparação para a verdadeira busca.

Contudo, a opinião aparentemente antagônica de que o homem constrói seu próprio destino não é menos verdadeira, uma vez que tudo acontece sob a lei de causa e efeito e cada pensamento, palavra ou ação produz sua repercussão. Sri Bhagavan foi tão peremptório a esse respeito como outros Mestres. Ele disse a um devoto, Sivaprakasam Pillai, numa resposta citada no Capítulo X.

— Uma vez que os seres colhem os frutos de suas ações segundo as leis de Deus, a responsabilidade é deles, não de Deus.

Sri Bhagavan constantemente salientava a necessidade de esforçar-se. Está registrado no *Evangelho do Maharshi* que um devoto fez esta queixa: — Após deixar este Ashram em outubro, eu tive a sensação daquela Paz que reina na Presença de Sri Bhagavan a envolver-me durante cerca de dez dias. Durante todo o tempo, mesmo quando ocupado com o meu trabalho, havia uma subcorrente daquela paz em unidade; era quase como a consciência dual que se tem quando se está semi-adormecido numa conferência maçante. A seguir a sensação foi desaparecendo por inteiro e deu lugar às estúpidas coisas de antes.

E Sri Bhagavan replicou: — Se você fortalecer sua mente, aquela paz se tornará constante. Sua duração é proporcional à fortaleza mental adquirida através da prática.

Em *Instrução Espiritual* um devoto referiu-se explicitamente à aparente contradição entre destino e esforço: — Se, como se diz, tudo acontece em obediência ao destino, até mesmo os obstáculos que nos retardam e impedem de efetuar com êxito a meditação talvez tenham de ser considerados insuperáveis, pois são ditados por um destino irrevogável. Como, então, poderemos esperar superá-los? A isto responde Sri Bhagavan: — Isto a que se chama *destino*, impedindo a meditação, existe apenas para a mente extrovertida e não para a introvertida. Por isso aquele que na busca do Si orienta-se interiormente, permanecendo tal como é, não se atemoriza diante de qualquer empecilho que talvez se apresente à prática da meditação. O simples ato de pensar em tais obstáculos é o maior dos empecilhos.

A declaração final na mensagem do Swami — O melhor caminho, portanto, é ficar calado — dizia especificamente res-

peito a sua mãe, uma vez que esta estava pedindo algo impossível. Diz respeito de modo geral a todas as pessoas no sentido de que é inútil “dar murro em ponta de faca”, rebelar-se contra um destino que não pode ser contrariado; mas não significa que não se deva nunca fazer qualquer esforço. O homem que diz — Tudo é predestinado, por isso não farei esforço algum — está introduzindo à força a pressuposição falsa — e eu sei o que está predestinado —. Pode acontecer de estar ele destinado a um papel em que o esforço seja necessário. Como disse Sri Krishna a Arjuna na *Gita Bhagavad*, sua própria natureza levá-lo-á a esforçar-se.

A mãe voltou para casa e o Swami continuou como antes. Mas não inteiramente. Durante os dois anos e um quarto que passou em templos e refúgios de Tiruvannamalai os primeiros sinais de uma volta a um tipo de vida exteriormente normal já começavam a surgir. Ele já principiara a alimentar-se diariamente em horário normal, de modo que não ficava na dependência de que alguém fosse arranjar-lhe comida. Havia falado umas poucas vezes. Começara a reagir diante dos devotos, ler livros e explicar a essência dos ensinamentos neles contidos.

Quando chegou a Tiruvannamalai permaneceu imerso na Bem-aventurança do Ser, ignorando por completo o mundo e o corpo. Só comia se a comida fosse trazida às suas mãos ou posta em sua boca e mesmo assim não engolia o suficiente para sustentar o corpo. Descreveu-se isto como *tapas*, mas a palavra *tapas* abrange um significado deveras complexo. Implica ela concentração levando à austeridade; normalmente como penitência por fraquezas passadas, e ainda extirpar de vez qualquer desejo de reincidir, refrear a energia que sai e procura um veículo na mente e nos sentidos. Vale dizer que *tapas* significa normalmente lutar pela realização através da penitência e da austeridade. No caso de Sri Bhagavan faltavam inteiramente os elementos de luta, penitência e contenção, uma vez que a falsa identificação do Eu com o corpo e a conseqüente fixação ao corpo já haviam sido destruídas. Do ponto de vista do Swami não havia sequer austeridade, pois tinha deixado completamente de identificar-se com o corpo envolvido no ascetismo. Isto ele o anunciou anos mais tarde ao dizer: — Não comia, por isso diziam que estava jejuando; não falava, por isso diziam que era *mouni*.

Simplificando: a aparente austeridade não era em busca da Realização mas um resultado dessa Realização. Sri Bhagavan disse que já não havia *sadhana* (busca ou luta) depois do Despertar espiritual na casa de seu tio em Madura.

Assim também, Sri Bhagavan não era um *mouni* no sentido habitual de que obedecesse a um voto de silêncio com o fito de furtar-se ao contato com as demais pessoas. Não tendo necessidades mundanas, simplesmente não tinha necessidade de falar; ademais, ele explicou que, vendo um *mouni*, ocorreu-lhe que não falar seria uma boa defesa contra os importunos.

Nos primeiros meses, a imersão na Bem-aventurança amiúde cortou a percepção do mundo manifesto. Referiu-se ao fato em seu estilo pitoresco:

“As vezes eu abria os olhos e era de manhã, às vezes era noite: não sabia quando o sol se erguia ou se punha.” Até certo ponto tal coisa perdurou, mas tornou-se rara ao invés de habitual. Em anos posteriores Sri Bhagavan disse, certa ocasião, que amiúde ouvia o princípio do *parayanam* (cântico dos Vedas) e, a seguir, o final, mas entre um e outro havia estado tão absorvido que nada tinha escutado e se admirava de que houvessem terminado tão rapidamente. No entanto, até mesmo durante os primeiros meses em Tiruvannamalai, aconteceu com freqüência que ele observou plenamente os acontecimentos e mais tarde relatou coisas acontecidas naquele período que todos julgavam haver-lhe escapado.

A completa absorção no Si com o conseqüente esquecimento do mundo manifesto denomina-se *nirvikalpa samadhi*. É um estado de bem-aventurado transe mas não é permanente. Sri Bhagavan comparou-o (no Evangelho do Maharshi) a uma caçamba de água baixada dentro de um poço. Na caçamba existe água (a mente) que se mistura à do poço (o Si), mas a corda e a caçamba (o ego) continuam a existir, podendo retirar de novo a água.

O estado mais elevado, completo e final, é a *sahaja samadhi*, à qual foi feita breve referência no começo do Capítulo III. Trata-se de uma consciência pura e ininterrupta, transcendendo o plano mental e físico e conservando no entanto total percepção do mundo manifesto e pleno uso das faculdades mentais e físicas; um estado de perfeito equilíbrio, perfeita harmonia, ultrapas-

sando até mesmo a bem-aventurança. Sri Bhagavan comparou-o às águas de um rio misturadas com as do oceano. Neste estado o ego com todas as suas limitações é dissolvido para sempre no Si. Trata-se de liberdade absoluta, consciência pura, pura condição de ser, não mais limitada ao corpo ou à individualidade.

Sri Bhagavan já se encontrava no estado supremo embora a percepção externa não fosse ainda contínua. A volta à atividade externa que veio depois era apenas aparente e não envolvia qualquer modificação real. Conforme foi explicado no Evangelho do Maharshi:

“No caso do Gnani (Iluminado) o surgimento ou existência do ego é apenas aparente e aquele goza toda a sua experiência transcendental a despeito de tal aparente surgimento ou existência do ego, mantendo sempre sua atenção sobre a Fonte. Este ego é inofensivo; é como o esqueleto de uma corda queimada — embora tenha uma forma não serve para que se amarre nada com ele.”

O ARUNACHALA

O CENÁRIO TEM ALGO de agreste. Por toda a parte vêem-se matacões aparentemente disseminados por mão de gigante; espinhos ressequidos e sebes de cactos, campos crestados pelo sol, pequenas colinas onde a erosão criou formas sombrias. E, contudo, há árvores umbrosas ao longo das estradas empoeiradas, e aqui e ali, nas proximidades de piscinas e poços, despontam campos de um verde muito vivo. E o monte Arunachala destaca-se entre toda essa beleza selvagem. Embora não tenha mais do que oitocentos metros de altura ele domina a paisagem. Pelo sul, lado do Ashram, é de uma simplicidade ilusória — apenas um monte simétrico com dois contrafortes quase idênticos, um de cada lado. Para que a simetria seja ainda mais perfeita todas as manhãs o cume está envolto por um acolchoado de nuvens brancas quando não por névoa. É porém espantoso ver como o aspecto se modifica à medida que se trilha a estrada de doze quilômetros que circunda o monte, fazendo a caminhada de praxe, do sul para o este, conservando o lado direito para o monte; e cada aspecto tem caráter e simbolismo próprios. Num deles o eco responde a qualquer som que se emita, em outro o cume se entremostra a medo entre dois contrafortes, como o Si no intervalo entre dois pensamentos; em outro vêem-se os cinco picos, o de Xiva e Sakti e outros.

Piscinas sagradas assinalam as oito direções do espaço e *mantapams* (simples corredores de pedra) aparecem em numerosos pontos importantes. Destaca-se entre estes o *Mantapam*

Dakshinamurthi, na ponta sul, pois *Dakshinamurthi* é Xiva ensinando em silêncio, e isso é *Arunachala*.

— Quem é o vidente? Ao efetuar a busca interior testemunhei o desaparecimento do vidente e vi o que dele restou. Não surgiu nenhum pensamento de *eu vi*, e, assim sendo, como poderia surgir o pensamento de *eu não vi*? A quem será dado o poder de transmitir tal coisa através de palavras quando até mesmo Vós o fizestes em dias passados apenas através do silêncio (aparecendo como *Dakshinamurthi*)? Apenas para transmitir pelo silêncio o Vosso Estado Vós vos ergueis na forma de um monte luminoso interposto entre o céu e a Terra.¹

Sri Bhagavan recomendou sempre o *pradakshina* (circuito) da montanha. Mesmo no caso de pessoas idosas ou enfermas ele não desaconselhava a medida, mas recomendava apenas que a caminhada fosse feita em marcha vagarosa. Na verdade, o *pradakshina* deve ser feito a passos lentos, à maneira de uma rainha em seu nono mês de gravidez. Quer imerso em silenciosa meditação quer ao som de búzios, deve-se fazê-lo a pé, sem o recurso de qualquer viatura, e, na verdade, com pés descalços. As ocasiões mais auspiciosas são Sivarathri, a Noite de Xiva, e Kartikai, o dia em que a constelação de Kartikai (Pléiade) está em conjunção com a lua cheia, caindo via de regra em novembro. Em tais ocasiões compara-se o fluxo contínuo de devotos a uma grinalda cingindo o monte.

Um aleijado idoso manquejava, certa vez, com suas muletas pela estrada que flanqueia o monte. Ele já o fizera um sem-número de vezes, mas agora aprestava-se para deixar Tiruvannamalai. Ele percebia estar sendo um fardo para a sua família; várias desavenças haviam surgido e o ancião decidira abandonar o lar e tentar viver numa cidade. Súbito, um jovem brâmane surgiu diante dele, arrebatou-lhe as muletas e disse: — Você não as merece.

Antes que a raiva que dele se apossou pudesse ser traduzida em palavras, o velho percebeu que seus membros haviam-

¹ *Oito Estâncias a Sri Arunachala*, vol. 2, por Sri Bhagavan.

-se endireitado e que já não precisava de muletas. Ele não se foi de Tiruvannamalai; ficou e tornou-se bastante conhecido. Sri Bhagavan contou a história com todos os detalhes a alguns devotos e salientou a semelhança com aquilo que se relata no Sthala Purana do Arunachala. Na época, ele era apenas um jovem Swami em andanças pela montanha, mas jamais disse que ele próprio era a figura do jovem brâmane.

O Arunachala é um dos mais antigos e sagrados de todos os locais sacros da Índia. Sri Bhagavan declarou que se trata de coração da Terra, do centro espiritual do mundo. Sri Shankara chamou-o de Monte Meru. O Purana Skanda diz: — Aquele é o sítio sagrado. Entre todos, o Arunachala é o mais sagrado. É o coração do mundo. Saibam que é a sacra e secreta sede do coração de Xiva.

Muitos santos ali viveram, amalgamando a sua à santidade do monte. Diz-se, e Sri Bhagavan confirma, que até hoje Siddhas (Sábios dotados de poderes sobrenaturais) habitam muitas das suas grutas, seja com seus corpos físicos ou não, e há quem os tenha visto à noite vagando pelo monte sob a forma de luzes.

O Puranas fornece uma história sobre a origem do monte. Certa vez Vishnu e Brahma entraram em luta para saber qual dos dois era o maior. A briga entre eles pôs a terra em caos, de modo que os Devas se aproximaram de Xiva e lhe rogaram que a pendência fosse resolvida. Xiva manifestou-se então como uma coluna de luz da qual saiu uma voz declarando que aquele que fosse capaz de encontrar-lhe as extremidades superior e inferior era o maior. Vishnu tomou a forma de um javali e escavou a terra em procura da base, ao passo que Brahma tomou a forma de um cisne e voou para as alturas em procura do cimo. Vishnu não conseguiu atingir a base da coluna mas — começando a perceber dentro de si a Luz Suprema que mora no coração de todos, perdeu-se em meditações, esquecido do seu corpo físico e sem mesmo dar-se conta da própria existência. Brahma viu uma flor de uma árvore da montanha caindo do alto e, projetando ganhar através de um ardil, apanhou-a e declarou tê-la colhido no cimo.

Vishnu reconheceu seu fracasso e dirigiu-se ao Senhor, rezando e louvando-o: — Vós sois o Autoconhecimento. Vós sois OM. Vós sois o começo, o meio e o fim de todas as coisas. Vós sois tudo e iluminais tudo.

Vishnu foi declarado grande, ao passo que Brahma foi humilhado e reconheceu seu erro.

Nesta fábula Vishnu representa o ego ou individualidade e Brahma a mentalidade, enquanto Xiva é Atma, o Espírito.

Diz ainda a história que por ser a coluna de luz demasiado deslumbrante à vista, Xiva manifestou-se então na forma do monte Arunachala, dizendo: — Assim como a lua recebe do sol a sua luz, assim também os demais locais sagrados receberão sua santidade do Arunachala. Este é o único lugar em que assumi esta forma em benefício dos que desejam adorar-me e obter a iluminação. O Arunachala é propriamente OM. Aparecerei no cume deste monte todos os anos no Kartikai, sob a forma de um farol apaziguador.

A passagem refere-se não apenas à santidade do Arunachala propriamente dito mas também à importância da doutrina do Advaita e da senda da Auto-investigação das quais o Arunachala é o centro. Pode-se compreender o significado disto através das palavras de Sri Bhagavan: — Em última instância todos terão de vir ao Arunachala.

Somente após dois anos a sua chegada a Tiruvannamalai começou Sri Bhagavan a viver no monte. Até então permanecera fixo em algum templo ou santuário. Apenas em fins de 1918 ele fixou residência num pequeno templo de Pavazhakkunru, aureolado séculos antes pela presença do grande Santo Gautama Rishi. Foi ali que a mãe do jovem Swami o encontrou. Ele jamais deixou o Arunachala. No princípio do ano seguinte mudou-se para uma gruta do próprio monte e dali em diante esteve numa ou noutra gruta até 1922, quando deslocou-se para o sopé do monte. Ali cresceu o atual Ashram e ali Sri Bhagavan viveu os derradeiros anos da sua vida terrestre.

Enquanto no monte, passou quase todo o tempo na encosta sul. O Ashram também fica no sul, ao lado do *mantapam* de Dakshinamurthi. "Contemplador do Sul" é um dos 108 nomes de Bhagavan que são agora cantados diariamente em seu túmulo. É um nome que simboliza a autoridade espiritual em geral, assim como Sad-Guru é o polo em torno do qual gira o mundo, mas é especialmente um nome de Dakshinamurthi. Dakshinamurthi é Xiva ensinando em silêncio. Nos versos transcritos no princípio deste capítulo Sri Bhagavan identifica Arunachala com Dak-

shinamurthi; nos versos seguintes fala de Ramana e Arunachala como sendo um só.

Nos recessos do coração em forma de pétala de loto de todas as coisas, de Vishnu para baixo, brilha como Consciência Absoluta o Paramatman (Espírito Supremo) que é o mesmo que Arunachala ou Ramana. Quando a mente se funde de amor por ele e alcança o mais recôndito do coração em que ele habita como o Bem-amado o olho sutil da Consciência Absoluta se abre e revela-se como Sabedoria pura.

A gruta para a qual Sri Bhagavan dirigiu-se inicialmente e na qual permaneceu durante mais tempo fica na encosta sudeste. Chama-se Virupaksha em homenagem a um santo que ali viveu e foi enterrado, provavelmente no século treze. Sua conformação lembra caprichosamente o monossílabo OM, estando o túmulo no recesso da gruta, e diz-se que ali se pode ouvir na verdade o próprio som OM.

Os curadores do *math* (santuário) de Virupaksha também tinham direitos de propriedade sobre a gruta e costumavam cobrar uma pequena taxa dos peregrinos que a visitavam durante o festival anual de Kartikai. Na época em que Sri Bhagavan para lá se dirigiu esta prática tinha caído em desuso pois duas facções disputavam a propriedade e estava correndo uma ação legal com o fito de decidir a pendência. Quando uma decisão foi tomada os vencedores restabeleceram a taxa, mas àquela altura o fluxo de visitantes estava muito aumentado e mantinha-se constante através de todo o ano, não apenas por ocasião do Kartikai; e, uma vez que era a presença de Sri Bhagavan o motivo da atração, a taxa tornara-se na realidade uma cobrança feita a fim de que se pudesse chegar até ele. Para não abonar tal coisa ele abandonou a gruta e instalou-se numa faixa de terreno nivelado em frente, onde permanecia à sombra de uma árvore. O agente decidiu então mudar o local da cobrança para o perímetro externo de modo a incluir também o acesso à árvore. Assim sendo Sri Bhagavan partiu dali e dirigiu-se para a gruta de Sadguruswami mais abaixo e, depois de uma curta permanência, para uma outra gruta. O fluxo de visitantes à gruta de Virupaksha cessou e os proprietários, constatando que

tinham apenas criado embaraços para o Swami sem colher em troca qualquer benefício, pediram-lhe que voltasse e se comprometeram a não cobrar a taxa enquanto ele estivesse na gruta. Sob esta condição o Swami voltou.

Nos meses de verão o calor na gruta de Virupaksha é sufocante. Há uma gruta mais fresca perto da piscina de Mulapai Tirtha ao pé do monte, onde existe água potável. Uma grande mangueira cobre o local de sombra e dela provém a denominação de Gruta da Manga. Dois irmãos, devotos de Sri Bhagavan, fizeram explodir o rochedo que sobrepairava a gruta e erigiram um muro com uma porta e o Swami passou a ficar ali durante os meses de verão.

No ano de 1900, pouco depois que Sri Bhagavan foi morrer na montanha, um devoto chamado Nalla Pillai, de Kumbakko-nam, veio a Tiruvannamalai e tirou uma fotografia dele, o instantâneo mais antigo de que se dispõe. Trata-se do rosto de um belo jovem, uma criança quase, mas com a força e a profundidade do Bhagavan.

Durante os seus primeiros anos na montanha Sri Bhagavan continuou a guardar silêncio. Seu brilho já havia reunido em torno de si um grupo de devotos e tinha surgido um Ashram. Não apenas aqueles que procuravam a Verdade sentiam-se atraídos por ele mas também as pessoas simples, as crianças e até mesmo os animais. Criancinhas da cidade subiam o monte até a Gruta de Virupaksha, sentavam-se junto dele, brincavam por perto e voltavam felizes. Esquilos e macacos achegavam-se a ele e comiam das suas mãos.

De quando em quando Sri Bhagavan escrevia explicações ou instruções para os seus discípulos, mas o fato de não falar não se constituía em empecilho real ao aprendizado pois, tanto na ocasião quanto no futuro quando recomeçou a falar, seus verdadeiros ensinamentos eram transmitidos através do silêncio, na tradição de Dakshinamurthi, tradição exemplificada também na China por Lao Tsu e pelos primitivos Sábios Taoístas. "Aquele Tao que se pode nomear não é o Tao" — a sabedoria passível de ser formulada não é a verdadeira Sabedoria. Essa forma silenciosa de ensinar era uma influência espiritual direta que a mente absorvia e interpretava posteriormente segundo a sua capacidade. O primeiro visitante europeu assim a descreveu:

Ao chegarmos à gruta sentamo-nos a seus pés sem nada dizer. Assim permanecemos por longo tempo e eu me senti arrebatado de mim mesmo. Durante meia hora fitei o Maharshi nos olhos, que jamais mudavam sua expressão de profunda contemplação. Comecei, de alguma forma, a compreender que o corpo é o Templo do Espírito Santo; percebia que o seu corpo não era o homem: era o instrumento de Deus, apenas um cadáver inerte de dentro do qual Deus irradiava terrivelmente. É impossível descrever o que senti na ocasião.¹

Um outro europeu, Paul Brunton, que ao chegar era mais um cético do que um crente, assim relatou o primeiro impacto que o silêncio de Sri Bhagavan produziu em sua mente:

“É uma antiga teoria minha que se pode fazer um inventário da alma de um homem por seus olhos. Mas diante dos olhos do Maharshi hesito, intrigado e confuso...

Não consigo despregar dele o meu olhar. Meu espanto inicial, minha perplexidade ante o fato de ser totalmente ignorado, vão aos poucos dando lugar a um estranho fascínio que se apodera tenazmente de mim. Mas somente no correr da segunda hora daquela cena incomum começo a dar-me conta da silenciosa e irresistível modificação que se está operando em minha mente. Uma a uma, as perguntas que eu meticulosamente elaborara durante a viagem de trem desaparecem. Pois agora já não parece importar que elas sejam ou não formuladas, e não importa solucionar os problemas que até aqui me vinham perturbando. Sei apenas que um rio de quietude parece correr perto de mim, que uma grande paz está penetrando o mais profundo do meu ser e que o meu cérebro cansado de pensar começa afinal a encontrar um pouco de descanso.”

A Graça de Bhagavan trazia paz não apenas à mente inquieta dos intelectuais mas também aos corações confrangidos.

¹ De uma carta escrita a um amigo em Londres por F. H. Humphreys e publicada pela *International Psychic Gazette*, de Londres.

Echammal, como era conhecida no Ashram (seu nome anterior era Lakshmiammal) fora uma esposa e mãe feliz na cidade de Mandakolathur, mas antes de chegar aos vinte e cinco anos de idade perdera primeiramente o marido, a seguir o filho único e por fim a única filha. Aturdida pela sua aflição, torturada pelas recordações, ela não conseguia descansar. Já não podia suportar o cenário da sua passada felicidade ou as pessoas junto das quais fora feliz. Julgando que poderia encontrar uma forma de esquecer, ela fez uma viagem a Gokarnam no estado de Bombaim a fim de servir os homens santos do lugar, mas voltou tão combalida como para lá fora. Alguns amigos falaram-lhe a respeito de um jovem Swami de Tiruvannamalai que trazia paz a quem o procurava. A mulher pôs-se imediatamente a caminho. Ela tinha parentes na cidade mas não os procurou, pois o simples fato de vê-los despertaria uma torrente de recordações desagradáveis. Em companhia de um amigo subiu a montanha na direção do Swami. Postou-se em silêncio diante dele, sem dizer da sua dor. Não houve necessidade. A compaixão que brotava dos olhos dele era curativa. Durante toda uma hora ela permaneceu ali, sem que uma palavra fosse dita, e a seguir retirou-se e desceu a encosta rumo da cidade, os passos leves, a carga de sofrimentos aliviada.

Daí em diante passou a visitar o Swami diariamente. Ele era o sol que tinha dispersado as suas nuvens. Ela já era capaz de lembrar sem amargura os seus entes queridos. Passou o restante da sua vida em Tiruvannamalai. Foi-lhe possível conseguir ali uma pequena casa — o pai lhe havia deixado algum dinheiro e os irmãos a auxiliaram — e muitos devotos em visita à cidade gozaram da sua hospitalidade. Todos os dias aquela mulher preparava a comida de Sri Bhagavan — vale dizer a comida de todo o Ashram, pois o Swami não aceitava nada que não pudesse ser partilhado por todos. Até que a idade e a falta de saúde impediram-na de fazê-lo, ela própria levava os alimentos ao monte e não tocava em nada antes de servir a todos. À medida que o número de pessoas aumentava sua contribuição passou a ser apenas um pequeno acréscimo à refeição geral, mas sempre que ela se atrasava Sri Bhagavan esperava a sua chegada a fim de não desapontá-la.

Com toda a dor por que passara e a paz que encontrara, ela ainda era suficientemente mãe para formar uma nova ligação

e adotou uma filha, não sem pedir permissão a Sri Bhagavan. No tempo devido fez casar essa filha e teve a ventura de ver nascer um neto a quem chamou Ramana. Certo dia, totalmente despreparada, recebeu um telegrama dando conta de que sua filha adotiva havia morrido. A velha dor voltou a assaltá-la. Ela correu a Sri Bhagavan com o telegrama nas mãos. Ele leu com lágrimas nos olhos e, acalmada porém ainda magoada, a mulher partiu para os funerais. Voltou com a criança Ramana e colocou-a nos braços de Sri Ramana. Uma vez mais brotaram as lágrimas nos olhos de Bhagavan e sua compaixão trouxe paz à mulher.

Echammal costumava praticar a concentração iogue em que fora iniciada por um Guru do norte da Índia. Ela fixava o olhar na ponta do nariz e se quedava em contemplação estática da luz que lhe surgia à frente, às vezes por horas inteiras, imóvel, esquecida do próprio corpo. Sri Bhagavan foi informado mas não deu qualquer resposta. Por fim ela própria lhe contou e ele desaconselhou a prática. — Essas luzes que lhe aparecem não são o seu objetivo real. Planeje compreender o Si, nada menos do que isso.

Dali por diante ela suspendeu seus antigos métodos e depositou toda a sua confiança em Sri Bhagavan.

Certa vez um Sastri da Índia setentrional estava falando com Sri Bhagavan na gruta de Virupaksha quando Echammal chegou com a comida, parecendo trêmula e agitada. Ao lhe perguntarem o que se passava disse ela que achando-se diante da gruta de Sadguruswami julgou haver visto Sri Bhagavan e um estranho à margem da trilha. Ela prosseguira em sua marcha mas uma voz se fizera ouvir, — por que ir mais além quando estou aqui? — Echammal voltou-se e não viu ninguém. Amedrontada, estugou o passo na direção do Ashram.

— Que, Swami! — exclamou o Sastri. — Enquanto vos dirigíeis a mim, vós vos manifestastes a esta senhora em outro lugar sem mostrardes qualquer sinal de Graça a mim.

E Sri Bhagavan explicou que as visões de Echammal deviam-se ao fato de ela concentrar-se continuamente nele.

Em absoluto era ela a única a ter visões de Sri Bhagavan, embora eu não esteja a par de qualquer outro caso em que a visão tenha provocado medo. Anos mais tarde um visitante

ocidental, um cavalleiro de certa idade, viera ao Ashram no sopé do monte. Depois de almoçar, ele saiu a explorar o local, mas, ao fazê-lo, perdeu-se. Cansado pelo calor e pelo esforço, sem saber que caminho tomar, encontrava-se em terrível aflicção, quando Sri Bhagavan surgiu e mostrou-lhe o caminho de volta ao Ashram. Os presentes já estavam apreensivos quando o ancião retornou e perguntaram-lhe o que havia sucedido. — Saí para fazer um passeio pela montanha — contou ele — e perdi-me. O calor e o esforço foram demasiados para mim e eu me senti mal. Não sei o que teria feito se Bhagavan não tivesse aparecido e ensinado-me o caminho de volta ao Ashram. — O pasmo foi geral pois Bhagavan não havia deixado o saguão por um instante sequer.

Rudra Raj Pande, Reitor do Colégio Tri-Chandra em Katmandu, no Nepal, foi com um amigo fazer uma adoração no grande templo da cidade antes de deixar Tiruvannamalai.

Os portões do templo interno foram abertos e o meu guia conduziu-nos até o interior, que estava bastante escuro. Uma pequenina lâmpada a óleo bruxoleava diante de nós. A voz jovem do meu companheiro gritou: "Arunachala". Toda a minha atenção visava ao objetivo único de ver a imagem ou *Lingam* (que simboliza o Senhor Supremo, eterno e não manifesto) no *Sanctum Sanctorum*. Mas, curioso dizer, ao invés do Lingam vi a imagem de Maharshi Bhagavan Sri Ramana, seu rosto sorridente, seus olhos luzídios a olhar para mim. E o que é ainda mais estranho, não vejo apenas um Maharshi, nem dois, nem três — às centenas vejo o mesmo rosto sorridente, os mesmos olhos lustrosos. Vejo-os onde quer que olhe no *Sanctum Sanctorum*. Meus olhos não percebem toda a figura do Maharshi, tão-somente o rosto sorridente, do queixo para cima. Extasio-me e encho-me de indizível alegria — como poderiam as palavras descrever a bem-aventurança e a paz de espírito que então senti? Lágrimas de alegria correram-me pelas faces. Tinha ido ao templo para ver o Senhor Arunachala e encontrara o Senhor vivo, que generosamente se me revelara. Jamais olvidarei a profunda experiência íntima por que passei no templo.

Não obstante, Sri Bhagavan jamais incentivou o interesse em torno de visões da sua pessoa ou o desejo de tê-las, nem elas aconteceram a todos os seus discípulos.

Um dos mais devotados seguidores de Sri Bhagavan nesta época foi Seshadriswami, o mesmo Seshadri que afugentava os meninos quando o Swami chegara a Tiruvannamalai. Seshadri morava agora no monte, um pouco abaixo da gruta de Virupaksha, e costumava fazer freqüentes visitas a Bhagavan. Conseguiu ele um elevado estado espiritual e tinha graça e beleza que se mostram nas suas fotografias remanescentes. Havia nele algo de aquilino e arredio. Nem sempre se mostrava acessível; nem sempre falava, e, quando o fazia, amiúde se mostrava enigmático. Tinha abandonado o lar aos dezessete anos de idade e sido iniciado nas *mantras* (fórmulas sagradas) e *japa* (invocações) que desenvolvem poderes ocultos, havendo muitas vezes passado a noite desperto em cemitérios a invocar o *Sakti* (energia criadora).

Ele não apenas incentivava os devotos a dirigirem-se a Ramanaswami, como designava Bhagavan, mas, de quando em quando, identificava-se com este. Ele era capaz de ler os pensamentos e se Sri Bhagavan havia dito alguma coisa a algum devoto dizia: — Já lhe disse isto e aquilo. Por que me pergunta de novo? — ou — por que não o faz? — De raro em raro propiciava iniciação a algumas *mantras* e se o suplicante já fosse discípulo de Ramanaswami recusava-se sempre a atender-lhe, recomendando-lhe que permanecesse onde havia a suprema *upadesa*, orientação silenciosa.

Numa ocasião positivamente rara aconselhou um devoto a empreender um *sadhana* ativo, ou seja, a busca da iluminação. Tratava-se de um certo Subramania Mudali que, juntamente com sua mulher e sua mãe, costumava passar a maior parte do tempo preparando comida para os *sadhus* que haviam renunciado ao mundo. Como Echammal, eles levavam diariamente alimentos para Sri Bhagavan e seu Ashram, e para Seshadriswami também quando conseguiam encontrá-lo. No entanto, ao mesmo tempo, Subramania era proprietário de terras e se achava envolvido num litígio através do qual pretendia aumentar seus domínios. Seshadriswami, lamentando que uma pessoa tão devota fosse também tão apegada aos bens terrenos, aconselhou-o a esquecer aquela ordem de preocupações e dedicar-se inteira-

mente ao serviço de Deus e à procura do aperfeiçoamento espiritual. — Vê — disse ele — meu mano mais moço tem uma renda de 10 000 rupias e eu uma de 1 000 rupias; por que não tenta ao menos fazer uma renda de cem? — O *mano mais moço* era Ramanaswami e a *renda*, a consecução espiritual. Tendo Subramania relutado, Seshadriswami tornou-se mais insistente e advertiu-o de que ele estava cometendo o pecado mortal de matar um brâmane. Como tinha mais fé em Sri Bhagavan, Subramania perguntou-lhe se aquilo era verdade e Sri Bhagavan respondeu: — Sim, pode-se dizer que você está assassinando um brâmane por não perceber que é um brâmane.

Seshadriswami sentou-se certa vez na Gruta da Manga encarando fixamente Sri Bhagavan a fim de ler-lhe os pensamentos; no entanto, a mente de Sri Bhagavan, imersa na tranqüilidade do Espírito, não traía qualquer resquício de pensamento, de modo que ele ficou estupefato e declarou: — não está claro o que esta pessoa pensa no momento.

Sri Bhagavan permaneceu calado. Depois de uma pausa Seshadriswami acrescentou, — Se alguém adora o Senhor Arunachala, este lhe dará a salvação.

Então Bhagavan perguntou: — Quem é que adora e quem é adorado?

Seshadriswami começou a rir: — É isto exatamente o que não está claro.

Então Sri Bhagavan expôs longamente a doutrina do Si Único manifestado em todas as formas do universo e contudo não manifestado e inteiramente não modificado pela manifestação, a única Realidade e o Si daquele que adora. Seshadriswami ouviu pacientemente e, ao final, ergueu-se e disse: — Não sei. Tudo isto para mim é obscuro. Seja como for, eu adoro.

Assim dizendo, voltou-se para o cume do monte, prostrou-se repetidamente e depois partiu.

No entanto Seshadriswami falava por vezes do ponto de vista da Unidade, vendo todas as coisas como manifestações do Espírito: mas, qualquer que fosse o ponto de vista esposado, mostrava-se quase sempre seco, cheio de um senso de humor desconcertante. Um dia um certo Narayanaswami encontrou-o queado na contemplação de um búfalo e perguntou: — Que está olhando o Swami?

— Estou olhando para isto.

— É para o búfalo que o Swami está olhando? — insistiu o outro.

A seguir, apontando para o búfalo, Seshadriswami rogou-lhe: — Diga-me o que é isto.

— É um búfalo — respondeu Narayanaswami com candura, ao que Seshadriswami explodiu: — É um búfalo? um búfalo? você é um búfalo! Chame-o de brâmane! — assim falando, girou nos calcanhares e partiu.

Seshadriswami morreu em janeiro de 1929. Como é costume aceito no caso dos santos, seu corpo não foi cremado mas enterrado. Sri Bhagavan presenciou tudo em silêncio. Seshadriswami ainda é reverenciado em Tiruvannamalai e no aniversário da sua morte seu retrato é levado em procissão pelas ruas da cidade.

Durante os primeiros anos que Sri Bhagavan passou na montanha o processo de volta às atividades exteriores se pôs gradualmente em marcha. Começou a passear pelos arredores e explorar a montanha, ler livros e redigir interpretações. Um certo Swami Padmanabha, também conhecido como Swami Jatai por causa de seus cabelos emaranhados, tinha um *ashram* na montanha e ali guardava alguns livros em sânscrito sobre conhecimentos espirituais e ciências aplicadas com base espiritual, tais como a *ayurveda* (medicina hindu tradicional). Sri Bhagavan visitava-o e corria os olhos por esses livros, assenhoreando-se prontamente do seu conteúdo e fixando-o de tal forma na memória que não apenas era capaz de repeti-lo como também citar capítulo e verso. Swami Padmanabha amiúde recorria a ele como autoridade quando uma questão doutrinária se apresentava.

Diz-se nos Puranas que na encosta norte de Arunachala, próximo do cume, um Siddha Purusha (Sábio dotado de poderes sobrenaturais) conhecido como Iogue Arunagiri está sentado sob uma figueira de Bengala, num sítio quase inacessível, ensinando o silêncio. Há um santuário ou *mantapam* a ele dedicado no Grande Templo de Tiruvannamalai. A história mostra que a Graça de Arunachala, guiando os homens através da *mouna diksha* (iniciação silenciosa) na senda da Auto-investigação para a Liberação, embora sempre poderosa, tinha-se tornado inacessível às pessoas daquela era espiritualmente negra. Não obstante, o significado simbólico da história não a torna

menos verdadeira no sentido literal da palavra. Aconteceu um dia, por volta de 1906, que Sri Bhagavan estava perambulando pela encosta norte do monte quando, num curso d'água ressequido, viu uma enorme folha de figueira de Bengala, suficientemente grande para servir-se nela uma refeição. Supondo que tivesse sido carregada pelas águas e desejando ver a árvore que produzia tais folhas, ele pôs-se numa outra ocasião a galgar a encosta na direção do curso d'água. Depois de escalar trechos íngremes e agrestes do monte, chegou a um lugar de onde podia ver um rochedo grande e achatado e sobre este a figueira de Bengala que procurava, enorme e de um verde profundo. Espantou-se de ver uma tal árvore medrando no que lhe pareceu rocha nua. Prosseguiu na subida mas, ao aproximar-se, esbarrou com a perna num cacho de marimbondos. Estes voaram e atacaram com fúria a perna agressora. Sri Bhagavan manteve-se imóvel até o fim, aceitando com humildade o justo castigo que lhe infligiam por haver destruído um lar; mas encarou aquilo como um aviso de que não deveria ir mais adiante e voltou para a gruta. Os devotos começavam a inquietar-se com a sua demora. Ao vê-lo ficaram abismados com o aspecto da sua perna, inchada e inflamada. Dali em diante ele mostrou muitas vezes com o dedo a posição da figueira praticamente inacessível, mas nunca mais procurou chegar lá e sempre desencorajou aqueles entre os seus devotos que se mostravam desejosos de tentar a empreitada.

Um grupo de devotos, entre eles um inglês de nome Thomson, partiu certa vez disposto a chegar até a figueira. Depois de uma estabanada escalada que se prolongou por algum tempo os homens viram-se numa posição tão precária que não ousavam mais prosseguir em sua ascensão nem tornar ao ponto de partida. Rezaram a Sri Bhagavan que os ajudasse e conseguiram voltar sãos e salvos para o Ashram. Nunca mais voltaram a tentar a façanha. Outros repetiram a tentativa com igual insucesso.

Conquanto pudesse desaprovar determinada atitude Sri Bhagavan raro proibia alguma coisa. A compreensão daquilo que era apropriado e daquilo que não o era tinha que vir de dentro. No caso presente, claramente não era recomendável aos discípulos tentar algo que o próprio mestre não conseguira.

Houve tempo em que Sri Bhagavan costumava passear com frequência pelo monte, bem como subir-lhe ao cimo e fazer-lhe

o circuito (pradakshina), de modo que ficou conhecendo todos os recantos do Arunachala. Um dia, estando a passear a sós, passou por uma velha que catava combustível na encosta da montanha. Parecia tratar-se de uma mulher sem casta como outra qualquer, mas ela dirigiu-se sem temor ao jovem Swami, falando-lhe de igual para igual. Principiando por praquejar grosseiramente, como de hábito acontece com gente da sua espécie, ela disse: — Mereces a pira funerária! Por que perambulas ao sol dessa maneira? Por que não te aquietas?

— Não pode ter sido uma mulher qualquer — disse Sri Bhagavan ao relatar o fato ao seus devotos. — Quem sabe quem ela era?

Com toda certeza nenhuma mulher sem casta teria ousado interpelar o Swami daquela forma. Os devotos supuseram tratar-se de uma manifestação de Arunagiri Siddha, o Espírito de Arunachala. Dali em diante Sri Bhagavan deixou de lado o hábito de errar pela montanha.

Quando Sri Bhagavan chegou a Tiruvannamalai costumava às vezes andar de um lado para outro em estado de transe, conforme já se disse. Tal situação não cessou por completo senão por volta de 1912 quando ocorreu uma experiência de morte, completa e final. Certa manhã ele partiu da Gruta Virupaksha em viagem para Pachaiamman Koil, acompanhado por Palani-swami, Sastri Vasudeva e outros. Tomou lá um banho de óleo e, na volta, aproximava-se de Tortoise Rock quando uma fraqueza física o acometeu. Posteriormente ele descreveu cabalmente o acontecimento.

A paisagem diante de mim desapareceu no instante em que uma cortina branca e brilhante foi corrida ante os meus olhos, eclipsando-a. Percebi distintamente um processo gradual. Houve um estágio em que ainda me era possível ver com clareza uma parte da paisagem ao passo que o restante era coberto pela cortina que avançava. Era o mesmo que colocar uma chapa diante da vista de alguém usando um estereoscópio. Ao sentir aquilo parei de caminhar, a fim de não cair. As coisas voltaram a clarear e reencetei a marcha. Quando a escuridão e a vertigem me acometeram pela segunda vez apoiiei-me a uma pedra

até que a minha vista tornou a clarear. Na terceira vez, ~~mei~~ mais seguro sentar-me, de modo que sentei-me próximo da pedra. Afinal a cortina alva e brilhante velou por inteiro minha visão, minha cabeça começou a flutuar e minha circulação bem com minha respiração parou. A pele foi tomada de um azul muito lívido. Era o matiz habitual da morte e ele tornava-se cada vez mais carregado. Sastri Vasudeva, na verdade, julgou-me morto e segurou-me em seus braços e começou a chorar alto, lamentando meu passamento.

Eu percebia nitidamente seu aperto, a tremedeira que o dominava, assim como ouvia suas palavras de desconsolo e as compreendia. Dava-me conta também do descoramento da minha pele, sentia a parada circulatória e respiratória e um crescente resfriamento das extremidades do meu corpo. Nesse estado persistia, porém, minha consciência normal. Eu não sentia nenhum medo nem tristeza ante as condições do meu corpo. Havia-me sentado na mesma posição próximo da pedra, cerrado os olhos e apoiado o corpo à rocha. O corpo, privado de circulação e respiração, conservava ainda a mesma posição. Tal estado prolongou-se por dez ou quinze minutos. Então um choque percorreu o corpo e a circulação reviveu com enorme força, bem como a respiração, e o corpo começou a transpirar por todos os poros. A cor da vida reapareceu na pele. Abri os olhos, ergui-me e disse: 'Vamos'. Chegamos à Gruta Virupaksha sem novos problemas. Foi o único ataque que tive em que circulação e respiração ficaram interrompidas.

Mais tarde, a fim de corrigir versões errôneas que haviam começado a circular, Sri Bhagavan acrescentou:

Não provoquei intencionalmente o ataque, nem desejei ver que aspecto assumiria o corpo depois da morte, nem disse que não deixarei este corpo sem prevenir as demais pessoas. Foi apenas um desses ataques que de quando em quando me acometiam, com a diferença de que se tratou de uma forma mais séria.

O que a experiência teve de mais notável foi talvez o fato de que tenha sido uma repetição, aumentado por uma verdadeira demonstração física, daquela certeza de resistência através da morte que se constituía no despertar espiritual de Sri Bhagavan. Lembra ela o verso do Thayumanavar, o clássico de Tâmil tantas vezes citado por Sri Bhagavan: "Quando predomina a vasta Extensão que não tem princípio, fim ou meio, há a compreensão da bem-aventurada não-dualidade".

Talvez o episódio tenha assinalado a complementação do integral retorno de Sri Bhagavan à normalidade exterior. É difícil dar qualquer impressão de quanto ele era normal e humano em sua maneira de viver, e, no entanto, é necessário, pois a descrição de sua prévia austeridade pode deixar a impressão de uma pessoa mórbida e intimidativa. Pelo contrário, seus modos eram naturais e isentos de constrangimento e o recém-chegado imediatamente se punha à vontade diante dele. Sua conversação era repassada de senso de humor e o seu riso contagioso, tão parecido com um riso de criança que até mesmo os que não lhe compreendiam a língua terminavam por acompanhá-lo. Tudo nele e no Ashram era limpo e em ordem. Quando se estabeleceu um Ashram normal, a vida ali seguia horários tão rígidos como os de qualquer estabelecimento comercial. Os relógios eram mantidos rigorosamente certos, os calendários estavam sempre atualizados. Nada era desperdiçado. Vi um criado ser repreendido por trazer uma nova folha de papel para encapar um livro quando uma folha já cortada poderia ter servido àquele propósito. Com a comida também: não restava um só grão de arroz em seu prato quando Bhagavan terminava de comer. As cascas dos vegetais não eram atiradas ao lixo, mas reservadas ao gado.

Sri Bhagavan era dono de uma simplicidade e humildade espontâneas. Uma das poucas coisas que provocavam nele alguma demonstração de ira era o fato de algum criado servir-lhe mais do que comer do que a outrem. Ele não gostava de que as pessoas se erguessem à sua chegada e fazia-lhes um leve sinal para que permanecessem sentadas. Certa tarde descia lentamente a encosta na direção do Ashram, alto, tostado de sol, já encanecido, frágil, claudicando um pouco e fortemente apoiado a uma bengala por causa do reumatismo, ao seu lado um

criado baixo e escuro. Um devoto vinha atrás dele, de modo que Bhagavan deu-lhe passagem, dizendo: — Você é mais moço e caminha mais rápido; vá primeiro. — Um ato de cortesia, mas foi tudo quanto o Mestre teve para com o discípulo.

Poder-se-ia prosseguir indefinidamente. Alguns destes pontos surgirão mais apropriadamente no futuro, mas agora que se está fazendo menção a uma volta integral à vida normal é preciso que se mostre quão normal, quão intensamente humana e quão graciosa era essa vida.

A NÃO-RESISTÊNCIA

A NÃO-RESISTÊNCIA pode parecer impraticável numa religião estabelecida, pois todo país tem de ter os seus tribunais e polícia e, ao menos nas condições modernas, seu exército. No entanto, uma religião tem dois níveis de obrigações: a obrigação mínima a todos que a seguem e aos países onde se encontra estabelecida e a obrigação aos que devotam suas vidas a seguir a trilha demarcada, encarando todos os bens mundanos como nada na busca de bem-aventurança. Foi apenas neste segundo e mais elevado sentido que Sri Bhagavan estabeleceu uma trilha, e por isso, para si próprio e para os seus adeptos, podia ele dizer: — não resistais ao mal.

Não se tratava de uma lei social para toda uma comunidade o que ele estava proclamando mas sim um modo de vida para quantos o seguiam. É coisa possível apenas para os que se submeteram à Vontade Divina e aceitam o que vier como justo e necessário, ainda que pelos padrões mundanos possa parecer uma calamidade. Sri Bhagavan disse certa vez a um devoto: — Você agradece a Deus pelas boas coisas que lhe acontecem, mas não lhe agradece as coisas que lhe parecem más; aí é que você faz mal.

Poder-se-ia objetar que essa simples fé é muito diferente da doutrina da Unicidade que Sri Bhagavan ensinava, mas as ditas teorias divergem apenas no plano mental. Ele disse: — A submissão a Deus, ao Guru ou ao Si é tudo quanto se requer.

Como se mostrará em capítulo posterior, esses três modos de submissão não são na realidade diferentes. Basta dizer aqui

que para aquele que é capaz de ater-se ao fato da existência do Si Único toda a atividade exterior parece um sonho ou fita de cinema interpretado no substrato do Si, de modo que a própria pessoa permanecerá como um impassível espectador. Tal foi a atitude de Sri Bhagavan nas poucas ocasiões em que o mal ou o vexame ameaçaram.

Havia tamarindeiros em Gurumurtam e, quando Bhagavan ali morou, muitas vezes sentou-se à sombra daquelas árvores. Um dia, não havendo ninguém por perto, um bando de ladrões surgiu para furtar as vagens maduras dos frutos. Vendo o jovem Swami silencioso ao pé de uma árvore, um dos malfeitores disse: — Vamos por um pouco de seiva nos olhos dele; quero ver se assim ele fala. — A ácida seiva do tamarindo pode cegar um homem, para não se falar na dor intensa que produz, mas o Swami manteve-se imóvel, sem se importar com os próprios olhos nem com os tamarindeiros. Outro componente do bando respondeu: — Ora, deixe ele prá lá! Ele é inofensivo. Vamos dar o fora.

Durante os primeiros anos na montanha surgiu por vezes a indiferença ou a oposição. No estranho mundo dos sadhus, onde alguns são charlatões e alguns lutaram e desenvolveram poderes psíquicos sem libertar-se das suas paixões mais rasteiras, seria de esperar-se que o brilho da Divindade que os devotos reconheciam naquele jovem tão tenro em anos despertasse ressentimentos em alguns poucos, conquanto a maioria se curvasse diante dele e lhe procurasse as bênçãos.

Vivendo numa gruta da montanha havia um idoso sadhu que demonstrara grande apreço por Sri Bhagavan enquanto este permanecera em Gurumurtam. Depois de vir para Virupaksha, Sri Bhagavan visitava-o por vezes e ambos se sentavam em silêncio. O velho levava uma vida de austeridade e tinha seus adeptos; não obstante, estava tão distante de libertar-se das paixões humanas que não podia suportar o fato de que o número dos seguidores do jovem Swami crescia ao passo que os seus próprios adeptos escasseavam. Decidido a matar Sri Bhagavan ou afugentá-lo da montanha, ele escondeu-se na encosta acima de Virupaksha depois do por do sol e desalojou uma série de pedras de modo a que rolassem sobre a gruta. Sri Bhagavan manteve-se imóvel embora uma pedra passasse bem perto dele. Sempre observador, ele sabia muito bem o que estava acontecendo e, certa

vez, subiu rápida e silenciosamente o flanco do monte, suprendendo o velho em flagrante. Este último riu-se e fingiu tratar-se de uma brincadeira.

Tendo falhado em seus intentos, o sadhu invocou o auxílio de Balananda, um malandro bem-parecido e letrado que se impingia ao povo sob o manto de um sadhu. Esta pessoa decidiu-se a tirar partido do prestígio de Sri Bhagavan. Julgando acertadamente que o jovem Swami era demasiado santo para resistir ao mal, começou a fazer-se passar por seu Guru. E dizia aos visitantes: — Este jovem Swami é meu discípulo. — Ou — Sim, dê alguns doces à criança. — E, para Sri Bhagavan: — Tome, Venkataraman, meu filho, coma estes doces. — Ou então alimentava a farsa indo à cidade a fim de comprar coisas para o seu assim chamado discípulo. Tal era a sua desfaçatez que, a sós com Sri Bhagavan, Balananda dizia sem o menor pudor: — Afirmarei ser o seu Guru e arrancarei dinheiro dos visitantes. É inútil que me contradiga. — A arrogância e prepotência daquele homem não conheciam limites e certa noite ele chegou ao cúmulo de aliviar-se na varanda da gruta. Na manhã seguinte ele saiu cedo, deixando algumas roupas sobressalentes, algumas das quais de seda rendada, na gruta. Sri Bhagavan nada disse. Saiu para fazer uma longa caminhada, em companhia de Palaniswami, até uma das piscinas sagradas, e, antes de saírem, Palaniswami lavou a varanda, atirou fora as roupas de Balananda e fechou a gruta.

Ao voltar, Balananda ficou furioso. Esbravejou com Palaniswami pela ousadia de haver mexido em suas roupas e ordenou a Sri Bhagavan que o despedisse imediatamente. Ninguém lhe respondeu nem deu atenção. Em sua fúria, Balananda cuspiu em Sri Bhagavan. Até mesmo aí Sri Bhagavan conservou sua impassibilidade. Os discípulos que lá estavam também se mantiveram tranquilos, sem reagir. No entanto, um devoto de uma gruta mais abaixo soube do acontecido e correu para lá gritando: — Você! Como ousa cuspir no nosso Swami! — Mal se conseguiu impedi-lo de atracar-se com o malandro. Balananda resolveu que já tinha ido longe demais e achou melhor deixar Tiruvannamalai: Declarou que o monte não era local seguro e partiu com sua habitual arrogância. Dirigindo-se para a estação ferroviária, entrou num compartimento de segunda classe sem estar munido de uma passagem. Um jovem casal ocupava o mesmo

compartimento. Ele começou a doutrinar o moço e dar-lhe ordens e, como este não lhe desse atenção, zangou-se e disse: — Que! Não me escuta? Por causa do seu interesse por esta moça não me dá o devido respeito. — O perfumado jovem tirou então sua sandália e com ela aplicou no malandro uma sova por demais merecida.

Depois de alguns meses Balananda voltou e uma vez mais tornou-se inconveniente. De certa feita insistiu em olhar Sri Bhagavan fixamente nos olhos a fim de, conforme declarou, proporcionar-lhe o *nirvikalpa samadhi* (transe espiritual), mas o que aconteceu foi que ele próprio adormeceu e Sri Bhagavan e seus discípulos ergueram-se e se foram. Pouco depois deste episódio a atitude geral a seu respeito mudou de tal forma que ele viu-se mais uma vez obrigado a declarar que o lugar era perigoso e partir dali.

Houve também um outro *sadhu* que tentou ganhar prestígio fazendo-se passar pelo Guru do jovem Swami. Na volta de Kalahasti ele disse: — Fiz toda esta viagem apenas para ver como estava passando. Iniciá-lo-ei no *Dattatreya mantra*.

Sri Bhagavan não se moveu nem falou, de modo que o homem prosseguiu: — Deus apareceu-me num sonho e ordenou-me que lhe desse esta *upadesa*.

— Pois bem — retorquiu Sri Bhagavan — se Deus aparecer-me num sonho e ordenar-me que faça a *upadesa* eu a farei.

— Não, é pouca coisa... apenas uma poucas letras; pode começar já.

— Que proveito poderá ter a sua *upadesa* a menos que eu prossiga com a *iapa* (invocação)? Encontre um discípulo mais bem indicado. Não sou o seu homem.

Algum tempo mais tarde, estando o *sadhu* em meditação, uma visão de Sri Bhagavan surgiu-lhe e disse: — Não fique desapontado! — Amedrontado e julgando que Sri Bhagavan possuía poderes que estava usando contra ele, o *sadhu* apressou-se em ir a Virupaksha desculpar-se e rogar que fosse libertado daquela aparição. Sri Bhagavan assegurou-lhe que não fizera uso de quaisquer poderes e o *Sadhu* verificou não haver ódio nem ressentimentos.

Outra tentativa de menosprezo foi feita por um bando de *sadhus* ébrios. Surgindo certo dia na Gruta de Virupaksha, eles

declararam com toda solenidade: — Somos sadhus de Podikai, o monte sagrado em que o velho Agastya Rishi ainda pratica *tapas* (penitência), como vem fazendo há milênios. Ele ordenou-nos que o levássemos primeiro para a Conferência de Siddhas em Srirangam e depois para Podikai a fim de dar-lhe uma *diksha* (iniciação) como se deve, depois de extrair do seu corpo esses sais que o impedem de alcançar maiores poderes.

Sri Bhagavan, como sempre o fazia em tais ocasiões, não deu resposta. No entanto, um de seus devotos, Perumalswami, desafiou os truões, dizendo: — Já fomos notificados da sua vinda e recebemos ordens de colocar vossos corpos em cadinhos e aquecer esses cadinhos ao fogo. — E, voltando-se para um outro dos devotos: — Cave um fosso num lugar onde possamos fazer fogo para esta gente.

Os visitantes fugiram às carreiras.

Em 1924, quando Sri Bhagavan já estava vivendo no Ashram ao pé do monte, alguns ladrões irromperam no galpão que na época abrigava o túmulo da sua mãe e carregaram algumas coisas. Semanas mais tarde três ladrões assaltaram o Ashram propriamente dito.

Era 26 de junho, cerca de onze e meia da noite. A noite estava escura. Sri Bhagavan já se recolhera ao estrado colocado diante do túmulo de sua mãe. Quatro devotos dormiam sobre o chão, perto da janela. Dois deles, Kunjuswami e Mastan, o primeiro criado, ouviram alguém no lado de fora dizer: — Há seis pessoas dormindo lá dentro.

Kunju gritou: — Quem está aí?

Os ladrões responderam forçando a janela, aparentemente para amedrontar os que estavam dentro. Kunjuswami e Mastan ergueram-se e dirigiram-se para o estrado em que estava Sri Bhagavan. Naquele instante os ladrões arrombaram uma janela lateral, mas Sri Bhagavan prosseguiu imperturbável. Kunjuswami saiu então pela porta norte, pois os ladrões estavam ao sul, e trouxe Ramakrishnaswami, um devoto que dormia na outra tenda a fim de ajudá-lo. Ao abrir a porta, os dois cães do Ashram, Jack e Karuppan, correram para fora. Os ladrões os surraram e os cães refugiaram-se no saguão.

Sri Bhagavan disse aos ladrões que havia muito pouco para levar, mas que lhes daria de bom grado aquelas poucas coisas.

Ou porque temessem alguma armadilha ou porque fossem demasiado estúpidos para afastar-se da rotina, não deram atenção às palavras do Swami e prosseguiram em seus esforços para arrancar uma folha de janela. (Segundo é uso corrente na Índia, as janelas tinham barras de ferro para impedir que alguém as abrisse.) Irado ante aquela fúria destruidora, Ramakrishnaswami pediu permissão a Bhagavan para desafiá-los, mas Bhagavan negou-lha, dizendo: — Eles têm o seu *dharma* (papel), nós temos o nosso. Cabe-nos tolerar e sermos indulgentes. Não interfiramos com eles.

Embora Bhagavan os convidasse a entrar pela porta, os assaltantes prosseguiram com seus métodos violentos. Arrancaram lascas da janela para dar a impressão de que tinham armas de fogo. Uma vez mais disseram-lhes que entrassem e levassem aquilo que queriam, mas suas respostas foram ameaças. Entrementes, Kunjuswami deixara o saguão e se dirigira para a cidade a fim de buscar ajuda.

Ramakrishnaswami tornou a dirigir-se aos ladrões, dizendo-lhes que não fizessem estragos desnecessários e levassem simplesmente aquilo que desejavam. Como resposta, ameaçaram atear fogo ao telhado de sapé. Sri Bhagavan disse-lhes que não fizessem aquilo e ofereceu-se para sair e deixar o saguão só para eles. Era exatamente o que queriam, temendo talvez ainda que os demais os atacassem quando estivessem entregues à sua obra de pilhagem. Sri Bhagavan ordenou primeiro a Ramakrishnaswami que levasse o cão, Karuppan, para um lugar segundo no outro barracão, pois temia que os assaltantes espancassem o animal caso este fosse deixado ali. A seguir, com os outros três homens, Mastan, Thangavelu Pillai e Munisami, um rapaz que fazia a *puja* ou adoração no Ashram, saiu pela porta norte. Os ladrões postaram-se à soleira e os espancaram à medida que eles saíram, tentando ou invalidá-los ou desanimá-los de quaisquer propósitos de resistência. Sri Bhagavan, recebendo um golpe na coxa esquerda, disse: — Se não estiverem satisfeitos, podem golpear também a outra coxa. — Tamakrishnaswami, porém, voltou a tempo de evitar novas pancadas.

Sri Bhagavan e os devotos permaneceram no barracão de sapé (mais tarde demolido) que ficava ao norte do saguão. Os ladrões gritaram-lhes que ali ficassem. — Se se mexerem, quebramos-lhes as cabeças!

Sri Bhagavan disse-lhes: — Vocês têm todo o saguão à sua disposição. Façam o que entenderem.

Um dos ladrões pediu uma lâmpada para tempestades e Ramakrishnaswami, obedecendo instruções de Sri Bhagavan, deu-lhe uma lâmpada acesa. De outra feita um deles veio pedir as chaves do armário que Kunjuswami levava consigo. Os armários foram abertos e ali se encontraram algumas tiras prateadas que serviam para adornar as imagens, algumas mangas e pequena quantidade de arroz, tudo valendo aproximadamente dez rupias. A soma de seis rupias pertencendo a Thangavelu Pillai também foi confiscada.

Decepcionado com a exigüidade da pilhagem, um dos ladrões voltou, brandindo um porrete e gritando: — Onde está o dinheiro? Onde é que o guardam?

Sri Bhagavan disse-lhe: — Somos pobres sadhus que vivem da caridade alheia e nunca temos dinheiro. — E o ladrão, a despeito de suas contínuas ameaças, teve de contentar-se com aquilo.

Sri Bhagavan recomendou a Ramakrishnaswami e aos demais que colocassem pomada nos seus ferimentos.

— E o Swami? — indagou Ramakrishnaswami.

Sri Bhagavan riu e replicou: — Também recebi alguma *puja*, fazendo um trocadilho com a palavra que tanto significa adoração quanto *pancadas*.

Vendo a marca na coxa do Swami, Ramakrishnaswami sentiu uma súbita onda de ódio. Apanhou um barra de ferro que estava no local e pediu permissão para ir ver o que os ladrões andavam fazendo, mas Sri Bhagavan fê-lo mudar de idéia. — Somos sadhus. Não devemos desistir de nossa *dharma*. Se você atacá-los, alguns deles poderão morrer e o mundo nos culpará a nós e não a eles pelo sucedido. Eles não passam de homens desorientados e cegos pela ignorância, mas vejamos aquilo que é direito e não nos afastemos disso. Se seus dentes mordem subitamente sua língua, acaso você os arranca por isso?

Eram duas horas da manhã quando os ladrões se foram. Pouco depois Kunjuswami retornou em companhia de um policial da cidade e dois guardas. Sri Bhagavan continuava sentado no barracão norte, falando a seus devotos de coisas espirituais. Os policiais perguntaram-lhe o que havia acontecido e

ele observou simplesmente que alguns tolos haviam invadido o Ashram e se retirado frustrados por não encontrarem nada que valesse a pena. Os guardas fizeram uma anotação da ocorrência e se foram em companhia do oficial. Munisami correu atrás deles e disse-lhes que o Swami e os outros haviam sido espancados pelos ladrões. Pela manhã o inspetor, o sub-inspetor e um guarda-chefe vieram investigar e, mais tarde, surgiu o delegado-superintendente. Sri Bhagavan não falou a ninguém da sua machucadura e do roubo, senão quando instado a tanto. Alguns dias mais tarde foi recuperada parte da mercadoria roubada e os ladrões, presos e condenados a cadeia.

CAPÍTULO VIII

A MÃE

Pouco depois que a mãe de Sri Bhagavan retornou da sua infrutífera tentativa de trazê-lo de volta ao lar em 1900, ela perdeu o seu filho mais velho. Dois anos mais tarde o filho mais novo, Nagasundaram, um rapaz de apenas dezessete anos de idade, foi a Tiruvannamalai pela primeira vez a fim de ver o irmão Swami. Tão aturdido ficou que o abraçou aos prantos. Sri Bhagavan manteve-se silencioso, imperturbável. A mãe veio certa vez fazer-lhe uma breve visita, ao regressar de uma peregrinação a Benares. Em 1914 ela fez uma peregrinação ao santuário de Venkataramanaswami em Tirupati e uma vez mais parou em Tiruvannamalai, por ocasião da volta. Desta feita adoeceu e sofreu bastante durante várias semanas com sintomas de febre tifóide. Sri Bhagavan cuidou dela com grande solicitude. Os versos que compôs durante a moléstia da mãe são o único exemplo conhecido de uma sua prece que tenha influenciado o curso dos acontecimentos.

Senhor! Monte do meu refúgio, que curais os males dos renascidos, cabe a Vós curar a doença de minha mãe.

Deus que chacinais a morte! Revelai vossos pés no Coração-de-Loto daquela que me concebeu e entre vossos Pés-de-Loto se refugiou, e protegeí-a da morte. Que é a morte a um exame mais profundo?

Arunachala, fogo abrasador da Sabedoria! Envolvei minha mãe em vossa luz e fazei-a Una convosco. De que serve então a cremação?

Arunachala, dissipador de ilusões! Por que Vos demorais em dissipar o delírio de minha mãe? Existirá alguém que não Vós, para velar como uma mãe aquela que procurou refúgio em Vós e salvá-la da tirania do karma?

Ostensivamente uma oração para que a sua mãe fosse salva da febre, trata-se na realidade de uma oração para que ela fosse salva também da febre mais ampla da ilusão e fosse posta uma vez mais em Unicidade com o Si, liberta do delírio da vida.

Desnecessário será dizer-se, Alagammal sarou. Ela voltou para Manamadura, mas depois daquela oração as circunstâncias atraíram-na na vida mundana para existência do Ashram. A casa da família em Tiruchuzhi fora vendida para pagamento de dívidas e despesas obrigatórias. O cunhado, Nelliappier, morrera, deixando a família em condições nada lisonjeiras. Em 1915 a mulher do filho mais moço, Nagasundaram, morreu, deixando um filhinho que foi adotado por sua tia Amelu, já agora casada. Alagammal começou a sentir que o único lugar para os seus dias de velhice era junto ao seu filho Swami. No princípio de 1916 foi ela para Tiruvannamalai.

A princípio ficou alguns dias com Echammal. Alguns dos devotos opunham-se a que ficasse em companhia de Sri Bhagavan, temendo que este deixasse sua morada a título de protesto, como fizera em 1896. No entanto, havia uma grande diferença, pois agora era ela quem havia renunciado ao lar e não ele quem estava sendo detido ali. A majestade de Sri Bhagavan era tão terrífica que, a despeito de sua atitude gentil, quando se apresentava uma pergunta acerca de seus desejos ninguém se atrevia a interpelá-lo diretamente. Mesmo quando o faziam era comum permanecer ele imóvel, sem dar resposta, pois não tinha desejos. O desejo de que a mãe sarasse expresso nos versos é algo excepcional.

Pouco depois que a mãe veio morar com ele, Sri Bhagavan mudou-se de Virupaksha para Skandashram, pouco mais acima na montanha e bem sobre Virupaksha. Trata-se de uma gruta algo mais espaçosa e construída para que ele a ocupasse. Encontrando ali uma faixa de pedra úmida, adivinhou a existência de uma fonte oculta. Esta, após muito martelar e explodir, sur-

giu afinal e forneceu um jorro d'água perene, suficiente para atender às necessidades do Ashram e até mesmo às de um pequeno jardim erigido em frente à gruta. A mãe começou a preparar refeições e, destarte, começou uma nova época na vida do Ashram.

Desejando atrair também o seu filho mais moço para o Ashram, Alagammal mandou um devoto chamá-lo. O jovem abandonou o emprego que tinha em Tiruvengadu e foi viver em Tiruvannamalai. A princípio ficou na cidade, comendo na casa de um ou outro amigo e fazendo visitas diárias ao Ashram. Pouco depois fez voto de renúncia e vestiu o manto alaranjado sob nome de Swami Niranjanananda, embora o mais das vezes fosse familiarmente chamado de Chinnaswami, o Pequeno Swami, por ser irmão do Swami. Durante algum tempo continuou mendigando diariamente sua comida na cidade, mas depois pareceu estranho aos devotos que o próprio irmão do Swami vivesse mendigando quando havia comida para todos no Ashram e instaram com o jovem que ali se fixasse.

Era quase como se Sri Bhagavan houvesse voltado à vida em família, havendo a família crescido e abarcado toda a legião dos seus devotos. Na verdade, muitas vezes referia-se aos devotos como sendo a sua família. A aparente contradição fez com que de início sua mãe e irmão se excusassem de vir viver com ele. Seshadriswami mencionou certa vez a situação à sua moda. Um visitante que se detivera para vê-lo desejava prosseguir montanha acima a fim de avistar-se com Ramanaswami e: — Sim, — disse ele. — Vá ver. Há um chefe de família lá em cima. Você lá ganhará bolos de presente.

O espírito no gracejo de Seshadriswami é que via de regra se considerava o *status* do chefe de família mais baixo que o de um sadhu, uma vez que o sadhu pode dedicar-se inteiramente à busca ao passo que o chefe de família tem preocupações mundanas. O próprio ato de renunciar ao lar e à propriedade é visto como um grande passo à frente. Por essa razão numerosos devotos perguntaram a Sri Bhagavan se deveriam renunciar. Sri Bhagavan sempre desaconselhava a medida. No caso abaixo referido ele explicou que a renúncia não é uma retirada mas uma ampliação do amor.

DEVOTO: Estou propenso a deixar meu emprego e ficar para sempre com Sri Bhagavan.

BHAGAVAN: Bhagavan está sempre contigo, em ti. O Si em ti é Bhagavan. É isso o que deve compreender.

D: Mas sinto a necessidade, o impulso de desvincular-me e renunciar ao mundo como um *sannyasin*.

BH: Renúncia não significa um despojar-se exterior das roupas e um abandono do lar. A verdadeira renúncia é a renúncia dos desejos, paixões e vínculos.

D: Mas uma devoção integral a Deus talvez não seja possível a menos que se deixe o mundo.

BH: Não; aquele que verdadeiramente renuncia funde-se na realidade com o mundo e estende o seu amor de modo a abarcar todo o mundo. Seria mais apropriado descrever a atitude do devoto como amor auniversal do que abandonar o lar e vestir-se com o manto alaranjado.

D: No lar os laços de afeição são demasiado fortes.

BH: Aquele que renuncia sem estar maduro para tanto cria apenas novos vínculos.

D: Não é a renúncia o meio supremo de romper ligações?

BH: Pode ser assim no caso daquele cuja mente está liberta de vinculações. Mas não percebeste a implicação mais profunda da renúncia: grandes almas que abandonaram a vida do mundo fizeram-no não por aversão à vida em família, mas em razão do seu amor imenso e extensivo a todos, homens e criaturas.

D: Os laços da família um dia serão desfeitos de qualquer forma, portanto por que não poderei tomar agora a iniciativa de quebrá-los, de modo que o meu amor por todos seja igual?

BH: Quando realmente sentires esse amor igual por todos, quando teu coração estiver em ponto de abarcar toda a humanidade, com certeza não sentirás desejo de abandonar isto ou aquilo; irás simplesmente afastar-te da vida secular do mesmo modo que um fruto maduro se desprende do galho de uma árvore. Sentirás que o mundo inteiro é o teu lar.

Não é de admirar que tais perguntas ocorressem com frequência e que muitos se surpreendessem das respostas obtidas,

pois a atitude de Sri Bhagavan era contrária ao ponto de vista tradicionalmente aceito. Conquanto as verdades espirituais transmitidas através dos séculos não variem, os Mestres adaptam as formas de treinamento conducentes à compreensão da Verdade a fim de acomodá-las às condições da época. No mundo moderno há muitos para quem a renúncia ou mesmo a plena observação da ortodoxia é impossível. Há devotos que são homens de negócios, escriturários, médicos, advogados, engenheiros, vinculados de uma ou outra forma à vida e aos costumes de uma cidade moderna, e, contudo, não deixam de procurar a Liberação.

A explicação mais comumente dada por Sri Bhagavan era que a verdadeira renúncia está na mente e nem é alcançada através da renúncia física, nem é impedida pela falta desta.

— Por que te julgas um chefe de família? Pensamentos análogos de que és um *sannyasin* perseguir-te-ão mesmo que saias como um deles. Quer continues no lar ou renunciés a ele e te embrenhes nas matas, tua mente é aquilo que irá atormentar-te. O ego é a fonte do pensamento. Ele cria o corpo e o mundo e faz-te pensar que és um chefe de família. Se renunciáres estarás apenas substituindo o pensamento de renúncia pelo de lar e o do ambiente da floresta pelo da casa. Mas os obstáculos mentais estarão sempre diante de ti. Aumentarão mesmo na nova ambiência. De pouco adianta a mudança de ambiente. O obstáculo único é a mente e é preciso superá-lo, seja em casa seja no jângal. Se tal coisa é possível no jângal por que não o será em casa? Portanto, para que mudar de ambiente? Teus esforços podem começar a ser feitos agora mesmo, qualquer que seja o ambiente.

Sri Bhagavan explicou também que não é o trabalho feito que se constitui em obstáculo para a *sadhana*, mas tão-somente a atitude mental com que é feito, e que é possível prosseguir em nossas atividades normais, porém sem vinculações. — O sentimento “eu trabalho” é o obstáculo — disse ele no *Evangelho de Maharshi*; — pergunta-te a ti mesmo quem trabalha. Lembra-te de quem és. Então o trabalho não te escravizará, prosseguirá de forma automática.

Em *Dia a Dia com Bhagavan*, de autoria de Devaraja Mudaliar, registra-se uma explicação mais cabal.

É possível executar todas as atividades da vida com isenção e apreço exclusivo pelo Si real. É errôneo supor que quando se está fixado no Si os deveres quotidianos não serão convenientemente executados. É como um ator. Ele se traja, representa e até mesmo sente o papel que está desempenhando, mas sabe não ser o personagem e sim uma pessoa diferente na vida real. Da mesma forma, por que haveria a consciência do corpo ou o sentimento de "eu sou o corpo" de perturbar-nos quando sabemos ao certo que não somos o corpo mas o Si? Nada que o corpo faz nos deve abalar da permanência no Si. Tal permanência jamais interferirá com a execução das tarefas cabíveis ao corpo, da mesma forma pela qual o fato de o ator ter conhecimento do seu verdadeiro *status* na vida não interferirá com o seu desempenho profissional no palco.

Assim também uma meditação ou recordação, dê-se-lhe o nome que quiser, não prejudica o trabalho feito e o trabalho não prejudica a meditação. Sri Bhagavan explicou-o claramente numa conversa com Paul Brunton.

BH: Não é preciso renunciar-se à vida ativa. Se você meditar uma ou duas horas por dia, poderá dar seguimento normal aos deveres. Se meditar de modo certo, então a corrente mental induzida continuará a fluir durante o trabalho. É como se houvesse duas formas de expressar a mesma idéia; a mesma linha adotada na meditação será expressa em suas atividades.

P. B: Qual será o resultado dessa atitude?

BH: Com o passar do tempo, você constatará que sua atitude relativamente às pessoas, fatos e objetos irá gradualmente se modificando. Suas ações tenderão naturalmente a acompanhar suas meditações.

Um homem deve deixar de lado o egoísmo pessoal que o vincula ao mundo. Abandonar o falso si é a verdadeira renúncia.

P. B: Como é possível tornar-se desinteressado, levando ao mesmo tempo uma vida de atividade mundana?

BH: Não há antagonismo entre trabalho e sabedoria.

P. B: Quer dizer que é possível prosseguir com todas as velhas atividades profissionais e, ao mesmo tempo, alcançar a Iluminação?

BH: Por que não? Mas em tal caso a pessoa não pensará que é a antiga personalidade quem está fazendo o trabalho, pois a consciência de cada um será gradualmente transformada até entrar Naquilo que se situa além do pequeno si.

Muitos se espantam a princípio diante da injeção de trabalhar com isenção e perguntam-se se o o seu trabalho pode realmente ser executado com eficiência por essa maneira. Todavia, essas pessoas têm diante de si o exemplo do próprio Sri Bhagavan, pois tudo quanto este fazia era meticulosamente correto, fosse corrigindo provas ou encadernando um livro, preparando uma refeição ou recortando e polindo uma colher de casca de coco. E, na verdade, até mesmo antes que a ilusão do "eu sou o autor" seja dissipada, uma atitude de distanciamento com relação ao trabalho não compromete mas tonifica a eficiência, desde que combinada a um sentimento de consciência, pois não implica em indiferença pela qualidade de trabalho feito, mas apenas na não intrusão do ego nesse trabalho. E é a intrusão do ego que causa tanto fricção quanto ineficiência. Se todas as pessoas executassem o seu trabalho simplesmente por tratar-se do seu trabalho, sem vaidade ou egoísmo, a exploração cessaria, os esforços seriam dirigidos no sentido certo, a coordenação tornaria o lugar da rivalidade, e a maioria dos problemas do mundo seria resolvida. Que a eficiência do trabalho feito não seria comprometida isso é aparente se lembrarmos que as épocas de fé em todas as religiões produziram a arte mais fina, seja em matéria de catedrais góticas ou mesquitas, seja em matéria de esculturas hindus ou pinturas taoístas, por artistas que se consideravam a si próprios como instrumentos e preferiam permanecer no anonimato. Pode-se citar também exemplos de outras profissões. Um médico age de forma mais eficiente quando não emocionalmente envolvido e, na verdade, por essa razão, amiúde prefere não tratar da própria família. Um financista se mostra mais frio e eficiente quando seus próprios interesses não entram em cena. Até mesmo nos jogos de azar a sorte favorece os mais des preocupados.

A injunção de dar prosseguimento à vida caseira muitas vezes levou ao argumento de que o próprio Sri Bhagavan havia deixado o lar. A isto ele costumava responder concisamente que todo homem age segundo o seu *prarabdha* (destino). No entanto, é digno de consideração que a plena normalidade exterior e participação na rotina diária da vida que Sri Bhagavan tão bem exemplificou em anos posteriores, e que ele recomendou aos seus seguidores, não lhe foi possível imediatamente após o Despertar em casa do seu tio em Madura. A resposta é que aquilo que se tornara possível a Sri Bhagavan, este, por sua Graça, tornava possível a quantos o seguiam.

Voltando à mãe: ela recebeu um treinamento dos mais duros. Frequentemente Sri Bhagavan a ignorava, deixava de responder-lhe quando ela falava, embora tomasse conhecimento dos demais. Se ela se queixava ele dizia: — Todas as mulheres são minhas mães, não apenas você. — Lembra-nos as palavras de Cristo quando lhe disseram que sua mãe e irmãos estavam postados entre a multidão, à espera de poder falar com ele: — Todo aquele que faz a vontade do meu Pai Celeste é meu irmão, irmã e mãe.

A princípio a mãe de Sri Bhagavan costumava chorar, amiúde, de humilhação, mas uma compreensão gradual desenvolveu-se nela. O sentimento de superioridade por ser a mãe do Swami desapareceu, o sentimento do ego enfraqueceu e ela entregou-se ao serviço dos devotos.

Até mesmo agora ele caçoava dos escrúpulos ortodoxos da mulher. Se o sari desta tocava por acaso um não-brâmane, ele exclamava em tom de troça e consternação: — Veja! Acabou a Pureza! Acabou a Religião! — A comida no Ashram era exclusivamente vegetariana, mas Alagammal assim como alguns brâmanes de grande devoção, iam ainda mais longe e consideravam alguns vegetais como *não-sattvic* (impuros) e Sri Bhagavan costumava comentar em tom de galhofa: — Cuidado com essa cebola! É um grande obstáculo à Moksha (Liberação)!

Deve-se dizer aqui que Sri Bhagavan não era de modo geral contrário à ortodoxia. Nos casos citados havia demasiada vinculação à ortodoxia em suas várias formas e era isso que ele combatia. Via de regra ele salientava a importância da comida *sattvic* (pura). Não era comum vê-lo fazer injunções quanto à atividade externa; seu método habitual era semear a semente

espiritual no coração e permitir que ela modelasse a vida externa à medida que fosse crescendo. As injunções vinham de dentro. Um devoto ocidental era um contumaz comedor de carne quando chegou, encarando a carne como a verdadeira substância de uma refeição bem como a sua parte mais saborosa e, sem que se falasse qualquer palavra a respeito do assunto, veio o dia em que passou a repugnar a própria idéia de comer carne.

Deve-se explicar, entre parênteses, para os leitores não-hindus, que a prática do vegetarianismo não se deve apenas a uma não inclinação no sentido de tirar a vida e comer carne, embora essa seja uma das razões que a justificam, mas também a que a comida *não-sattvica* (que compreende certos vegetais assim como as carnes) tende a aumentar as paixões animais e impede os esforços espirituais.

Houve também outras formas pelas quais a mãe se deu conta de que aquele que tivera por filho era uma Encarnação Divina. Certa vez, estando ela diante dele, o filho desapareceu, dando lugar a um *lingam* (colunas) de luz pura. Julgando haver ele repudiado a sua forma humana ela prorrompeu em lágrimas, mas logo o *lingam* desapareceu e Bhagavan mostrou-se como antes.

Em outra ocasião a mãe viu-o engrinaldado e rodeado de serpentes, conforme a representação convencional de Xiva. Ela gritou-lhe: — Mande-as embora! Tenho medo delas!

Depois disso suplicou-lhe que lhe aparecesse apenas sob a forma humana. A finalidade das visões fora satisfeita; a mulher compreendera que a forma por ela conhecida e amada como filho era tão ilusória como qualquer outra que ele pudesse assumir.

Em 1920 a saúde da mãe começou a falhar. Ela viu-se obrigada a trabalhar menos no serviço do Ashram e a descansar mais. Durante a doença Sri Bhagavan cuidou dela com constância, freqüentemente passando a noite em claro ao seu lado. Em silêncio e meditação a compreensão da mulher amadureceu.

O fim sobreveio em 1922, no festival de Bahula Navami, que aquele ano caiu em 19 de maio. Sri Bhagavan e outros cuidaram dela todo aquele dia, sem comer. Nas proximidades do por do sol serviu-se uma refeição e Sri Bhagavan pediu aos

demais que fossem comer, mas ele próprio não o fez. À noite um grupo de devotos cantou os Vedas à cabeceira dela, ao passo que outros invocavam o nome de Ram. Durante mais de duas horas esteve ela arquejante, a respiração saindo-lhe com dificuldade, e durante todo o tempo Sri Bhagavan manteve-se ao seu lado, sua mão direita sobre o coração da mãe e sua esquerda sobre a cabeça. Desta vez não havia como prolongar a vida, apenas como apaziguar a mente de modo que a morte fosse como *Mahasamadhi*, absorção no Si.

As oito horas da noite ela foi afinal liberada do corpo. Sri Bhagavan ergueu-se de pronto, bastante alegre. — Agora podemos comer — disse ele. — Venham, não há poluição.

Isto tinha um significado profundo. Uma morte hindu envolve poluição ritualística e exige ritos purificadores, mas ali não se tratava de morte e sim reabsorção. Não havia alma desencarnada mas uma perfeita União com o Si e por isso não se faziam necessários quaisquer ritos purificadores. Alguns dias mais tarde Sri Bhagavan confirmou-o: quando alguém fez uma breve alusão ao passamento de sua mãe, ele corrigiu-o incisivamente, — ela não morreu, foi absorvida.

Descrevendo posteriormente o processo ele disse: — Tendências inatas e a sutil recordação de experiências passadas levando a possibilidades futuras tornaram-se muito ativas. As cenas se desdobravam diante dela em seqüência, havendo já desaparecido os sentidos exteriores. A alma passava por uma série de experiências, evitando destarte a necessidade de um renascimento e tornando possível a União com o Espírito. A alma foi por fim despojada de sua sutil vestimenta antes de atingir o seu Destino final, a Paz Suprema da Liberação da qual não se volta à ignorância.

Embora fosse potente a ajuda dada por Sri Bhagavan, foi a santidade de Alagammal, sua prévia renúncia ao orgulho, que lhe permitiram beneficiar-se dela. Ele disse mais tarde: — Sim, no caso dela foi um sucesso; numa ocasião anterior fiz o mesmo a Palaniswami quando o fim se aproximava, mas foi um fracasso. Ele abriu os olhos e morreu. — Bhagavan acrescentou, porém, que o insucesso não foi total no caso de Palaniswami, pois embora o ego não tenha sido reabsorvido no Si, a maneira pela qual se deu a partida deu indicações de um bom renascimento. Frequentemente quando os devotos padeciam de aflições Sri

Bhagavan recordava-lhes que apenas o corpo morre e apenas a ilusão do "eu sou o corpo" faz a morte parecer uma tragédia. Agora, em época de aflição própria, ele não deu qualquer demonstração de dor. Toda a noite ele e os devotos entregaram-se a cantar canções sacras. A indiferença ante a morte física da mãe é o verdadeiro comentário acerca da sua oração quando da doença prévia da progenitora.

Surgiu então a questão da acomodação do corpo. Havia o testemunho do próprio Bhagavan de que ela tinha sido absorvida no Si sem ficar sujeita à ilusão do renascimento do ego, mas restou alguma dúvida quanto a enterrar ou cremar o corpo de uma mulher Santa. Foi então lembrado que em 1917 este mesmo ponto fizera parte de uma série de questões apresentadas a Sri Bhagavan por Ganapati Sastri e sua gente e respondidas afirmativamente. — Desde que *Gnana* (conhecimento) e *Mukti* (Libertação) não diferem em função do sexo, o corpo de uma mulher Santa também dispensa cremação. Seu corpo também é morada de Deus.

No caso de ela deixar o Ashram bem como no de ela e ele se incorporar, ninguém se dispôs a pedir ao próprio Sri Bhagavan uma decisão, nem foi tal decisão proferida. Pareceu não haver ocorrido a ninguém que a resposta tinha sido dada na oração de 1914: — Envolvei minha mãe em Vossa Luz e fazei-a Una Convosco! Que necessidade então de cremação?

Sri Bhagavan manteve-se silencioso e sem participar. O corpo da mãe foi enterrado no sopé do monte, ao sul, entre Palitirtham e o Mantapam de Dakshinamurthi (santuário). Parentes e amigos vieram para a cerimônia e grossas multidões acorreram da cidade. Cinzas sagradas, cânfora, incenso, foram jogados na cova em torno do corpo antes que esta fosse preenchida com terra. Construiu-se uma lápide e sobre ela instalou-se um lingam sagrado trazido de Benares. Mas tarde foi erguido um templo no local, completado afinal em 1949 e conhecido como templo de Matrubhateswara, o Templo do Deus manifesto como Mãe.

Assim como a chegada da mãe havia marcado uma época na vida do Ashram, assim também aconteceu com a sua partida. Ao invés de ser contido, o desenvolvimento aumentou. Havia devotos que achavam que, à maneira do *Shakti* ou Energia Cria-

dora, sua presença era agora mais poderosa do que antes. Certa ocasião Sri Bhagavan disse: — Onde foi ela? Ela está aqui.

Swami Niranjanananda fixou residência no sopé do monte, perto do túmulo, num prédio recoberto de sapé que ali foi erguido. Sri Bhagavan permaneceu em Skandashram mas descia quase todos os dias até o túmulo, situado a cerca de meia hora de distância. Certo dia, quase meio ano mais tarde, ele saiu a passeio e, estando a caminho, sentiu um poderoso impulso de descer até o túmulo e ali permanecer. Não voltando, seus devotos seguiram-no e assim foi fundado o Sri Ramanashram. — Não foi por vontade própria que transferi-me de Skandashram — disse Bhagavan posteriormente. — Algo me trouxe até cá e eu obedeci. Não foi decisão minha mas Vontade de Deus.

ADVAITA

SRI BHAGAVAN não era um filósofo e não havia qualquer desenvolvimento em seus ensinamentos. Suas primeiras exposições, "Auto-investigação" e "Quem Sou Eu?" não diferem em teoria doutrinária daquilo que ele transmitiu verbalmente em seus derradeiros anos.

Quando, ainda rapaz de dezesseis anos, ele percebeu sua identidade como o Absoluto, com Aquilo que é Ser Puro subjacente a tudo quanto há, tratou-se de conhecimento informal e intuitivo cujas implicações apenas mais tarde foram reconhecidas. — Eu não sabia ainda que existia uma Essência ou Ser Impessoal Real subjacente a tudo e que Deus e eu éramos idênticos a ela. Mais tarde, em Tiruvannamalai, ao ouvir a leitura do Gita Ribhu e outros livros sagrados, aprendi tudo isto e percebi que analisavam e davam nome aquilo que eu sentira intuitivamente, sem análise nem nome.

Não era uma questão de opinião mas de Verdade reconhecida; vale dizer que ele não ficou convencido por aquilo que leu mas apenas percebeu a conformidade com aquilo que já sabia intuitivamente.

Todos os modos e níveis de doutrinas estão compreendidos no Hinduísmo, todos eles legítimos e correspondendo aos vários modos de abordagem requeridos por pessoas de vários temperamento e desenvolvimento. A abordagem através do amor e adoração de um Deus Pessoal existe, tal como existe nas Religiões ocidentais ou semíticas. Da mesma forma existe a aborda-

gem através do serviço, vendo Deus manifesto em todas as Suas criaturas e adorando-O servindo a elas. No entanto, o reconhecimento do Ser Puro como o Si de cada um e o Si do universo e de todos os seres é a Verdade suprema e última, transcendendo todos os demais níveis de doutrina sem negar-lhes a verdade em seu próprio plano. Esta é a doutrina do Advaita, Não-Dualidade, ensinada pelos antigos Rishis e preeminentemente por Shankaracharya. É a mais simples bem como a mais profunda, sendo a verdade última ulterior a todas as complexidades da cosmologia.

Não-dualidade significa que existe apenas o Absoluto. Todo o cosmos existe dentro do Absoluto, não tendo realidade intrínseca mas manifestando apenas o Absoluto que, no entanto, permanece eternamente não modificado e não manifesto, assim como as pessoas e acontecimentos de um sonho de um homem existem dentro dele e não têm realidade fora dele, embora nada lhe acrescentem através da sua criação e nada lhe tirem através do seu desaparecimento. Isto significa que o Absoluto é o Si dos cosmos e de todos os seres. Assim sendo, ao procurar-se o Si, através da constante investigação "Quem sou eu?", torna-se possível ao homem compreender sua identidade com o Ser Universal. Era o mais puro Advaita aquilo que Sri Bhagavan ensinava.

Alguns podem temer que a doutrina do Si Único os prive de um Deus Pessoal a Quem rezem, mas não há necessidade de tais temores, pois enquanto perdurar a realidade do ego que reza durará a realidade do Deus a Quem se reza; enquanto o homem aceitar seu ego como uma realidade, o mundo externo e Deus também serão realidades para ele. Este é o nível de uma religião dualista e um Deus Pessoal. É verdadeiro mas não a Verdade última. — Todas as religiões postulam os três fundamentais: indivíduos, Deus e o mundo. Apenas enquanto o ego perdura é que se diz ou "o Uno manifesta-se como os três" ou "Os três são realmente três". O estado supremo é ser inerente ao Si, o ego extinto. (Quarenta Versos sobre a Realidade, v. 2.)

Algumas pessoas rebelam-se também contra a concepção do mundo como irreal, mesmo ao admitir a realidade do Espírito, mas isso se deve a que não tenham compreendido em que sentido é irreal. Sri Bhagavan amiúde o explicou e, mais do que

em qualquer outra parte, fê-lo com concisão na seguinte declaração anotada por S.S. Cohen:

Shankaracharya tem sido criticado por sua filosofia de Maya (ilusão) sem que se tenha compreendido o que quer dizer. Fez ele três assertivas: que Brahma é real, que o universo é irreal e que Brahma é o universo. Ele não se deteve à segunda assertiva. A terceira explica as duas primeiras; significa que quando o universo é percebido à parte de Brahma tal percepção é falsa e ilusória. Em suma, os fenômenos são reais quando experimentados como o Si e ilusórios quando vistos à parte do Si.

Os ensinamentos de Sri Bhagavan eram eminentemente práticos. Ele só expunha uma teoria quando respondendo às necessidades específicas e perguntas dos devotos e como base necessária da prática. Quando lembrado certa vez (no Evangelho de Maharshi) de que Buda negara-se a responder perguntas acerca de Deus, replicou aprobativamente: — De fato, Buda preocupava-se mais com orientar o pesquisador no sentido de compreender a Bem-aventurança aqui e ali do que com discussões acadêmicas acerca de Deus e assim por diante.

Assim também ele próprio recusava-se com freqüência a satisfazer determinadas curiosidades, fazendo, ao invés, o pesquisador voltar-se para a necessidade do *sadhana* ou esforço. Indagado a respeito do estado póstumo do homem, ele poderia responder: — Por que deseja saber o que será depois da morte, antes de saber o que é agora? Descubra primeiro aquilo que é.

Um homem é agora e para sempre o Si imortal por detrás desta e de outras vidas, mas dizer isso ou acreditar assim não basta; é preciso lutar para compreendê-lo. Igualmente, se perguntado acerca de Deus, Bhagavan poderia responder: — Por que deseja saber acerca de Deus antes de saber de si próprio? Descubra primeiro aquilo que é.

O processo através do qual se deve fazer isto é descrito num capítulo posterior, mas, desde que o capítulo seguinte já relata instruções de Sri Bhagavan aos devotos, faz-se referência a ele aqui bem como aos ditos ensinamentos.

Que seus ensinamentos não eram “filosofia” no sentido usual do termo isso se pode ver no fato de que (conforme res-

saltará em suas respostas a Sivaprakasam Pillai no capítulo seguinte) Bhagavan não instruía seus discípulos a pensar na solução dos problemas mas a eliminar o pensamento. Isto pode dar idéia de que o processo seja estupefaciente, mas, conforme explicou Sri Bhagavan a Paul Brunton na conversação citada no Capítulo II, o contrário é verdadeiro. Um homem é idêntico ao Si, que é Ser Puro, pura Consciência, pura Bem-aventurança, mas a mente cria a ilusão de uma individualidade em separado. Durante o sono profundo a mente se aquieta e o homem se torna uno com o Si, mas de uma forma inconsciente. No *samadhi* ele se torna uno com o Si de uma forma plenamente consciente, não no escuro mas à luz plena. Se a interferência da mente é suprimida, a consciência do Si pode, pela Graça do Guru, despertar no coração, preparando destarte o caminho da abençoada Identidade, de um estado que não é torpor ou ignorância mas fulgor. Sabedoria, puro ser.

Muitos poderão repugnar a idéia da destruição da mente ou (o que dá na mesma) da individualidade separada, achando-a aterrorizante, e, contudo, acontece-nos diariamente durante o sono e, longe de temer adormecermos, consideramos o sono como coisa desejável e agradável, ainda que no sono a mente só seja aquietada de uma forma ignorante. Em arrebatamento ou êxtase, por outro lado, a mente está momentaneamente absorvida e aquietada numa experiência fragmentária da bem-aventurança que é a sua verdadeira natureza. As próprias palavras indicam a transcendência da individualidade, uma vez que "arrebatamento" significa etimologicamente ser transportado e "êxtase" estar fora de si. A expressão "é abafante" significa, na realidade, "é de abafar o pensamento", pois a fonte do pensamento e da respiração é a mesma, como Sri Bhagavan explicou ao falar do controle da respiração. A verdade é que a individualidade não se perde mas se amplia ao infinito.

A eliminação dos pensamentos é como o propósito de concentrar na consciência mais profunda que há por detrás e além do pensamento. Longe de enfraquecer a mente, ela a fortalece, pois ensina a concentração. Sri Bhagavan com freqüência o confirmou. A mente débil e sem controle é constantemente distraída por pensamentos irrelevantes e perturbada por preocupações inúteis; a mente forte o suficiente para concentrar-se, seja no que for, pode voltar sua concentração no sentido da

eliminação dos pensamentos na busca do Si, e inversamente, o esforço para eliminar os pensamentos à maneira prescrita dá força e poder de concentração.

Quando a busca é consumada as faculdades da mente não se perdem: Sri Bhagavan ilustrou-o comparando a mente do Gnani à lua no céu do meio-dia: é iluminada mas sua luz não é necessária no brilho maior do sol que a ilumina.

ALGUNS DOS PRIMEIROS DEVOTOS

EMBORA NUNCA variasse a doutrina ensinada por Sri Bhagavan, a forma de ensinar variava em função do caráter e da compreensão daquele que perguntava. Durante os anos na montanha conservaram-se registros das experiências de alguns dos devotos e das explicações por eles recebidas, e umas poucas dentre estas são citadas abaixo. Pode-se na verdade dizer que as experiências de seus devotos constituem a biografia de Sri Bhagavan, uma vez que ele próprio achava-se estabelecido na imutabilidade ulterior aos acontecimentos e experiências.

SIVAPRAKASAM PILLAI

Sivaprakasam Pillai era um dos intelectuais entre os devotos. Cursara Filosofia na universidade e já ponderara nos mistérios do Ser. Em 1900 foi designado para um cargo no Departamento de Rendas, no distrito de Arcot. Dois anos mais tarde seu trabalho levou-o a Tiruvannamalai e ele ouviu falar no jovem Swami na montanha. Sentiu-se cativado logo à primeira visita e transformou-se num devoto. Propôs catorze perguntas e, uma vez que o Swami ainda se mantinha em silêncio, tanto perguntas quanto respostas foram feitas por escrito. A resposta à última pergunta foi escrita pelo Swami numa lousa e imediatamente copiada por Sivaprakasam Pillai. As trezes demais foram posteriormente redigidas de memória mas examinadas por Sri Bhagavan antes de sua publicação.

S. P: Swami, quem sou eu? E como poderei obter a salvação?

BH: Através de uma profunda e incessante investigação "Quem sou eu?", conhecerás a ti mesmo e, conseqüentemente, conseguirás a salvação.

S. P: Quem sou eu?

BH: O verdadeiro Eu ou Si não é o corpo, ou nenhum dos cinco sentidos, nem qualquer dos órgãos de ação, nem o *prana* (respiração ou força vital), nem a mente, nem mesmo o estado de profunda sonolência em que não se tem consciência de tais coisas.

S. P: Se não sou nada disso, que mais serei eu?

BH: Após chegar a cada um destes itens e dizer "isto eu não sou", aquilo que restar é o Eu, e isso é Consciência.

S. P: Qual é a natureza dessa Consciência?

BH: É *Sat-Chit-Amānda* (Ser Consciência-Bem-aventurança) em que não existe o mais leve indício do pensamento-Eu. Chama-se também *Mouna* (Silêncio) ou Atma (Si). Isto é a única coisa que existe. Se a trindade mundo, ego e Deus for considerada como entidades separadas, tudo será mera ilusão como o aparecimento da prata na madrepérola. Deus, ego e mundo são na realidade Sivaswarupa (a forma de Xiva) ou Atmaswarupa (a forma do Espírito).

S. P: Como poderemos nós compreender esse Real?

BH: Quando as coisas vistas desaparecem, a verdadeira natureza daquele que vê, ou sujeito, aparece.

S. P: Não será possível compreender isso ao mesmo tempo em que ainda se vêem as coisas externas?

BH: Não, porque o vedor e a coisa vista são como a corda e a aparência de serpente nela contida. Até que a gente se tenha livrado da aparência de serpente não poderá ver que aquilo que existe é apenas a corda.

S. P: Quando desaparecerão os objetos externos?

BH: Se a mente, que é a causa de todos os pensamentos e atividades, desaparece, os objetos externos desaparecerão também.

S. P: Qual é a natureza da mente?

BH: A mente é apenas pensamentos. É uma forma de energia. Manifesta-se como o mundo. Quando a mente mergulha no Si, então o Si é compreendido; quando a mente faz uma sortida o mundo aparece e o Si não é compreendido.

S. P: Como irá a mente desaparecer?

BH: Apenas através da investigação "Quem sou eu?". Embora tal investigação também seja uma operação mental, ela destrói todas as operações mentais, incluindo-se a si mesma, assim como o pau com que se remexe a pira funerária resulta ele próprio reduzido a cinzas depois que a pira e os cadáveres arderam. Só então vem a compreensão do Si. O pensamento do Eu é destruído, a respiração e os demais indícios de vitalidade diminuem. O ego e o *prana* (respiração ou força vital) têm uma fonte comum. Faça aquilo que fizer, faça-o sem egoísmo, isto é, sem o sentimento de "estou fazendo isto". Quando um homem chega a tal estado até mesmo sua mulher lhe aparecerá como a Mãe Universal. A verdadeira *Bhakti* (Devoção) é a rendição do ego ao Eu.

S. P: Não há outros meios de destruir a mente?

BH: Não há outro método adequado senão a Auto-investigação. Se a mente for sopitada por outros meios ficará quieta durante algum tempo e depois ressurgirá, reassumindo sua antiga atividade.

S. P: Mas quando serão todos os instintos e tendências (*vasanas*), como o de conservação, esmagado?

BH: Quanto mais a gente se recolhe dentro do Si tanto mais tais tendências murcham, até finalmente desaparecerem.

S. P: Será mesmo possível eliminar essas tendências que encharcam nossas mentes através de tantas gerações sucessivas?

BH: Jamais concedas lugar em tua mente a tais dúvidas, mas mergulha no Si com firme resolução. Se a mente for constantemente orientada no sentido do Si por essa investigação, ela será eventualmente dissolvida e transformada no Si. Ao sentires alguma dúvida não busques elucidá-la mas antes procura saber quem é aquela pessoa a quem a dúvida ocorre.

S. P. Durante quanto tempo se deve proceder a essa investigação?

BH: Enquanto houver em tua mente o mais leve traço capaz de provocar pensamentos. Enquanto o inimigo estiver ocupando a cidadela não cessará de fazer sortidas. Se matares cada um que se apresentar, a cidadela por fim cairá em tuas mãos. Analogamente, cada vez que um pensamento erguer a cabeça esmaga-o com esta investigação. Esmagar todos os pensamentos no nascedouro chama-se *vairagya* (desapego). Assim, *vichara* (Auto-investigação) continua sendo necessária até que o Si seja compreendido. O que se requer é uma contínua e ininterrupta lembrança do Eu.

S. P: Não é este mundo e o que ali acontece o resultado da vontade de Deus? Se é assim por que haveria Deus de desejar assim?

BH: Deus não tem propósitos. Ele não está preso a qualquer ação. As atividades mundanas não podem afetá-lo. Toma por exemplo, a analogia do sol. O sol se ergue sem desejo, propósito ou esforço, mas, tão logo se ergue, numerosas atividades têm lugar na terra: a lente colocada sob seus raios produz fogo, os botões de loto se abrem, a água evapora e toda criatura viva entra em atividade, conserva-a e por fim a abandona. Mas o sol não se deixa afetar por tais atividades, pois simplesmente atua segundo a sua própria natureza, de acordo com leis fixas, sem qualquer finalidade e não passa de uma testemunha. Assim também acontece com Deus. Deus não tem qualquer desejo ou propósito em seus atos de criação, manutenção, destruição, retirada e salvação a que os seres estão sujeitos. À medida que os seres colhem os frutos de suas ações em obediência às Suas leis, a responsabilidade é deles e não de Deus. Deus não está preso a quaisquer ações.

A assertiva de Sri Bhagavan de que a verdadeira natureza daquele que vê só aparece quando as coisas vistas desaparecem não deve ser tomada literalmente, como penhor de inconsciência do mundo físico. Isso seria um estado de transe informal ou *nirvikalpa samadhi*; o que se quer dizer é que as coisas deixam de parecer reais e são vistas como meras formas assumidas pelo Si. O fato se torna claro com o exemplo da corda e da ser-

pente que se segue. Trata-se de um exemplo tradicional, usado também por Sri Shankara. Um homem vê uma corda enrolada no escuro, toma-a por uma serpente e fica, naturalmente, assustado. Quando o dia rompe ele constata tratar-se apenas de uma corda e verifica que o seu medo não tinha razão de ser. A Realidade do Ser é a corda, a ilusão da serpente que o amedrontou é o mundo objetivo.

A declaração de que esmagar os pensamentos na fonte é *vairagya* também carece de elucidação. O significado de *vairagya* é disinteresse, isenção, equanimidade. A pergunta de Sivaprakasam Pillai acerca da ocasião em que os instintos e tendências latentes num homem podem ser dominados mostra que era *vairagya* aquilo que ele sentia necessidade de buscar. Sri Bhagavan contava-lhe, na verdade, que *vichara* ou Auto-investigação é o caminho mais curto para a *vairagya*. A paixão e a vinculação estão na mente; por essa razão, quando a mente é controlada tais coisas são reprimidas, e isso é *vairagya*.

Estas perguntas foram depois ampliadas e arranjadas sob a forma de livro como "Quem sou eu?", talvez o relato em prosa de Sri Bhagavan que maior sucesso alcançou entre os seus leitores.

Cerca de 1910, Sivaprakasam Pillai já achava o serviço governamental enfadonho e um empecilho ao *sadhana* ou busca espiritual. Tinha bens suficientes para viver a vida de um chefe de família que não dependesse de ordenado, de modo que pediu demissão do serviço. Três anos mais tarde deparou-se com a verdadeira decisão acerca de sua retirada significar o abandono da vida mundana ou apenas a renúncia àquilo que é enfadonho e o apego ao que é divertido. Sua mulher morreu e ele teve que decidir se casava de novo ou passava a viver como um *sadhu*. Mal chegara à meia-idade e havia uma moça por quem sentia forte atração. Surgiu depois a questão do dinheiro, caso ele resolvesse casar e construir um novo lar.

A princípio, se absteve de fazer tais perguntas a Sri Bhagavan, talvez sabendo intimamente quais seriam as respostas; de modo que tentou obter uma resposta por outros meios. Redigiu quatro perguntas num pedaço de papel.

(1) Quem sou eu para fugir a todos os aborrecimentos e cuidados do mundo?

(2) Devo casar com a moça em quem estou pensando?

(3) Caso não deva, por que não?

(4) Se o casamento se realizar, como será levantado o dinheiro necessário?

Com isto rumou para um templo de Vighneswara, o aspecto de Deus ao qual estava habituado a rezar desde a infância. Sivaprakasam Pillai colocou o papel diante do ídolo e manteve-se de vigília à noite, rezando para que a resposta aparecesse por escrito no papel ou que então alguma visão lhe fosse concedida.

Nada aconteceu e não lhe restou outro recurso senão recorrer ao Swami. Foi para a Gruta de Virupaksha mas continuou evitando formular as perguntas. Entrava dia e saía dia e ele não se animava. Embora Sri Bhagavan jamais incentivasse alguém a abandonar o lar, isso não significava que fosse encorajar alguém cujo próprio destino o libertara para uma segunda experiência. Sivaprakasam Pillai sentiu gradualmente a resposta vir da visão da própria vida do Swami em sua serena pureza, totalmente indiferente às mulheres, totalmente despreocupada do dinheiro. A data marcada para a sua partida chegou e as perguntas permaneciam sem respostas. Havia muitas pessoas naquele dia, de modo que, mesmo que ele desejasse formular suas perguntas, teria de fazê-lo em público. Sivaprakasam Pillai quedou-se fitando o Swami e, ao fazê-lo, percebeu subitamente um halo de luz deslumbrante em torno da cabeça do homem santo e uma criança dourada saindo-lhe da cabeça e tornando a entrar nela. Seria uma resposta viva de que a progênie não é da carne mas do Espírito? Uma onda de êxtase o acometeu. A tensão do longo período de dúvida e indecisão rompeu-se e ele soluçou de alívio.

Trata-se de uma ilustração da grande normalidade que andava em torno de Sri Bhagavan o fato de que Sivaprakasam Pillai tendo contado aos demais devotos o que acontecera, muitos destes puseram-se a rir e não lhe deram crédito, ao passo que outros julgaram-no sob o efeito de drogas. Embora se possa citar muitos exemplos de visões e acontecimentos inusitados, tais coisas pouco foram divulgadas durante os cinquenta ou mais anos da manifestação de Sri Bhagavan entre nós. Delirante de alegria, Sivaprakasam Pillai abandonou toda e qualquer idéia de partir naquele dia. Na noite seguinte, estando sentado diante de Sri Bhagavan, teve outra visão. Desta vez o corpo de

Bhagavan brilhava como o sol matutino e em torno dele havia como que um halo de luas cheias. Uma vez mais ele viu o corpo recoberto por cinzas sagradas e os olhos brilhando de compaixão. Dois dias mais tarde teve nova visão, desta vez o corpo de Bhagavan tendo-se transformado em puro cristal. Pillai ficou estupefato e temeroso de ir-se pois o júbilo que lhe ia no coração poderia desaparecer. A certa altura retornou à cidade, todas as perguntas anteriormente não respondidas já solucionadas. Passou o resto da vida em regime de celibato e austeridade. Todas estas experiências foram por ele descritas num poema. Compôs também outros poemas em honra de Sri Bhagavan, alguns dos quais ainda são cantados pelos devotos.

NATESA MUDALIAR

Nem todos os visitantes compreendiam a silenciosa *upadesa* (instrução) de Sri Bhagavan. Natesa Mudaliar chegou a fazê-lo, mas isso lhe tomou muito tempo. Era um professor primário quando leu Vivekananda e se incendiou de um desejo de renunciar ao mundo e encontrar um Guru. Alguns amigos falaram-lhe acerca do Swami no Monte Arunachala, mas acrescentaram que era coisa impraticável obter dele a *upadesa* (orientação). Não obstante, Mudaliar decidiu tentar. Era o ano de 1918 e Sri Bhagavan já estava em Skandashram. Mudaliar para lá se dirigiu e sentou-se diante dele, mas Sri Bhagavan manteve-se em silêncio e Mudaliar, sem desejar falar primeiro, retirou-se desapontado.

Tendo falhado em sua tentativa, pôs-se a visitar outros Swamis mas não encontrou nenhum em quem sentisse a Presença Divina e a quem pudesse render-se. Depois de dois anos de infrutíferas buscas escreveu uma longa carta a Bhagavan, implorando-lhe que não mantivesse uma indiferença egoísta com respeito ao destino de almas inquietas e pedindo-lhe permissão para voltar, uma vez que sua primeira visita tinha sido frustrada. Passou-se um mês sem que surgisse uma resposta. A seguir ele mandou uma carta registrada e desta vez escreveu: "por mais numerosos os renascimentos que tenha de enfrentar, estou resolvido a receber *upadesa* de vós e somente de vós. De modo que tereis de renascer com essa finalidade se desistirdes de mim

nesta vida, considerando-me demasiado despreparado e imaturo para a vossa *upadesa*. Juro-o”.

Poucos dias depois Sri Bhagavan apareceu-lhe num sonho e disse: — Não pense continuamente em mim. Em primeiro lugar é preciso que obtenha a Graça do Deus Maheswara, o Senhor do Touro. Primeiro medite nele e assegure-se da sua Graça. Minha ajuda seguir-se-á naturalmente. — Mudaliar tinha em casa um retrato do Deus Maheswara cavalgando um touro e tomou-o como base para as suas meditações. Alguns dias depois recebeu a resposta à sua carta: “O Maharshi não responde cartas; pode vir vê-lo pessoalmente”.

Redigiu nova carta para assegurar-se de que Sri Bhagavan realmente lhe pedira que escrevesse e a seguir partiu para Tiruvannamalai. Segundo o roteiro estabelecido em seu sonho, esteve primeiro no grande templo da cidade, onde experimentou o darshan (gozou a presença) do Senhor Arunachaleswar e passou a noite. Um brâmane que lá encontrou tentou dissuadi-lo de seus propósitos. — Escute aqui; passei dezesseis anos junto de Ramana Maharshi tentando em vão obter sua *Anugraham* (Graça). Ele é indiferente a tudo. Mesmo que quebre a cabeça ele não se interessará em saber por que. Uma vez que é impossível obter-lhe a Graça, sua visita não faz qualquer sentido.

Trata-se de um notável exemplo da compreensão que Sri Bhagavan requeria de seus devotos. Onde aqueles cujos corações estavam abertos o achavam mais solícito do que uma mãe extremosa e alguns tremiam de pismo, aqueles que se deixavam guiar pelas aparências nada encontravam. Natesa Mudaliar não era do tipo que desanimava facilmente. Insistiu em ir e o outro disse-lhe: — Seja como for, você descobrirá por si se terá a boa sorte de obter a graça do Maharshi. Há um Swami na montanha cujo nome é Seshadri e que não confraterniza com ninguém e, geralmente, encarrega-se de afastar quem tenta aproximar-se de Sri Bhagavan. Se conseguir obter alguma ajuda dele, isso será meio caminho andado.

Na manhã seguinte Mudaliar partiu em companhia de J. V. Subrahmania Iyer, um colega de profissão, à procura do esquivo Seshadriswami. Depois de muito procurar avistaram-no e, para espanto e alívio de Mudaliar, foi ele quem a eles se dirigiu. Sem precisar saber a que vinham, interpelou Mudaliar: — Meu po-

bre moço, por que está mogoado e ansioso? Que é *Gnana* (Conhecimento)? Depois que a mente rejeita os objetos, uns em seguida aos outros como transitórios e irreais, Aquilo que sobrevive a tal eliminação é *Gnana*. Tudo é Isso e apenas Isso. É loucura correr de cá para lá na crença de que *Gnana* só pode ser obtido indo para uma montanha ou gruta. Siga sem medo. — Assim ele deu não a sua *upadesa* (instrução) mas a de Sri Bhagavan, valendo-se de palavras que o próprio Bhagavan teria empregado.

Animados pelo auspicioso início, os homens subiram a encosta rumo de Skandashram. Era cerca de meio-dia quando chegaram. Durante cinco ou seis horas Mudaliar esteve sentado diante de Sri Bhagavan sem que qualquer palavra fosse trocada entre eles. Então a refeição vespertina ficou pronta e Sri Bhagavan ergueu-se para sair. J. V. S. Iyer disse-lhe: — Este é o homem que escreveu aquelas cartas. — Sri Bhagavan olhou fixamente para ele e voltou-se, sempre sem dizer palavra.

Durante meses Mudaliar voltou ali para passar o dia, mantendo-se sentado em muda súplica, mas Sri Bhagavan jamais lhe dirigiu a palavra e ele não se atreveu a falar primeiro. Depois que todo um ano se passou daquela maneira Mudaliar não pôde mais conter-se e disse: — Quero aprender a experimentar a Vossa Graça, pois muito variam os relatos das pessoas quanto a ela.

Sri Bhagavan replicou: — Estou sempre a dar a minha Graça. Se não és capaz de apreendê-la que posso fazer eu?

Nem mesmo então Mudaliar foi capaz de compreender a silenciosa *upadesa* (orientação); sentia-se ainda confuso quanto ao caminho que deveria tomar. Pouco depois Sri Bhagavan apareceu-lhe num sonho e disse: — Que tua visão seja unificada e afastada dos objetos, tanto externos quanto internos. Assim, à medida que as diferenças forem desaparecendo irás progredindo. — Mudaliar julgou que se estava fazendo referência à sua visão física e replicou: — Este não me parece ser o caminho justo. Se uma pessoa superior como vós dá-me conselhos desta ordem, quem poderá dar-me conselhos legítimos? — No entanto, Sri Bhagavan assegurou-lhe que aquele era o caminho certo.

O desenvolvimento seguinte foi descrito pelo próprio Mudaliar: — Obedeci àquela *upadesa* dada em sonho durante algum tempo; depois tive um outro sonho. Desta vez Sri Bha-

gavan appareceu-me estando meu pai ao meu lado e indagou, apontando para meu pai, — quem é este? — Hesitando um pouco com relação à exatidão filosófica da resposta, retorqui: — Meu pai. — Maharshi sorriu-me significativamente e eu acrescentei, — minha resposta foi vazada em linguagem comum mas não está concorde com a filosofia — pois lembrei-me de que eu não era o meu corpo. O Maharshi puxou-me para si e colocou a palma da sua mão primeiramente sobre a minha cabeça e a seguir no meu peito direito, calcando-lhe o mamilo com o polegar. Doeu bastante, mas como se tratava da sua Graça suportei a dor em silêncio. Não sabia na ocasião por que ele apertou o peito direito e não o esquerdo.¹

Dessa maneira, não tendo recebido uma iniciação silenciosa, Mudaliar, ainda que em sonho, teve uma iniciação tátil.

Ele era uma dessas pessoas cuja ânsia e desejo de fazer todos os esforços impeliam-nas para a idéia de renunciar à vida do lar e sair às ruas sem destino. Como em outros casos, Sri Bhagavan desaconselhou a medida: — Assim como evitas os cuidados da vida caseira estando aqui, vai para casa e tenta estar lá igualmente despreocupado.

A Mudaliar ainda faltavam a confiança e convicção plenas de um discípulo em relação ao seu Guru e ele resolveu renunciar a despeito das recomendações expressas de Sri Bhagavan. Verificou, conforme Bhagavan predissera, que as dificuldades em seu caminho se acumulavam e, depois de alguns anos, voltou ao seio da família e começou a trabalhar novamente. Depois disto sua devoção aumentou. Compôs poemas em honra de Sri Bhagavan. E por fim recebeu, mais do que outros, as instruções verbais pelas quais tanto ansiava, pois foi ele o recipiente de uma grande parte das exposições contidas em *Catecismo de Instrução*, obra em que a doutrina do Guru e sua Graça são expostas com máxima beleza.

GANAPATI SASTRI

Notável entre todos os devotos foi Ganapati Sastri, também conhecido por Ganapati Muni (isto é, o Sábio Ganapati),

¹ A razão disto é dada no capítulo XII.

que recebeu o título honorífico de Kavyakanta (aquele cuja fala é poesia) em razão de sua importância como improvisador de versos em sânscrito. Ele era um homem de excelsas habilidades e estaria na vanguarda dos escritores e letrados modernos se tivesse tido ambição e seria um Grande Mestre espiritual se tivesse sido totalmente desprovido de ambição, mas se manteve no meio-termo. Demasiado voltado para Deus para procurar sucesso ou renome, ele sentia, não obstante, demasiada ansiedade por libertar a humanidade da ilusão do "eu-sou-o-autor".

Na ocasião do seu nascimento em 1878 (um ano antes que Sri Bragavan), seu pai estava em Benares diante da imagem do Deus Ganapati e teve a visão de uma criança que corria do Deus para ele; por essa razão deu ao filho o nome de Ganapati. Durante os cinco primeiros anos de sua vida Ganapati foi mudo e sujeito a ataques epiléticos e pareceu tudo menos uma criança promissora. Depois ficou curado, ao que parece, através de um tratamento com ferro em brasa e imediatamente começou a evidenciar sua maravilhosa habilidade. Aos dez anos de idade havia composto versos em sânscrito e preparado um almanaque astrológico, além de conhecer diversos Kavyas (obras em sânscrito) e gramáticas. Aos catorze conhecia o *Panchakavyas* e os principais livros sobre prosódia e retórica em sânscrito, havia lido o Ramayana e o Mahabharata e alguns dos Puranas. Já lia e falava com fluência o sânscrito. Assim como Sri Bhagavan, possuía uma memória fenomenal. Lembrava-se de tudo quanto lia ou ouvia e, também como Sri Bhagavan, tinha a capacidade do *asthavadhana*, isto é, dar atenção a diversas coisas ao mesmo tempo.

As histórias dos antigos Rishis encheram-no de emulação e desde os dezoito anos de idade, logo após o seu casamento começou a percorrer a Índia, visitando locais sagrados, repetindo mantras (frases sagradas) e fazendo *tapas* (penitência). Em 1900 compareceu a uma convenção de pânditas sânscritos em Nadiya, Bengala, onde sua extraordinária facilidade de improvisação e brilhante argumentação filosófica deram-lhe o título de Kavyakanta já mencionado. Em 1903 veio a Tiruvannamalai e duas vezes visitou o Swami Brahmana na montanha. Durante algum tempo foi professor primário em Vellore, a algumas horas de trem de Tiruvannamalai, e ali juntou, em torno de si um grupo de discípulos que deveriam desenvolver seu *Sakti* (força

ou energia) através do uso de mantras e, a tal ponto, que a sua sutil influência iria infiltrar-se e enaltecer toda a nação, quando não a humanidade inteira.

A vida de professor não o reteve por muito tempo. Em 1907 estava de volta a Tiruvannamalai. Mas, àquela altura, dúvidas começavam a atormentá-lo. Chegava ele à meia-idade e com todo o seu brilho e vasta erudição, com todas as suas mantras e *tapas*, não conseguira ainda êxito junto a Deus ou ao mundo. Sentia-se num beco sem saída. No nono dia do festival de Kartikai lembrou-se subitamente do Swami na montanha. Ele decerto teria a resposta. Tão logo veio o impulso, Ganapati pôs-se em ação. Ao calor do sol do meio-dia escalou o monte em direção da Gruta de Virupaksha. O Swami estava sentado a sós na varanda da gruta. Sastri prostrou-se diante dele e bateu os calcanhares, com as mãos distendidas. Com voz entrecortada de emoção disse: — Li tudo quanto poderia ter lido. Até mesmo o Vedanta Sastri compreendi cabalmente; fiz a *japa* (invocação) até me faltar; no entanto, ainda não fui capaz de compreender o que é *tapas*. Por essa razão procurei refúgio a vossos pés. Por favor, esclarecei-me a natureza de *tapas*.

O Swami voltou seu olhar silencioso sobre ele durante cerca de quinze minutos e depois replicou: — Se observarmos de onde surge a idéia “Eu”, a mente é absorvida Nisso; isso é *tapas*. Quando se repete uma mantra, se observarmos a Fonte da qual emana o som da mantra a mente é absorvida Nisso; isso é *tapas*.

Menos as palavras ditas do que a Graça irradiando-se do Swami encheram-no de júbilo. Com a exuberante vitalidade que punha em todas as coisas Ganapati escreveu a seus amigos acerca da *upadesa* que tinha recebido e começou a compor louvores ao Swami em versos sânscritos. Ficou sabendo por intermédio de Palaniswami que o nome do Swami tinha sido Venkataraman e declarou que dali em diante teria ele de ser conhecido como “Bhagavan Sri Ramana” e como “o Maharshi”. O nome Ramana foi imediatamente posto em uso; assim também o foi o título “Maharshi” (Maha-Rishi, o Grande Rishi). Tornou-se usual fazer referências orais e escritas a ele como “o Maharshi”. No entanto, gradualmente, firmou-se entre os devotos o costume de dirigir-se a ele na terceira pessoa como “Bhagavan”, que significa o Divino ou simplesmente Deus.

Ele próprio costumava falar impessoalmente, evitando o uso da palavra *eu*. Por exemplo, não dizia realmente: — Eu não sabia quando o sol se erguia ou punha — conforme citação constante do Capítulo V, mas — quem sabia quando o sol se erguia ou punha? — Por vezes referia-se ao próprio corpo como “isto”. Somente quando fazia uma declaração em que a palavra Deus vinha a calhar dizia Bhagavan e falava na terceira pessoa. Por exemplo, quando minha filha partiu para o colégio e lhe foi pedido que se lembrasse dela durante sua ausência, a resposta foi: — Se Kitty lembrar-se de Bhagavan, Bhagavan lembrar-se-á de Kitty.

Ganapati Sastri também gostava de referir-se a Sri Bhagavan como uma manifestação do Deus Subramaniam; no entanto, nisto os devotos recusavam-se a acompanhá-lo, achando que considerar Sri Bhagavan como uma manifestação de qualquer dos aspectos divinos era uma tentativa de limitar o Ilimitável. Nem Sri Bhagavan sancionava a identificação. Um visitante disse-lhe, certa vez: — Se Bhagavan é um avatar de Subramaniam, como querem alguns, por que não nô-lo diz francamente ao invés de deixar-nos na dúvida?

E Bhagavan replicou: — Que é um avatar? Um avatar é apenas uma manifestação de um aspecto de Deus, ao passo que um Gnani é Deus propriamente dito.

Cerca de um ano depois do seu conhecimento com Sri Bhagavan, Ganapati Sastri experimentou notável fluxo da sua Graça. Estando imerso em meditação no templo de Ganapati, em Tiruvethiyur, sentiu-se perturbado e desejou intensamente a presença e orientação de Sri Bhagavan. Naquele instante Sri Bhagavan entrou no templo. Ganapati Sastri prostrou-se diante dele e, estando prestes a erguer-se, sentiu a mão de Sri Bhagavan sobre a sua cabeça e uma tremenda força vital percorrendo-lhe o corpo; assim, recebeu também a Graça do Mestre através do tato.

Falando desse incidente anos mais tarde Sri Bhagavan disse: — Certo dia, faz alguns anos, eu estava deitado e despertei ao sentir claramente que o meu corpo erguia-se cada vez mais alto. Eu via os objetos físicos abaixo tornarem-se cada vez menores até que desapareceram por completo e me vi envolto por uma extensão ilimitada de uma luz deslumbrante. Depois de algum tempo senti o corpo descer devagar e os objetos

físicos começarem a reaparecer. Tive tal consciência incidente que concluí afinal que deve ser por esse modo que os *Siddhas* (Sábios dotados de poderes) viajam grandes distâncias em pouco tempo e aparecem e desaparecem de forma tão misteriosa. Quando o corpo desceu ao solo ocorreu-me que eu estava em Tiruvotthiyur, embora não houvesse visto o lugar antes. Achei-me numa estrada e caminhei por ela. A certa distância ficava um templo de Ganapati e eu entrei nele.

Este incidente é muito característico de Sri Bhagavan. É característico que a aflição ou devoção de um dos seus tenha provocado uma resposta involuntária e uma intervenção numa forma que só pode ser tachada de miraculosa, e é também característico de Sri Bhagavan que ele não tenha, com todos os poderes a seus pés, tido interesse em usar dos poderes do mundo sutil mais do que os do mundo físico, e que quando tal coisa tenha acontecido em resposta ao apelo de um devoto tenha dito com a simplicidade de uma criança: — Suponho que é isto o que fazem os *Siddhas*.

Foi precisamente essa indiferença que Ganapati Sastri não conseguiu atingir. Ele perguntou certa vez, — será a busca da fonte do pensamento do eu suficiente à consecução de todos os meus objetivos ou será a *mantradhyana* (encantação) necessária? — Sempre o mesmo: seus objetivos, suas ambições, a regeneração do país, a revitalização da religião.

Sri Bhagavan replicou secamente, — basta a primeira. — E quanto Sastri prosseguiu falando em seus objetivos e ideais, acrescentou: — Será melhor que deixe tudo a cargo do Senhor. Ele arcará com tudo e você ficará livre de todos os encargos. Ele fará a sua parte.

Em 1917 Ganapati Sastri e outros devotos apresentaram numerosas perguntas a Sri Bhagavan e as respostas foram colocadas num livro intitulado *Sri Ramana Gita*, mais erudito e doutrinário do que a maioria dos livros. O que é muito típico, uma das perguntas que Ganapati Sastri fez foi se alguém que conseguisse a *Gnana* (Auto-realização), estando empenhado na aquisição de poderes específicos, veria seus desígnios primitivos satisfeitos. Em nenhum outro exemplo ficou tão patenteado o humor vivaz e sutil de Sri Bhagavan como na resposta que deu: — Se o iogue, embora começando a praticar a Ioga para a consecução dos seus desejos, adquirisse conhecimentos durante o

caminho ele não seria indevidamente exaltado ainda que seus desejos fossem satisfeitos.

Cerca de 1936, Ganapati Sastri fixou-se na cidade de Nimpura, perto de Kharagpur, com um grupo de seguidores e desde então até a sua morte, dois anos após, dedicou-se inteiramente ao *tapas* (ascetismo). Perguntou-se certa vez a Sri Bhagavan, depois da morte de Sastri, se este poderia ter conseguido a Realização em vida, e ele respondeu: — Como seria isso possível? Suas *sankalpas* (tendências inatas) eram demasiado fortes.

F. H. HUMPHREYS

O primeiro devoto ocidental de Sri Bhagavan já tinha conhecimentos do ocultismo ao chegar à Índia em 1911. Tinha apenas vinte e um anos de idade e vinha assumir um posto na polícia de Vellore. Ele conseguiu um tutor, um certo Narasimbaya, que lhe ensinasse telugu e na primeira lição pediu-lhe que arranjasse um livro em inglês sobre astrologia hindu. Era um estranho pedido partido de um sahib branco, mas Narasimbaya concordou e arranjou-lhe um exemplar numa biblioteca. No dia seguinte Humphreys fez uma pergunta ainda mais assombrosa: — Conhece algum Mahatma por aqui?

Narasimbaya respondeu brevemente que não conhecia. Isto não o pôs a salvo de constrangimentos durante muito tempo, pois no dia seguinte Humphreys disse: — Disse-me ontem que não conhece nenhum Mahatma? Pois bem, vi seu Guru esta manhã pouco antes de despertar. Ele sentou-se ao meu lado e me disse algo que não pude compreender.

Como Narasimbaya parecesse incrédulo, Humphreys prosseguiu: — O primeiro homem de Vellore que conheci em Bombaim foi você: — Narasimbaya ensaiou um protesto de que jamais estivera em Bombaim, mas Humphreys explicou que tão logo ali chegara fora internado num hospital vitimado por uma grave febre. A fim de aliviar-se da dor havia concentrado sua mente em Vellore, lugar para onde deveria ter seguido imediatamente após o desembarque não fosse a doença. Viajou para Vellore em seu corpo astral e ali viu Narasimbaya.

Narasimbaya respondeu que simplesmente ignorava o que fosse corpo astral ou qualquer outro corpo que não o físico. No

entanto, com a finalidade de comprovar a veracidade do sonho, deixou no dia seguinte um maço de fotografias sobre a mesa de Humphreys, antes de ir dar uma aula a um outro oficial de polícia. Humphreys examinou-as e de pronto apanhou a fotografia de Ganapati Sastri. — Eis aí! — exclamou ele quando o mestre voltou. — Esse é o seu Guru.

Narasimbaya admitiu que assim era. Depois disto Humphreys adoeceu novamente e teve de partir para Ootacamund a fim de recuperar-se. Só alguns meses mais tarde voltou a Vellore. Ao fazê-lo, tornou a surpreender Narasimbaya, desta vez desenhando uma gruta de uma montanha que havia visto em sonhos, com um fio d'água correndo diante de um Sábio postado à entrada. Só podia ser Virupaksha. Narasimbaya contou-lhe acerca de Sri Bhagavan. Humphreys foi apresentado a Ganapati Sastri e desenvolveu grande apreço por este e, no mesmo mês, novembro de 1911, os três partiram para uma visita a Tiruvannamalai.

A primeira impressão de Humphreys ante o terrível silêncio de Sri Bhagavan já foi citada em capítulo anterior. Na mesma carta ele escreveu também: — A vista mais comovente eram numerosas criancinhas, de até sete anos de idade, que sobem a montanha por conta própria a fim de sentarem-se próximas do Maharshi, embora este não diga uma só palavra nem lhes dirija sequer o olhar por muitos dias. Elas não brincam, apenas ficam sentadas em redor, em silêncio, perfeitamente felizes.

Assim como Ganapati Sastri, Humphreys ansiava por ajudar o mundo.

H: Mestre, poderei eu ajudar o mundo?

BH: Ajuda-te a ti mesmo e estarás ajudando o mundo.

H: Desejo ajudar o mundo. Não devo alimentar esperanças?

BH: Sim, ajudando-te a ti mesmo estarás ajudando o mundo. Estás no mundo, és o mundo. Não és diferente do mundo, nem é este diferente de ti.

H: (depois de uma pausa): Mestre, serei capaz de fazer milagres como Sri Krishna e Jesus no passado?

BH: Terá algum deles, ao fazer os milagres, achado que era ele próprio quem os fazia?

H: Não, Mestre.

Pouco tempo depois Humphreys repetiu sua visita.

“Fui de motocicleta e subi a pé até a gruta. O Sábio sorriu ao ver-me mas não se mostrou nem um pouco surpreso. Entramos e antes que nos sentássemos fez-me uma pergunta de caráter íntimo acerca de um assunto do qual estava a par. Evidentemente, reconheceu-me no instante em que me viu. Todos quantos vão ter com ele são para ele um livro aberto e a um simples olhar lhe revelam todo o seu conteúdo.

“— Ainda não comeste e estás com fome — disse ele.

“Assenti e ele imediatamente pediu a um *chela* (discípulo) que me trouxesse comida. . . arroz, manteiga de leite de búfala, frutas, etc., comida com os dedos, pois os hindus não usam talheres. Embora tenha-me exercitado em comer dessa maneira falta-me destreza. De modo que me deu uma colher, sorrindo e falando de quando em quando. Não é possível imaginar nada mais lindo que o seu sorriso. Bebi leite de coco, esbranquiçado como o de vaca e delicioso, ao qual o próprio Bhagavan havia adicionado um pouco de açúcar.

“Ao terminar continuava com fome e, sabedor disso, ele mandou vir mais. Ele sabe tudo e quando outros forçaram-me a comer frutas, depois de eu estar já satisfeito, ele os deteve.

“Tive de pedir desculpas pela minha maneira de beber. Ele disse apenas: — Não tem importância. — Os hindus são meticulosos nesse particular. Nunca sorvem ou tocam no vaso com os lábios, mas despejam diretamente o líquido. Assim sendo, muitos podem beber da mesma taça sem medo de infecção.

“Enquanto eu comia ele relatava minha história passada aos demais, e com grande exatidão de detalhes. No entanto, vira-me apenas uma vez e conhecera centenas de outros nesse meio tempo. Simplesmente dissertava, clari-vidente que era, como se estivesse fazendo referência a uma enciclopédia. Durante três horas estive a ouvir seus ensinamentos.

“Mais tarde senti sede, pois a caminhada fora puxada, mas não o demonstrei através de palavras. Ele no entanto percebeu e ordenou a um *chela* que me trouxesse limonada.

“Por fim tive que ir-me, de modo que inclinei-me, à nossa maneira ocidental, e saí da gruta a fim de colocar as botinas. Ele também veio até o lado de fora e disse-me que poderia voltar para vê-lo.

“É estranho como a gente se modifica depois de ter estado em sua presença!”

Não há dúvida de que qualquer pessoa que tenha estado diante de Sri Bhagavan foi para ele como um livro aberto; não obstante, Humphreys provavelmente enganou-se quanto à clarividência. Embora Sri Bhagavan visse as pessoas a fim de ajudá-las e orientá-las, não fez uso de tais poderes no plano humano. Sua memória para rostos era tão fenomenal como para livros. De todos os milhares que vinham, ele jamais esquecia o rosto de um devoto que o havia visitado. Mesmo que voltasse anos mais tarde, o devoto seria reconhecido. Tampouco esquecia-se da história de um devoto e Narasimbaya deve ter-lhe falado acerca de Humphreys. Quando era conveniente que não se falasse de algum assunto ele denotava a maior discreção possível, mas, via de regra, possuía a simplicidade e a candura de uma criança e, tal qual uma criança, falava de alguém ao seu rosto, totalmente desembaraçado e sem causar embaraços. Quanto a comida e bebida, Sri Bhagavan não apenas tinha grandes atenções como também adivinhava se o hóspede estava satisfeito.

Poderes taumatúrgicos começaram a manifestar-se em Humphreys, mas Sri Bhagavan advertiu-o que não se entregasse a eles e Humphreys foi suficientemente forte para resistir à tentação. Na verdade, sob a orientação de Sri Bhagavan, perdeu logo o interesse pelas coisas ocultas.

Ademais, superou a falsidade, quase universal no Oeste e cada vez mais encontrada no moderno Leste, de que só é possível ajudar a humanidade pela atividade externa. Haviam-lhe dito que ajudando-se a si mesmo estaria ajudando o mundo; este dito que a escola do *laissez faire* enganosamente supusera ser verdadeiro no campo econômico era-o, na realidade, no campo espiritual, já que espiritualmente a riqueza de uma pessoa não diminui a riqueza alheia e, pelo contrário, aumenta-a. Assim

como ele havia visto Sri Bhagavan, no primeiro encontro, como "um cadáver imóvel do qual Deus irradiava terrificamente", assim também todos, segundo suas capacidades, são uma estação transmissora de influências invisíveis. Na medida em que alguém está num estado de harmonia e isento de egoísmo, está inevitável e inconscientemente irradiando harmonia, seja essa pessoa externamente ativa ou não; e na medida em que a própria natureza é turbulenta e o ego forte, uma pessoa emite desarmonia, embora externamente esteja a prestar um serviço.

Embora Humphreys jamais se tenha hospedado com Sri Bhagavan e apenas umas poucas vezes o tenha visitado, embebeu-se dos seus ensinamentos e recebeu a sua Graça. Um resumo que mandou a um amigo na Inglaterra foi posteriormente publicado na *International Psychic Gazette* e segue sendo uma excelente apresentação de tais ensinamentos.

Um Mestre é alguém que meditou apenas em Deus, atirou toda a sua personalidade no mar de Deus, afogou-a e esqueceu-a ali, até tornar-se apenas o instrumento de Deus e quando sua boca se abre fala palavras de Deus sem esforço nem planejamento prévio; e quando ergue a mão, Deus flui novamente através dela, realizando um milagre.

Não leve em grande consideração os fenômenos físicos e coisas que tais. Eles são inumeráveis; e uma vez estabelecida a fé no coração daquela que busca, esses fenômenos terão cumprido suas finalidades. Clarividência, clariaudiência e coisas semelhantes não valem a pena, quando uma iluminação tão maior e uma paz tão maior são possíveis sem elas e não com elas. O Mestre assume tais poderes como uma forma de auto-sacrifício!

A idéia de que um Mestre seja alguém que desenvolveu poderes sobre forças e sentidos ocultos através de longa prática, orações ou coisa parecida, é absolutamente falsa. Mestre algum jamais deu a mínima importância aos poderes ocultos, pois não necessita deles na vida cotidiana.

Os fenômenos que vemos são curiosos e surpreendentes — mas o mais maravilhoso de tudo não percebemos: uma, e apenas uma, força ilimitada é responsável por:

- (a) Todos os fenômenos que vemos; e
- (b) O ato de vê-los.

Não fixe sua atenção sobre essas coisas mutáveis da vida, morte e fenômenos. Não pense sequer no próprio ato de vê-las ou percebê-las, mas apenas naquilo que vê essas coisas — aquilo que é responsável por tudo. Isto parecerá quase impossível a princípio, mas, aos poucos, os resultados serão sentidos. São necessários anos de uma prática diária e constante, e é assim que se faz um Mestre. Dê um quarto de hora diário a esta prática. Tente manter a mente inabalavelmente fixada Naquilo que vê. Fica dentro da gente. Não espere descobrir que Aquilo é algo definido sobre que a mente se possa fixar com facilidade; não é assim. Embora sejam precisos anos para descobrir Aquilo, o resultado desta concentração será visto no prazo de quatro ou cinco meses — em todos os tipos de clarividência inconsciente, na paz de espírito, no poder de dominar os aborrecimentos, no poder de modo geral, porém sempre um poder inconsciente.¹

Dei-lhes estes ensinamentos nas mesmas palavras que o Mestre usa para com os *chelas*. De agora em diante, que o seu pensamento durante a meditação não repouse sobre o ato de ver, nem sobre aquilo que é visto, mas irremissivelmente sobre Aquilo que vê.

Não há qualquer recompensa pela Consecução. Compreende-se depois que não se está atrás de nenhuma recompensa. Como diz Krishna: — Tendes o direito de trabalhar, mas não de colher os frutos. Uma perfeita consecução é apenas adoração, e adoração é consecução.

Se você compreender que pensa apenas em virtude da única Vida, e que a mente, animada pela única Vida ao ato de pensar, é uma parte do todo que é Deus, então saberá que sua mente não tem existência como entidade separada; e o resultado é que mente e corpo, fisicamente, por assim dizer, desaparecem; e a única coisa remanes-

¹ Ter ou não poderes depende do *paradhaba* (destino) de um homem. Não são eles indícios de progresso nem da ausência de progresso.

cente é o Ser, que é ao mesmo tempo existência e não-existência e não se pode explicar em palavras ou idéias.

Um Mestre não pode evitar estar perpetuamente neste estado com apenas esta diferença, de que de alguma forma, para nós incompreensível, pode usar a mente, o corpo e o intellecto sem cair na ilusão de que tem uma consciência em separado.

Inútil é especular, inútil é tentar uma compreensão mental ou intellectual. Trata-se apenas de religião, um código para as crianças e para a vida social, um guia que nos ajuda a evitar choques, de modo que o fogo interior possa queimar aquilo que temos de insensato, possa ensinar-nos, o quanto antes, um pouco de bom senso, isto é, o conhecimento de que o separatismo é illusório.

A Religião, seja ela cristianismo, budismo, hinduísmo, teosofia ou qualquer outra espécie de *ismo* ou *safia* ou sistema, pode apenas levar-nos àquele ponto em que todas as religiões se encontram e não além.

Aquele preciso ponto em que as religiões todas se encontram é a compreensão — não em sentido místico, mas no sentido mais mundano e terra-a-terra, e quanto mais mundano e terra-a-terra melhor — do fato de que Deus é tudo e tudo é Deus.

Desde ponto em diante começa o trabalho da prática dessa compreensão mental, e o resultado final é o rompimento de um hábito. É preciso deixar de chamar as coisas de "coisas" e chamá-las de Deus; e, ao invés de pensá-las como coisas, é preciso saber que são Deus; ao invés de imaginar a "existência" como a única coisa possível, deve-se compreender que esta existência (fenomenal) é apenas uma criação da mente, que a não-existência é uma seqüência necessária desde que postulamos a "existência".

O conhecimento das coisas só mostra a existência de um órgão a ser conhecido. Não há sons para o mudo, visões para o cego e a mente é apenas um órgão de concepção ou apreciação de certos aspectos de Deus.

Deus é infinito e, por conseguinte, existência e não-existência são apenas contrapartidas dele. Não preten-

do dizer que Deus seja composto de partes *definidas*. É difícil ser inteligível ao falar de Deus. O verdadeiro conhecimento vem de dentro e não de fora. E o verdadeiro conhecimento não é "saber" mas "ver".

Compreensão nada mais é senão ver Deus literalmente. Nosso maior erro é pensar em Deus agindo simbólica e alegoricamente e não de forma prática e literal.

Tome-se um pedaço de vidro, desenhe-se nele cores e formas e coloque-se o mesmo numa lanterna mágica, acenda-se uma luz, e as cores e formas pintadas sobre o vidro serão reproduzidas na tela. Se a luz não fosse acesa, as cores na tela não seriam vistas.

Como se formam as cores? Decompondo-se a luz branca por meio de um prisma. Assim acontece com o caráter de um homem. Ele é visto quando a Luz da Vida (Deus) o atravessa, isto é, através das ações do homem. Se o homem estiver dormindo ou morto, não é possível ver-lhe o caráter. Apenas quando a Luz da Vida está animando o caráter e fazendo com que atue de mil formas diferentes, em resposta ao seu contato com o mundo multi-facetado, pode-se perceber o caráter de um homem. Se a luz branca não houvesse sido decomposta e transformada em formas e figuras em nossa lanterna mágica, jamais ficaríamos sabendo que havia um pedaço de vidro diante da luz, pois a luz teria atravessado a lanterna. Num certo sentido essa luz branca foi empanada e ficou privada de um pouco da sua claridade ao ser obrigada a atravessar as cores do vidro.

Assim acontece com o homem comum. Sua mente é como a tela. Sobre ela reflete-se a luz, embaçada e alterada porque ele permitiu ao mundo multi-facetado interpor-se no caminho da Luz (Deus) e interrompê-la. Ele vê apenas os efeitos da luz (Deus) e não a própria Luz (Deus), e sua mente reflete os efeitos que vê assim como a tela reflete as cores sobre o vidro. Retire-se o prisma e as cores desaparecerão, reabsorvidas na luz branca de onde emanam. Retirem-se as cores e a luz simplesmente atravessará a lanterna. Retire-se de nossas vistas o mundo dos efeitos que vemos, permita-se que examinemos a causa, e veremos a Luz (Deus).

Um Mestre em meditação, conquanto com olhos e ouvidos abertos, fixa sua atenção com tal firmeza “Naquilo que Vê” que ele não vê nem ouve, nem tem consciência física de nenhuma espécie — apenas espiritual.

Precisamos afastar o mundo, que causa nossas dúvidas, que nos anuvia a mente, e a luz de Deus brilhará. Como se pode afastar o mundo? Quando, por exemplo, ao invés de ver um homem a gente vê e diz: — Isto é Deus animando um corpo — corpo esse que responde, mais ou menos perfeitamente, à orientação de Deus, da mesma forma pela qual um navio obedece mais ou menos perfeitamente aos comandos do leme.

Que são os pecados? Por que, por exemplo, um homem bebe em demasia? Porque odeia a idéia de estar preso: preso à incapacidade de beber tanto quanto deseja. O homem luta pela liberdade e cada pecado que comete. Esta luta pela liberdade é a primeira ação instintiva de Deus na mente humana. Pois Deus sabe que ele não está preso. Beber em demasia não proporciona liberdade ao homem, mas o homem não sabe então que está a procura de liberdade. Ao compreendê-lo, busca a melhor forma de obter a liberdade.

Mas o homem só conquista tal liberdade ao perceber que nunca esteve preso. O Eu que se sente tão aprisionado é na realidade o Espírito Ilimitável. Estou preso porque não sei nada que não perceba através de um dos meus sentidos. Enquanto, o tempo todo, sou aquilo que percebe em todo corpo, em toda mente. Tais corpos e mentes são apenas os instrumentos do Eu, o Espírito ilimitável.

Que quero com os instrumentos sendo eu os próprios instrumentos, assim como as cores são a Luz Branca?

Desnecessário é dizer que o serviço na polícia não agradava a Humphreys. Sri Bhagavan aconselhou-o a fazer o seu serviço e meditar ao mesmo tempo. Durante alguns anos ele assim fez e depois aposentou-se. Sendo já católico e compreendendo a unanimidade essencial de todas as religiões, não viu necessidade de mudar mas voltou para a Inglaterra, onde entrou para um mosteiro.

A tolerância e bondade de Sri Bhagavan eram coisas que amiúde causavam funda impressão. Não apenas reconhecida a verdade em todas as religiões, coisa que qualquer homem com compreensão espiritual faria, como também se algum grupo, escola ou ashram lutava por expandir-se espiritualmente, ele demonstrava seu apreço pelo bem que estavam fazendo, por mais distantes que os métodos por eles empregados pudessem estar dos seus próprios ou dos seus ensinamentos estritamente ortodoxos.

Raghavachariar, um funcionário do governo em Tiruvannamalai, costumava visitar Sri Bhagavan de quando em quando. Queria saber-lhe a opinião acerca da Sociedade Teosófica, mas sempre que ia deparava-se com uma multidão de devotos e furtava-se a falar em público. Um dia lá esteve com a determinação de submeter três perguntas a apreciação do Maharshi. Assim ele descreve o fato:

As perguntas eram:

- 1 — Podeis conceder-me alguns minutos em particular, a fim de que falemos longe dos demais?
- 2 — Gostaria de ter a vossa opinião acerca da Sociedade Teosófica, da qual faço parte.
- 3 — Permiti-me, rogo-vos, que veja a vossa forma real, se isso for possível.

Quando prostrei-me e me assentei diante dele havia pelo menos trinta pessoas, mas todos se dispersaram imediatamente. De modo que fiquei a sós com ele e minha primeira pergunta foi assim respondida sem que eu a tivesse formulado. Aquilo pareceu-me coisa digna de nota.

A seguir ele perguntou-me se o livro que eu tinha na mão era o Gita e se eu era sócio da Sociedade Teosófica e observou, antes mesmo que eu comesse a responder, que “ela estava fazendo uma boa obra”. Respondi afirmativamente às suas perguntas.

Minha segunda pergunta tendo sido igualmente antecipada, aguardei com ansiedade a terceira. Depois de meia hora abri a boca e disse: — Assim como Arjuna

desejou ver a forma de Sri Krishna e pediu um *darshan* (visão dele), desejo ter um *darshan* de vossa forma real, se me for possível. Achava-se ele sentado no *pial* (estrado) com uma pintura de Dakshinamurthi na parede mais próxima. Como de hábito, pôs-se a olhar-me em silêncio, e eu fitei-o nos olhos. A seguir, o seu corpo e o retrato de Dakshinamurthi desapareceram ambos das minhas vistas. Ficou apenas um espaço vazio, até mesmo sem parede, diante de mim. Depois formou-se uma nuvem esbranquiçada em torno do Maharshi e de Dakshinamurthi. A pouco e pouco o contorno (com linhas prateadas) das figuras começou a aparecer. Os olhos, o nariz, etc., outros detalhes foram esboçados em linhas que pareciam raios de luz. Gradualmente aquilo foi aumentando até que toda a figura do Sábio e Dakshinamurthi incendiaram-se de uma luz fortíssima e insuportável. Fechei conseqüentemente os olhos. Esperei alguns minutos e então vi-os, a ele e a Dakshinamurthi, em suas formas habituais. Prostreime-me e me afastei. Durante o mês que se seguiu não ousei aproximar-me novamente dele, tão grande foi a impressão que a experiência acima produziu em mim. Depois de um mês subi a encosta e vi-o postado diante de Skandashram. Eu lhe disse: — Fiz-vos uma pergunta há cerca de um mês e passei por esta experiência — narrando-lhe a experiência em tela. Pedi-lhe que me desse uma explicação. Depois de uma pausa, ele disse: — Você queria ver a minha forma; viu o meu desaparecimento; não tenho forma. De modo que a sua experiência pode ter representado a verdade. As visões futuras poderão ser concordes com suas concepções decorrentes do estudo do Gita Bhagavad. Mas Ganapati Sastri teve uma experiência similar; consulte-o.

Na verdade não consultei Sastri. Depois disto o Maharshi disse: — Descubra quem é o Eu, o vedor ou pensador e a sua morada.

UM DEVOTO ANÔNIMO

Um visitante veio a Virupaksha e, embora não tivesse permanecido mais do que cinco dias, foi tão óbvio que recebeu

a Graça de Sri Bhagavan que Narasimbaswami, que coletava material para a biografia, *Auto-realização*, na qual se baseia grande parte do presente trabalho, fez questão de anotar o seu nome e endereço. O foresteiro tinha algo de jubiloso e sereno e os olhos fulgurantes de Sri Bhagavan brilharam para ele. Todos os dias ele compunha uma canção em honra de Sri Bhagavan, tão extática, tão espontânea, tão transbordante de alegria e devoção, que entre todas as canções compostas, estas foram das poucas que continuaram a ser cantadas. Mais tarde Narasimbaswami visitou Satyamangalam, a cidade que o homem designara, a fim de reunir mais detalhes acerca dele, mas não se conhecia tal pessoa na localidade. Salientou-se que o nome significa "Morada da Bem-aventurança" e sugeriu-se que o visitante poderia ser um emissário de alguma "Morada da Bem-aventurança" oculta, vindo para render homenagem ao Guru máximo da época.

Uma de suas canções saúda Sri Bhagavan como "Ramana Sad-Guru". Certa vez, quando era cantada, o próprio Sri Bhagavan juntou-se ao coro. O devoto que a cantava riu-se e disse: — Esta é a primeira vez que ouço alguém cantar em louvor de si mesmo.

Sri Bhagavan retrucou: — Por que limitar Ramana a estes seis pés? Ramana é universal.

Uma das cinco canções encerra tantas alegrias matutinas que se pode perfeitamente acreditar que tenha celebrado a verdadeira aurora para o seu autor:

Surge a aurora na montanha
Vem, doce Ramana!
Vem, Senhor Arunachala!
Canta o cuco na mata,
Vem, caro Mestre, Ramana!
Vem, Senhor da Sabedoria!

Soa a trompa, empalidecem as estrelas
Vem, doce Ramana!
Vem, Senhor Deus dos Deuses!

Cantam os galos, gorjeiam os pássaros
Já é hora, vem!
A noite se foi, vem!

Tocam as trombetas, rufam os tambores,
Vem, rebrilhante Ramana!
Vem, Sabedoria Desperta!

Crocitam os corvos, é manhã,
Vem, Serpentino Senhor!¹
Vem, Senhor de Colo Azul!¹

A ignorância se foi, os lotos² se abriram
Vem, Sábio Senhor Ramana!
Vem, Coroa dos Vedas!

De qualidades puro, Senhor da Libertação,
Dadivoso Ramana, vem!
Senhor Paz, vem!

Sábio e Senhor
Uno com o Ser-Sabedoria-Bem-aventurança,
Senhor que dança de alegria, vem!¹

Amor no ápice da Sabedoria,
Maior que o prazer, maior que a dor, vem!
Silêncio benfazejo, vem!

¹ Epítetos de Xiva.

² Significa também corações.

CAPÍTULO XI

ANIMAIS

ASSEVERA-SE NO HINDUÍSMO (conforme está explicado, por exemplo, por Shankaracharya no seu comentário acerca do Bhagavad Gita, Cap. V, vv 40-44) que depois da morte aquele que não dissolveu a ilusão de uma individualidade em separado na compreensão da identidade com o Eu passa a um estado de céu ou inferno em função de um bom ou mau karma ou folha corrida que acumulou durante a sua vida terrena e que, decorrido este período de provação, volta à Terra, tendo um nascimento elevado ou rasteiro segundo o seu karma, a fim de cumprir aquela parte denominada *prarabdha*, vale dizer o destino de uma vida. Durante sua nova vida terrena uma vez mais ele acumula *agamy* ou novo karma, e isto é acrescentado ao seu *sanjitha-karma* ou resíduo do seu karma já acumulado que não é *prarabdha*.

Assevera-se geralmente que é possível fazer progresso e cumprir todo o karma ao longo de uma vida humana; no entanto, Sri Bhagavan indicou que também é possível que os animais estejam cumprindo o seu karma. Numa conversa citada neste capítulo ele disse: — Não sabemos que almas poderão estar ocupando estes corpos, e para terminar que parte do seu karma incompleto, estarão procurando a nossa companhia. — Shankaracharya também afirmou que os animais podem chegar à liberação. Ademais, um dos Puranas conta como o Sábio Jada-Bharata foi assaltado em seu leito de morte por um breve pensamento do seu veado amestrado e teve de nascer novamente sob a forma de veado a fim de exorcizar este último vínculo.

Sri Bhagavan mostrava a mesma consideração para com os animais que o destino punha em contato com ele e para com as pessoas. E os animais não se sentiam menos atraídos por ele do que as pessoas. Já em Gurumurtam os pássaros e esquilos costumavam construir seus ninhos em torno dele. Naqueles dias os devotos supunham que ele não tomava conhecimento do mundo, mas na verdade era um arguto observador e falou de uma família de esquilos que ocupava um ninho abandonado por aves.

Sri Bhagavan jamais se referia a um animal no estilo tâmil normal, usando o pronome neutro, mas empregava sempre “ele” ou “ela”. — Já deram comida aos rapazes? — decerto estaria se referindo aos cães do Ashram. — Dê a Lakshmi seu arroz imediatamente — e a referência agora era feita à vaca Lakshmi. Era regra corrente no Ashram que na hora das refeições os cães eram os primeiros a ser servidos, a seguir os mendigos que por ventura ali estivessem e por fim os devotos. Conhecedor da relutância com que Sri Bhagavan aceitava qualquer coisa que não fosse partilhada igualmente por todos, surpreendi-me certa vez ao vê-lo comer uma manga entre as refeições; depois compreendi a razão — a estação das mangas estava começando e ele desejava verificar se estavam suficientemente maduras para serem dadas ao pavão branco que fora enviado pela Marani de Baroda e se tornara seu protegido. Havia também outros pavões. Ele os chamava, imitando-lhes a fala, e eles vinham até ele apanhar amendoins, arroz e mangas. No dia anterior à sua morte física, quando os médicos afirmaram que as dores deveriam ser pavorosas, Sri Bhagavan ouviu um pavão gritar numa árvore próxima e perguntou se já havia recebido a sua ração.

Os esquilos costumavam saltar a janela e vir até o seu sofá e ele tinha sempre uma reserva de amendoins para eles. Por vezes entregava a lata de amendoins a algum esquilo visitante e deixava que o animal se servisse à vontade; outras vezes segurava na mão uma noz e o animal vinha comer-lhe na mão. Certo dia, quando em virtude do reumatismo e da idade já havia começado a caminhar com auxílio de uma bengala, descia os poucos degraus que levavam ao Ashram e um esquilo passou diante de seus pés, perseguido por um cachorro. Ele chamou o cachorro e atirou a bengala entre os dois, mas, ao

fazê-lo, escorregou e fraturou a clavícula; o cachorro, porém, teve a sua atenção distraída e o esquilo foi salvo.

Os animais sentiam-lhe a Graça. Quando um animal selvagem é cuidado por pessoas e volta ao seu meio é invariavelmente boicotado pelos seus companheiros; mas quando era cuidado por Bhagavan tal coisa não sucedia. Pelo contrário, parecia que os demais o tratavam com deferência. Os animais sentiam a total ausência de medo e raiva em Bhagavan. Estava sentado na encosta do monte quando uma cobra subiu-lhe na perna. O Sábio não se mexeu nem se alarmou. Um devoto perguntou-lhe qual era a sensação de uma cobra passar sobre a gente e, rindo, ele retrucou: — Macia e fresca.

Não permitia que se matassem cobras onde residia. — Vimos até os seus domínios e não temos o direito de perturbá-las. Elas não nos incomodam.

E de fato não incomodavam. Certa vez sua mãe ficou amedrontada quando uma cobra aproximou-se dela. Sri Bhagavan caminhou para o réptil que se voltou e afastou-se. O animal passou entre duas pedras e ele o seguiu; no entanto, a passagem terminava de encontro a uma parede de pedra e, não podendo fugir, a cobra voltou-se, enroscou o corpo e olhou para ele. Ele também encarou-a. Aquilo prosseguiu durante alguns minutos e afinal a cobra desenroscou-se e, percebendo que não havia razão para medo, rastejou tranqüilamente para longe, passando bem perto dos pés de Bhagavan.

Certa vez estando sentado com alguns devotos em Skandashram, um mangusto correu para ele e saltou-lhe ao colo. — Quem sabe por que veio? — indagou Bhagavan. — Não pode ter sido um mangusto qualquer. — Há um outro caso de um mangusto nada comum relatado pelo Professor Venkatramiah em seu diário. Em resposta a uma pergunta do Sr. Grant Duff, Sri Bhagavan disse:

Foi por ocasião do Arudra Darshan (um festival xi-vaíta). Eu vivia então na montanha, em Skandashram. Fieiras de visitantes vinham da cidade até a montanha e um mangusto, de tamanho fora do comum e matiz dourado e não cinzento como de hábito, atravessou destemidamente por entre a multidão. Pensaram tratar-se de um animal domesticado cujo proprietário estaria entre o

povo. O mangusto dirigiu-se diretamente para Palaniswami que tomava um banho na fonte da Gruta Virupaksha. Ele acarinhou a criatura. Esta seguiu-o até o interior da gruta, inspecionou todos os recantos da mesma e, a seguir, juntou-se à multidão para chegar até Skandashram. Todos ficaram impressionados com o seu aspecto atraente e seus movimentos ousados. O mangusto veio até mim, subiu-me ao colo e descansou algum tempo. Depois levantou-se, olhou em torno e pôs-se em marcha. Percorreu todo o lugar e eu segui-o a fim de evitar que algum visitante descuidado ou pavão o incomodasse. Dois pavões lançaram olhares interrogativos sobre ele; mas o animal deslocou-se calmamente de um lugar para outro até desaparecer por fim entre as rochas do sudoeste do Ashram.

Certa vez Sri Bhagavan estava colhendo legumes para a cozinha do Ashram pela manhã, antes do sol nascer, juntamente com dois devotos. Um destes, Lakshmana Sharma, havia trazido consigo o seu cão — um belo animal, inteiramente branco — e o cão corria alegre pelo lugar sem aceitar a comida que lhe era oferecida. Sri Bhagavan disse: — Vê que alegria ele demonstra? É uma alma elevada que tomou esta forma canina.

O Professor Venkatramiah relatou em seu diário um notável caso de devoção entre os cães do Ashram.

Naquela época (1924) havia quatro cachorros no Ashram. Sri Bhagavan afirmou que nenhum deles aceitaria qualquer comida se ele próprio não partilhasse da refeição. O pândita resolveu tirar a limpo e espalhou comida diante dos cães, mas nenhum destes a tocou. Depois de algum tempo Sri Bhagavan levou um bocado à boca e imediatamente os animais atiraram-se sobre os alimentos e os devoraram.

A ancestral da maioria dos cães do Ashram foi Kamala que veio ainda filhote para Skandashram. Os devotos tentaram afugentá-la, temendo que ela enchesse o Ashram de filhos, mas a cadela recusou-se a ir embora. Na verdade, cresceu uma grande família canina, mas todos tinham que ser tratados com igual

consideração. Por ocasião da sua primeira cria, Kamala foi banhada, pintada com açafrão da Índia, vermelhão na testa e deram-lhe um lugar limpo no Ashram onde ela permaneceu durante dez dias com sua prole. No décimo dia sua purificação foi celebrada com as devidas festividades. Era uma cachorra inteligente e serviçal. Sri Bhagavan amiúde a encarregava de acompanhar um visitante num giro pela montanha. — Kamala, leve este forasteiro a passear. — E o animal guiava-o até todas as imagens, piscinas e santuários do monte.

Um dos mais notáveis dentre os cães, embora não descendente de Kamala, foi Chinna Karuppan (Prezinho). O próprio Sri Bhagavan nos falou dele. — Chinna Karuppan era inteiramente negro, daí o seu nome. Era uma pessoa de elevados princípios. Quando estávamos em Virupaksha alguma coisa preta costumava passar à distância diante de nós. Por vezes víamos-lhe a cabeça despontando por entre as moitas. Sua *vairagya* (isenção) parecia ser muito forte. Não fazia companhia a ninguém e na verdade parecia evitar as demais criaturas. Respeitávamos sua independência e *vairagya* e costumávamos deixar comida para ele e nos afastarmos. Um dia, ao subirmos, Karuppan saltou subitamente para a estrada e veio para mim, abanando alegre a cauda. Por que me havia selecionado entre todos para alvo da sua demonstração de afeto isso ninguém compreendia. Dali em diante permaneceu conosco no Ashram. Era um sujeito muito inteligente e prestativo e que mentalidade tinha! Perdera toda a sua antiga sobranceira e tornara-se muito afetuoso. Era um caso de fraternidade universal. Tornou-se amigo de todos os residentes e visitantes, subia-lhes ao colo e se aninhava junto deles. Seus desempenhos eram, via de regra, bem recebidos. Uns poucos tentavam evitá-lo, mas ele era infatigável em seus esforços e não aceitava nenhum não como definitivo. No entanto, se o mandavam embora, obedecia como um frade que houvesse feito voto de obediência. Certa vez aproximou-se de um brâmane ortodoxo que recitava mantras ao pé de uma árvore próxima de nossa gruta. O brâmane considerava os cães como impuros e com grandes escrúpulos evitava contato e até proximidade com eles. Karuppan, porém, compreendendo e respeitando apenas a lei da igualdade natural (*samatvam*) insistiu em aproximar-se do homem. Por consideração aos sentimentos do brâmane um dos residentes tomou

um pau e bateu no cão, embora com pouca força. Karuppan uivou, correu para longe e nunca mais voltou ao Ashram nem jamais foi visto novamente. Ele nunca tornava a aproximar-se de um lugar onde fora maltratado, tão sensível era.

A pessoa que praticou tal erro evidentemente subestimou os princípios e a sensibilidade do cão. E no entanto já tinha havido uma advertência. Foi assim. Palaniswami havia maltratado Chinna Karuppan certa ocasião. Era uma noite fria e chuvosa, mas ainda assim Karuppan saiu do recinto e passou toda a noite num saco de carvão a alguma distância. Somente pela manhã foi trazido de volta. O comportamento de um outro cão também servira como advertência. Alguns anos antes Palaniswami ralhara com um pequenino cachorro que estava conosco na Gruta de Virupaksha e o animal correu diretamente para a piscina de Sankhatirtham e pouco depois o seu cadáver foi encontrado boiando ali. Esclareceu-se prontamente a Palaniswami e aos demais membros do Ashram que os cães bem como os demais animais residentes no Ashram tinham inteligência e princípios próprios e não deveriam ser tratados com brutalidade. Não sabemos que almas poderão estar ocupando seus corpos e para terminar que parte do seu karma incompleto estarão procurando a nossa companhia.

Houve também outros cães que evidenciaram alta inteligência e elevados princípios. Enquanto em Skandashram, Sri Bhagavan geralmente se achava ao lado dos cães do Ashram quando estes exalavam o seu último suspiro, e providenciava um enterro condigno para o corpo, sendo uma lápide colocada sobre o túmulo. Em anos posteriores, quando os prédios do Ashram já haviam sido erigidos e particularmente quando Sri Bhagavan já não se mostrava tão ativo do ponto de vista físico, os humanos passaram a ter preferência e os devotos animais tornaram-se escassos.

Até os últimos anos os macacos continuaram a vir à janela diante do catre de Sri Bhagavan, espiar através das grades. Por vezes viam-se macacas com suas crias nelas agarradas, como se tivessem vindo mostrá-las a Sri Bhagavan, da mesma forma que as mães humanas faziam. Como uma espécie concessão, os criados tinham permissão para enxotá-las, mas não sem antes atirar-lhes uma banana.

Até tornar-se demasiado enfermo, Sri Bhagavan manteve o hábito de passear na montanha todas as manhãs depois de sete horas e todas as tardes por volta de cinco horas. Certa tarde, ao invés de fazer a curta caminhada de hábito, dirigiu-se a Skandashram. Como não voltasse na hora costumeira, alguns dos devotos foram até o flanco da montanha, ao passo que outros reuniram-se em pequenos grupos, discutindo acerca do paradeiro de Bhagavan, do significado que aquilo poderia ter e que providências deveriam ser tomadas, enquanto outros ainda permaneceram no saguão, esperando. Um par de macacos veio ter à porta do saguão e, esquecendo o seu temor pelas pessoas, entrou e olhou com ansiedade para o catre vazio.

Depois disso, poucos anos antes que os humanos também perdessem de vista Sri Bhagavan neste mundo, o dia dos macacos terminou. Os tetos de folhas de palmeiras foram ampliados, tornando o acesso mais difícil para eles e, de qualquer forma, a maioria dos símios foi levada de volta ao jângal ou capturada pela municipalidade e mandada para os Estados Unidos a fim de ser submetida a experiências.

Desde 1900, ano em que Sri Bhagavan foi morar no monte, até 1922, ano em que desceu para o Ashram ao pé do dito monte, grande foi a sua intimidade com os macacos. Ele os observava atentamente, com o amor e a compreensão que um *Gnani* (Sábio) tem por todos os seres e com aquele agudo senso de observação que era todo seu. Aprendeu a compreender-lhes os gritos e familiarizou-se com o seu código de conduta e sistema de governo. Descobriu que toda tribo tem seu rei e seu distrito reconhecido e se alguma outra tribo infringir a alguma regra isto significará guerra. Mas antes de começar uma guerra ou declarar a paz um embaixador é enviado de uma tribo para outra. Bhagavan costumava dizer aos visitantes que os macacos reconheciam-no como um membro da sua comunidade e aceitavam-no como árbitro em suas disputas.

— Os macacos, via de regra, sabotam um membro do seu clã se este já foi tratado por humanos, mas abrem uma exceção no meu caso. Também, quando há incompreensão e briga, recorrem a mim e eu os pacifico; fazendo cessar suas desavenças. Um jovem macaco foi certa vez mordido por um elemento mais velho do grupo e abandonado nas proximidades do Ashram. O pequenino se veio mancando até o Ashram na Gruta de Viru-

paksha, daí, o nome de Nondi (Manco) que lhe demos. Quando o seu grupo surgiu, cinco dias mais tarde, viram que ele havia sido cuidado por mim mas ainda assim aceitaram-no de volta. Dali em diante passaram a vir todos recolher tudo quanto sobejasse no Ashram, mas Nondi saltava direto para o meu colo. Comia com rigoroso asseio. Quando um prato de arroz era colocado diante dele, comia sem derramar um só grão. Quando acontecia de derramar algo, imediatamente o apanhava e comia, antes de voltar ao que restava no prato.

“Era muito sensível, porém. Certa vez, por alguma razão, derramou comida e eu ralhei com ele. . . — Que! Por que está desperdiçando comida? — Prontamente, ele atingiu-me no olho, machucando-me um pouco. Como castigo não lhe dei permissão para subir ao meu colo durante alguns dias, mas a pequena criatura choramingou e implorou com empenho e reconquistou afinal o seu lugar. Aquela foi a sua segunda falta. Na primeira ocasião eu levei sua xícara de leite quente aos lábios a fim de esfriá-la para ele, mas o animal se aborreceu e golpeou-me nos olhos, mas não houve ferimentos sérios e ele logo veio encarapitar-se no meu colo, choramingando como a dizer: — Perdoe-me — e, por isso, foi perdoado.”

Mais tarde Nondi tornou-se rei da sua tribo. Sri Bhagavan contou também o caso de um macaco rei que teve a ousada medida de proscrever dois turbulentos machos da sua tribo. A tribo tornou-se insubordinada e o rei abandonou-a, entrando sozinho no jângal onde permaneceu durante duas semanas. Ao voltar desafiou os críticos e os rebeldes e, tal era a fortaleza que adquirira naquelas duas semanas de *tapas* (privações) que ninguém ousou aceitar seu desafio.

Foi comunicado certa manhã que um macaco agonizava perto do Ashram. Sri Bhagavan foi ver e tratava-se do rei. O animal foi trazido para o Ashram, apoiado a Sri Bhagavan. Os dois machos proscritos estavam sentados numa árvore das proximidades, observando. Sri Bhagavan mexeu-se a fim de mudar o peso de uma perna para outra e o macaco instintivamente mordeu-o. — Tenho quatro dessas marcas produzidas por macacos reis — disse ele certa vez, mostrando a perna. A seguir, o macaco rei soltou um derradeiro gemido e morreu. Os dois macocos espectadores começaram a saltar e guinchar de dor. O corpo foi enterrado com as honras dispensadas a um

sanyasin: foi banhado em leite e depois em água; untado com cinzas sagradas; colocou-se um pano novo sobre o corpo, deixando o rosto descoberto e queimou-se cânfora. Foi feito um túmulo nas proximidades do Ashram e sobre este ergueu-se uma lápide.

Conta-se uma estranha história de gratidão entre macacos. Sri Bhagavan passeava certa vez em torno do sopé da montanha com um grupo de devotos e quando se aproximaram de Pachaiamman Koil sentiram fome e sede. Imediatamente uma tribo de macacos trepou às figueiras silvestres à margem da estrada e sacudiu os galhos, coalhando o leito da estrada de frutos maduros, e a seguir fugiu, sem comer nada. Ao mesmo tempo surgiu um grupo de mulheres com jarras de barro contendo água potável.

O mais apreciado de todos os devotos animais de Sri Bhagavan foi a vaca Lakshmi. Ela foi trazida para o Ashram ainda novilha, em companhia de sua mãe, em 1926, por um certo Arunachala Pillai de Kumaramangalam perto de Gudiyatham e presenteada a Sri Bhagavan. Este relutou em aceitar a dávida, pois não havia na ocasião acomodações para vacas no Ashram. No entanto, Arunachala Pillai negou-se peremptoriamente a levar de volta os animais e um devoto, Ramanath Dikshitar, ofereceu-se para cuidar deles, de modo que puderam ficar. Dikshitar supriu-lhes as necessidades durante três meses e a seguir as vacas foram deixadas na cidade com alguém que entendia do assunto. Depois de um ano os animais foram trazidos ao Ashram, quando o seu cuidador veio fazer uma visita e ter *darshan* de Sri Bhagavan. A novilha parece ter sido irresistivelmente atraída para Sri Bhagavan e gravado o caminho para o Ashram, pois no dia seguinte voltou sozinha e dali em diante passou a vir todas as manhãs, regressando à cidade apenas à noite. Mais tarde, quando veio morar no Ashram, continuou a procurar Sri Bhagavan, dirigindo-se diretamente para ele sem tomar conhecimento de qualquer outra pessoa, e Sri Bhagavan sempre tinha algumas bananas ou outras guloseimas para ela. Durante muito tempo ela compareceu diariamente no saguão à hora do almoço e o acompanhou até a sala de refeições, e tão pontualmente que se ele acaso estivesse ocupado com alguma coisa e se demorasse, olhava para o relógio quando a via entrar e constatava que era hora.

A vaca teve um certo número de bezerros, três pelo menos no Jayanthi (dia do aniversário) de Bhagavan. Quando se construiu uma cocheira de pedra ou Ashram ficou decidido que Lakshmi seria a primeira a entrar no dia da inauguração, mas no momento azado não foi possível encontrá-la; ela fora deitar-se ao lado de Sri Bhagavan e não se moveu enquanto ele não veio também, de modo que ele entrou primeiro e ela logo após. Não apenas Lakshmi tinha uma devoção incomum por Sri Bhagavan como também a Graça e bondade que este tinha por ela eram excepcionais. Em anos posteriores houve numerosas vacas e muitos touros no Ashram, mas nenhum provocou vínculos tão fortes nem evocou tanta Graça. Os descendentes de Lakshmi continuam lá.

A 17 de junho de 1948, Lakshmi caiu doente e na manhã de 18 de junho parecia estar próximo o seu fim. Às dez horas Sri Bhagavan foi ter com ela. — Amma (mãe) — disse ele — queres que fique junto de ti? — Ele sentou-se ao lado dela e colocou-lhe a cabeça no colo. Olhou-a nos olhos e descansou a mão na sua cabeça, como que a dar-lhe *diksha* (iniciação). Apertando as bochechas do animal contra o seu rosto, acariciou-o. Contento porque o coração de Lakshmi estava isento de toda vasana (tendência latente) e totalmente focalizado em Bhagavan, ele pediu-lhe licença e foi à sala de refeições almoçar. Lakshmi manteve-se consciente até o fim; seus olhos estavam calmos. Às onze e meia ela deixou o seu corpo, de forma muito tranqüila. Foi enterrada no Ashram com todos os ritos funerários, ao lado dos túmulos de um veado, um corvo e um cão que Sri Bhagavan também fizera enterrar ali. Uma pedra quadrada foi colocada sobre o seu túmulo. Sobre a lápide havia um epitáfio escrito por Sri Bhagavan declarando que ela conseguira *Mukti* (Libertação). Devaraja Mudaliar perguntou a Sri Bhagavan se se tratava de uma frase convencional, da mesma forma pela qual a frase de que alguém alcançou *samadhi* é uma forma polida de dizer que faleceu, ou se se tratava realmente de *Mukti*. Sri Bhagavan disse que realmente se tratava de *Mukti*.

SRI RAMANASHRAM

QUANDO OS DEVOTOS acompanharam Sri Bhagavan ao túmulo de sua mãe, no pé da montanha, em dezembro de 1922, o Ashram consistia unicamente de um barracão de sapé. Durante os anos subseqüentes, os números cresceram, vieram doações e o recinto do Ashram normal foi erguido: o saguão em que Sri Bhagavan ficava, o escritório e loja de livros, a sala de refeições e cozinha, a cocheira para as vacas, o correio, o dispensário, o quarto de hóspedes para visitantes masculinos (que não era na realidade um quarto mas um amplo dormitório para os que desejavam hospedar-se alguns dias no Ashram), dois pequenos bangalôs para hóspedes cuja permanência era mais demorada... todos prédios térreos e caiados na partes de fora à maneira hindu.

Imediatamente a oeste do Ashram existe uma grande piscina quadrada com degraus de pedra levando até a água em todos os quatro lados. Ao sul do Ashram, a estrada de rodagem de Tiruvannamalai para Bangalore, corre de leste para oeste, bifurcando-se mais para o oeste e circundando o monte. Estando-se na estrada, voltado para o norte, vê-se, através de um pequeno aqueduto, um arco de madeira pintado de preto com o nome "Sri Ramanasramam",¹ em letras douradas. Não há portões, a entrada é aberta. As frentes das palmeiras ocultam os prédios do Ashram e além destes, preeminente, majestático, ergue-se o Monte.

¹ As formas "ashram" e "asramam" são ambas corretas, uma correspondendo ao sânscrito, outra ao tâmil.

Não apenas o Ashram foi construído. No outro lado da estrada o Marajá de Morvi doou uma casa de hóspedes para rajás em visita. Uma colônia de casinhas e bangalôs desenvolveu-se, construída por devotos. Logo a oeste do Ashram, entre a piscina e o monte, sadhus construíram uma colônia em Pelakottu, vivendo em grutas ou cabanas entre as árvores. No Ashram propriamente dito, que foi construído mais para a ação do que para a meditação, vivia-se uma vida de trabalho no escritório, no jardim, na loja de livros, na cozinha, num ou noutro departamento, dando-se todos por felizes por estar perto de Sri Bhagavan, vê-lo passar, e, ocasionalmente, merecer a sua atenção e a sua palavra.

Esse trabalho de construção e planejamento, bem como o trato com o dinheiro, requereu uma direção para o Ashram pois Sri Bhagavan não tomava conhecimento de tais assuntos. Por isso seu irmão, Niranjanananda, tornou-se o Sarvadhikari ou Governador do Ashram. Fizeram-se leis regulamentando a vida no Ashram. Algumas dessas leis pareciam desagradáveis aos devotos; no entanto, se alguém sentia ímpetos de protestar ou rebelar-se, a atitude de Sri Bhagavan o refreava, pois ele acatava todas as leis e prestigiava a autoridade, talvez não tanto com relação ao ponto em debate mas principalmente fundamentado em que as ordens têm de ser obedecidas. Havia um significado nisto, como de resto em tudo o que fazia.

Ele estava prescrevendo um caminho que precisa ser seguido não de forma isolada mas nas condições do mundo nesta era kali-yuga, espiritualmente negra, e, se exortava seus adeptos a lembrarem-se do Si enquanto se submetiam a imposições talvez não muito agradáveis, ele próprio dava o exemplo, acatando todas as leis do Ashram. Ademais, não aprovava quando pessoas se desviavam dos propósitos que as tinham trazido até ele para entregar-se a questões acerca do funcionamento do Ashram. Dizia: — As pessoas sobem ao Ashram em busca da Liberação e depois se emaranham em problemas políticos e esquecem-se dos seus objetivos primordiais. — Se tais assuntos fossem da sua alçada elas não precisariam ter vindo a Tiruvannamalai para tanto.

Houve explosões ocasionais de descontentamento e oposição, e não se pode dizer que tenham sido totalmente injustifi-

cáveis à luz da razão, mas Sri Bhagavan não as endossou. Certa vez um grupo de devotos, negociantes e profissionais liberais de Madras, veio num ônibus especialmente fretado a fim de exigir o afastamento total da direção do Ashram e a implantação de um novo sistema. Entraram em massa no saguão e postaram-se diante de Sri Bhagavan. Este, silencioso, o rosto endurecido, alheio, eterno como uma rocha. Os homens sentiram-se contrafeitos em sua presença, entreolharam-se, mexeram os pés e ninguém abriu a boca. Por fim abandonaram o saguão e voltaram a Madras de onde tinham vindo. Só então Sri Bhagavan inteirou-se da missão que traziam e disse: — Pergunto-me por que vêm até cá. Virão para reformar-se a si mesmos ou para reformar o Ashram?

Ao mesmo tempo — outra lição a ser observada — se alguma lei parecia não apenas desagradável mas também injusta, Bhagavan não se submetia a ela, tal como fizera na Gruta de Virupaksha com relação à cobrança de uma taxa. Mesmo então raramente apelava para o protesto, pois preferia, através da sua atitude, chamar a atenção para a injustiça. Houve época em que as refeições já eram servidas na sala de refeições do Ashram, mas não foi possível servir bom café a todos, de modo que os menos importantes, que comiam na extremidade da sala, passaram a receber água em vez de café. Sri Bhagavan notou (sempre notava tudo) e disse: — Dêem-se água também. — Depois disso nunca mais aceitou uma xícara de café.

Certa vez, estando já bastante idoso e tendo os joelhos endurecidos e deformados pelo reumatismo, chegou uma comitiva de europeus; uma senhora, não estando acostumada a sentar-se com as pernas cruzadas, encostou-se à parede e esticou as pernas diante do corpo. Um criado, não percebendo talvez como é difícil sentar com as pernas cruzadas quando não se está habituado a isso, disse-lhe que não ficasse como estava. A pobre senhora corou de vergonha e recolheu as pernas. Sri Bhagavan imediatamente endireitou o corpo e cruzou as pernas. A despeito da dor nos joelhos continuou assim e quando os devotos pediram-lhe que não prosseguisse ele disse: — Se a lei é esta preciso obedecê-la como qualquer outra pessoa. Se é falta de respeito esticar as pernas estou faltando com o respeito para com todas as pessoas neste saguão. — O criado já havia saído mas foi trazido de volta e pediu à senhora que se sentasse

como melhor se ajeitasse. Mesmo então foi difícil persuadir Sri Bhagavan a descontrair-se.

Nos primeiros anos as críticas apareceram algumas vezes. Os devotos ocidentais em especial ficaram sujeitos às arremetidas dos missionários. Um entusiasta chegou a entrar no saguão e despejar sua retórica sobre o próprio Sri Bhagavan. Sri Bhagavan não retrucou, mas a voz do Major Chadwick trovejando do fundo do saguão um desafio à interpretação da cristandade do orador desconcertou-o de tal forma que ele se calou. Mesmo anos mais tarde, padres católicos continuaram a vir, a fim de mostrar sua reverência e seu interesse e apresentar por fim alguma dúvida vazada numa linguagem que nos faz pensar se seus corações estariam abertos ou se então o seu propósito não seria apenas o de fazer proselitismo e distorcer o que ouviam.

Um maometano veio certa vez discutir, mas devia haver sinceridade por trás do seu desafio pois Sri Bhagavan respondeu-lhe com toda a paciência.

— Terá Deus uma forma? — perguntou ele.

— Quem disse que Deus tem uma forma? — retorquiu Sri Bhagavan.

O perguntador insistiu: — Se Deus não tem forma não será errado emprestar-lhe a forma de um ídolo e adorá-lo então?

Ele compreendera a resposta como: — Ninguém disse que Deus tem uma forma. — Mas o significado não era exatamente esse e foi agora ampliado: — Deixe Deus de lado; diga-me primeiro se tu tens uma forma.

— Claro que tenho uma forma, mas não sou Deus.

— És então o corpo físico feito de carne e osso e ricamente vestido?

— Sim, devo ser isso; tenho consciência da minha existência nesta forma corporal.

— Tu te chamas de corpo porque agora tens consciência de teu corpo, mas serás mesmo esse corpo? Serás assim quando estás profundamente adormecido e não te dás conta da tua existência?

— Sim, devo ter conservado a mesma forma mesmo estando adormecido pois tenho consciência dela até o momento em que adormeço e tão logo acordo vejo que continuo sendo o mesmo de antes.

— E quando acontece a morte?

O perguntador parou um pouco para pensar: — Bem, então sou considerado morto e o corpo é enterrado.

— Mas disseste que o teu corpo és tu. Ao ser levado para ser enterrado por que ele não protesta, dizendo: — Não! não! não me levem! Estas coisas que adquiri, estas roupas que envergo, estas crianças que gerei, tudo isto é meu, tenho de permanecer junto delas!

O visitante confessou então que erradamente se identificara com o próprio corpo e disse: — Sou a vida dentro do corpo, não o corpo propriamente dito.

Então Sri Bhagavan explicou-lhe: — Até aqui tu verdadeiramente te consideraste como o corpo e como o dono de uma forma. Trata-se de uma ignorância primordial que é a causa principal de todos os problemas. Até que essa ignorância seja liquidada, até saberes que és natureza sem forma, será mero pedantismo discutir acerca de Deus e querer saber se ele tem uma forma ou é amorfo ou se é direito adorar Deus na forma de um ídolo, sendo ele na realidade amorfo. Até que vejamos o Si amorfo não poderemos na realidade adorar o Deus amorfo.

Por vezes as respostas dadas eram tersas e críticas, por vezes plenas e elucidativas, mas sempre adaptadas ao perguntador e sempre maravilhosamente adequadas. Um faquir nu surgiu certa vez e lá permaneceu cerca de uma semana, mantendo o braço direito permanentemente no ar. Não entrou pessoalmente no saguão mas mandou uma pergunta: — Qual será o meu futuro?

— Diga-lhe que o seu futuro será igual ao seu presente — foi a resposta. Não apenas se verberou aquele interesse no futuro como também se lembrou que a atividade presente, sincera ou não, estava também criando sua condição futura.

Um visitante deu uma demonstração de conhecimento, repetindo os diferentes caminhos preconizados por numerosos mestres e fazendo citações de filósofos ocidentais. — Diz-se uma coisa e outra — rematou ele. — Quem estará com a razão? Que caminho devo tomar?

Sri Bhagavan conservou-se calado, mas o visitante insistiu na pergunta — por favor, digei-se que caminho devo tomar.

Quando Sri Bhagavan ergueu-se para sair do saguão respondeu-lhe de forma lacônica: — Tome o caminho pelo qual veio.

O visitante queixou-se aos devotos de que aquela resposta em nada ajudava, e eles lhe mostraram seu significado mais profundo: o único caminho é a volta às Origens, o retorno ao lugar de onde se veio. Ao mesmo tempo, era precisamente a resposta que o homem merecia.

Sundaresh Aiyar, um devoto a quem já se fez referência, ouviu que estava prestes a ser transferido para uma outra cidade e em sua dor lamentou-se: — Faz quarenta anos que estou com Bhagavan e agora mandam-me embora. Que farei longe de Bhagavan?

— Há quanto tempo está com Bhagavan? — perguntaram-lhe.

— Há quarenta anos.

Então, voltando-se para os devotos, Sri Bhagavan disse: — Eis aqui alguém que há quarenta anos escuta os meus ensinamentos e diz agora que vai para algum lugar longe de Bhagavan!

Por essa forma chamou atenção para a sua presença universal. Não obstante, a transferência foi cancelada.

Ano após ano o pequeno saguão mantinha-se como o centro dos devotos e o foco de todos aqueles espalhados pelo mundo que não podiam estar fisicamente presentes. Para um observador superficial pareceria que pouca coisa estava acontecendo, mas na realidade a atividade era tremenda.

Através dos anos a rotina da vida mudou um pouco; igualmente mais rotina, mais restrições, surgiram com o gradual enfraquecimento físico de Bhagavan. Até que a fragilidade da idade se fez presente não havia horários fixos para consultá-lo. Ele estava acessível em todos os instantes, dia e noite. Mesmo quando dormia não permitia que se fechassem as portas do saguão, pois havia o risco de que alguém necessitando dele ficasse de fora. Amiúde ele próprio ficava falando com um grupo de devotos noite a dentro. Alguns deles, como Sundaresh Aiyar, eram encarregados da casa com tarefas a desempenhar no dia seguinte, e constataram que depois de uma noite assim passada

na companhia de Bhagavan não sentiam no dia seguinte nenhuma fadiga provocada pela perda de sono.

Na ronda diária da vida do Ashram havia ordem e pontualidade pois isso era parte daquela aceitação das condições de vida que Sri Bhagavan exemplificava e impunha. Assim também, tudo era limpo e arrumado e estava sempre no lugar certo.

Houve época em que era comum Bhagavan levantar-se às três ou quatro horas da madrugada e gastar uma hora descascando legumes ou fabricando pratos (antes que comessem a crescer folhas de bananeira no Ashram e fossem usadas para se comer nelas). Nisto, como em tudo mais, os devotos reuniam-se em torno dele e ajudavam, pelo prazer de estar perto de Bhagavan. Às vezes ele participava realmente da preparação da comida. Deu ordens no sentido de que as cascas dos legumes não fossem atiradas no lixo mas guardadas para o gado. Nada podia ser desperdiçado. Um dia descobriu que, a despeito de suas instruções, as cascas haviam sido jogadas fora e nunca mais participou dos serviços da cozinha.

Já em 1926 deixou de fazer *giri-pradakshina* (circuito do monte). As multidões tinham crescido de tal modo que se haviam tornado incontrolláveis; ninguém se dispunha a ficar no Ashram quando ele saía, mas todos queriam acompanhá-lo. Ademais, costumavam aparecer visitantes para o *darsham* quando não estava e voltavam decepcionados por não encontrá-lo. Em mais de uma oportunidade ele insinuou que dar *darsham* era, por assim dizer, sua obrigação na vida e que era forçado a ser acessível a todos quantos vinham. Invocou isso como uma das razões para permanecer no sopé do monte ao invés de retornar a Skandashram, lugar bem menos acessível. Não apenas desistiu de fazer *pradakshina* como também nunca mais se ausentou do Ashram por razão alguma, a não ser uma pequena caminhada pela manhã à tarde. Até mesmo o fato de haver desistido de ajudar na cozinha deveu-se em grande parte à necessidade de ser acessível a todos os devotos, uma vez que apenas os brâmanes podiam acompanhá-lo naquela tarefa. Quando instaram com ele para que fizesse um giro pelos lugares sagrados da Índia, uma das razões que deu para negar-se foi que os devotos poderiam vir ao Ashram e não encontrá-lo. E durante a sua

última doença insistiu até o fim em que todos que viessem tivessem o seu *darshan*.

Poder-se-ia encher muitos volumes com as experiências dos devotos através daqueles anos e as instruções e exposições e elas dadas. No entanto, não é o propósito deste livro fazer um relato exaustivo, mas, de preferência, dar um quadro geral da vida e dos ensinamentos de Sri Bhagavan.

A VIDA COM SRI BHAGAVAN

É TALVEZ MAIS DIFÍCIL visualizar o Homem Divino na técnica do viver cotidiano que no milagre da transfiguração e, para tanto, a descrição da rotina de vida durante os últimos anos será de utilidade. Os incidentes aqui encaixados não são mais dignos de nota do que muitos anteriormente despercebidos, assim como os devotos mencionados não são mais notáveis do que muitos que permaneceram no anonimato.

Estamos já em 1947. Cinquenta anos se passaram em Tiruvannamalai. Com a chegada da idade e a diminuição da saúde impuseram-se restrições a Sri Bhagavan e este já não está acessível a qualquer instante que se queira vê-lo em particular. Ele dorme no catre onde dá *darshan*, a bênção da sua Presença, durante o dia, mas agora com portas fechadas. Às cinco da manhã as portas se abrem e os devotos entram silenciosamente, prostram-se diante dele e sentam-se sobre o chão de pedra negra, adelgado e brilhante de uso, muitos em pequenas esteiras que trouxeram consigo. Por que Sri Bhagavan, que era tão modesto, que insistia num tratamento equânime para todos, permite essa prostração diante da sua pessoa? Embora humanamente tenha recusado todos os privilégios, reconheceu que a adoração exteriormente manifestada ao Guru é útil ao *sadhana*, ao progresso espiritual. Não que as formas exteriores de submissão sejam suficientes. Ele certa vez declarou explicitamente: — Os homens prostram-se perante mim mas eu sei quem é submisso de coração.

Um pequeno grupo de brâmanes, residentes no Ashram, senta-se perto da cabeceira do catre e entoam os Vedas; um ou dois outros que vieram da cidade, a cerca de quatro quilômetros de distância, juntam-se a eles. Nos pés do catre estão acesos bastões de incenso, difundindo um perfume sutil nos ares. Se se estiver nos meses de inverno, ao lado do catre haverá um braseiro de carvão, patético lembrete de uma vitalidade que se extingue. Às vezes Sri Bhagavan aquece à chama as mãos frágeis de dedos finos, essas mãos de exótica beleza, e esfrega os membros, aquecendo-os um pouco. Todos permanecem calados, a maioria com os olhos cerrados em meditação. Poucos minutos antes das seis os cânticos cessam. Todos se erguem quando Sri Bhagavan se levanta com esforço do catre, procura com a mão o bordão que criado lhe traz e caminha com passos lentos na direção da porta. ' Não é por fraqueza ou receio de cair que caminha com os olhos baixos; percebe-se que se trata de uma modéstia inata. Ele deixa o saguão pela porta norte, no lado do monte, e passa devagar, apoiado ao bordão e um tanto arcado, atravessando a passagem entre a sala de refeições caiada e o prédio do escritório; depois, flanqueando a casa de hóspedes dos homens, dirige-se ao banheiro ao lado do galpão das vacas, o mais ocidental dos prédios do Ashram. Dois criados o seguem, corpulentos, pequeninos e escuros de pele, e envergando *dhoties* brancos até os tornozelos, ao passo que ele é alto e magro, tem uma cor puxando para o dourado e usa apenas uma sunga. Ocasionalmente ergue os olhos, quando algum devoto dele se aproxima ou então para sorrir a alguma criança.

Não há como descrever o brilho do seu sorriso. Qualquer negociante empedernido sairia com o coração leve de Tiruvannamalai depois de ver-lhe o sorriso. Uma mulher do povo disse: — Não compreendo Filosofia, mas quando ele sorri para mim sinto-me segura como uma criança nos braços da mãe. — Eu ainda não o havia visto quando recebi uma carta de minha filha de cinco anos: — Você adorará Bhagavan. Quando sorri todos ficam felizes.

O desjejum é às sete horas. Depois do desjejum Sri Bhagavan sai para um curto passeio e a seguir volta ao saguão. No intervalo o lugar é varrido e cobertas limpas são colocadas sobre o catre, algumas bordadas e presenteadas por devotos.

Todas imaculadamente limpas e dobradas com grandes cuidados, pois os criados sabem o quanto ele é observador e que todos os detalhes são devidamente apreciados, quer Bhagavan faça algum reparo, quer não.

Por volta de oito horas Sri Bhagavan está de volta ao saguão e os devotos começam a chegar. Cerca de nove horas o saguão está repleto. Quando se é novato ali, percebe-se de pronto a atmosfera de intimidade que domina o saguão, a proximidade do Mestre em que se fica, pois todo o lugar mede apenas doze metros por quatro e meio. O saguão vai de leste para oeste e tem uma porta de cada lado maior. A do norte dá para o monte e abre para um quadrado ensombrado por árvores, com a sala de refeições a leste e o jardim e o dispensário a oeste. A do sul dá para o templo e, além dela fica a estrada, o lado pelo qual chegam aos devotos. O catre está colocado a nordeste do saguão. Ao lado existe uma estante giratória contendo livros de maior procura e sobre esta há um relógio, ao passo que outro pende da parede ao lado, ambos rigorosamente certos.

Se algum livro de referência for preciso Sri Bhagavan saberá exatamente onde está, em que prateleira, e, com certeza, a própria página em que se encontra a passagem em tela. Ao longo da parede sul há grandes estantes com portas de vidro.

A maioria dos devotos senta-se no corpo do saguão, frente a frente com Sri Bhagavan, vale dizer voltada para o leste, os homens à esquerda do Sábio. Apenas uns poucos homens sentam-se ao lado do catre, com as costas voltadas para a parede sul e mais próximos de Bhagavan que os demais. Poucos anos antes tal privilégio cabia às mulheres e depois, por alguma razão, as posições foram invertidas. É tradição hindu que homens e mulheres sentem-se separados e Sri Bhagavan aprova a medida, pois o magnetismo entre os sexos pode perturbar o magnetismo espiritual.

Uma vez mais ardem os bastões de incenso. Há também alguns que mantêm agora os olhos fechados, meditando, mas outros relaxam e simplesmente delíam os olhos em Sri Bhagavan. Um visitante canta cânticos de louvor que ele mesmo compôs. Um que esteve afastado e volta agora, faz-lhe uma oferenda de frutas a seus pés e, a seguir, encontra um lugar

entre os que se assentam à sua frente. Um criado distribui parte do presente a título de graça ou *prasadam* de Sri Bhagavan; algo pode ser dado às crianças que entram no saguão, aos macacos postados à janela próxima do catre ou espiando pela porta, aos pavões, ou à vaca Lakshmi, se ela está de visita. O resto é levado para a sala de refeições a fim de ser dividido entre os devotos.

Sri Bhagavan nada aceita para si. Há uma ternura inefável em seu olhar. Não se trata apenas de compreensão pelos problemas imediatos de seus devotos mas por toda a grande cruz do *samsara*, a vida humana. No entanto, a despeito da ternura, os vincos do seu rosto denotam também a severidade de quem conquistou sem jamais fazer concessões. Esse aspecto de dureza é, via de regra, encoberto por cabelos brancos, pois, como *sanyasin*, seu crânio e rosto são raspados a cada lua cheia. Muitos dos devotos lamentam tal fato — os cabelos brancos na face e cabeça propiciam graça e delicadeza aos traços — mas ninguém se atreve a tocar no assunto.

Seu rosto é como a face da água, sempre cambiante, e, no entanto, sempre o mesmo. É espantosa e velocidade com que passa da brandura à grandiosidade pétrea, do riso à compaixão. Cada aspecto sucessivo tem tal vida que fica a impressão de que não se trata do rosto de um homem mas de toda a humanidade. Tecnicamente, ele poderá não ser belo, pois as feições não são regulares; porém o rosto mais lindo parece banal ao seu lado. Há tal realidade em seu rosto que a impressão grava-se fundo na memória e perdura quando outras desaparecem. Até mesmo aqueles que o viram por pouco tempo, ou apenas em fotografia, guardam dele uma imagem mental mais nítida do que aqueles que o conhecem bem. Na verdade, pode ser que o amor, a graça, a sabedoria, a profunda compreensão, a inocência infantil, que irradiam de tal figura, seja um ponto de partida para meditações melhor do que quaisquer palavras.

Em torno do catre, à pequena distância, há uma grade móvel de cerca de meio metro de altura. Isso provocou a princípio alguma controvérsia. A direção do Ashram notou que Sri Bhagavan normalmente evitava ser tocado e recuava quando alguém pretendia fazê-lo. Lembrando, ademais, como um de-

voto mal orientado quebrou certa vez um coco e pretendeu despejar o leite sobre a sua cabeça a título de prestar-lhe uma homenagem, a direção concluiu que a segregação seria melhor. Muitos dos devotos, por outro lado, achavam que se estava colocando uma espécie de barreira entre eles e Sri Bhagavan. A discussão quanto à aprovação da medida pelo Sábio chegou até ele, mas ninguém animou-se a pedir-lhe uma decisão. Bhagavan não se deixou afetar.

Alguns dos devotos, sem erguer-se dos seus lugares, falam com Sri Bhagavan sobre si próprios ou seus amigos, dão notícias de devotos ausentes e fazem perguntas sobre matéria doutrinária. Sente-se a atmosfera caseira, como se fosse uma grande família. Talvez alguém tenha um assunto confidencial para tratar e se aproxime do catre para falar com Sri Bhagavan em voz baixa ou entregar-lhe um papel escrito. É possível que deseje uma resposta ou que baste dar a informação, uma vez que existe a fé em que tudo ficará bem.

Uma mãe apresenta-se com uma criancinha e Bhagavan sorri para ela, um sorriso mais lindo que o da mãe. Uma menininha traz a sua boneca e fá-la prostrar-se diante do catre e a seguir mostra-a a Bhagavan, que apanha e examina o brinquedo. Um macaco jovem esgueira-se pela porta e tenta apoderar-se de uma banana. O criado o enxota, mas acontece que há apenas um criado presente, de modo que o macaco corre até a extremidade do saguão e entra pela outra porta, enquanto Sri Bhagavan lhe sussura com voz aflita: — Depressa! depressa! Ele logo estará de volta. — Um sadhu de aspecto bravio, com cabelos encaracolados e manto ocre, estende as mãos diante do catre. Um próspero comerciante em trajes europeus prostra-se com dignidade e assegura-se um lugar na primeira fila; seu companheiro, pouco seguro da sua devoção, não chega sequer a prostrar-se.

Um grupo de pânditas está sentado perto do catre, traduzindo uma obra em sânscrito, e, de quando em quando, consultam-se com Bhagavan para elucidar algum ponto. Uma criança de três anos de idade, que não quer ficar para trás, mostra o seu livrinho de estórias e Sri Bhagavan, com a mesma benevolência, examina-o com o máximo interesse. Percebe-se gradualmente como o imediatismo profundo da resposta leva devo-

tos de mentalidades as mais variadas a sentir uma intimidade especial com relação ao Mestre.

Gradualmente também percebe-se um pouco da habilidade e sutileza da orientação de Sri Bhagavan — ou melhor, da manipulação humana da sua orientação, pois a orientação propriamente dita é invisível. Todos são livros abertos para ele. Lança um olhar penetrante sobre este ou aquele discípulo para verificar como está a sua meditação; por vezes seus olhos repousam com firmeza sobre um deles, transmitindo a força direta da sua Graça. No entanto, tudo isto é feito com o mínimo de alarde; um olhar poderá mesmo ser dado de viés a fim de não chamar atenção, um olhar mais prolongado poderá ser dado no intervalo da leitura de um jornal ou quando o próprio recipiente estiver sentado com os olhos cerrados e sem dar-se conta do que acontece. Isto poderá servir como preventivo do ciúme dos demais devotos e do convencimento daquele que for favorecido com o olhar.

Amiúde se demonstra uma atenção especial para com um recém-chegado — a isso os devotos já se acostumaram. Talvez um sorriso saudá-lo-á sempre que ele entre no saguão; será observado enquanto meditar, incentivado com observações amistosas. Isto poderá prosseguir durante alguns dias, semanas ou meses, até que a meditação se tenha inflamado em seu coração ou até que o amor o tenha vinculado a Sri Bhagavan. Mas a natureza humana é tal que o ego provavelmente se alimentou daquelas atenções e começou a atribuí-las a uma superioridade sobre os demais devotos que apenas ele e Sri Bhagavan notam. Neste caso ele passará a ser ignorado durante algum tempo até que uma compreensão mais profunda provoque uma resposta mais profunda. Infelizmente, nem sempre isto acontece; por vezes o orgulho de uma suposta preeminência junto a Sri Bhagavan perdura.

Cerca de oito e trinta são trazidos os jornais a Sri Bhagavan e a menos que algumas perguntas estejam sendo feitas, ele os abrirá e correrá os olhos por eles, talvez assinalando algum item de maior interesse (embora nunca o faça de maneira a trair qualquer partidatismo político). Alguns dos jornais são mandados para o Ashram propriamente dito; alguns são encomendados particularmente por algum devoto e primeiramente entregues a Sri Bhagavan, apenas pelo prazer de ler um jornal

por ele tocado. Percebe-se quando se trata de um jornal pertencente a alguém pois Bhagavan o retirará com habilidade e jeito de dentro do seu invólucro e o recolocará no lugar depois de lê-lo, de modo que o dono o receberá de volta exatamente como o entregou.

Entre dez para as dez e dez horas Bhagavan costumava passear pelo monte, mas durante os últimos anos seu corpo tem estado demasiado enfermo e ele se tem limitado a cruzar o pátio do Ashram. Todos se erguem quando ele sai do saguão, a menos que alguém esteja entregue a uma meditação profunda. Durante o recesso reúnem-se e conversam em pequenos magotes — homens e mulheres juntos, pois apenas quando sentados no saguão ficam separados. Alguns lêem os jornais; outros apanham sua correspondência com Raja, o arguto e prestativo funcionário do correio que sabe tudo acerca de todos.

Sri Bhagavan reentra e, se aqueles que estão sentados no saguão fazem menção de levantar-se, ele lhes gesticula que não o façam. — Se se levantam quando eu entro, terão de levantar-se à entrada de qualquer pessoa.

Certa vez, durante os meses de verão, colocou-se um ventilador elétrico no parapeito da janela ao lado de Bhagavan. Ele mandou que o criado o desligasse e, como este resistisse, ele próprio ergueu-se e arrancou o plugue do soquete. Os devotos padeciam do mesmo calor; por que apenas ele haveria de ter um ventilador? Mais tarde, foram instalados ventiladores no teto e todos foram igualmente beneficiados.

A correspondência é agora trazida a Sri Bhagavan. Uma carta endereçada apenas assim: Ao Maharshi, Índia. Um pacote de sementes de flores para serem semeadas no jardim do Ashram, mandadas por um devoto do Estados Unidos. Cartas de devotos de todas as partes do mundo. Sri Bhagavan lê cuidadosamente uma por uma, chegando mesmo a averiguar o endereço e o carimbo postal. Se forem novas de algum devoto que tenha amigos presentes ele comunicará o fato. Ele próprio não responde cartas. Isto expressa o ponto de vista do *Gnani* (Iluminado), que não tem relações e não tem nome para assinar. As respostas são redigidas no escritório do Ashram e submetidas à sua apreciação à tarde, quando dirá se contêm alguma impropriedade. Se alguma coisa em especial ou pessoal for necessária na resposta, poderá indicá-la, mas de modo

geral seus ensinamentos são tão simples que o devoto facilmente aprende a interpretá-los — é a Graça por detrás das palavras que apenas ele pode dar.

Terminado o assunto das cartas é possível que todos estejam em silêncio, mas não há nenhuma tensão nesse silêncio; está pleno de paz. Talvez alguém precise sair, alguma senhora com os olhos rasos d'água por ter de retirar-se, e os olhos de Bhagavan jorrarão amor e fortaleza. Como será possível descrever esses olhos? Olhando para eles sente-se que toda a miséria do mundo, todas as dificuldades passadas, todos os problemas da mente, desmoronam como uma miasma do qual se fugiu para a tranqüila realidade da paz. Não há necessidade de palavras; Sua Graça mexe com o coração da gente e assim o Guru externo faz com que nos voltemos para o nosso interior e percebamos o Guru interno.

As onze horas soa o gongo do Ashram anunciando o almoço. Todos se levantam até que Sri Bhagavan tenha saído do saguão. Se for um dia comum os devotos dispersam-se e vão para as suas casas, mas se acaso for algum festival ou *bhiksha* dado por um dos devotos a título de oferenda ou ação de graças então todos são convidados a almoçar. A vasta sala de refeições não contém qualquer mobília. Pedacos de folhas de bananeira encontram-se espalhados por toda parte à guisa de pratos, em fileiras duplas, ao comprido do chão de ladrilhos vermelhos e os devotos sentam-se de pernas cruzadas diante deles. Uma divisão no meio toma três quartos da largura da sala. A um lado sentam-se os brâmanes que preferem conservar sua ortodoxia; no outro lado estão os não-brâmanes, não-hindus e os brâmanes que preferem comer com os demais devotos. Atende-se assim aos ortodoxos, mas Sri Bhagavan nada diz no sentido de induzir os brâmanes a conservar ou relaxar sua ortodoxia; pelo menos não o faz em público ou indistintamente. Ele próprio senta-se contra a parede leste, com vista para ambas as seções de devotos.

Criados e mulheres brâmanes percorrem as filas servindo arroz, legumes, condimentos. Todos aguardam que Sri Bhagavan comece a comer e este espera que todos tenham sido servidos. Comer é uma ocupação total, não entremeada de falatório, como no Ocidente. Uma dama americana que encontra dificuldades em habituar-se com os costumes hindus trouxe con-

sigio uma colher. Um dos servidores coloca alguns legumes sobre a sua folha e diz-lhe que foram especialmente preparados sem os temperos fortes que geralmente se usam na cozinha — o próprio Sri Bhagavan ordenou providências nesse sentido. Os demais estão ocupados em comer com as mãos. Criados sobem e descem as filas, servindo pela segunda vez, trazendo água, leite, frutas e doces. Sri Bhagavan chama, zangado, a atenção de um criado. Quando há desleixo nas coisas da vida exterior ele é capaz de mostrar-se raivoso. O criado está colocando um quarto de manga em cada folha e pôs meia manga na sua. Ele a devolve e apanha o menor pedaço à vista.

Um por um os comensais terminam, e, ao terminar, cada qual ergue-se e sai, parando para lavar as mãos na torneira antes de voltar para casa.

Até duas da tarde Sri Bhagavan descansa e o saguão permanece fechado aos devotos. A direção decidiu que essa pausa era necessária à sua saúde combalida, mas como institucionalizá-la? Se instado a aceitar uma indulgência capaz de trazer transtornos aos devotos ele provavelmente recusaria. Ao invés de arriscar-se, decidiu-se promover extra-oficialmente a modificação, pedindo-se em particular aos devotos que não entrassem no saguão àquela hora. Durante alguns dias tudo foi bem e então um recém-chegado, desconhecendo a regra, entrou após o almoço. Um criado fez-lhe sinal que saísse, mas Sri Bhagavan chamou-o para perguntar-lhe de que se tratava. Depois do almoço no dia seguinte Sri Bhagavan foi visto sentado na escada no lado de fora do saguão e quando o criado o interpelou, disse: — Parece que ninguém tem permissão para entrar no saguão antes de duas horas. — Somente com grande dificuldade se conseguiu que aceitasse as horas de descanso.

À tarde é possível que haja caras novas no saguão, pois poucos dos devotos permanecem ali o dia todo. Mesmo os que vivem perto do Ashram geralmente tem afazeres domésticos ou outras tarefas a cuidar e muitos têm horários fixos para comparecer.

Sri Bhagavan nunca fala de doutrina a não ser em resposta a alguma pergunta, ou muito raramente. E quando responde perguntas não o faz em tom pontifical mas de forma coloquial, amiúde com espírito e risos. Nem se espera que o perguntador

aceite tudo apenas porque vem dele; todos têm a liberdade de argumentar até que estejam convencidos. Um teosofista indaga se Sri Bhagavan aprova a procura dos Mestres invisíveis e ele responde com vivacidade: — Se são invisíveis como pode vê-los?

— Em consciência — retruca o teosofista e a seguir vem a verdadeira resposta: — Em consciência não há outros.

Alguém de um outro Ashram pergunta: — Estarei certo ao dizer que a diferença é que não atribuíis realidade ao mundo e nós sim?

E Sri Bhagavan recorre ao humor para evitar discussão. — Pelo contrário, uma vez que dizemos que o Ser é Um atribuímos plena realidade ao mundo, e o que é mais, atribuímos plena realidade a Deus: mas ao dizeres que há três, dás apenas um terço de realidade ao mundo, e dás tão-somente um terço de realidade a Deus.

Todos riem juntos, mas, apesar disso, alguns devotos empenham-se em discussão com o visitante e a seguir Sri Bhagavan assinala: — Tais discussões não trazem nenhum proveito.

Se as questões são feitas em inglês, ele responde por meio de um intérprete. Embora não fale inglês fluentemente, compreende tudo e puxa o intérprete à menor inexatidão.

Embora doutrinariamente uniformes, as respostas de Sri Bhagavan dirigem-se muito *ad hominem*, variando bastante em função do perguntador. Um missionário cristão perguntou: — Deus é pessoal? — e, sem transigir com a doutrina do Advaita, Sri Bhagavan tentou facilitar-lhe a resposta: — Sim, ele é sempre a Primeira Pessoa, o “Eu” sempre diante de ti. Se deres precedência às coisas mundanas Deus parecerá haver recuado para segundo plano; se desistires de tudo o mais e procurares somente a Ele, Ele apenas permanecerá como o Eu, o Si.

Pergunta-se se o missionário estaria lembrado de que este é o nome que Deus proclamou através de Moisés. Sri Bhagavan vez por outra assinalava a excelência de “Eu Sou” como um Nome Divino.

Via de regra são os recém-vindos que fazem perguntas e recebem explicações. Os discípulos raro têm perguntas a fazer; alguns deles nunca as têm. As explicações não são os ensinamentos; são apenas um guia para os ensinamentos.

Um quarto para cinco. Sri Bhagavan esfrega os joelhos rígidos e as pernas e apanha a bengala. Por vezes são precisos dois ou três esforços para erguer-se do catre, mas ele não aceita ajuda. Durante os vinte minutos da sua ausência uma vez mais o saguão é varrido e as cobertas do catre trocadas.

Dez ou quinze minutos após a sua volta começa o canto dos Vedas, seguido de *Upadesa Saram*, a "Instrução em Trinta Versos" de Sri Bhagavan. Este é um ponto em que Sri Bhagavan desdenhou da ortodoxia, pois a rigor apenas os brâmanes têm permissão para ouvir o cântico dos Vedas, mas aqui todos têm esse direito. Quando perguntado acerca dos benefícios da medida respondeu, simplesmente: — O som dos cânticos ajuda a aquietar a mente. — Também disse, de modo explícito, que não é necessário saber o significado. É uma ilustração prática acerca do que se disse a respeito da "meditação" por ele prescrita — não se trata de pensar mas de voltar a mente para o interior e chegar à consciência ulterior ao pensamento.

Os cantos duram cerca de trinta e cinco minutos. Enquanto estão sendo executados é comum vê-lo quieto, o rosto eterno imóvel, majestático, como que talhado em pedra. Ao final todos ficam sentados até seis e trinta, quando as senhoras têm de deixar o Ashram. Alguns dos homens permanecem durante mais ou menos uma hora, geralmente em silêncio, às vezes falando, cantando canções em tâmil; depois vem o jantar e os devotos se dispersam.

A sessão vespertina é particularmente notável porque combina a solenidade dos cânticos matutinos com a amistosidade das horas tardias. No entanto, para aqueles que a percebem, a solenidade não falta nunca, nem mesmo quando Sri Bhagavan ri e graceja abertamente.

Um criado vem fazer-lhe uma massagem nas pernas com algum linimento, mas ele o afasta. Preocupam-se muito com ele. Mas Bhagavan transforma a negativa numa brincadeira: — Você já recebeu Graça através do olhar e da fala; pretende agora a Graça através do tato? Deixe que eu próprio receba um pouco de Graça pelo tato.

No entanto, apenas um pálido reflexo do seu humor pode ser colocado no papel, pois se trata menos das coisas ditas, conquanto argutas e espirituosas, do que da maneira de dizê-las. Quando contava uma história Bhagavan transformava-se num

ator completo, representando como se estivesse vivendo um papel. Era fascinante observá-lo, mesmo quando não se entendia a língua. A vida real era também um papel que ele desempenhava e na vida real as transições eram igualmente rápidas, passando do humor à mais profunda comiseração.

Mesmo no começo, quando se pensava que ele não ligava a nada, possuía já um agudo senso de humor, e houve gracejos que só contou muitos anos depois. Certa ocasião, quando sua mãe e um bando de outras pessoas visitaram-no em Pavazhak-kuru, eles trancaram a porta por fora quando foram até a cidade, temendo que ele pudesse escapulir. Bhagavan, porém, sabia que a porta podia ser tirada dos gonzos e aberta mesmo estando trancada, de modo que, a fim de evitar comoções por parte da multidão, fugiu enquanto a comitiva não voltava. Na volta, encontraram a porta trancada, mas o quarto estava vazio. Mais tarde, não havendo ninguém por perto, Bhagavan voltou da mesma maneira. Ficaram a discutir diante dele como poderia ter saído através de uma porta fechada e reaparecido depois valendo-se de *siddhi* (poderes sobrenaturais) e Bhagavan não traiu qualquer emoção, embora, alguns anos mais tarde, todo o saguão se sacudisse de riso ao relato daquela passagem.

Deve dizer-se também uma palavra acerca dos grandes festivais anuais. A maior parte dos devotos não podia viver permanentemente em Tiruvannamalai e só podia vir ocasionalmente, de modo que sempre havia aglomerações quando dos feriados, particularmente os quatro grandes festivais de Kartikai, Deepavali, Mahapuja (aniversário da morte da mãe) e Jayanthi (dia de anos de Sri Bhagavan). O Jayanthi era o maior e mais concorrido de todos. A princípio, Sri Bhagavan relutou em admitir que fosse festejado. Ele compôs as estâncias:

Tu que desejas comemorar o natalício, indaga primeiro quando foi o teu nascimento. O verdadeiro aniversário de uma pessoa é quando ela entra Naquilo que transcende o nascimento e a morte — O Ser Eterno.

Pelo menos no dia do aniversário deve-se lamentar a nossa entrada neste mundo (*samsara*). Glorificá-la e celebrá-la é o mesmo que regozijar-se com um cadáver e enfeitá-lo. Procurar o próprio Si e amalgamar-se nele: isto é sabedoria.

Para os devotos, porém, o nascimento de Sri Bhagavan era motivo de júbilo e ele foi obrigado a submeter-se; mas, tanto na ocasião como em qualquer outra época, negou-se a ser alvo de *puja* (adoração ritual). A multidão era enorme e todos almoçavam na companhia de Sri Bhagavan naquele dia. Até mesmo a vasta sala de refeições não se prestava para o evento; erigiu-se uma cobertura de folhas de palmeira sobre estacas de bambu no quadrado de terra, no lado de fora, e todos ficavam ali. Dava-se também de comer aos pobres, vindo por vezes duas ou três levadas a fim de almoçar, com a polícia e os escoteiros montando guarda à entrada e dirigindo a multidão.

Em qualquer desses dias Sri Bhagavan mantinha-se alheio, esplêndido, e no entanto tinha um olhar de reconhecimento para cada um dos antigos devotos que se apresentasse. Num dos festivais de Kartikai, quando a multidão apinhava todo o Ashram e uma grade havia sido colocada para pô-lo a salvo, um garotinho saltou o obstáculo e correu para Bhagavan a fim de mostrar-lhe o seu novo brinquedo. Sri Bhagavan voltou-se rindo para o criado: — Veja como é útil a sua grade!

Em setembro de 1946, fez-se uma grande comemoração em honra do quinquagésimo aniversário da chegada de Sri Bhagavan a Tiruvannamalai. Vieram devotos dos mais distantes lugares. Compôs-se uma "Recordação do Jubileu de Ouro", com artigos e poemas escritos na ocasião.

Durante os derradeiros anos o velho saguão fizera-se demasiado pequeno, até mesmo nos dias comuns, e tornou-se hábito ficar-se no lado de fora sob um teto de folhas de palmeira. Em 1939 fora começada uma obra de um templo sobre o túmulo da mãe e ficou terminada em 1949, juntamente com um novo saguão para Sri Bhagavan e os devotos ocuparem. Eram duas partes de um mesmo prédio, construído por tradicionais engenheiros de templos segundo as regras bíblicas.

A edificação estende-se ao sul do velho saguão e do escritório, entre este e a estrada. A metade ocidental, ao sul do saguão, é o templo, a metade oriental é um saguão grande, quadrado e bem ventilado onde Sri Bhagavan deveria ficar em companhia dos seus devotos.

O *kumbhabhishekam*, ou inauguração ritual do templo e do saguão, foi uma cerimônia pomposa a que muitos dos devotos

assistiram. Foi o coroamento de anos de esforços, trabalho e planejamento. Sri Bhagavan, porém, relutou em entrar no novo saguão. Preferia a simplicidade e não gostava de grandezas por sua causa. Muitos dos devotos também relutaram — o antigo saguão era tão vibrante da sua Presença e o novo parecia frio e sem vida. Quando Bhagavan entrou afinal, a última doença já se havia apoderado do seu corpo.

UPADESA

É SURPREENDENTE o que tinha de secreta a *upadesa* de Sri Bhagavan, isto é, a orientação ou instrução que dava aos seus discípulos (não há tradução exata para a palavra). Embora fosse igualmente acessível a todos, e via de regra as perguntas fossem feitas e respondidas em público, a orientação dada a cada discípulo era absolutamente direta e adaptada ao seu caráter. Quando interpelado, certa vez, por Swami Yogananda, um Swami com grande legião de adeptos nos Estados Unidos, acerca da instrução espiritual que se deve dar às pessoas que desejam elevar-se, Bhagavan respondeu: — Depende do temperamento e da maturidade espiritual do indivíduo. Não pode haver instrução em massa. — Basta recordar as histórias de quatro devotos já citados: Echammal, a Mãe, Sivaprakasam Pillai e Natesa Mudaliar, para compreender quão intensamente variado era o tratamento dado.

Sri Bhagavan era muito ativo — ele próprio o afirmou, embora ninguém que haja recebido a sua Graça precisasse de confirmação — e, contudo, tão discreto em sua atividade que os visitantes ocasionais e aqueles que não se davam conta disso acreditavam que ele não dava *upadesa* alguma ou então que era indiferente às necessidades dos seus seguidores. Houve muitos nessas condições, como o brâmane que tentou dissuadir Natesa Mudaliar da idéia de visitá-lo.

A extrema importância desta questão repousa em que (salvo nos casos mais raros, como o do próprio Sri Bhagavan) a

Realização só é possível através da Graça de um Guru. Sri Bhagavan mostrou-se tão peremptório a respeito como outros Mestres. Por isso não bastava ao *sadhaka* (aspirante) saber que os seus ensinamentos eram sublimes e a sua presença inspiradora; era necessário saber que ele era um Guru dando *diksha* (iniciação) e *upadesa* (instrução).

O termo "Guru" é usado em três sentidos. Pode significar uma pessoa que, embora destituída de dotes espirituais, tenha sido investida (como a ordenação de um padre) do direito de dar iniciação e *upadesa*. Com freqüência é um cargo hereditário e não difere muito de um médico de família que fosse encarregado dos assuntos espirituais. Em segundo lugar, o Guru pode ser algum que, além do que foi dito, tenha alguns dotes espirituais e possa dirigir seus discípulos através de uma *upadesa* mais potente (embora as práticas preconizadas possam ser as mesmas) até o ponto a que ele próprio chegou. Mas no sentido mais elevado e verdadeiro da palavra, Guru é aquele que compreende a Unicidade com o Espírito que é o Si de tudo que existe. Este é o Sat-Guru.

É nesta última acepção que Sri Bhagavan emprega a palavra. Por esta razão disse: — Deus, Guru e Si são a mesma coisa. — E, ao descrever o Guru, disse (em Instrução Espiritual):

O Guru é aquele que em todas as ocasiões mora nas profundezas do Si. Ele jamais vê diferenças entre si e os outros e é completamente isento de falsas noções de distinção — de que ele próprio seja o Iluminado ou o Liberado ao passo que os outros estejam escravizados ou mergulhados na escuridão da ignorância. Sua firmeza ou autodomínio jamais pode ser abalado, quaisquer que sejam as circunstâncias, e ele jamais se perturba.

Submissão a um tal Guru não é submissão a alguém estranho à própria pessoa mas ao Si manifesto exteriormente a fim de ajudar a pessoa a descobrir o Si interior. — O Mestre está no interior; a meditação destina-se a suprimir a idéia errônea de que ele está apenas no exterior. Fosse ele um estranho por quem se espera e estaria condenado a desaparecer também. Qual seria a utilidade de um ser transitório como esse? Mas en-

quanto pensares que és separado ou és o corpo, o Mestre externo será necessário e aparecerá como que com um corpo. Quando a enganosa identificação da pessoa com o corpo cessa, descobre-se que o Mestre não é outro senão o Si.

É axiomático que todo aquele que é um Guru neste sentido supremo de haver compreendido a sua identidade como Absoluto não o diga, visto que não resta nenhum ego para afirmar a identidade. Também não diz que tem discípulos, pois, estando além da não-identidade, não pode haver relacionamento para ele.

Embora o *Gnani* (Iluminado) seja Uno com o Absoluto, seus traços característicos continuam a existir exteriormente como um veículo da sua manifestação, de modo que um *Gnani* pode possuir características humanas bem diferentes de outro. Uma característica de Sri Bhagavan era a sua agudeza e perspicácia. Não padece dúvida de que, assim como ele se deixou passar por *mouni* (aquele que fez voto de silêncio) durante os primeiros anos em Tiruvannamalai a fim de evitar aborrecimentos, assim também tirou partido desta impossibilidade doutrinária de declarar a identidade ou admitir o relacionamento para resguardar-se de pedidos indesejáveis de *upadesa* por parte dos que não eram realmente seus devotos. Notável era a eficácia desse método de defesa, ao tempo em que os legítimos devotos não se deixavam enganar e nem era essa a intenção.

Examinemos com cuidado as declarações de Sri Bhagavan. Ele dizia, às vezes, que não tinha discípulos e jamais afirmou explicitamente que era um Guru; no entanto, usou a expressão "o Guru" como equivalente de "o Gnani" e de forma a não deixar dúvida quanto a ser ele o Guru, e mais de uma vez juntou-se ao coro que entoava a canção "Ramana Sad-Guru".

Ademais, quando um devoto estava genuinamente deprimido e à procura de uma solução, ele por vezes o reconfortava de uma forma que não permitia margem a dúvidas. Um discípulo inglês, Major Chadwick, guardou consigo o registro de palavras reconfortantes que lhe foram ditas em 1940:

CH: Bhagavan diz não ter discípulos?

BH: Sim.

CH: Diz também que um Guru é necessário desde que se deseje chegar à Liberação?

BH: Sim.

CH: Que devo fazer então? A minha estada aqui todos estes anos terá sido pura perda de tempo? Deverei sair à procura de algum Guru a fim de receber iniciação, uma vez que Bhagavan diz não ser Guru?

BH: Que acha que o trouxe de tão longe e fê-lo ficar aqui tanto tempo? Por que duvida? Se houvesse alguma necessidade de procurar um Guru em outra parte, há muito teria ido embora.

O Guru ou Gnani (Iluminado) não vê diferença entre si e os demais. Para ele todos são Gnanis, todos são unos com ele; como pode pois um Gnani dizer que este ou aquele é seu discípulo? Mas aquele que não é liberado vê tudo como múltiplo, vê tudo como diferente de si mesmo; assim para ele a relação Guru-discípulo é uma realidade. Para ele há três formas de iniciação, pelo tato, pelo olhar, pelo silêncio. (Sri Bhagavan deu-me a entender neste ponto que o seu método era através do silêncio, conforme fez com muitos outros em outras ocasiões.)

CH: Então Bhagavan *tem* discípulos!

BH: Como disse, do ponto de vista de Bhagavan não há discípulos, mas do ponto de vista do discípulo a Graça do Guru é como um oceano. Se ele vier munido de uma xícara não levará mais do que a medida de uma xícara. É inútil queixar-se da avareza do oceano; quanto maior o vaso tanto mais ele poderá carregar. Tudo depende dele.

CH: Então saber se Bhagavan é ou não o meu Guru é apenas uma questão de fé, já que Bhagavan não o admite.

BH: (Endireitando-se, voltando-se para o intérprete e falando com grande ênfase.) Pergunte-lhe se quer que eu lhe dê um documento por escrito.

Poucos tinham a persistência do Major Chadwick em sua demanda de segurança. A declaração envolvendo o reconhecimento da dualidade não foi feita, mas, à sua falta, Sri Bhagavan reconheceu ser o Guru, com clareza que bastaria a qualquer pessoa compreensiva e de boa vontade; alguns sabiam-no sem confirmação verbal.

A. Bose, um industrial de Bengala, conforme foi dito por S. S. Cohen, tentou certa vez arrancar uma declaração precisa. Disse ele: — Estou convencido de que um Guru é necessário ao êxito do *sadhaka* (aspirante). — E, a seguir, acrescentou com um sorriso enigmático: — Bhagavan tem algum sentimento por nós?

Mas Sri Bhagavan fez virar o feitiço contra o feiticeiro: — A prática lhe é necessária; a Graça sempre se encontra ali. — Depois de um curto silêncio acrescentou: — Está com água pelo pescoço e continua a gritar que tem sede.

Mesmo a prática destinava-se a tornar alguém receptivo à Graça; Sri Bhagavan por vezes ilustrava este ponto dizendo que embora o sol esteja brilhando é preciso fazer o esforço de voltar-se na sua direção para que se possa vê-lo. O Professor Venkatramiah registra no seu diário que ele disse ao Sr. Piggott, um visitante inglês: — A realização é o resultado da Graça do Guru mais do que os ensinamentos, conferências, meditações, etc. Estas são apenas secundárias mas aquela é a causa primeira e essencial.

Alguns que lhe conheciam os ensinamentos de segunda mão insinuavam que Bhagavan não considerava necessário ter um Guru e explicavam a falta de iniciação explícita por essa forma, mas ele refutava inequivocamente tais insinuações. S. S. Cohen registrou uma conversa sobre este assunto com Dilip Kumar Roy, o célebre músico de Sri Aurobindashram:

DILIP: Alguns afirmam que o Maharshi nega a necessidade de um Guru. Outros dizem o contrário. Que diz o Maharshi?

BH: Jamais disse que não há necessidade de um Guru.

DILIP: Sri Aurobindo amiúde diz que vós não tivestes um Guru.

BH: Isso depende do que chama Guru. Este não precisa necessariamente ter forma humana. Dattatreya teve vinte e quatro Gurus... os elementos, etc. Quer isso dizer que qualquer forma no mundo foi seu Guru. Um Guru é absolutamente necessário. O Upanichade diz que ninguém, senão um Guru, pode retirar um homem do jângal das percepções mentais e sensoriais, de modo que é preciso haver um Guru.

DILIP: Refiro-me a um Guru humano. O Maharshi não teve nenhum.

BH: Posso ter tido em uma ou outra ocasião. Não cantei hinos a Arunachala? Que é um Guru? Guru é Deus ou Si. Primeiro um homem reza a Deus para conseguir os seus desejos; depois vem o tempo em que não reza para conseguir seus desejos mas a Deus apenas. Então Deus lhe aparece sob uma forma qualquer, humana ou não, a fim de guiá-lo como um Guru em resposta às suas orações.

Apenas quando um visitante objetava que o próprio Sri Bhagavan não tivera um Guru é que ele explicava que o Guru não precisa necessariamente ter forma humana, e ficava implícito que tal acontecia muito raramente.

Talvez tenha sido com V. Venkatraman que ele chegou mais perto de uma admissão explícita de que era um Guru. Disse-lhe Bhagavan certa vez: — Duas coisas têm de ser feitas: primeiro, encontre o Guru fora de você mesmo e, depois, encontre o Guru interior. A primeira coisa você já fez.

Ou talvez a confirmação que eu próprio recebi tenha sido mais explícita. Depois de algumas semanas no Ashram percebi que Sri Bhagavan era realmente um Guru dando iniciação e orientação. Escrevi a amigos na Europa a fim de informá-los e, antes de enviar a carta, mostrei-a a Sri Bhagavan e perguntei-lhe se deveria remetê-la. Ele concordou com a idéia e, devolvendo-me a missiva, disse: — Sim, mande-a.

Ser Guru é dar iniciação e *upadesa*. Ambas as coisas são inseparáveis, pois não há *upadesa* sem o ato primeiro da iniciação e a iniciação não tem sentido a menos que seguida da *upadesa*. A pergunta, por isso, tomou por vezes esta forma: Sri Bhagavan dá iniciação ou *upadesa*?

Quando lhe perguntavam se dava iniciação Sri Bhagavan fugia sempre a uma resposta direta. Se a resposta fosse “não”, com toda a certeza ele teria dito “não”; mas se dissesse “sim” suas defesas contra pedidos indesejáveis de iniciação ruiriam e se tornaria necessário aceitar alguns e recusar outros por meio de uma decisão que pareceria arbitrária, ao invés de permitir que a compreensão ou falta de compreensão dos interessados decidisse. Sua forma mais habitual de resposta era a dada ao

Major Chadwick: — Há três formas de iniciação, pelo tato, pelo olhar e pelo silêncio.

Esse era o costume de Sri Bhagavan, fazer um pronunciamento impessoal e doutrinário no qual, porém, se podia encontrar a resposta à pergunta específica. A assertiva é conhecida, as três formas de iniciação — segundo os hindus — sendo exemplificada: pelo pássaro, que precisa sentar sobre os seus ovos a fim de chocá-los; pelo peixe, que se limita apenas a olhá-los; e pela tartaruga, a quem basta apenas pensar neles. A iniciação pelo olhar ou pelo silêncio tornou-se coisa muito rara nos dias atuais; é a *mouna-diksha* de Arunachala, de Dakshinamurthi, e é a forma de iniciação particularmente adequada ao caminho direto da Auto-investigação que Sri Bhagavan ensinava. Era, portanto, duplamente conveniente, tanto intrinsecamente, quanto para servir de camuflagem.

A iniciação pelo olhar era uma coisa muito real. Sri Bhagavan voltava-se para o devoto, os olhos fixos nele com furiosa concentração. A luminosidade, o poder dos seus olhos penetravam nas pessoas, interrompendo o processo do raciocínio. Às vezes era como se uma corrente elétrica passasse através de alguém, às vezes era uma grande paz, uma torrente de luz. Um devoto assim descreveu: — Súbito, Bhagavan virou seus olhos luminosos e transparentes para mim. Antes eu não lhe podia suportar o olhar por muito tempo. Agora eu fitava diretamente aqueles olhos terríveis e maravilhosos; não sei dizer durante quanto tempo o fiz. Os olhos de Bhagavan mantinham-me numa espécie de vibração que era nitidamente audível para mim. — Sempre seguia-se a sensação, a convicção inabalável, de que Sri Bhagavan havia-se encarregado de nós, de que dali em diante era tudo com ele, ele estava dirigindo. Aqueles que sabiam, percebiam quando uma tal iniciação estava acontecendo, mas, via de regra, tudo se passava sem alarde; podia ser durante o canto dos Vedas, quando poucos estavam olhando, ou o devoto podia sentir um súbito impulso de dirigir-se até Bhagavan antes do amanhecer ou em algum momento em que poucos ou ninguém estivesse presente. A iniciação pelo silêncio era igualmente real. Penetrava ela naqueles que de coração clamavam por Sri Bhagavan, sem poder comparecer fisicamente em Tiruvannamalai. Por vezes era dada num sonho, como no caso de Natesa Mudaliar.

Nenhum Mestre foi mais categórico do que Sri Bhagavan no tocante à orientação e proteção, uma vez adotado o devoto e dada a iniciação silenciosa. Ele tranqüilizou Sivaprakasam Pillai na exposição posteriormente publicada sob o título *Quem sou Eu?*: — Aquele que conquistou a Graça do Guru sem dúvida alguma será salvo e não será jamais esquecido, assim como a presa que caiu nas mandíbulas do tigre jamais poderá escapar.

Um devoto holandês, L. Hartz, só podendo permanecer por pouco tempo e talvez temendo que a sua resolução enfraquecesse, depois de partir, pediu uma garantia e Bhagavan lhe disse: — Mesmo que abandones Bhagavan, Bhagavan jamais te abandonará.

Dois outros devotos, um diplomata checo e um professor muçulmano, impressionados pela força incomum da convicção, perguntaram se ela dizia respeito apenas a Hartz ou a todos. A resposta foi: — A todos.

Em outra ocasião um devoto ficou desapontado porque não fazia progressos e disse: — Temo que se continuar assim irei para o inferno. — E Sri Bhagavan replicou: — Se fores, Bhagavan irá atrás e te trará de volta.

Até mesmo as circunstâncias da vida do devoto são modeladas pelo Guru de modo a promover o seu *sadhana* (progresso espiritual). A um devoto se disse: — O Mestre está tanto no interior quanto no exterior, assim sendo cria condições para orientar-te interiormente e, ao mesmo tempo, prepara o interior para arrastar-te até o Centro.

Se alguém que não estava voltado de coração para Sri Bhagavan pedisse-lhe que lhe desse *upadesa*, o Mestre poderia dar-lhe uma resposta engimática ou sequer responder-lhe, e, em qualquer dos casos, a presunção seria de que a resposta era negativa. De fato, sua *upadesa*, bem como sua iniciação, fazia-se através do silêncio. A mente era silenciosamente impelida na direção segundo a qual deveria lutar. Esperava-se que o devoto compreendesse tal coisa. Pouquíssimos precisavam de garantias verbais.

A história de V. Venkatraman, a quem já se fez referência, é ilustrativa. Em sua juventude ele foi um grande devoto de Sri Ramakrishnan, mas ele sentia necessidade de um Guru vivo, de carne e osso, de modo que rezou fervorosamente: — Mestre,

concedei-me um Guru vivo tão perfeito como vós. — Pouco depois ouviu falar em Sri Ramana, que na ocasião fazia poucos anos estava no Ashram no sopé do monte. Venkatraman para lá se dirigiu com uma oferenda de flores. Aconteceu (como sempre acontecia quando isso era desejável) que não havia ninguém no saguão quando ele chegou. Sri Bhagavan estava reclinado no catre, tendo atrás de si um retrato de Sri Ramakrishnan a quem Venkatraman tinha rezado. Sri Bhagavan partiu a grinalda ao meio; uma metade mandou o criado colocar sobre o retrato e a outra sobre o lingam do templo. Venkatraman sentiu uma sensação de leveza e comodidade. Estava em casa, seu desiderato alcançado. Ele relatou a história da sua vinda. Sri Bhagavan perguntou-lhe: — Sabe algo a respeito de Dakshinamurthi?

— Sei que ele dava *upadesa* silenciosa — respondeu ele.

E Sri Bhagavan disse: — Esse é o tipo de *upadesa* que receberá aqui.

Essa *upadesa* silenciosa era na verdade bastante variada. Sri Bhagavan falou e escreveu mais acerca de vichara ou Auto-investigação e, por isso, surgiu a opinião de que prescrevia apenas *Gnana-marga*, a Trilha do Conhecimento, coisa que a maioria das pessoas considera demasiado simples nos dias que correm. Mas, na verdade, ele era universal e fornecia orientação para todos os temperamentos, pela trilha da Devoção não menos que pela do Conhecimento. Amor e devoção são, para ele, uma ponte sobre o abismo da salvação. Houve muitos devotos a quem não recomendou outra trilha.

O mesmo Vankatraman ficou inquieto depois de algum tempo, pois não lhe davam *sadhana* (isto é, exercícios para fazer) e queixou-se.

— E que o trouxe aqui? — indagou Sri Bhagavan.

— O pensamento em vós, Swami.

— Então isso também constitui o seu *sadhana*. É suficiente. — E, na verdade, o pensamento ou recordação de Bhagavan começou a acompanhá-lo por todas as partes, começou a tornar-se inseparável dele.

A trilha da devoção é realmente a mesma que a da submissão. Todos os encargos recaem sobre o Guru. Também isto era preconizado por Sri Bhagavan. A um devoto disse:

— Submete-te a mim e eu abaterei a mente. — A outro disse: — Apenas fica quieto, Bhagavan fará o resto. — A um outro, Devaraja Mudaliar, disse: — Cabe-te apenas render-te e deixar o resto por minha conta. — E, amiúde, dizia: — Há duas maneiras: ou pergunta-te a ti mesmo “Quem sou eu?” ou entrega-te ao Guru.

Todavia, render-se, manter a mente quieta e estar plenamente receptivo à Graça do Guru, não é fácil. Requer esforços constantes, contínuo recordar, e apenas a Graça do Guru torna isso possível. Muitos faziam uso de práticas devocionais ou de outra natureza como auxiliares na tentativa, e Sri Bhagavan endossava e autorizava tais recursos, embora raramente os prescrevesse.

O mais poderoso deles, conquanto invisível, era o poder de *sat sangh*. Literalmente significa “associação com o Ser”, mas como meio de *sadhana* costuma significar “associação com alguém que compreendeu Sat ou Ser”. Sri Bhagavan falou desse poder com os maiores encômios. Os cinco primeiros dos “Quarenta Versos Suplementares” são dedicados ao seu elogio. A história da sua inclusão é característica. A filha adotiva de Echammal encontrou um deles em sânscrito num papel embrulhando um pacote de doces e ficou tão encantada que o memorizou e recitou perante Sri Bhagavan e este, vendo-lhe a importância, traduziu-o para o tâmil. Bhagavan àquela altura estava compilando os quarenta versos suplementares, compondo alguns e traduzindo outros, e esse verso, juntamente com outros quatro, também em sânscrito, foi incluído. O terceiro empresta à associação com um Mestre preeminência sobre todos os demais métodos. — Se a associação com os Mestres é conseguida de que valem os vários métodos de autodisciplina? Que adianta um abano quando a suave e fresca brisa do sul está soprando?

A ligação com Sri Bhagavan desencadeava uma sutil alquimia, embora os efeitos só muito depois se tornassem visíveis. Por vezes contava explicitamente aos devotos o valor de tal ligação para eles. A Ranga Aiyar, o colega de escola mencionado no Capítulo III, disse certa vez: — Se permaneceres com o *Gnani*, este te dará o pano já tecido — a implicação sendo de que através de outros métodos recebe-se o fio e se é obrigado a tecê-lo.

Sundaresh Aiyar tornou-se um devoto com a idade de doze anos. Ao chegar aos dezenove ficou insatisfeito consigo mesmo, sentindo que era preciso desenvolver um esforço mais consciente e intenso. Era um dono de casa vivendo na cidade, mas costumava visitar Sri Bhagavan quase todos os dias; agora, no entanto, decidiu, como ato de disciplina, não voltar até que tivesse desenvolvido tal desapego e convicção de propósitos que o fizessem digno daquela associação com o Mestre. Durante cem dias manteve-se afastado e então ocorreu-lhe o pensamento: — Quanto estarei melhor por não ver Bhagavan? — e voltou. Sri Bhagavan esperou-o na entrada de Skandashram e saudou-o com a pergunta: — Melhorou por não me visitar? — A seguir, falou-lhe da importância e do poder de *sat sangh* embora o discípulo não se desse conta do efeito que estava tendo sobre ele nem notasse qualquer melhoria em si mesmo. Bhagavan comparou o *sat sangh* a uma mãe alimentando seu filho à noite, durante as horas de sono, de modo que a criança, no dia seguinte, pensa não haver comido, apesar da mãe saber que ela comeu e que, realmente, a comida a sustentou.

O exemplo implica em mais do que um benefício automático decorrente de viver na atmosfera de um Sábio; implica numa direção consciente da influência por ele exercida. Certa ocasião Sri Bhagavan deu disso veemente confirmação, ainda que aqueles que haviam passado pela experiência não necessitassem disso. Sundaresh Aiyar compôs uma canção em tâmil, em sua honra, referindo-se à Graça fluindo dos seus olhos a fim de alimentar os devotos, e Sri Bhagavan corrigiu-o, — não, não fluindo, mas projetando-se, pois se trata de um processo consciente dirigindo a Graça sobre as pessoas escolhidas.

O discípulo tem também de fazer um esforço no sentido de utilizar plenamente a Graça do Mestre, e, para tanto, o método que Sri Bhagavan constantemente preconizava era a *vichara*, a pergunta "Quem sou eu?". Era esse o *sadhana* com que se propunha atender às necessidades de nossa época e não havia qualquer segredo quanto a isso. Com relação à importância do método sempre se mostrou muito categórico: — A Auto-investigação é o único meio infalível, o único meio direto, para compreender o Ser incondicionado e absoluto que realmente somos... A tentativa de destruir o ego ou mente através de *sadhanas* que não sejam a Auto-investigação é como o

ladrão transformando-se em policial para apanhar-se a si próprio. Apenas a Auto-investigação pode revelar a verdade de que nem o ego nem a mente existe realmente e pode capacitar-nos a compreender o puro e indiferenciado Ser do Si ou Absoluto. Tendo compreendido o Si, nada mais resta para ser sabido, pois ele é a perfeita Bem-aventurança, é o Tudo (Evangelho do Maharshi, Parte II).

"A finalidade da Auto-investigação é focalizar toda a mente em sua Origem. Não é, por isso, o caso de um "Eu" em procura de outro "Eu". (ibid.)

Focalizar toda a mente em sua Origem, fazê-la voltar-se para dentro de si mesma. A instrução era para sentar meditando e perguntar "Quem sou eu?", focalizando ao mesmo tempo a atenção no Coração, não o órgão físico à esquerda do peito, mas o coração espiritual que fica à direita. De acordo com a natureza do perguntador, Sri Bhagavan salientaria primeiro o aspecto físico ou mental, a concentração no Coração ou a pergunta "Quem sou eu?".

O coração espiritual à direita do peito não é um dos *chakras* (centros) iogues; é o centro e a fonte do ego-si e a morada do Si e é, portanto, o lugar de União. Quando lhe perguntaram se havia alguma autoridade escritural para localizar o Coração naquele lugar, Sri Bhagavan disse que descobrira ser assim e que mais tarde obtivera confirmação num livro em malaiala sobre ayurveda (medicina).¹ Aqueles que obedeceram às suas recomendações também fizeram a mesma descoberta. Isto é tão fundamental para o uso da vichara que vale a pena reproduzir aqui uma conversação do *Evangelho do Maharshi* na qual Sri Bhagavan se estende sobre o fato.

DEVOTO: Sri Bhagavan especificou um determinado lugar para o Coração dentro do corpo físico, no peito, dois dedos à direita do mediano.

BHAGAVAN: Sim, ali é o Centro da experiência espiritual segundo o testemunho dos Sábios. Este Centro Espiritual do Coração é bem diferente do órgão muscular que bombeia o

¹ "O coração do sábio fica à sua mão direita, mas, o do tolo, fica à esquerda." (Eclesiastes, x, 2.)

sangue, conhecido pelo mesmo nome. O Centro Espiritual do Coração não é um órgão do corpo. Pode-se apenas dizer do Coração que é o Âmagô do ser, aquilo com que se é realmente idêntico (conforme o significado literal da palavra em sânscrito), quer se esteja desperto, adormecido ou sonhando, quer se esteja trabalhando ou imerso em *samadhi*.

D: Neste caso, como pode ser ele localizado em alguma parte do corpo? Fixar um lugar para o Coração implicaria em determinar limitações fisiológicas. Aquilo que transcende espaço e tempo.

BH: É verdade, mas a pessoa que faz a pergunta acerca da posição do Coração considera-se como existindo com ou dentro do corpo... Desde que, durante a experiência incorporada do Coração como Consciência pura, o Sábio não se dá conta do corpo, a experiência absoluta é por ele localizada dentro dos limites do corpo físico por uma espécie de recordação sensorial feita enquanto está de posse da consciência do corpo.

D: Para homens como eu, que não têm nem a experiência direta do Coração nem a conseqüente recordação, o assunto parece um tanto difícil de ser entendido. Com relação à posição do Coração propriamente dito, talvez tenhamos que depender de algum tipo de adivinhação.

BH: Se a determinação da posição do Coração dependesse de adivinhação, mesmo no caso dos ignorantes, a questão nem mereceria atenção. Não, não é de adivinhação que a gente tem que depender mas de uma intuição infalível.

D: Quem tem tal intuição?

BH: Todos.

D: Sri Bhagavan atribui-me a mim um conhecimento intuitivo do Coração?

BH: Não, não do Coração, mas da posição do Coração relativamente à tua identidade.

D: Sri Bhagavan disse que intuitivamente eu sei a posição do Coração no meu corpo físico?

BH: Por que não?

D: (apontando para si mesmo) Sri Bhagavan está-se referindo a mim pessoalmente?

BH: Sim. Essa é a intuição. Como foi que te referiste a ti próprio ainda agora? Não apontaste o dedo para o lado direito do teu peito? Ali é exatamente o lugar do Centro do Coração.

D: Então, na ausência do conhecimento direto do Centro do Coração, terei de depender da intuição?

BH: Que mal há nisso? Quando um menino de escola diz: "Fui eu quem acertou a soma", ou quando pergunta "Quer que eu vá apanhar o livro?", será que aponta para a cabeça que acertou a soma ou para as pernas que o levarão a apanhar o livro? Não, e em ambos os casos, seu dedo aponta com muita naturalidade o lado direito do peito, dando assim uma expressão inocente da profunda verdade de que a Fonte do Eu fica ali. Uma intuição infalível fá-lo referir-se a si mesmo, ao Coração que é o Si, daquela maneira. O ato é involuntário e universal, vale dizer, é o mesmo para todos os indivíduos. Que prova mais forte que esta será necessária com relação à posição do Centro do Coração no corpo físico?

A instrução, portanto, era concentrar-se no coração à direita e perguntar "Quem sou eu?". Quando surgem pensamentos durante a meditação não se deve dar-lhes seqüência mas observá-los e indagar: — O que é este pensamento? De onde veio? E a quem? A mim ... e quem sou eu? — Assim todo pensamento desaparece quando esmiuçado e reduzido ao pensamento básico do eu. Se pensamentos impuros surgirem, deverão ser tratados da mesma forma, pois a *sadhana* faz realmente aquilo que a psicanálise pretende fazer: filtra a sujeira do subconsciente, trá-la à luz e a destrói. — Sim, todos os tipos de pensamentos surgem durante a meditação. Nada mais certo, pois, o que está escondido na gente, é trazido para fora. A menos que apareça, como poderá ser destruído? (Evangelho do Maharshi).

Todas as formas de pensamento são estranhas a este modo de meditação. Às vezes um devoto perguntava a Sri Bhagavan se poderia usar um tema como "Eu sou Ele", ou qualquer outro, durante a investigação, mas Bhagavan proibía-o. Certa vez quando um devoto sugeriu alguns temas, explicou: — Todos

os pensamentos são inconsistentes com a Realização. O acertado é excluir os pensamentos de si mesmo e todos os demais pensamentos. Pensamento é uma coisa e Realização coisa bem diferente.

Não há resposta para a pergunta Quem sou eu. Não pode haver resposta pois se trata da dissolução do pensamento do eu, que é pai de todos os demais pensamentos, e da incursão àquela quietude onde não há pensamentos. — Não se deve dar, durante a meditação, respostas sugestivas à investigação tais como “Sivoham” (Eu sou Xiva). A resposta verdadeira surgirá por si. Nenhuma resposta dada pelo ego pode ser certa. — A resposta é o despertar de uma corrente de consciência mencionada no final do Capítulo I, vibrante como a própria essência de um ser e no entanto impessoal. Através de exercícios contínuos isto deve tornar-se cada vez mais freqüente, até que se torne contínuo, não apenas do decurso da meditação, mas também estando sempre na base de tudo quanto se diz e faz. Até mesmo então deve-se usar a *vichara*, pois o ego tentará estabelecer uma trégua com a corrente de consciência e, uma vez tolerada tal trégua, o poder do ego começará a crescer gradualmente e tentará restabelecer sua supremacia, assim como o gentio a quem os hebreus permitiram permanecer na Terra da Promissão. Sri Bhagavan insistiu (em suas respostas a Sivaprakasam Pillai, por exemplo) em que se deve levar a investigação até o fim. Quaisquer que sejam os estados, os poderes, quaisquer que sejam as percepções ou visões que possam vir, haverá sempre o problema daquele a quem vêm, enquanto não reste apenas o Si.

Na verdade, visões e poderes podem transformar-se em motivo de recreação, aprisionando a mente tão eficazmente como o apego ao poder físico ou ao prazer e induzindo-a a imaginar que foi metamorfoseada no Eu. E, assim como sucede aos poderes e prazeres terrenos, o desejo dessas coisas é mais lesivo do que a sua própria posse. Narasimbaswami achava-se certa vez diante de Sri Bhagavan, traduzindo para o tâmil a vida e os ditos de Vivekananda. Chegando à conhecida passagem em que um simples toque de Sri Ramakrishnan propiciou a Vivekananda a percepção de todas as coisas como uma só substância, ocorreu-lhe que talvez tal percepção fosse desejável e que talvez Sri Bhagavan pudesse propiciá-la a ele através do toque

ou olhar. Como aconteceu tantas vezes, a pergunta que o perturbava foi colocada naquele preciso instante por um outro devoto: Echammal perguntou se os *siddhis* (poderes) estavam ao alcance dos devotos. Era o período em que Sri Bhagavan estava compondo os *Quarenta Versos Acerca da Realidade*, obra que, juntamente com o seu suplemento, pode ser tomada como a sua enunciação de doutrina, e o Sábio compôs uma estância em resposta à pergunta. — Manter-se firme na Realidade, que é eterna, é o verdadeiro *siddhi*. Outros cometimentos não passam de sonhos. Acaso se mostram reais quando despertamos? Aqueles que estão estabelecidos na Realidade e isentos de ilusões darão importância a coisas desse tipo?

O oculto é um obstáculo ao espiritual. Os poderes, e mais ainda, o desejo dos poderes, entravam o aspirante. Consta do *Devikalottam*, que Sri Bhagavan traduziu do sânscrito para o tâmil, que: — Não devemos aceitar poderes taumatúrgicos nem mesmo quando nos são oferecidos, pois eles são como cordas para prender um animal e, mais cedo ou mais tarde, nos afundarão. A suprema *Mukti* (Liberação) não está aí; ela só é encontrada na Consciência Infinita.

Interrompendo a digressão: não apenas como técnica de meditação prescreveu Sri Bhagavan a Auto-investigação mas também como técnica de vida. Perguntado se era conveniente usá-la sempre ou apenas nas horas reservadas à meditação, ele replicou: — Sempre. — Isto esclarece sua negativa em sancionar a renúncia à vida mundana, pois as mesmas circunstâncias que se haviam constituído em obstáculos ao *sadhana* convertiam-se por essa forma em instrumentos do *sadhana*. Em última análise, *sadhana* resume-se num ataque ao ego, e nenhum êxtase ou meditação pode conduzi-lo ao sucesso enquanto o ego permanecer entrincheirado na esperança e no medo, ambição e ressentimento, em qualquer espécie de paixão ou desejo. Sri Ramana e Janaka estavam isentos de vinculações, embora vivessem no mundo; o sadhu que tentou despejar pedras sobre Bhagavan continuava preso a vínculos, embora houvesse renunciado ao mundo.

Ao mesmo tempo, não quer isto dizer que somente uma atitude desprendida baste, sem uma campanha planejada, pois o ego é sutil e tenaz e se refugiará até mesmo nas próprias ações

destinadas a destruí-lo, vangloriando-se de humilhar-se ou gozando entregar-se à austeridade.

A Auto-investigação na atividade diária, a perguntação de quem é aquele a quem os pensamentos ocorre, é um poderoso plano de campanha. Talvez não pareça assim quando aplicada a um pensamento não emocional, digamos a opinião de alguém a respeito de um livro ou filme; mas aplicada a um pensamento emocional tem tremenda potência e atinge as próprias raízes das paixões. Alguém foi magoado e se ressentido disso... quem foi magoado ou está ressentido? Quem está satisfeito ou acabrunhado, raivoso ou triunfante? Quando resvalamos para o devaneio ou visualizamos possíveis triunfos, o ego se estufa assim como se esvazia com a meditação. Num tal momento requer-se força e vigilância para sacar da espada da vichara e abrir caminho no emaranhado.

Nas atividades da vida também Sri Bhagavan preconizava submissão e obediência à Vontade Divina, lado a lado com a vichara. Comparava uma pessoa que julgava carregar sobre os ombros todos os seus encargos e responsabilidades com aquele passageiro de trem que teima em carregar sua bagagem nas mãos, ao passo que alguém mais sensato descansará suas malas num cabide e viajará confortavelmente sentado. Todas as recomendações e todos os exemplos que deu, convergem para o ponto de enfraquecer o auto-interesse e derrubar a ilusão do "eu sou o autor".

Um famoso congressista, Jamnalal Bajai, veio certa vez ao Ashram e perguntou: — É justo o desejo de *swaraj* (independência política)?

Sri Bhagavan replicou: — Sim, um trabalho prático prolongado nesse sentido alarga os horizontes de modo que o indivíduo gradualmente se funde com o país. Tal fusão do indivíduo é desejável e o karma é *nishkamyakarma*.

Jubiloso, talvez por ter conseguido a aprovação do Swami para os seus objetivos políticos e querendo uma garantia ainda mais definida, Jamnalal perguntou agora qual seria a seqüela lógica: — Se a *swaraj* for conseguida depois de uma luta prolongada e terríveis sacrifícios não terá a pessoa boas razões para ficar feliz com o desfecho?

Mas ficou desapontado. — Não, no decurso da luta ela deveria ter-se submetido a um Poder Superior cuja Força deve ser mantida em mente e jamais perdida de vista. Como pode então a pessoa estar jubilosa? Ela nem mesmo deveria importar-se com os resultados de sua ações. Só então será *nishkamyā*.

Vale dizer que o resultado da atividade de uma pessoa está nas mãos de Deus e que a única responsabilidade que incumbe à pessoa é a pureza e o desinteresse com que obra. Ademais, ao fazer o que é direito, simplesmente porque é direito, sem qualquer interesse pessoal, está-se beneficiando outros, à parte os resultados visíveis obtidos, e de uma maneira ao mesmo tempo muito mais poderosa e sutil do que fazem supor os resultados. Está-se igualmente beneficiando a si próprio de uma forma muito direta. Na verdade, pode-se dizer que a atividade desinteressada é a verdadeira conta bancária acumulando bom karma que irá desenhar o futuro de cada um.

Num caso como este, quando interpelado por algum visitante, Sri Bhagavan explicou que atitude mental poderia tornar a atividade política ou social um bom *sādhana*, mas ele sempre desaconselhou seus devotos a entregarem-se a tais atividades. Bastava que cumprissem as suas funções na vida com pureza e desprendimento, fazendo o que era certo apenas por ser certo. Embora o estado atual do mundo pareça desarmonioso, faz parte de uma harmonia mais vasta; e desenvolvendo o Autoconhecimento pode-se a um só tempo conhecer essa harmonia e exercer uma influência harmônica muito maior sobre o curso dos acontecimentos. Eis os ensinamentos de Sri Bhagavan sobre o assunto resumidos numa conversa com Paul Brunton:

P. B: Dará o Maharshi a sua opinião sobre o futuro do mundo, já que estamos vivendo dias críticos?

BH: Por que se preocupa com o futuro? Nem mesmo conhece adequadamente o presente. Cuide do presente que o futuro cuidará de si.

P. B: Entrará brevemente o mundo numa era de amizade e ajuda mútua ou descambará para o caos e a guerra?

BH: Há Alguém que governa o mundo e cabe a Ele tomar conta do mundo. Aquele que deu vida ao mundo sabe também como cuidar da sua criatura. Ele suporta o fardo deste mundo, não você.

P. B: No entanto, se olharmos em torno sem qualquer preconceito, é difícil ver onde entra esse olhar benevolente.

BH: Assim como você é, assim é o mundo. Sem compreender-se a si mesmo que adianta tentar compreender o mundo? Eis uma questão que aqueles que procuram a verdade não precisam tomar em conta. As pessoas costumam esbanjar suas energias com tais assuntos. Primeiro descubra a Verdade anterior a si, então estará numa posição melhor para compreender a Verdade anterior ao mundo do qual você faz parte.

Deve-se assinalar que nesta última sentença Sri Bhagavan usa a palavra *si* referindo-se ao ego, aquilo que o perguntador no momento considerava como sendo a sua pessoa. O verdadeiro Si não é uma parte do mundo, mas o Si e Criador do Mundo.

A recomendação do uso da Auto-investigação nas atividades da vida era uma extensão do seu uso tradicional e uma adaptação às necessidades dos nossos dias. Seu uso direto como meditação é a mais pura e antiga forma de *sadhana*. Embora tenha chegado a Sri Bhagavan de forma espontânea, sem necessidade de ensino, pertence à tradição dos antigos Rishis. O Sábio Vasishta escreveu: — Essa investigação “Quem sou Eu?” é a procura do Si e se diz que é o fogo que consome as sementes do venenoso crescimento do pensamento conceitual. — No entanto, existiu antigamente como puro *Gnana-marga* (Trilha do Conhecimento), o mais simples e também mais profundo, o último segredo a ser partilhado apenas por aqueles que possuíam a mais pura compreensão e a ser seguido por eles em constantes meditações, longe das distrações do mundo. *Karma-marga* (A Trilha da Ação), por outro lado, tinha sido o caminho para aqueles que permaneciam na vida mundana e consistia, conforme definição do *Gita Bhagavad*, numa vida de serviço e em agir sem se estar preso ao fruto das próprias ações, vale dizer, de forma desinteressada, sem qualquer resquício de egoísmo. Estes dois caminhos estão agora fundidos num só, formando um novo caminho adequado às condições da nossa época, um caminho que pode ser trilhado em silêncio, tanto num escritório ou oficina como num ashram ou gruta, com ou sem observância externa, sendo apenas um momento para a meditação e a seguir uma recordação que atravessa o dia.

— No fim tudo o que estava oculto será desvendado. — Do ponto de vista doutrinário, este dito de Cristo é realizado pela franca proclamação do derradeiro e mais secreto caminho e por sua adaptação à nossa era. Foi isso o que fez Sri Bhagavan.

Na verdade, o novo caminho é mais do que uma fusão de *Gnana-marga* e *karma-marga*; é *bhakti* (amor ou devoção) também, pois gera amor puro — amor pelo Eu, o Guru Interior, que é amor por Bhagavan, amor por Deus. Sri Bhagavan disse no *Evangelho do Maharshi*: — O eterno, ininterrupto e natural estado de residência no Eu é *Gnana*. Para residir no Eu é preciso amar o Eu. Uma vez que Deus é na verdade o Eu, o amor do Eu é o amor de Deus, e isso é *Bakthi*. *Gnana* e *Bakthi* são, portanto, uma só coisa.

As formas de *Gnana* e *Bakthi* preconizadas por Sri Bhagavan podem parecer caminhos bastante diferentes mas na verdade estão muito mais próximos do que na aparência, e um não exclui o outro; na verdade podem eles fundir-se no caminho único e integral que acabamos de descrever.

Por um lado, a submissão ao Guru exterior leva, através de sua Graça, ao Guru interior que a vichara procura descobrir; por outro lado, vichara leva à quietude e submissão. Ambos os métodos lutam pela aquietação direta da mente, só que, num caso, mais junto ao Guru externo, e, no outro, mais junto ao Guru interno. Os métodos indiretos de *sadhana* buscam antes fortalecer e consolidar a mente a fim de que eventualmente ela consiga força e amplitude suficiente para render-se ao Espírito e é a isto que Sri Bhagavan se referiu como “o ladrão que vira polícia para apanhar-se a si próprio”. É, sem dúvida, verdadeiro que a mente tem de ser fortalecida e purificada antes de entregar-se, mas com o uso da vichara sob a Graça de Sri Bhagavan isso acontece automaticamente.

Um devoto, Krishna Jivrajani, perguntou certa vez: — Está escrito nos livros que devemos cultivar todas as qualidades boas e divinas a fim de nos prepararmos para a Auto-realização.

Sri Bhagavan replicou: — Todas as boas e divinas qualidades incluem-se em *Gnana* (Conhecimento) e todas as qualidades más ou diabólicas fazem parte de *agnana* (ignorância). Quando *Gnana* chega desaparece toda *agnana* e todas as qua-

lidades divinas vêm naturalmente. Se um homem é um *Gnani*, é incapaz de mentir ou fazer alguma coisa errada. Diz-se, não há dúvida, em alguns livros que devemos cultivar uma qualidade após outra, preparando-nos assim para a derradeira *Moksha* (Libertação), mas aqueles que seguem a *Gnana* ou *vichara-marga* seu *sadhana* basta por si só para a aquisição de todas as qualidades divinas; não é preciso que façam mais do que isso.

Pode-se, no entanto, perguntar o quanto a *vichara* é acessível na realidade. Consta de *Instrução Espiritual*, compilada pouco depois que Sri Bhagavan desceu de Skandashram, que um devoto perguntou: — É possível a todos quantos buscam, qualquer que seja o seu equipamento espiritual, adotar de pronto e por em prática esse método de investigação na procura do Si? — A resposta foi: — Não, o método se destina às almas maduras. As demais devem adquirir a prática necessária, adotando outros métodos adequados ao seu desenvolvimento individual, mental e moral.

Do período em Virupaksha há também o registro de uma resposta semelhante nas elucidações publicadas sob o título de *Sri Ramana Gita*. Os “outros métodos” incluem observâncias religiosas e devotas, meditação, invocação, mantras e também controle da respiração. Não se trata apenas de preparatórios ao uso da *vichara* mas podem ser concomitantemente empregados com ela. Numerosos devotos disseram a Sri Bhagavan que usavam tais métodos em virtude da prescrição de algum guru ou lhe pediram autorização para empregá-los, e ele ouviu-os de boa vontade e aprovou-lhes o pedido. Mas quando alguém achava esses outros métodos dissolventes, também concordava. Um devoto disse-lhe que já não encontrava apoio em qualquer dos outros métodos que costumava usar no passado e pediu-lhe autorização para abandoná-los, e ele respondeu: — Sim, todos os demais métodos conduzem apenas à *vichara*.

Durante o último período no Ashram no sopé do monte, não há registro de qualquer limitação ao uso da *vichara*, mas, pelo contrário, foi ela explicitamente recomendada, juntamente com concentração no coração, a todos quantos indagavam qual o caminho a seguir. Isto pode levar à conclusão de que, sob a nova forma em que Sri Bhagavan a apresentava, a *vichara* só então foi tornada realmente acessível a todos que, através de sua Graça, tinham pretensões a usá-la.

Por outro lado, observou-se também que, tanto quanto há provas disso, poucos pretendiam usá-la. Na verdade, muitos dos que vinham ao Ashram e pediam uma elucidação do mistério da vida ou alguma disciplina que lhes trouxesse paz ou purificasse e fortalecesse o caráter, estavam, obviamente, tão distantes de compreender a doutrina do Advaita ou praticar o *sadhana* da Auto-investigação que era difícil ao observador superficial não decepcionar-se ou aborrecer-se ante o pequeno conforto que aparentemente recebiam. Mas apenas aos superficiais, pois a uma observação mais cuidadosa percebia-se que a verdadeira resposta não era verbal mas era a silenciosa influência que começava a penetrar na mente do perguntador.

Em suas exposições Sri Bhagavan aderiu à verdade derradeira que apenas o *Gnani* reconhece, da mesma forma pela qual aderiu ao ditado de que, estando além da não-identidade, o *Gnani* não tem relacionamento e por essa razão não chama a ninguém de discípulo; mas sua Graça silenciosa, agindo sobre a mente, permitia a esta procurar por si mesma os mais apropriados dentre os "outros métodos" ao seu desenvolvimento, como já se disse ao tratar daqueles que apenas lutavam por submeter-se e manter a mente quieta. Não eram necessárias imposições verbais. Cada um era ajudado conformemente à sua natureza em proporção à sua compreensão e devoção. "A Graça do Guru é como um oceano. Se alguém vem com uma xícara não leva senão uma medida. É inútil queixar-se da avareza do oceano. Quanto maior o vaso tanto mais poderá carregar. Tudo depende da pessoa."

Uma idosa senhora francesa, mãe de um dos devotos, veio fazer uma visita ao Ashram. Ela não compreendia nem fazia questão de compreender a filosofia, mas por ocasião da visita tornou-se católica fervorosa, embora anteriormente só o fosse de nome; e ela reconheceu que a modificação se deveu a Sri Bhagavan. Acontecimentos desta ordem, mais do que as exposições verbais, constituíam os seus ensinamentos.

Pode ser também que, com a passagem do tempo, a benevolência sempre crescente de Bhagavan tenha ligado os devotos a ele de uma forma mais íntima, preparando, destarte, seus corações para a vichara através da devoção. Não apenas os devotos mas também os visitantes ocasionais percebiam o quanto o seu

rosto se tornara bondoso e radiante nos últimos anos. Através do Amor ele levava ao Conhecimento, da mesma forma pela qual a vichara leva através do Conhecimento ao Amor. A devoção a Sri Bhagavan fazia a mente voltar-se interiormente para o Si que ele manifestava, assim como a busca do Si interior despertava um amor ilimitado pelo Si manifestado nele.

Assim se expressou um devoto: — Olhar para o seu rosto, tão dominador, tão incrivelmente bondoso e sábio e, no entanto, com a inocência de um recém-nascido: ele sabe tudo o que existe. Por vezes uma vibração começa no coração ... Bhagavan ... o âmagô do meu ser terá tomado forma, meu próprio coração exteriorizado ... Quem sou eu? ... E assim o amor leva à investigação.

Não tem sido habitual a um Mestre descrever a técnica do *sadhana* abertamente, através de palavras ou por escrito, como fez Sri Bhagavan. Isto porque tal técnica só se tem mostrado eficiente quando imposta pelo Guru ao usuário como *upadesa*. A inovação de Sri Bhagavan neste campo coloca, sob um ponto de vista diferente, a pergunta de quão acessível é a vichara: quão acessível pode ser um *sadhana* que não foi pessoalmente prescrito pelo Guru?

O próprio Sri Bhagavan endossou a tradição universal de que a técnica do *sadhana* só é válida quando prescrita pelo Guru. Ao ser perguntado certa vez se um homem poderia beneficiar-se de mantras apanhadas ao acaso, aqui e acolá, respondeu: — Não, é preciso que ele seja nelas iniciado.

Como, então, pode ter explicado abertamente a vichara e, às vezes, referido visitantes às exposições escritas de seus livros? A única explicação é que ele é muito mais do que o Guru daqueles poucos que puderam aproximar-se fisicamente dele em Tiruvannamalai. Ele é autoridade e deu a sanção. Nesta era espiritualmente negra em que numerosos são os que procuram e difícil é encontrar um Guru, o próprio Bhagavan tomou forma na Terra como o Sad-Guru, o Divino Guia, de todos quantos a ele recorrem e proclamou um *sadhana* acessível a todos que, através de sua Graça, assim o constatarem.

Não apenas o uso da vichara não se restringiu àqueles que puderam ir a Tiruvannamalai, como também não se restringiu aos hindus. Os ensinamentos de Sri Bhagavan são a essência

de todas as religiões, proclamando abertamente aquilo que está oculto. O Advaita é o postulado central do taoísmo e do budismo; a doutrina do Guru interior é a doutrina do "Cristo em você" restaurada à plenitude do seu significado; a vichara penetra na verdade última do credo islâmico ou *shahada*, de que não existe nenhum deus senão Deus... de que não existe nenhum eu senão o Eu. Sri Bhagavan situou-se além das diferenças entre as religiões. Ele tinha à sua disposição os livros hindus, de modo que os leu e interpretou segundo os termos devidos, mas também estava preparado para interpretá-los nos termos de outra religião, se a tanto fosse solicitado. O *sadhana* que prescrevia não dependia de qualquer religião. Não apenas os hindus procuravam-no mas também budistas, cristãos, maometanos, judeus, parses, e ele nunca esperava que alguém mudasse de religião. A devoção ao Guru e o fluxo da sua Graça conduzem à realidade profunda de todas as religiões, e a Auto-investigação à derradeira Verdade anterior a toda religião.

OS DEVOTOS

DE MODO GERAL, os devotos eram gente sumamente normal. Em absoluto eram letrados ou intelectuais. Na verdade, não raro acontecia que algum intelectual preocupado com suas teorias, deixava de aperceber-se da Verdade viva e se afastava, ao passo que alguma pessoa simples permanecia e adorava e, através da sua sinceridade, atraía sobre si a Graça de Bhagavan. Porque a auto-investigação é chamada *Gnana-marga*, a Trilha do Conhecimento, imagina-se, às vezes, que apenas os intelectuais podem segui-la, mas o que se visa é a compreensão do coração, não o conhecimento teórico. O conhecimento teórico ou doutrinário pode ser um auxílio mas pode também ser um estorvo.

Sri Bhagavan escreveu: — O que aproveita o aprendizado daqueles que não procuram elidir as letras do destino perguntando, “Quando foi o nascimento de nós outros que conhecemos as letras?” Eles se transformaram em gramofones. Que mais são eles, ó Arunachala? Os iletrados são salvos de preferência àqueles cujo ego não se submeteu a despeito da sua erudição (Quarenta Versos Suplementares, vv. 35-36). As palavras acerca da elisão das letras do destino referem-se à concepção hindu de que o destino do homem está escrito sobre a sua fronte e por isso significam o mesmo que transcender ao próprio karma. São uma confirmação a mais daquilo que foi dito no capítulo V, que a doutrina do destino não afasta a possibilidade de esforço e nem mesmo a necessidade.

O aprendizado em si não era condenado, assim como não o eram a riqueza material e os poderes psíquicos; apenas, com todos os três, o desejo deles e a preocupação com eles eram condenados por cegarem um homem e desviá-lo do verdadeiro objetivo. Conforme está escrito num antigo texto, já citado, acerca dos poderes psíquicos, estes são como cordas para amarrar um animal. O que se requeria era sinceridade, não brilho; compreensão, não teoria; humildade, não orgulho intelectual. Especialmente quando se cantavam canções no saguão via-se isto, pois o interesse que Sri Bhagavan mostrava por uma celebridade era via de regra superficial, em contraste com o brilho da Graça que derramava sobre aquele que cantava com genuína devoção, ainda que de forma canhestra.

Naturalmente, os hindus eram mais numerosos entre os devotos, mas havia também muitos outros. Ninguém fez mais no sentido de divulgar no mundo o conhecimento de Sri Bhagavan que Paul Brunton com seu livro *A Índia Secreta*.

Entre os residentes permanentes no Ashram ou em torno dele estavam o Major Chadwick, alto, militarista e bondoso, dono de uma voz tonitroante; a Sra. Taleyarkhan, uma dama parse de natural imperioso e com um ar de *grande dame*; S. S. Cohen do Iraque, calado e comedido; o Dr. Hafiz Syed, um professor persa aposentado, portador de um resquício do charme ancestral da aristocracia muçulmana. Os visitantes vinham para passar temporadas, mais ou menos prolongadas, dos Estados Unidos, França, Alemanha, Holanda, Checoslováquia, Polônia e outros países mais.

Viswanathan, um jovem parente de Sri Bhagavan, veio em 1923 com dezenove anos de idade e lá ficou. Ele confessou que, assim como o próprio Sri Bhagavan, havia deixado um bilhete, sem esclarecer para onde ia. Sri Bhagavan fê-lo escrever uma carta, mas, de qualquer forma, o pai do jovem havia adivinhado o seu paradeiro e veio para discutir o assunto. O caso para ele estava em aberto. Ouvira relatos maravilhosos acerca do Swami, mas tratava-se sempre do jovem parente que conhecera sob o nome de Venkataraman e era difícil atribuir-lhe dotes divinos. Chegado à Presença do Swami, tremeu de alto a baixo e, antes que se desse conta do que acontecia, tinha-se prostrado diante dele.

— Não vejo nada do antigo Venkataraman aqui! — exclamou.

E Sri Bhagavan riu: — Ah, aquele sujeito! Faz tempo que desapareceu.

Dirigindo-se a Viswanathan, em sua maneira habitualmente jocosa, Sri Bhagavan disse certa vez: — Você, pelo menos, sabia sânscrito quando fugiu de casa; quando eu fugi não sabia nada.

Havia também outros que sabiam sânscrito e tinham estudado as escrituras, entre eles o professor aposentado Venkatramiah, que vivia como um sadhu e durante alguns anos redigiu um diário do Ashram, e o Mestre-escola Sundaresh Aiyar, já mencionado, que exercia a sua profissão em Tiruvannamalai.

No mesmo ano que Viswanathan, veio também Muruganar, um dos principais poetas em tâmil. O próprio Sri Bhagavan fazia referências ocasionais aos seus poemas ou mandava que fossem lidos em voz alta. Foi o poeta quem juntou os "Quarenta Versos" e fez com eles um livro e foi também quem escreveu uma notável crítica da obra em tâmil. O músico Ramaswami Aiyar é um devoto ainda mais antigo. Mais idoso do que Sri Bhagavan, chegou em 1907; compôs também magníficas canções em louvor do Mestre.

Ramaswami Pillai veio muito jovem, saindo diretamente do colégio em 1911, e ficou. Como Viswanathan e Muruganar, transformou-se em sadhu. No entanto, no seu caso, a trilha seguida foi a da devoção e do serviço.

Certa vez, em 1947, Sri Bhagavan machucou o pé numa pedra durante uma de suas caminhadas diárias pelo monte. No dia seguinte, Ramaswami Pillai, já grisalho porém robusto, saiu para construir um caminho e uma escadaria na encosta do monte. Sozinho trabalhou, da aurora ao crepúsculo, dia após dia, até que o caminho ficou terminado, as margens firmemente delimitadas por pedras, os degraus esculpidos onde havia uma plataforma de pedra, construídos nos lugares em que o terreno era em aclave. A construção foi muito bem rematada, a tal ponto que as chuvas das monções ainda não a destruíram; no entanto não se cuidou de conservá-la, pois pouco depois do seu término o precário estado de saúde de Sri Bhagavan obrigou-o a suspender as caminhadas pelo monte.

Ranga Aiyar, o antigo colega de escola a quem já se fez referência, nunca se fixou em Tiruvannamalai, mas com sua família aparecia, com frequência, para fazer uma visita. Ele havia estudado na mesma classe de Sri Bhagavan e tinha brincado e lutado com este, e sempre desfrutou de grande liberdade no falar e no gracejar. Vindo nos primeiros dias de Virupaksha a fim de ver qual o aspecto do seu antigo companheiro, convertido agora em Swami, percebeu de pronto que estava diante da Divindade. O mesmo não aconteceu com seu irmão mais velho, Mani. Este ficou olhando desdenhosamente para o jovem Swami que conhecera na escola como calouro. Sri Bhagavan devolveu-lhe o olhar e, sob o impacto, Mani caiu-lhe aos pés. Depois disto, Mani tornou-se também um devoto. Um dos filhos de Ranga Aiyar escreveu um longo poema em tâmil celebrando o "casamento" de Sri Bhagavan com o Conhecimento Divino.

Grande parte do *Evangelho do Maharshi* foi compilada a partir das conversas com o refugiado polonês, M. Frydman. Duas senhoras polonesas são figuras muito conhecidas no Ashram. Quando a Sra. Noye teve que voltar para os seus Estados Unidos ela não conseguiu sopitar as lágrimas. Sri Bhagavan consolou-a: — Por que chora? estarei sempre em sua companhia, onde quer que vá.

Isto é verdade com relação a todos os devotos de Bhagavan. Ele está sempre com eles; quando é lembrado por eles, o Mestre lembra-se dos seus devotos; mesmo que se esqueçam dele, ele não os esquece; não obstante, ouvir aquelas palavras de pessoa para pessoa foi uma grande ventura.

Meus três filhos, as únicas crianças européias em Tiruvannamalai, destacavam-se entre os devotos. Uma noite, em dezembro de 1946, Sri Bhagavan iniciou os dois mais velhos na meditação, e, se ambos não conseguiram descrever o que se passou, o mesmo se deu com pessoas de mais idade. Kitty, que tinha dez anos, escreveu: "Eu estava sentada no saguão naquela noite e Bhagavan sorriu para mim; cerrei os olhos e comecei a meditar. Tão logo fechei os olhos senti-me muito feliz e senti que Bhagavan estava muito, muito perto de mim, e muito real, e dentro de mim. Não era o mesmo que ficar feliz e excitada por alguma coisa. Não sei o que dizer; apenas estava muito feliz e Bhagavan é encantador".

E Adam, que tinha sete anos de idade, escreveu: "Quando estava sentado no saguão não me sentia feliz, de modo que comecei a rezar e me senti muito feliz, mas não era como ganhar um brinquedo novo; apenas amava Bhagavan e todos os demais".

Não que as crianças ficassem amiúde e por muito tempo no saguão. Quando tinham vontade de fazê-lo, sentavam-se ali; a maior parte do tempo brincavam em outra parte.

Quando Frania, a menina mais nova, tinha sete anos, os outros dois estavam falando acerca dos seus amigos e ela, não tendo amigos de verdade, mas não querendo ficar para trás, disse que o Dr. Syed era o melhor amigo que tinha no mundo. Sri Bhagavan ouviu o que foi dito.

— Ein? — retrucou ele, com interesse superficial.

E a mãe da menina disse: — E Sri Bhagavan?

— Ein? — Desta vez ele virou a cabeça e revelou um interesse real.

Frania disse: — Bhagavan não é deste mundo.

— Ein! — Ele endireitou-se com uma expressão de deleite, colocando o dedo de encontro à asa do nariz, como costumava fazer para denotar surpresa. Traduziu a história para o tâmil e repetiu-a, deliciado, para outros que entravam no salão.

Mais tarde o Dr. Syed perguntou à criança de onde era Bhagavan, já que não era desde mundo, e ela respondeu: — De toda a parte.

Insistindo ainda, ele retrucou: — Como podemos dizer que ele não é deste mundo como nós, quando o vemos sentado no catre, ou comendo, bebendo e passeando pelo recinto?

E a criança rematou: — Falemos de outra coisa.

No entanto qualquer menção feita a devotos é antipática pois há sempre outros que poderiam ter sido lembrados. Por exemplo, poucos falavam a Sri Bhagavan com maior liberdade que Devaraja Mudaliar ou T. P. Ramachandriah, cujo avô forçara certa vez o jovem Sri Ramana a comparecer a uma aparatosa refeição em sua casa... única casa em que o Swami comeu depois de sua chegada a Tiruvannamalai. Numerosas e belas fotografias de Sri Bhagavan, mostrando incrível variedade de expressões, foram feitas pelo Dr. T. N. Krishnaswami, que de quando em quando vinha de Madras para visitá-lo. Alguns dos mais pitorescos e encantadores relatos de incidentes da

vida do Ashram, recendendo ao charme da presença de Sri Bhagavan, estão contidos nas cartas escritas em telugo por uma devota, Nagamma, a seu irmão D. S. Sastri, um gerente de banco na cidade de Madras. Por outro lado, havia devotos que raro ou nunca tinham necessidade de falar com Sri Bhagavan. Havia visitantes que vinham sempre que a ocasião se lhes apresentava, de quaisquer cidades ou países a que o destino os atriava, e outros que faziam apenas uma breve visita e dali em diante passavam a ser discípulos do Mestre, embora sem a presença física. Havia também os que nunca o viram mas receberam iniciação silenciosa à distância.

Sri Bhagavan desaconselhava excentricidade no vestir ou nos modos, bem como qualquer demonstração de êxtase. Já se mostrou como verberava o desejo de visões e poderes e como preferia que os chefes de família lutassem no âmbito familiar e na vida profissional. Não provocava transformações espetaculares nos devotos, pois tais transformações podem ser uma superestrutura sem fundações e ruir a qualquer instante. Na verdade, acontecia, por vezes, que um devoto se desanimava, não notando qualquer progresso em si mesmo, e se queixava de que não estava indo à frente. Nestes casos Sri Bhagavan poderia consolá-lo ou então retrucar: — Como sabe que não está havendo progresso? — E explicava que é o Guru e não o discípulo quem vê o progresso feito; cabe ao discípulo prosseguir perseverantemente em seu trabalho, mesmo que a estrutura que esteja sendo erguida não lhe seja visível. O caminho pode parecer árduo, mas o amor dos discípulos por Bhagavan e a bondade do sorriso do Mestre tornavam-no lindo.

Qualquer providência exagerada como a *mouna* era também desaconselhada. Pelo menos, numa ocasião, Sri Bhagavan deixou-o bem claro. Ouvindo dizer que o Major Chadwick tencionava tornar-se *mouni* no dia seguinte, ele se alongou acerca da prática, salientando que a fala é uma válvula de segurança e que é melhor controlá-la do que renunciar a ela, e troçando das pessoas que desistem de falar com a língua e fazem-no por meio de um lápis. A verdadeira *mouna* está no coração e é possível permanecer calado em meio à falação da mesma forma pela qual é possível estar solitário em meio à multidão.

As vezes, é verdade, havia exageros. Em consonância com a natureza velada da sua *upadesa*, explicada em capítulo ante-

rior, Sri Bhagavan raro pedia ou proibia explicitamente alguma coisa; no entanto aqueles que se entregavam a excessos deviam perceber o seu descontentamento, mesmo quando não o admitiam para si mesmos, pois quase que invariavelmente começavam a ausentar-se do saguão. Recordo-me de um caso em que o equilíbrio mental ficou ameaçado e Sri Bhagavan disse explicitamente: — Por que ela não vem a mim? — É preciso saber-se o escrúpulo com que se abstinha de dar instruções explícitas ou mandar alguém ir ou vir, a habilidade com que atalhava qualquer manobra tendente a levá-lo a tanto, o apreço e o valor com que a menor indicação das suas vontades era acolhida, para poder avaliar o pleno significado deste dito.

Neste caso a devota não veio e pouco depois perdeu o juízo. Não se trata de um caso único. A despeito da atmosfera de normalidade, a terrível força que irradiava de Sri Bhagavan era demasiado potente para alguns dos recém-vindos. Notável é que, em qualquer desses casos, tão logo o equilíbrio mental era destruído a pessoa deixava de segregar-se e começava a vir ao Ashram. Era também notável que Sri Bhagavan por vezes repreendia tal pessoa como a uma criança travessa que se houvesse entregue a alguma travessura perfeitamente evitável. Numa proporção relativamente alta de casos, sob sua influência começava a surgir uma luta e o sofredor terminava por reconquistar a saúde mental.

Embora tais casos tenham que ser mencionados a fim de que o quadro fique completo, não se deve imaginar, em razão do espaço que a eles se reservou, que fossem muito freqüentes. Sempre foram acontecimentos raros.

É difícil postular algo definitivo acerca dos métodos de Sri Bhagavan pois as exceções podem ser encontradas a cada passo. Houve casos em que as suas instruções foram explícitas, particularmente quando foi possível abordá-lo a sós. Ananta Narayan Rao, um veterinário aposentado que tinha construído uma casa nas proximidades do Ashram, fora várias vezes chamado com urgência a Madras onde seu cunhado estava gravemente doente. Numa ocasião recebeu um telegrama nesse sentido e, embora fosse tarde da noite, dirigiu-se diretamente a Sri Bhagavan. Anteriormente, este nunca demonstrara grande atenção, mas desta vez disse: — Sim, sim, precisa ir. — E co-

meçou a falar acerca da pouca importância da morte. A. N. Rao voltou para casa e disse à sua mulher que daquela vez a doença parecia ser fatal. Eles chegaram a Madras dois dias antes do passamento do cunhado.

De quando em quando surgiam exemplos mais dinâmicos, como um devoto sendo instruído no sentido de usar o nome "Ramana" como uma invocação, mas nunca se falava muito em tais casos.

Geralmente o devoto tomava uma resolução por si mesmo e a seguir tinha o trabalho de anunciá-la aos poucos. A decisão fazia parte do *sadhana*. Se a coisa era bem feita vinha um sorriso de aprovação que fazia cantar o coração, e talvez um curto assentimento verbal. Se a decisão não era aprovada isso também se tornava visível. Um chefe de família anunciou certa vez sua decisão de trocar Tiruvannamalai por alguma outra cidade onde pudesse conseguir um emprego melhor remunerado. Sri Bhagavan riu: — Todos têm a liberdade de fazer seus planos. — O plano não vingou.

Quando um dos líderes políticos da Índia foi a Madras promover comícios, um criado que era seu admirador pediu licença para ir vê-lo. Sri Bhagavan conservou uma expressão de pedra, como se não tivesse ouvido. Não obstante, o criado foi. Correu de comício em comício, chegando sempre atrasado. Quando voltou, Sri Bhagavan mexeu com ele: — Então foi a Madras sem permissão? Teve êxito na jornada?

Tão completamente destituído de ego era o Mestre que podia comentar ou satirizar suas próprias ações com a mesma naturalidade com que comentava ou satirizava as ações alheias.

A influência de Sri Bhagavan era fazer as pessoas passarem do prazer e da dor, da esperança e da ansiedade, que são causados pelas circunstâncias, à felicidade interior, que é a nossa verdadeira natureza, e, compreendendo tal fato, havia devotos que jamais pediam coisa alguma, nem mesmo em preces mentais, mas lutavam, ao invés, por dominar o apego que dá origem aos desejos. Embora não conseguindo êxito total, pareceria uma espécie de traição dirigir-se a Sri Bhagavan com um pedido de benefícios exteriores que não fossem mais amor, mais constância, mais compreensão. Se vinham as aflições, o método

não era procurar suprimi-las, mas perguntar: “a quem sobreveio esta aflição?” Quem sou eu?” e, por essa forma, aproximar-se mais Daquilo que não padece nem nascimento, nem morte, nem aflição de espécie alguma. E se alguém recorria a Sri Bhagavan com essas intenções, logo era inundado de paz e fortaleza.

A natureza humana sendo o que é, havia também devotos que pediam ajuda e proteção a Sri Bhagavan nos acontecimentos da vida. Adotando um ponto de vista diferente, encaravam-no como pai e mãe e recorriam a ele sempre que algum problema ou perigo se apresentava. Ou mandavam-lhe uma carta relatando o problema ou rezavam a ele, donde quer que estivessem. E suas orações eram atendidas. O problema ou perigo era evitado ou, nos casos em que isso era impossível, ou desaconselhável, os devotos se viam invadidos por uma paz e fortaleza capazes de fazê-los suportar o que viesse. A ajuda lhes vinha espontaneamente, sem qualquer intervenção volitiva de Sri Bhagavan. Não quer isto dizer que tudo se devia exclusivamente à fé do devoto; devia-se à Graça que emanava do Mestre em resposta à fé do devoto.

Alguns devotos ficavam intrigados com aquele uso de poderes sem volição e, por vezes, sem mesmo o conhecimento mental das condições. Devaraja Mudaliar fez o registro de uma consulta que endereçou, certa vez, a Sri Bhagavan sobre o assunto:

“Se, no caso de Bhagavan como no dos demais *Gnanis*, a mente tiver sido destruída e ele não vir outra *bheda* (não-identidade) senão o Si Único, como poderá lidar com cada discípulo individualmente e sentir por ele ou fazer algo por ele?” Fiz esta pergunta a Bhagavan e acrescentei: “É evidente para mim e muitas outras pessoas que quando sentimos intensamente nossos problemas e apelamos a Bhagavan mentalmente, donde quer que estejamos, a ajuda vem quase que de imediato”.

Um homem dirige-se a Bhagavan, algum antigo devoto seu. Relata então todos os tipos de dificuldades que teve desde que viu Bhagavan pela última vez; Bhagavan ouve pacientemente e, vez por outra, expressa sua admiração através de interjeições, “Oh! então é assim?” e, assim por diante. A história com frequência termina desta forma: “Quando

tudo mais falhou apelei afinal a Bhagavan e somente Bhagavan salvou-me". Bhagavan ouviu tudo como se fora alguma novidade para ele e chega mesmo a contar a outros que vêm depois: "Parece que tais e tais coisas aconteceram a fulano desde a última vez que esteve conosco". Sabemos que Bhagavan nunca finge, de modo que aparentemente não ficava a par de tudo o que aconteceu, pelo menos num plano, enquanto não lhe contavam. Ao mesmo tempo, está claro para nós que no momento em que nos amarguramos e imploramos auxílio, ele nos ouve e nos manda auxílio sob uma ou outra forma, no mínimo dando-nos força ou outras facilidades para suportar os aborrecimentos que nos acometeram se, por alguma razão, não for possível evitá-los ou modificá-los. Quando coloquei tudo isto diante de Bhagavan, ele replicou: — Sim, tudo acontece automaticamente.

Muito raro Sri Bhagavan servia-se propositalmente de poderes sobrenaturais. Se o fizesse, seria de forma tão discreta como a sua iniciação e *upadesa*. Nos últimos anos havia entre os criados um chefe de família, Rajagopal Aiyar. Tinha ele um filho de cerca de três anos de idade a quem fora dado o nome de Ramana, um garotinho simpático que tinha o hábito de correr para Sri Bhagavan todos os dias e prostrar-se diante dele. Uma noite, depois que os devotos tinham ido dormir, a criança foi picada por uma cobra. Rajagopal Aiyar apanhou-a e correu imediatamente para o saguão. Mesmo assim, quando chegou, a criança já estava azul e ofegante. Sri Bhagavan passou as mãos sobre o menino e disse: — Você está bem, Ramana. — E a criança ficou bem. Rajagopal Aiyar relatou o acontecimento a uns poucos devotos mas a repercussão não foi grande.

Embora ambas as coisas se entrelacem, é preciso fazer uma distinção entre pedir vantagens e confiar na proteção de Sri Bhagavan. Com toda certeza ele aprovava esta confiança. Se alguém o encarregava do seu bem-estar, aceitava a missão. Em *Arunachala-Siva* ele escreveu, caracterizando a atitude do discípulo relativamente ao Guru: — Não me chamastes? Vim e a minha manutenção tornou-se agora a Vossa tarefa. — Certa vez, a pedido de um devoto, Bhagavan escolheu quarenta e dois versos do *Gita Bhagavad* e os dispôs numa sequência di-

ferente a fim de expressar os seus ensinamentos, e entre os versos havia este: — Comprometo-me a proteger e assegurar o bem-estar daqueles que, sem outra coisa, meditam em Mim e Me adoram e permanecem assim afinados para sempre. Pode haver duras provações e períodos de insegurança que desafiam a fé, mas o devoto que deposita a sua confiança em Sri Bhagavan é sempre bem velado.

A OBRA ESCRITA

TODA A OBRA ESCRITA de Sri Bhagavan é pouco volumosa e quase tudo foi redigido a fim de atender às necessidades específicas dos devotos. Devaraja Mudaliar registra em seu diário como Sri Bhagavan falou a respeito, quando de uma palestra que teve com um poeta visitante.

Tudo isto é apenas atividade da mente. Quanto mais se exercita a mente, quanto mais êxito se tem na composição de versos tanto menos paz se tem. Que adianta adquirir essas qualidades se não nos é dada a paz de espírito? Mas se dissermos isto a certas pessoas elas não ficarão agradadas; não conseguem ficar quietas. Precisam estar sempre a compor canções... De alguma forma, jamais me ocorre escrever um livro ou compor poemas. Todos os poemas que fiz foi a pedido de alguém e vinculados a algum acontecimento especial. Até mesmo *Quarenta Versos Acerca da Realidade*, dos quais existem hoje em dia tão numerosas críticas e traduções, não foram planejados como um livro, mas consistem de versos compostos em diferentes ocasiões e mais tarde arranjados em livro por Muruganar e outros. Os únicos poemas que me vieram espontaneamente e me obrigaram, por assim dizer, a escrevê-los sem que alguém me estivesse pressionando são *Onze Estâncias a Sri Arunachala* e *Oito Estâncias a Sri Arunachala*. As palavras iniciais das *Onze Estâncias* ocorreram-me certa manhã e embora eu tentasse

sufocá-las, dizendo: “que tenho eu a ver com estas palavras?”, elas não foram reprimidas até que compus uma canção fazendo uso delas; e todas as palavras fluíram com facilidade, sem qualquer esforço. Da mesma forma, a segunda estância foi feita no dia seguinte e as demais nos dias subseqüentes, uma por dia. Somente a décima e a décima primeira foram compostas no mesmo dia.

Ele prosseguiu descrevendo, em seu estilo caracteristicamente vivaz, como havia composto as *Oito Estâncias*:

No dia seguinte saí para dar a volta ao monte. Palaniswami caminhava atrás de mim e depois de algum tempo parece que Aijasami chamou-o de volta e deu-lhe lápis e papel, dizendo: “Faz já alguns dias que o Swami vem compondo poemas diariamente. Talvez volte a fazê-lo hoje; é melhor que leve lápis e papel com você”.

Só fiquei sabendo do fato quando notei que Palaniswami não tinha estado comigo durante um determinado trecho e só depois me alcançara. Naquele dia, antes de voltar a Virupaksha, escrevi seis das oito estâncias. Naquela noite, ou no dia seguinte, veio Narayana Reddhi. Vivía ele, na época, em Vellore e trabalhava como representante de Singer & Cia., e costumava aparecer de tempos em tempos. Aijasami e Palaniswami contaram-lhe a respeito dos poemas e ele disse. “Entreguem-nos imediatamente e farei com que sejam publicados”. Ele já havia publicado alguns livros. Como insistisse em levar os poemas, eu lhe disse que poderia fazê-lo e podia publicar os primeiros onze como uma forma de poema e os restantes, que tinham métrica diferente, como outra. Para preencher a quota pedida, prontamente compus mais duas estâncias e ele levou todas as dezenove para mandar imprimir.

Muitos poetas compuseram canções a Sri Bhagavan em várias línguas, destacando-se entre eles Ganapati Sastri em sânscrito e Muruganar em tâmil. Embora na conversação acima transcrita, Sri Bhagavan tenha condenado a poesia como dissipadora de energias que poderiam ser utilizadas interiormente no *sadhana*, costumava ouvir com benevolência e interesse quando

se recitavam poemas diante dele. Livros em prosa e artigos vários a seu respeito também foram escritos e freqüentemente ele mandava lê-los e traduzi-los a fim de que todos pudessem compreender. Impressionante era a impessoalidade do seu interesse, a inocência infantil que encerrava.

Há dois livros em prosa que se pode dizer foram escritos por Sri Bhagavan. Durante os primeiros anos em Virupaksha, quando ainda guardava silêncio, ele redigiu, em várias ocasiões, instruções para Gambiram Seshayyar, e, depois da morte de Seshayyar foram elas ordenadas e publicadas, sob a forma de livro, com o título de *Auto-investigação*. Semelhantemente, suas respostas dadas no mesmo período a Sivaprakasam Pillai foram ampliadas e compostas em forma de livro sob o título de *Quem Sou Eu?* Os demais livros em prosa que o Ashram publicou não foram escritos por Sri Bhagavan, mas são todos registros de exposições verbais por ele feitas em resposta a perguntas e, por essa razão, têm a forma de diálogos.

Seus poemas catalogam-se em dois grupos: os que de preferência expressam a abordagem através de *bhakti*, isto é, através de amor e devoção, e os que são mais doutrinários. O primeiro grupo é constituído dos *Cinco Hinos a Sri Arunachala*, todos escritos durante o período de Virupaksha. Neles, o elemento devoção não implica em abandono do Advaita, mas se funde perfeitamente com o Conhecimento. Foram escritos do ponto de vista do aspirante ou devoto, embora aquele que os redigiu estivesse estabelecido no supremo Conhecimento, na Bem-aventurança da União e não no sofrimento do desejo; e é por esta razão que exercem tão poderosa atração sobre o coração do devoto.

Já se fez menção a dois deles, as *Oito Estâncias* e as *Onze Estâncias*. Nestas últimas Sri Bhagavan não apenas escreveu como um aspirante, como também usou as palavras "Alguém que não atingiu o Conhecimento Supremo". Desejando uma confirmação explícita, um dos devotos, A. Bose, perguntou-lhe por que havia escrito assim, se se tratava de esposar o ponto de vista dos devotos e defender-lhes os interesses, e Sri Bhagavan admitiu que assim era.

O último dos *Cinco Hinos*, Sri Bhagavan escreveu-o primeiro em sânscrito e depois traduziu-o para o tâmil. A história

da sua redação é espantosa. Ganapati Sastri pediu-lhe que escrevesse um poema em sânscrito e ele, rindo, respondeu que não conhecia os rudimentos da gramática sânscrita nem a métrica. Sastri explicou-lhe um tipo de verso e implorou-lhe que fizesse uma tentativa. Na mesma noite ele criou cinco perfeitos versos em sânscrito. Foram traduzidos da seguinte maneira:

Oceano de néctar, cheio de Graça, que engolfa o universo em seu esplendor. Ó Arunachala, o Supremo! Sê o Sol e abre, benfazejo, a flor de loto do meu coração.

Ó Arunachala! Em Ti a imagem do universo se forma, reside e é dissolvida. Neste enigma repousa o milagre da Verdade. És o Si Interior que como "Eu" dança no coração. "Coração" é o teu nome, ó Senhor!

Aquele que se volta para dentro com mente tranqüila para procurar onde surge a consciência do "Eu" realiza o Si e em Ti descansa, ó Arunachala! assim como o rio que se funde com o Oceano.

Abandonando o mundo exterior, a mente e a respiração sob controle, a fim de meditar em Ti, o iogue vê a Tua Luz, Ó Arunachala! e se deleita em Ti.

Aquele que a Ti dedica a sua mente e, vendo-Te, sempre contempla o universo como forma Tua, aquele que em todos os momentos Te glorifica e Te ama como o próprio Si que és, esse é o Mestre incomparável, sendo Uno com Ti, Ó Arunachala! e se perde em Tua Bem-aventurança.

Estas estâncias são mais doutrinárias do que os quatro demais hinos, sintetizando como fazem as três principais *margas* ou abordagens à realização. Falando delas em época posterior, Sri Bhagavan explicou: — A terceira estância trata do aspecto do *Sat* (Ser), a quarta do *Chit* (Consciência) e a quinta do *Ananda* (Bem-aventurança). O *Gnani* torna-se uno com o *Sat* ou Realidade como um rio fundindo-se com o oceano; o iogue vê a luz do *Chit*; o *bhakta* ou karma está imerso no dilúvio do *Ananda*.

No entanto, o mais tocante e apreciado dos cinco hinos é *Grinalda Conjugal de Cento e Oito Versos a Sri Arunachala*, popularmente conhecido pelo seu refrão "Arunachala Siva". Durante os primeiros anos de residência de Sri Bhagavan em Virupaksha, Palaniswami e outros costumavam dirigir-se à cidade a fim de mendigar comida para o pequeno grupo de devotos. Um dia, pediram a Sri Bhagavan que compusesse uma canção

devota, para cantarem a caminho. Ele respondeu que havia bastantes canções sublimes compostas pelos Santos, muitos das quais esquecidas, de modo que não havia necessidade de compor mais uma. No entanto, continuaram a instar com ele e, alguns dias mais tarde ele saiu em *pradakshina* em torno do monte, levando consigo lápis e papel e, a caminho, compôs os cento e oito versos.

Lágrimas de êxtase correm-lhe pela face enquanto escrevia, chegando, por vezes, a cegar-lhe os olhos e sufocar-lhe a voz. O poema transformou-se na grande inspiração devocional dos devotos. Todo o sofrimento do desejo e todo o júbilo da consecução estão retratados no seu resplandecente simbolismo. A perfeição do Conhecimento está combinada com o êxtase da devoção. E, contudo, este poema, predileto entre todos, foi composto do ponto de vista do devoto, daquele que ainda procura. É também um acróstico, seus cento e oito versos começando com as sucessivas letras do alfabeto tâmil. Não obstante, poema algum poderia ser mais espontâneo. Alguns devotos pediram a Sri Bhagavan a interpretação de alguns dos versos e ele replicou: — Pensem no assunto e eu farei o mesmo. Não pensei enquanto compunha; fui apenas escrevendo à medida que as coisas me vinham vindo.

Há uma antiga lenda de que um grupo de Rishis ou Sábios, que viviam com suas famílias numa floresta, praticavam karmas, isto é, atos de devoção ritual e encantações, através dos quais haviam desenvolvido poderes sobrenaturais e esperavam eventualmente obter a suprema Liberação. Nisto, contudo, enganaram-se. A fim de puni-los pelo erro, Xiva lhes apareceu na forma de um mendigo, acompanhado por Vishnu disfarçado em Mohini, uma bela dama. Todos os Rishis apaixonaram-se de Mohini e suas esposas, de Xiva, com o resultado de que a sua equanimidade ficou comprometida e os seus poderes começaram a declinar. Diante disto decidiram que Xiva devia ser um inimigo e reuniram algumas serpentes, um tigre e um elefante que mandaram contra ele. Xiva, contudo, simplesmente fez das serpentes uma grinalda e, matando o tigre e o elefante, usou a pele do primeiro para fazer uma tanga e a do último para um xale. Os Rishis, percebendo seu grande poder, curvaram-se perante ele e lhe pediram que lhes desse *upadesa* ou orientação. Só então Xiva explicou-lhes o erro que haviam co-

metido, ensinando que uma ação não pode desobrigar outra, que karma é o mecanismo, não a causa da criação, e que é necessário ir além da ação para a contemplação.

O poeta e devoto Muruganar escreveu esta história em tâmil, mas ao chegar ao ponto em que Xiva dá instruções aos Rishis pediu a Bhagavan, que era Xiva Reencarnado, para prosseguir. Foi então que Bhagavan compôs o *Upadesa Saram* ou *Instrução em Trinta Versos* no qual, começando com a atividade devota e desinteressada, explica que as encantações são mais eficazes, as encantações silenciosas mais eficazes ainda do que as feitas em alta voz e o mais eficaz de tudo é a contemplação. Sri Bhagavan traduziu os Trinta Versos para o sânscrito e a versão sânscrita é considerada como uma escritura, sendo por isso cantada diariamente diante de Bhagavan a par com os Vedas, e agora é cantada diante do seu túmulo.

A doutrina ensinada por Sri Bhagavan é anunciada de forma mais inteligível neste poema e em *Ulladu Narpadu* ou *Quarenta Versos Acerca da Realidade* juntamente com seu "Suplemento" de mais quarenta versos.

Foram feitas numerosas traduções dos *Quarenta Versos Acerca da Realidade* e muitas críticas a respeito foram escritas. Têm uma universalidade e uma sabedoria condensada que exigem comentários. E contudo, conforme Sri Bhagavan assinalou na conversação acima citada, não foram escritos como um poema contínuo, mas foram compostos de tempos em tempos, quando a ocasião se apresentava. Alguns dos quarenta versos suplementares nem mesmo são de autoria do próprio Bhagavan, mas foram colhidos em outras fontes, pois sempre que havia alhures um verso adequado ele considerava desnecessário compor um novo. Não obstante, o conjunto é a mais completa e aprofundada enunciação da sua doutrina.

Além destes dois grupos há uns poucos poemas curtos também. Não lhes falta humor. Um contém instruções para o *sadhana* sob o simbolismo de uma receita para fazer *poppadam*, um azeite dos mais apreciados na Índia meridional. A mãe de Sri Bhagavan estava preparando aquele prato um dia e pediu ao filho que a ajudasse e então, espontaneamente, ele escreveu-lhe a receita simbólica.

O poeta Avvayar escreveu, certa vez, uma queixa contra o estômago: — Não te privas de comida um dia que seja, nem recebes o suficiente para dois dias de uma só vez. Não sabes quantos aborrecimentos me custas, Ó bendito estômago! É impossível conviver contigo!

Um dia tinha havido uma festividade no Ashram e todos se sentiam mais ou menos desconfortáveis, e Sri Bhagavan parodiou a estância de Avvayar. — Não me dás sequer uma hora de descanso, a mim, teu estômago. Dia após dia, em todos os momentos, não paras de comer. Não sabes quanto eu sofro, ó ego perturbador! É impossível conviver contigo.

Foi em 1947 que Sri Bhagavan escreveu o seu último poema. Desta feita não em resposta a algum pedido e, no entanto, tinha ele um certo aspecto de *tour de force*, pois foi, a princípio, escrito em telugo, mas numa forma métrica do tâmil, e depois traduzido para o tâmil. Chamou-se *Ekatmapanchakam* (Cinco Versos Acerca do Eu).

Esquecer o Eu, confundir o corpo com o Eu, passar por inumeráveis renascimentos e afinal achar e ser o Eu — isto é o mesmo que despertar de um sonho em que se anda por todo o mundo.

Aquele que pergunta “Quem sou eu?” embora exista como o Eu, é como o bêbedo que indaga a sua própria identidade e paradeiro.

Quando de fato o corpo está no Eu, pensar que o Eu esteja dentro do corpo insensível é como pensar que uma tela de cinema onde a imagem é projetada está dentro da figura.

Terá a jóia alguma existência em separado do ouro (do qual é feita)? Onde está o corpo separado do Eu? Os ignorantes confundem o corpo com o Eu, mas o *Gnani*, conhecedor do Eu, percebe o Eu como o Eu.

Este Eu, a Realidade, sozinho existe para sempre. Quando até mesmo o Guru Primordial (Adi-Guru, Dakshinamurthi) o revelou através do silêncio, quem será capaz de colocá-lo em palavras?

Há também algumas traduções, principalmente de Shankaracharya. Um visitante à Gruta Virupaksha deixou lá, certa vez, um exemplar do *Vivekachudamani* de Shankaracharya. Depois de correr os olhos pelas suas páginas, Sri Bhagavan recomendou a Gambhiram Seshayyar que o lesse. Este, porém, não conhecia o sânscrito, de modo que queria a obra em tâmil. Pa-

laniswami conseguiu uma versão em tâmil emprestada e Seshayyar, diante disto, escreveu aos editores pedindo um exemplar, mas foi informado de que a edição se achava esgotada. Por essa razão pediu a Sri Bhagavan uma simples adaptação para o tâmil, em prosa. Sri Bhagavan começou a escrever, mas antes que tivesse ido muito longe, Seshayyar recebeu a edição em versos que havia pedido, de modo que o Mestre deixou a obra incompleta. Alguns anos mais tarde, a pedido de um outro devoto, ele retomou a obra e levou-a até o fim. Só então esclareceu o devoto que a sua intenção era publicar o livro. Ao sabê-lo, Sri Bhagavan redigiu um prefácio dizendo que uma versão livre em prosa poderia ser útil embora existisse já uma versão poética em tâmil. O prefácio propriamente dito contém uma síntese do livro e uma concisa exposição da doutrina e do caminho.

A última coisa escrita por Bhagavan foi uma tradução para o tâmil do *Atma Bodha* de Shankaracharya. Desde os primeiros dias em Virupaksha tinha ele consigo a obra, mas jamais pensara em traduzi-la. Em 1949, uma tradução para o tâmil, talvez, não muito perfeita, foi enviada para o Ashram e pouco depois o próprio Bhagavan sentiu a necessidade de fazer, ele mesmo, uma tradução da obra. Durante alguns dias não tomou o assunto em consideração, mas as palavras da tradução teimavam em surgir diante dele, como se já tivessem sido escritas, de modo que apanhou lápis e papel e escreveu-as. O trabalho foi tão despido de esforço que ele disse, rindo, temer que algum outro autor surgisse e reivindicasse para si a autoria da obra, dizendo que Bhagavan apenas a copiara.

Entre os trabalhos de Sri Bhagavan há também uma compilação de quarenta e dois versos do *Gita Bhagavad* que, a pedido de um devoto, ele seleccionou e recompôs a fim de expressar seus ensinamentos. Esta obra foi traduzida sob o título de *Canção Celestial*.

MAHASAMADHI

DURANTE MUITOS ANOS antes que o corpo chegasse ao fim, pelo menos a partir de 1947, a saúde de Sri Bhagavan foi motivo de alarme. O reumatismo não apenas lhe aleijara as pernas como também lhe atacara as costas e ombros. Além disso, havia uma impressão de grande debilidade, embora ele próprio se recusasse a tomar conhecimento da situação. Percebia-se que necessitava de uma alimentação mais substanciosa que a do Ashram, mas não admitia comer nada além daquilo.

Ele não tinha ainda setenta anos mas aparentava muito mais. Não que as preocupações o houvessem consumido, pois não havia qualquer indício de preocupações... ele não as tinha conhecido. Apenas velho e fraco. Por que seria que alguém que sempre fora vigoroso e robusto, haveria de envelhecer tanto? Aquele que toma sobre si os pecados do mundo... aquele que alivia o karma dos devotos... foi apenas à sua custa que Xiva, bebendo o veneno, pôde salvar o mundo da destruição. Sri Shankara escreveu: — Ó Sambhu,¹ Senhor da Vida! Vós também carregais o fardo da vida temporal de Vossos devotos.

Há muitos indícios, sempre indiscerníveis, de que, mesmo fisicamente, Sri Bhagavan arcava com tal fardo. Um devoto, Krishnamurthi, relatou num jornal em tâmil publicado por Janaki Ammal, uma senhora devota, como foi sentar-se no saguão um dia, sentindo uma grande dor no dedo indicador. Ele não

¹ Um dos nomes de Xiva.

disse nada a ninguém, mas, para sua surpresa, viu Sri Bhagavan segurar e esfregar o mesmo dedo da sua própria mão, e a dor desapareceu. Muitos outros passaram por experiências semelhantes.

Para Sri Bhagavan a vida não era nenhum tesouro que merecesse ser economizado; era-lhe indiferente quanto tempo iria durar. Houve, certa vez, uma discussão no saguão quanto ao tempo de vida do Swami. Alguns citavam os astrólogos, dizendo que viveria até os oitenta anos; outros negavam a astrologia ou duvidavam da sua aplicabilidade a Sri Bhagavan, que já não tinha karma a cumprir. Ele ouviu a discussão, com um sorriso nos lábios, mas não interveio. Um recém-chegado, intrigado com o que via, perguntou: — Que acha Bhagavan a respeito? — Ele não respondeu, mas sorriu aprobativamente quando Devaraja Mudaliar respondeu por ele: — Bhagavan não pensa no assunto.

Todo o último ano da sua vida serviu para ilustrar o que se está afirmando. Os devotos lamentavam o sofrimento e temiam a ameaça da morte; ele não.

Em princípios de 1949, um pequeno nódulo apareceu-lhe sob o cotovelo esquerdo. Não foi considerado coisa séria, mas, em fevereiro, o médico do Ashram extirpou-o. No espaço de um mês o nódulo voltou, maior e mais doloroso, e, desta vez, diagnosticado como um tumor maligno, causando alarme generalizado. Em fins de março vieram médicos de Madras e operaram. A ferida não sarou como devia e o tumor logo começou a crescer, espalhando-se.

Dali em diante estabeleceu-se um ar de tragédia e inevitabilidade em torno da marcha dos acontecimentos. Os médicos ortodoxos anunciaram que não podiam curar o tumor, podiam apenas operar e o mal poderia voltar, a despeito do tratamento com rádio, e, caso isso acontecesse, nada mais haveria a fazer. Outros filiados a diferentes escolas acreditavam que podiam curá-lo e que uma operação serviria apenas para fazer o tumor voltar sob uma forma ainda pior, como de fato aconteceu, mas não lhes foi permitido intervir a tempo.

Quando o tumor voltou, depois da operação de março, os médicos sugeriram que se amputasse o braço, mas há a tradição de que o corpo de um *Gnani* não deve ser mutilado.

Na verdade, não deve ser furado com metal e, até mesmo a operação, se constituíra numa quebra da tradição. Sri Bhagavan acatou a idéia, mas negou-se a aceitar a amputação: — Não há motivo para alarme. O corpo em si já é uma doença; deixe-se que chegue a um fim natural. Por que mutilá-lo? Basta apenas que se cuide da parte atacada.

Sua afirmação de que não havia motivo para alarme gerou a esperança de que pudesse recuperar-se, a despeito das palavras que se seguiram e a despeito da opinião da Medicina; mas para Bhagavan a morte não era motivo de alarme.

Ele também deu azo a esperanças dizendo: — Tudo se endireitará no seu devido tempo. — Mas na verdade cabia-nos, a nós, perceber a justeza do que tinha acontecido; ele nunca teve dúvidas.

Nesta época ele traduziu para o tâmil uma estância do *Bhagavata* (Skandha XI, cap. 13, skola 36): “Quer o corpo, resultado do karma em frutificação, permaneça quieto ou se mova, viva ou morra, o Sábio que compreendeu o Si não toma conhecimento, assim como alguém embotado pelo álcool não toma conhecimento das roupas que enverga”.

Algum tempo mais tarde Sri Bhagavan explicou um verso do *Vasishtham* iogue: — O *Gnani* que se descobriu Consciência pura e amorfa não se deixa afetar ainda que o corpo seja fendido a espada. O açúcar cande não perde sua doçura quando quebrado ou esmagado.

Terá Sri Bhagavan realmente sofrido? Ele disse a um devoto: — Confundem este corpo com Bhagavan e atribuem-lhe sofrimentos. Que pena! E para um dos criados disse: — Onde está a dor se não existe mente? — No entanto, exhibia reações físicas normais e sensibilidade normal a calor e frio, e um devoto S. S. Cohen, registra que anos antes ele havia dito: — Se a mão do *Gnani* fosse cortada com uma faca isso provocaria dor como em qualquer pessoa, mas, estando a sua mente em estado de graça, não sente a dor tão intensamente como outras pessoas. — Não se trata de que o corpo do *Gnani* não sofra lesões mas de que este não se identifica com o corpo. Os médicos e alguns dos criados tinham a convicção de que havia dor e de que, nos últimos estágios, essa dor tornou-se cruciante. Na verdade, os médicos ficaram estupefatos ante a in-

diferença de Sri Bhagavan pela dor, ante a sua total despreocupação, até mesmo durante a operação.

A questão do seu sofrimento, assim como a questão do nosso karma, existe apenas do ponto de vista da dualidade; do ponto de vista de Bhagavan, ponto de vista do Advaita, nenhuma das duas tinha qualquer realidade. Foi com esta acepção que ele disse mais de uma vez aos seus devotos: — Só estou doente se pensarem que estou; se pensarem que estou bem ficarei bem.

Na medida em que um devoto acreditava na realidade do próprio corpo e seu sofrimento, nessa medida, para ele, o corpo do Mestre era real e sofria também.

Durante uma ou duas semanas depois da operação de março, um herbanário da cidade recebeu permissão para experimentar o seu tratamento, mas não houve cura. Sri Bhagavan disse a um outro aspirante que foi preterido: — Espero que não se importe, já que teve tanto trabalho com os seus medicamentos. — Jamais pensava na sua situação, cuidava apenas daqueles que desejavam tratá-lo e da lealdade ao médico encarregado. Vez por outra protestava contra as exageradas atenções que estavam dando ao seu corpo. Diversas vezes, quando pareceu haver alguma melhoria, declarou que não queria mais tratamento.

O tumor, diagnosticado agora como um sarcoma, roubou-lhe o pouco de vitalidade que restava; no entanto, mesmo enfraquecendo, seu rosto tornou-se ainda mais suave, mais bondoso, mais radiantemente belo. Por vezes, sua beleza era dolorosa de se ver.

O braço estava pesado e inflamado e o tumor crescia. De quando em quando Bhagavan admitia: — Há dor — mas, nunca dizia: — Estou com dor. — Em agosto procedeu-se a uma terceira operação, a ferida sendo tratada com rádio na esperança de que fossem destruídos os tecidos lesados e evitado o reaparecimento do tumor. Na mesma tarde, algumas horas depois da operação, Sri Bhagavan foi sentar-se na varanda do dispensário onde a intervenção tivera lugar, de modo a conceder aos devotos a oportunidade de desfilar por ali e ter o seu *darshan*. Via-se que estava exausto mas não havia sinais de sofrimento em seu rosto. Eu viera de Madras para passar o dia e, ao defrontar-me com ele, era tal o brilho do seu sorriso,

que até mesmo a exaustão tinha deixado de ser visível. À tarde do dia seguinte Bhagavan voltou ao saguão para não incomodar outros pacientes que tivessem de ser atendidos no dispensário.

Havia também um sentimento mais profundo de inevitabilidade, muito ulterior ao médico: que Sri Bhagavan sabia o que era conveniente e procurava dar-nos força para suportar a morte do seu corpo. Na verdade, aquela moléstia longa e dolorosa, surgiu como uma forma de preparação para a inevitável partida, que muitos, a princípio, julgaram não poder suportar. Kitty, que estava num colégio interno, foi notificada através de uma carta e escreveu em resposta: — Sinto muitíssimo, mas Bhagavan sabe o que é melhor para nós. — A carta foi mostrada a ele e seu rosto iluminou-se de prazer quando comentou a sensatez da menina ao dizer, “o que é melhor para nós” e não “o que é melhor para ele”.

Ele tinha imensa compaixão pelos que deploravam o seu sofrimento e procurava acalmá-los a dor, não pela via fácil, acabando com o sofrimento e adiando a morte por alguns anos, mas pela via fundamental, fazendo-os compreender que o corpo não era Bhagavan: — Tomam este corpo por Bhagavan e atribuem-lhe sofrimentos. Que pena! Estão decepcionados porque Bhagavan vai deixá-los . . . para onde pode ir ele e como?

Durante as semanas que se seguiram à operação de agosto parece ter havido alguma melhora, mas em novembro o tumor ressurgiu, mais acima no braço, perto do ombro. Em dezembro foi executada a quarta e última operação. A ferida nunca mais cicatrizou. Os médicos reconheceram então que já não podiam fazer mais nada. O caso não tinha solução e se o tumor tornasse a aparecer o único recurso seria manter Bhagavan à custa de paliativos.

O Jayanthi caiu em 5 de janeiro de 1950. Multidões pesadas reuniram-se para o setuagésimo aniversário de Sri Bhagavan, que a maioria acreditava ser o último. Ele deu *darshan* e ouviu numerosas novas canções compostas em sua honra. Leu algumas. O elefante do templo da cidade veio, inclinou-se diante dele e tocou-lhe o pé com a tromba. Uma rani do norte da Índia obteve permissão para filmar a cena. Houve festas, mas dentro de um clima de tristeza e apreensão.

Muitos já pressentiam que era coisa de semanas ou dias. Agora, que o caso tinha sido dado por perdido, pediu-se a Sri

Bhagavan que ele próprio dissesse que tratamento deveria ser feito. Ele respondeu: — Alguma vez pedi tratamento? São vocês que querem isto e aquilo para mim, de maneira que têm de tomar uma decisão entre vocês mesmos. Se eu tivesse sido consultado, teria dito desde o começo que não é necessário nenhum tratamento. Deixem que as coisas sigam o seu curso.

Só então foi tentada a homeopatia e, a seguir, a ayurveda, mas era tarde demais.

Sri Bhagavan ateu-se à sua rotina habitual até que isso se tornou fisicamente impossível. Tomava seu banho matinal uma hora antes do sol raiar, sentava-se para dar *darshan* em horas preestabelecidas, de manhã e à tarde, examinava a correspondência do Ashram e supervisionava a impressão das publicações, não raro fazendo sugestões. Depois de janeiro ficou demasiado fraco para sentar-se no saguão e dar *darshan*. Um pequeno banheiro com uma ante-sala tinha sido construído na passagem a leste do saguão e, até o fim, ele permaneceu ali. Havia, no lado de fora, uma estreita varanda onde o seu catre foi colocado e, até os últimos momentos, os devotos a quem a doença atraía aos milhares para Tiruvannamalai, tiveram o seu *darshan*. Bhagavan, enquanto possível, não permitiu que nada interrompesse a cerimônia. Os devotos sentavam-se diante dele na varanda, de manhã e de tarde. Mais tarde, quando já estava fraco demais para tanto, desfilavam diante da porta aberta do seu quarto, de manhã e de tarde. Um dia seu estado causou alarme e o *darshan* foi interrompido, mas tão logo o Mestre recobrou a consciência manifestou seu desagrado e ordenou o reinício da prática.

Um grupo de devotos cantava diariamente cânticos e canções devocionais pela sua recuperação. Perguntaram-lhe acerca da eficácia dessa prática e, sorrindo, ele replicou: — Certamente é desejável estar entregue a boas atividades; que continuem.

O tumor reapareceu logo acima da ferida não cicatrizada. Estava agora bem próximo do ombro e todo o organismo envenenado, de modo que uma grave anemia sobreveio. Os médicos disseram que a dor devia ser horrível. Bhagavan mal podia se alimentar. Às vezes, ouviam-no gemer durante o sono, mas ele não dava qualquer outra demonstração de sofrimento. De tempos em tempos vinham médicos de Madras para vê-lo

e ele se mostrava cortês e hospitaleiro como sempre. Até o derradeiro instante sua primeira pergunta era se haviam comido, se estavam sendo bem tratados.

Seu senso de humor também perdurou. Fazia gracejos acerca do tumor como se fosse alguma coisa que não lhe dissesse respeito. Uma mulher, em sua dor, bateu com a cabeça de encontro a um pilar perto do quarto e ele, com ar de surpresa, disse: — Oh, pensei que ela estava tentando rachar um coco.

Falando aos criados e ao Dr. T. N. Krishnaswami, médico e devoto, ele explicou: — O corpo é como uma folha de bananeira sobre a qual se servem comidas as mais deliciosas. Depois de comermos a comida acaso guardamos a folha? Não a jogamos fora depois que ela deu conta do seu recado?

Em outra ocasião disse aos criados: — Quem deverá carregar a carga deste corpo depois que ele precisa de ajuda em tudo o que faz? Pensam que eu carregarei esta carga que exige o esforço de quatro homens?

E para alguns dos devotos: — Suponham que vão a um depósito de lenha e contratam um cule para levar para as suas casas um feixe de lenha que compraram. Enquanto caminham lado a lado com o cule, ele se mostrará ansioso por chegar ao seu destino e aliviar dos ombros aquela carga. Da mesma forma, o *Gnani* anseia por despojar-se do seu corpo mortal. — E, a seguir, corrigiu a explicação: — A presente exposição é correta até onde alcança, mas rigorosamente falando não é muito exata. O *Gnani* não está sequer ansioso por livrar-se do seu corpo; ele é indiferente à existência ou não-existência do corpo, quase não se dando conta dele.

De uma feita, sem que tivesse sido perguntado, Sri Bhagavan definiu *Moksha* (Liberação) para um dos criados: — Sabe o que é *Moksha*? Livrar-se da miséria inexistente e conseguir a Bem-aventurança sempre presente, isto é *Moksha*.

É difícil abandonar a esperança de que, mesmo falhando os médicos, Bhagavan poderia afastar a doença através de seus próprios poderes. Um devoto implorou-lhe que tivesse um único pensamento de sarar, pois aquilo seria o suficiente, mas ele replicou, quase com desdém: — Quem poderia ter um pensamento desses!

E para outros, que lhe pediam simplesmente para desejar a própria recuperação, disse: — Quem poderá ter tal desejo? — O “outro”, o indivíduo que poderia opor-se à marcha do destino, já não existia nele; era “a miséria inexistente” de que ele conseguira livrar-se.

Alguns dos devotos fizeram daquela uma súplica em favor do seu próprio bem-estar. — Que será de nós sem Bhagavan? Somos demasiado fracos para cuidar de nós mesmos; dependemos de sua Graça para tudo. — E ele replicou, — vocês dão demasiada importância ao corpo, — insinuando claramente que o fim do corpo não interromperia a Graça e a orientação.

No mesmo estado de espírito disse: — Dizem que estou morrendo mas não vou embora. Para onde poderia ir? Estou aqui.

A Sra. Taleyarkhan, uma devota parse, pediu-lhe: — Bhagavan! Dai-me a vossa doença. Deixai que eu a suporte! — E ele replicou: — E quem ma deu a mim?

Quem então lhe deu a doença? Não terá sido o veneno do nosso karma?

Um sadhu sueco teve um sonho em que o braço infectado se abriu, pondo à mostra a cabeça desgrenhada de uma mulher grisalha. Interpretou-se isso como sendo o karma da mãe, que Bhagavan assumiu quando lhe deu a sua *Moksha*, mas outros achavam que a mulher significava toda a humanidade ou Maya propriamente dita.

Na quinta-feira, 13 de abril, um médico trouxe a Sri Bhagavan um paliativo para aliviar a congestão dos pulmões, mas ele recusou-o: — Não é necessário; tudo estará bem dentro de dois dias.

Naquela noite, pediu aos criados que fossem dormir ou meditar e o deixasse a sós.

Na sexta-feira, os médicos e criados sabiam que era o último dia. Pela manhã, uma vez mais, ele lhes pediu que fossem meditar. Por volta de meio-dia, quando lhe trouxeram comida líquida, perguntou que horas eram, pontual como sempre, mas depois acrescentou: — Mas, daqui por diante, já não importa o tempo.

Expressando delicadamente seu reconhecimento pelos longos anos de serviço, disse aos criados: — Os ingleses têm uma

palavra "thanks", mas nós dizemos apenas *santosham* (estou satisfeito).

Pela manhã a multidão desfilou diante da porta aberta, silenciosa em sua dor a apreensão, e o mesmo se repetiu entre quatro e cinco horas da tarde. O corpo, presa de doença, que viram estava encolhido, as costelas despontando, a pele escurecida; era um lamentável vestígio de dor. No entanto, em algum momento durante aqueles derradeiros dias, cada um dos devotos foi agraciado com um olhar de reconhecimento, direto, luminoso e penetrante, que sentiu como uma última infusão de Graça.

Depois do *darshan* daquela tarde, os devotos não foram para as suas casas. A apreensão os manteve ali. Na hora do crepúsculo, Sri Bhagavan ordenou aos criados que o erguessem. Sabiam que todo movimento, todo contato, era doloroso, mas Bhagavan recomendou que não se preocupassem com isso. Sentou-se, com um dos criados a amparar-lhe a cabeça. Um médico começou a dar-lhe oxigênio mas ele dispensou a providência com um gesto da mão direita. Havia cerca de doze pessoas no pequeno quarto, entre médicos e criados.

Dois dos criados o abanavam e os devotos no lado de fora acompanhavam com olhos hipnotizados o movimento das ventarolas através da janela, sinal de que ainda havia um corpo com vida. Um repórter de uma grande revista americana andava, inquieto, de um lado e de outro, sentindo-se contrafeito por ter ficado impressionado contra a sua vontade e resolvido a não escrever a história enquanto não fosse embora de Tiruvannamalai e voltasse para um lugar onde as condições fossem o que ele chamava de normais. Com ele estava um repórter fotográfico francês.

Inesperadamente, um grupo de devotos sentado na varanda começou a cantar "Arunachala-Siva". Ao ouvir, os olhos de Sri Bhagavan se abriram e luziram. Deu um breve sorriso de inefável ternura. Dos cantos dos seus olhos correram lágrimas de ventura. Mais uma inspiração profunda e apenas aquilo. Não houve luta, nem espasmo, nem qualquer outro sinal de morte: apenas a respiração seguinte não veio.

Por alguns momentos as pessoas ficaram atônitas. Os cânticos prosseguiram. O repórter fotográfico francês dirigiu-se

a mim e perguntou em que minuto precisamente ele morrerá. Julgando tratar-se de uma brutalidade jornalística, repliquei bruscamente que não sabia, mas depois, lembrando-me de repente da indefectível cortesia de Sri Bhagavan, respondi que fora precisamente às 8,47. Ele disse, e percebi agora a sua excitação, que estivera a caminhar pela estrada e que, naquele exato momento, uma enorme estrela cruzara os céus. Muitos a tinham visto, até mesmo em Madras, e perceberam do que se tratava. A estrela deslocou-se na direção norte-leste no sentido do pico do Arunachala.

Depois do primeiro pasmo, houve uma explosão de dor. O corpo foi carregado para a varanda em posição sentada. Homens e mulheres juntaram-se em torno da grade para ver. Uma mulher desmaiou. Outras soluçavam alto.

O corpo engrinaldado foi colocado sobre um catre no saguão e os devotos aglomeraram-se em torno. Seria de esperar que o rosto estivesse pétreo em *samadhi*, mas, ao invés, se constataavam tais marcas de dor que era de cortar o coração. Apenas com o decorrer da noite foi ele voltando gradualmente à sua misteriosa compostura.

Durante toda a noite os devotos permaneceram no amplo saguão e pessoas da cidade passaram por ali em amedrontado silêncio. Procissões iam e vinham da cidade cantando "Arunachala-Siva". Alguns dos devotos no saguão cantavam canções de louvor e dor; outros mantinham-se em silêncio. O que havia de mais notável não era a dor, mas a calma, pois se tratava de homens e mulheres privados daquele cuja Graça era a própria razão de ser das suas vidas. Já naquela noite e, mais ainda, no decorrer dos próximos dias, tornou-se claro a importância vital de suas palavras: — Não vou embora. Para onde poderia ir? Estou aqui. — A palavra "aqui" não implica em nenhuma limitação, mas significa que o Si está, que não há ida, não há modificação para Aquilo que é universal. Não obstante, como os devotos sentissem a presença interior de Bhagavan e a contínua Presença Divina em Tiruvannamalai, começaram a considerá-la como uma promessa cheia de amor e solicitude.

Durante a noite de vigília tinha-se que tomar uma decisão relativamente ao enterro. Pensara-se que o corpo poderia ser enterrado no novo saguão, mas muitos devotos mostraram-se

contrários à idéia. Achavam que o saguão era, num certo sentido, um prolongamento do templo e aquilo faria o santuário de Sri Bhagavan parecer subordinado ao de sua Mãe, invertendo a ordem natural das coisas. No dia seguinte, com concordância geral, abriu-se uma cova e o corpo foi enterrado com honras divinas no espaço entre o velho saguão e o templo. A multidão, comprimida, assistia em silenciosa dor. Já não havia o rosto amado, nem o som da sua voz; dali em diante, o lingam de pedra negra e polida, o símbolo de Xiva, acima do túmulo, passou a ser o sinal exterior e, interiormente, havia as suas pegadas no coração.

PRESENÇA CONTÍNUA

A MULTIDÃO dispersou-se e o Ashram ficou parecendo um lugar abandonado, uma grelha cujo fogo se houvesse apagado. No entanto, não havia aquela dor selvagem que freqüentemente se segue à partida da Terra de um Mestre Espiritual. A normalidade, sempre tão marcante, continuava a prevalecer. Começou a patentear-se o cuidado e a compaixão com que Sri Bhagavan havia preparado seus devotos para a eventualidade. Não obstante, durante os primeiros dias e semanas de aflição, poucos se interessaram em ficar em Tiruvannamalai e alguns não podiam mesmo fazê-lo.

Alguns daqueles cuja devoção procurava expressar-se através da ação formaram um comitê para dirigir o Ashram. O Swami Niranjanananda consentiu em trabalhar com eles, e eles, por sua parte, concordaram em aceitá-lo como presidente permanente do comitê. Outros formaram grupos ou *sabhas* nas diversas cidades em que viviam, promovendo reuniões regulares.

Infelizmente, não se pode dizer que não houve os que criaram problemas ou tentaram projetar-se em termos pessoais; tal coisa sempre acontece quando um Mestre Espiritual deixa o seu corpo, mas, ao menos, houve poucos nessas condições e a maioria dos devotos permaneceu firme.

Muitos anos antes havia sido feito um testamento determinando como o Ashram deveria ser dirigido quando o Mestre já não estivesse fisicamente presente. Um grupo de devotos levou-o a Sri Bhagavan que, depois de cuidadosa leitura, aprovou a idéia e, em seguida, todos assinaram como testemunhas.

Conscisamente se dispunha ali que a *puja* (adoração ritual) seria feita junto ao seu túmulo e ao de sua mãe, que a família do filho do Swami Niranjanananda seria amparada e que o centro espiritual de Tiruvannamalai seria mantido vivo. Houve posteriormente tentativas de oficializar um testamento diferente, mas Sri Bhagavan nunca as tomou em consideração.

O terceiro item constitui o grande legado e obrigação. Os devotos contribuem para ele de acordo com a sua natureza e condição. Há alguns que se limitam a uma silenciosa meditação ou vêm apenas quando as circunstâncias permitem receber consolo ou extravasar a devoção e a gratidão do seu coração. São discípulos do Mestre que disse: — As conferências podem entreter os indivíduos durante muitas horas sem melhorá-los; o silêncio, por outro lado, é permanente e beneficia toda a humanidade.

Embora a sua meditação fique a dever ao tremendo silêncio espiritual de Sri Bhagavan, ela não apenas recebe como também transmite a sua Graça e tem, forçosamente, que surtir efeito. E se muitos adoram ou meditam em conjunto o efeito é cumulativo.

Outros, falando ou escrevendo, ajudam a criar um interesse que pode resultar numa compreensão mais profunda.

Aqueles que são mais atraídos por uma atividade exterior tomam a si o encargo da organização, o que também é um *sadhana* e Sri Bhagavan só o aceita como tal. Esperam um dia erigir um salão para meditação. Presentemente, há uma lápide simples encimada por um lingam e recoberta por um telhado de folhas de palmeira, entre o templo e o velho saguão.

A presença de Bhagavan é sentida por toda parte e, contudo, há diferenças de atmosfera. Pela manhã e à tarde há *parayanam* (cântico dos Vedas) diante do túmulo, assim como se fazia diante da sua presença física, e às mesmas horas. Quando os devotos lá se sentam em meditação é o mesmo que quando se sentavam diante dele no saguão, o mesmo poder, a mesma sutileza de orientação. Durante o *paranayam* faz-se a *puja* junto ao túmulo e os 108 nomes de Bhagavan são recitados. Mas no velho saguão há uma atmosfera mais suave e doce respirando a intimidade da sua prolongada estada. Alguns meses depois

do *Mahasamadhi* (abandono do corpo) o saguão foi danificado por um incêndio, mas felizmente não ficou destruído.

Há também o pequeno quarto em que foram passados os últimos dias e horas. Um grande retrato que há ali parece viver e corresponder à devoção. Há os vários objetos que Sri Bhagavan usou ou tocou --- sua bengala e jarra d'água, um leque de pavão, a estante giratória, numerosos pequenos objetos. E o catre, agora vazio para sempre. Há algo de infinitamente pungente, indizivelmente bondoso naquele quarto.

Instalou-se uma estátua de Sri Bhagavan no novo saguão. Uma das cláusulas do testamento era que se fizesse uma estátua, mas ainda não se havia encontrado um escultor à altura. Este teria que sentir o mistério de Bhagavan, ser inspirado por ele, pois não se tratava de retratar feições humanas mas o poder e a beleza divinos que dele emanavam.

Não apenas o recinto do Ashram é aureolado mas também toda a vizinhança. A paz que ali existe impregna tudo; não é uma paz passiva mas cheia de uma vibrante alegria. O próprio ar recende a sua Presença. Verdade é que a sua Presença não se restringe a Tiruvannamalai. Jamais se restringiu. Os devotos, onde quer que estejam, encontram a sua Graça e apoio, sua Presença interior, não apenas potente como antes, mas ainda mais potente agora do que antes. No entanto, agora como em outras épocas, o consolo de uma visita a Tiruvannamalai embebe a alma e morar ali tem uma beleza difícil de descrever.

Houve santos que prometeram voltar à Terra para de novo orientar seus devotos em novas vidas, mas Sri Bhagavan era o *Gnani* completo em quem não havia nem mesmo vestígio de um ego que fizesse prever um renascimento, e os devotos assim compreenderam. Sua promessa foi diferente: --- Não irei embora. Para onde poderia ir? Estou aqui. --- Nem mesmo disse: --- Estarei aqui --- mas --- estou aqui --- pois para o *Gnani* não há mudanças, não há tempo, não há diferença entre passado e futuro, não há partida, apenas o eterno "Agora" em que se assenta todo o tempo, o "Aqui" universal e não dimensional. O que ele afirmou foi sua contínua e ininterrupta Presença, sua contínua orientação. Muito tempo antes, havia dito a Sivaprakasam Pillai: --- Aquele que ganhou a Graça do Guru será, sem a menor dúvida, salvo e jamais será esquecido --- e quando os devotos, durante a última doença, falaram como se o esti-

vessem esquecendo e alegaram a sua fraqueza e constante necessidade dele, ele retorquiu, conforme já se assinalou: — Vocês dão demasiada importância ao corpo.

Cedo se descobriu como isso era verdadeiro. Mais do que nunca ele se havia tornado o Guru Interior. Aqueles que dele dependiam passaram a sentir sua orientação de uma forma mais ativa, mais poderosa. A vichara, levando ao Guru Interior, tornou-se mais fácil e acessível. A meditação traz consigo um fluxo mais imediato de Graça. A repercussão das ações, boas ou más, é mais rápida e forte.

Depois do primeiro choque os devotos começaram a voltar para Tiruvannamalai. Não apenas o tipo introspectivo sente a Presença contínua. Um devoto, Dr. T. N. Krishnaswami, acreditava-se ligado a Sri Bhagavan apenas pelo amor pessoal e disse, pesaroso, depois do *Mahasamadhi*: — Para gente como eu está tudo acabado. — Alguns meses mais tarde, voltando de uma visita a Tiruvannamalai, disse: — Nem mesmo nos dias passados havia ali tanta paz e beleza como agora. — E não é apenas o tipo introspectivo que sente a contínua orientação interior; é ela uma resposta imediata à devoção.

Os devotos foram sempre como uma grande família, mas agora havia surgido entre eles um sentimento mais forte de coleguismo. Reuniam-se no velho saguão, discutiam os ensinamentos de Bhagavan e trocavam reminiscências, trazendo à baila suas experiências e ditos de Sri Bhagavan, a respeito dos quais não haviam sentido necessidade de falar, em outras épocas.

O mistério do monte Arunachala também se tornou mais acessível. Havia muitos que no passado não lhe sentiam o poder, muitos para quem ele não passava de um monte de pedra, terra e arbustos, como qualquer outro. A Sra. Taleyarkhan, uma devota já mencionada no capítulo anterior, estava sentada certa vez no monte com um seu convidado, falando acerca de Sri Bhagavan. Disse ela: — Bhagavan é um Deus ambulante e todas as nossas orações são atendidas. Digo-o por experiência própria. Bhagavan diz que este monte é Deus. Não compreendo tudo isso, mas se Bhagavan assim o afirma, eu acredito. — Seu amigo, um muçulmano em quem as palacianas tradições persas ainda perduravam, replicou: — Segundo nossas crenças persas, eu consideraria um sinal se chovesse agora. — Quase

que imediatamente caiu uma pancada de chuva e eles desceram, encharcados, do monte para contar a história.

Mas, a partir do momento em que o Espírito deixou o corpo e uma fulgurante estrela deslocou-se na direção do Monte, os devotos começaram a sentir de forma mais direta que se tratava de um solo sagrado; perceberam-no no mistério de Bhagavan.

Diz a antiga tradição que o Monte Arunachala satisfaz os desejos e os peregrinos têm andado por ali durante séculos a pedir benefícios; mas aqueles que lhe percebem a paz de uma forma mais profunda não querem a realização de desejos, pois o caminho de Arunachala é o caminho de Bhagavan que libera a pessoa dos desejos, e isso é um grande cometimento.

Quando me aproximo, olhando e vendo a forma em Ti, Tu te ergues como um Monte na Terra. Aquele que busca a Tua forma amorfa é como quem viaja pela Terra em procura do espaço amorfo. Permanecer sem pensamentos acerca da Tua natureza é perder a própria identidade como um torrão de açúcar imerso no oceano. Quando eu compreender quem sou, quem mais (senão Tu) será a identidade de mim, Ó Tu, gigantesco Monte Arunachala? (de *Oito Estâncias a Sri Arunachala*).

Não são apenas aqueles que estiveram diante dele e visam a beleza de Sri Bhagavan em sua forma corpórea que sentem a atração. Sua boa fortuna é inestimável mas outros também foram atraídos por ele, por Arunachala. Bastará mencionar apenas dois. A Srta. Howes escrevia, há catorze anos sobre as possibilidades de ir até lá, depois de ler a obra de Paul Brunton, *A Índia Secreta*. As circunstâncias só o permitiram depois do *Mahasamadhi*. Ela abandonou o emprego e vendeu o que tinha para levantar fundos para a empreitada. Só pôde permanecer umas poucas semanas; no entanto, sentindo a Graça da sua Presença, ela disse: — Pensei que ficaria desapontada ao saber que ele havia morrido, mas não fiquei. Valeu a pena. Agora só posso sonhar com o dia em que voltarei para cá. Voltar é coisa que está nas mãos de Bhagavan. Agora, como antes, ele atrai para Tiruvannamalai quem quer. A Srta. Howes estava confiante, em razão da sua experiência prévia, em que não teria

difficuldade em encontrar um novo emprego, mas tal não aconteceu. Passaram-se semanas e mais semanas sem que algo lhe aparecesse. Então ela ouviu falar numa boa vaga, foi entrevistada e lhe disseram que o emprego era seu se quisesse, mas teria de ir para a Índia. Desta forma o seu retorno foi facilitado.

O Dr. D. D. Acharya aposentou-se, depois de uma longa e bem sucedida carreira na Índia central, e decidiu dedicar o fim dos seus dias a pesquisa espiritual. Ele viajou à Índia, visitando um templo ou Ashram após outro, sem encontrar o lugar que procurava, até que foi ter a Tiruvannamalai. Imediatamente percebeu que "estava em casa" e lá se fixou como médico do Ashram.

Depois de algum tempo ficou desalentado, conforme outros haviam ficado antes dele, e chorou diante do túmulo: — Por que me trouxeste até cá, Bhagavan, se não me vais dar a paz que procuro?

Na mesma noite viu, em sonho, Bhagavan sentado em seu catre e, aproximando-se, ajoelhou-se diante dele. Sri Bhagavan tomou a cabeça fletida entre as suas mãos e perguntou a propósito de que se lamentava. Depois, em resposta à queixa, replicou, quase como o fazia a outros devotos durante a sua vida: — Não é verdade que não esteja fazendo progresso; sou eu quem sabe isso, não você. — O Dr. Acharya suplicou com veemência: — Mas preciso chegar à realização agora, nesta vida! Por que haveria de esperar? Por que terá de ser tão devagar?

E Sri Bhagavan riu. — É o seu destino (parabdhakarma).

Neste sonho, tido por alguém que jamais vira Sri Bhagavan em vida, as respostas foram iguais àquelas que ele teria dado. Assim como no passado, menos as palavras ditas foram encorajadoras do que o indescritível encanto da sua solicitude.

Outros também virão. Ananda Mayi Ma, uma conhecida Mulher Santa da Índia setentrional, veio ao túmulo e, recusando um lugar de honra a ela reservado, disse: — Por que toda esta comoção? Vim render homenagem ao meu Pai e posso sentar-me no chão como os demais.

Uma Mulher Santa do sul foi interpelada pela Srta. Taleyarkhan acerca de si mesma e de outros ainda vivos e respondeu: — Ele era o Sol e nós somos os seus raios. — A história não terminou mais que a história de Cristo sobre a cruz.

Não é, na verdade, uma nova religião que Sri Bhagavan trouxe à Terra, mas uma nova esperança, uma nova trilha, para aqueles que compreendem e aspiram, em todos os países e religiões, nesta era espiritualmente negra. Não foi apenas para o tempo de vida do seu corpo físico. Para aqueles que temiam o término da orientação com a morte, ele replicou de forma concisa: — Vocês dão demasiada importância ao corpo. — Agora, como então, ele guia quem quer que dele se aproxime e ampara quem quer que a ele se submeta. Para todos quantos procuram ele está aqui.

GLOSSÁRIO

É impossível uma transliteração do sânscrito sem usar símbolos fonéticos que de modo geral mais iriam confundir o leitor do que ajudá-lo. Neste livro, segui as formas de transliteração simples e habituais, embora nem sempre exatas. Existe, por exemplo, uma letra intermediária entre s e sh que, de hábito, se translitera como s em algumas palavras (como em Siva) e como sh em outras (como Vishnu). O mesmo é válido com relação ao th mas não com relação a sh e ch, que devem ser normalmente pronunciados.

Não há, em sânscrito, o mesmo sistema de tonicidade que em português, mas um sistema qualitativo de vogais longas ou curtas, como em grego e latim. As vogais longas são encimadas por um traço horizontal. A pronúncia das vogais é aproximadamente a que se segue.

a entre nata e café

a como em café

ai como em pai

e como em crepe

e como em peito

i como em bates

i como em feliz

o como em couro

u entre carro e peru

Abbeda. Não-diversidade (veja bheda).

Adi-Guru. O Guru antigo, primordial ou original. A Fonte Divina da qual o poder de iniciação e orientação vem a uma linhagem de Gurus. Um epíteto de Sri Shankaracharya e, às vezes, de Dakshinamurthi também.

Adina-Guru. O fundador de uma linhagem de Gurus. Salvo no caso do fundador de uma nova senda, a iniciação (assim como a ordenação) só é válida quando dada por alguém devidamente autorizado e cuja autorização remonta, numa cadeia ininterrupta, ao fundador da sua linhagem.

Advaita. Não-dualidade, a doutrina de que nada existe em separado do Espírito, mas tudo é uma forma assumida pelo Espírito (veja o terceiro parágrafo do Capítulo IX).

A principal divisão doutrinária entre os hindus é entre as escolas do Advaita e Dvaita. Os Dvaitas ou Dualistas adoram um Deus Pessoal distinto do adorador. Os Advaitas, reconhecendo embora a verdade desta concepção, em seu próprio plano, vão mais além até o conceito do Absoluto, no qual um homem é reabsorvido Naquilo que é a sua Fonte e Si real, sobrevivendo na pura Bem-aventurança e ilimitada Consciência de Ser.

Agnana. Ignorância. O prefixo "a" (como em abhedha) é uma negativa, de modo que literalmente a palavra significa falta de conhecimento.

Ananda. Bem-aventurança, beatitude.

Anugraham. Graça.

Arudra Darshan. O Dia da Visão de Xiva (ou Siva).

Arunachaleswar. Deus na forma de Arunachala; uma contração de Arunachala-Iswara.

Ashram. O estabelecimento ou colônia que cresce em torno de um Sábio ou Guru; por vezes mal traduzido como "mosteiro".

Ashtavadhana. A capacidade de cuidar de oito assuntos diferentes ao mesmo tempo.

Asramam. A forma tâmil de "ashram".

Asuric. Diabólico, mau.

Atma ou Atman. O Espírito ou Si.

Atmaswarupa. Literalmente a "forma do Espírito"; termo usado para o universo a fim de indicar que o universo não tem realidade intrínseca mas existe apenas como uma manifestação do Espírito.

Avatar. Uma encarnação ou manifestação de Vishnu, isto é, Deus como Protetor e Sustentáculo do universo. Dentro do manvantara ou ciclo estendendo-se (de acordo

com o simbolismo cristão) do Paraíso Terrestre (o estado de Adão antes da queda) à Jerusalém Celestial (a consumação depois da segunda vinda de Cristo) há dez Avatares. O sétimo é Rama, comemorado no *Ramayana*, um épico sânscrito; o oitavo é Krishna, comemorado no *Gita Bhagavad*; o nono é descrito como o Avatar não-hindu e é identificado como Buda ou Cristo, ou ambos; o décimo é Kalki, o destruidor do pecado com cuja vinda termina a kali-yuga ou idade negra. Ele ainda está por vir e equivale à segunda vinda de Cristo esperada pelos cristãos e muçulmanos e a Maitreya Buda dos budistas. Por vezes o termo Avatar é usado de forma menos rigorosa para indicar uma manifestação divina.

Ayurveda. O sistema tradicional de medicina hindu.

Bhagavan. A mesma palavra que "Bhagavad" com uma consoante final diferente; a palavra comumente usada para Deus. Termos como Brahma, Vishnu, Xiva e nomes dos vários Aspectos de Deus são mais técnicos e filosóficos. Na conversação normal diz-se "Bhagavan" (Deus) ou "Swami" (o Senhor).

O termo "Bhagavan" é usado por consenso geral com relação àqueles poucos Sábios supremos que são reconhecidos como inteiramente Unos com Deus.

Tanto o B quanto o G são aspirados. A vogal medial mal é ouvida.

Bhakta. Devoto. Também aquele que se aproxima de Deus através do amor e da devoção.

Bhakti. Amor ou devoção.

Bhakti-marga. A aproximação de Deus através do amor e da devoção.

Bheda. Diversidade, não-identidade. A diferença entre bheda e abheda é substancialmente a mesma entre dvaita advaita. O adepto de breda considera-se como "diverso de Deus", ao passo que o adepto de abheda considera Deus como o Absoluto ou Infinito em separado do qual nada pode existir.

Bhiksha. Uma oferenda de comida ao Guru ou a um sanyasin. No caso de Bhagavan tratava-se de fornecer uma refeição para o ashram, pois ele não aceitava nada que fosse partilhado entre todos.

Brahma. A última e mais elevada concepção é Brahman (forma neutra de Brahma), o Absoluto, sobre o Qual nada pode ser postulado, pois qualquer assertiva seria uma limitação. O primeiro estágio na manifestação de Brahma é Iswara, o Deus Pessoal. Iswara é então concebido sob o tríplice aspecto de Brahma, o Criador, Vishnu o Protetor e Xiva, o Destruidor. Existem templos dedicados a Vishnu e Xiva mas não a Brahma, já que o homem se preocupa mais com Deus como Protetor e Deus Como Destruidor do que com Deus como Criador.

Brahman. Veja Brahma.

Brâmane. Os hindus dividem-se tradicionalmente em quatro castas, das quais os brâmanes são a mais elevada, dedicando-se a uma vida de espiritualidade e estudo. A seguir vêm os xátrias, que eram os governantes, guerreiros e administradores. Os Vaixias eram a classe média e os xudras os trabalhadores. As castas não eram, a princípio, exclusivamente hereditárias, mas desde que cada casta só se casava internamente, até mesmo a lei da hereditariedade a tornava praticamente assim. Com o correr do tempo ficaram rigorosamente assim e foram também subdivididas em subcastas hereditárias, principalmente em bases profissionais, como as guildas medievais na Europa. Havia também a tendência a abandonar as funções de casta e dedicar-se às funções de uma outra casta. Hoje em dia, a casta tem pequeno significado funcional. O governo hindu está tentando acabar com as castas.

Chakra. As trilhas ióguica e tântrica (veja marga) liberam a força-espírito no homem (kundalini) de sua latência na base da espinha e fazem-na subir através de uma série de centros espirituais do corpo. Cada qual é chamado de roda ou chakra. Cada qual representa um dife-

rente estágio de desenvolvimento que é franqueado quando a kundalini o atinge.

Chela. Discípulo.

Chit. Consciência. (Veja Satchitananda.)

Daivic. Divino. Usa-se aqui uma forma adjetival inglesa proveniente de deva, significando anjo ou espírito sagrado.

Dakshinamurthi. Xivá manifestado na antigüidade como um jovem que ensinava em silêncio, iniciando e orientando seus discípulos por transmissão direta do Espírito. Está especialmente vinculado a Arunachala, o centro de iniciação e orientação puramente espiritual, e, por conseguinte, a Sri Bhagavan, que era Xiva ensinando em silêncio.

Darshan. Literalmente "vista". Desde que se fala num homem santo dando darshan, a melhor tradução seria "audiência silenciosa". Ter darshan de um Sábio pode ser traduzido como gozar a graça da sua presença.

Dharma. Harmonia, vida ou ação harmoniosa. Também o papel de um homem na vida, já que aquilo que é conduta harmoniosa para alguém (digamos, um soldado) não o será para outra pessoa (digamos, um padre).

Dhoti. Pano branco de algodão que os homens usam no sul da Índia. É enrolado em torno da cintura e parece uma saia cobrindo desde a cintura até os tornozelos.

Diksha. Iniciação.

Gita Bhagavad. Literalmente a "Canção Divina" ou, mais corretamente, "Canção-Deus", pois Bhagavad é usado como adjetivo. A escritura de Sri Krishna, o oitavo Avatar, provavelmente a mais estudada e seguida das escrituras hindus. Ocorre como um episódio no épico sânscrito, Mahabharata.

Giripradakshina. Pradakshina é o circuito de qualquer lugar sagrado, feito caminhando-se com o flanco direito voltado para dentro, isto é, do sul para o oeste. Giri é um monte; de modo que giripradakshina é usado com referência ao circuito do Arunachala.

Gnana. Conhecimento, Sabedoria e Compreensão Divina. Iluminação Espiritual. A transliteração correta seria "jnana" mas "gnana" é mais fonético, sendo a primeira letra pronunciada como um g duro e a segunda como ni em união.

Gnana-marga. A Trilha do Conhecimento. Não se trata de um caminho requerendo grande elaboração teórica, mas de um caminho baseado no conhecimento intuitivo ou compreensão espiritual. (Veja Marga. Quanto à pronúncia, consulte Gnana.)

Gnani. Um homem culto. Pode ser usado para designar aquele que segue a Gnana-marga, mas no sentido correto é alguém que alcançou a completa Iluminação e está estabelecido no Conhecimento Absoluto que é Liberação de toda ilusão de dualidade. Significa, assim, o mesmo que Mukta, o homem liberado ou perfeitamente realizado. (Quanto à pronúncia, veja Gnana).

Guru. Guia ou Mestre Espiritual.

Iswara. O Deus Pessoal (veja Brahma). Às vezes transliterado como Ishvara.

Japa. Invocação ou encantação.

Jayanthi. Aniversário.

Kali-Yuga. A idade negra, equivalente à Idade do Ferro das tradições greco-romanas, que se diz haver começado em 301 a. C. com a batalha de Kurukshetra, vale dizer, com os ensinamentos de Sri Krishna constantes do Gita Bhagavad e estar agora chegando ao fim. (Veja Yuga.)

Karma. O destino que o homem constrói para si próprio segundo a lei de causa e efeito. Há três espécies de karma: prarabdha, ou aquele que deve ser cumprido nesta vida; sanjitha, ou aquele que existia no começo desta vida mas é adiado; agamyia ou o novo karma que é acumulado nesta vida e adicionado ao sanjitha. (Veja o primeiro parágrafo do capítulo X.) A lei do karma combina as duas teorias da predestinação e causa e efeito, pois as ações presentes de um homem causam ou predestinam o seu estado futuro.

Karma também significa ação. Às vezes significa ações rituais executadas como marga ou caminho da salvação.

Assim como o karma é acumulado pelas ações e pelos desejos de um homem, assim também pode ser ele destruído pelo amor divino e conhecimento e pela renúncia aos desejos. Por isto se diz que o karma é como uma montanha de pólvora que pode ser consumida por uma simples centelha de Gnana (Conhecimento Divino).

Karma-marga. A aproximação de Deus através de ações harmoniosas e desinteressadas, isto é, como está escrito no Gita Bhagavad, agindo sem se estar preso aos frutos de nossas ações, fazendo o nosso dever apenas por tratar-se do nosso dever, não com intento de lucro e não sendo desviado dele pelo medo ou favor. Isto é normalmente acompanhado de atos rituais.

Kavyakanta. Alguém cuja fala é como poesia. Um brilhante improvisador de versos.

Krishna. O oitavo Avatar. O Divino Mestre cuja doutrina está contida no Gita Bhagavad.

Kumbhabhishekam. Consagração.

Lingam. Um pilar de pedra vertical quando usado para representar Xiva ou o Absoluto, baseado em que qualquer imagem ou ídolo é limitativo e, portanto, enganoso. A palavra vem de linga, ser absorvido, sendo que a raiz significa "aquilo em que todos os seres são absorvidos".

Maharshi. Maha Rishi, o Grande Rishi ou Sábio. O nome é usado para designar alguém que abre um novo caminho para a realização. É também um nome de Vishnu como o nascedouro da iniciação e dos caminhos da Realização.

Mahasamadhi. O grande e derradeiro ou completo samadhi ou absorção no Si ou Espírito. O termo é, por vezes, aplicado à morte física de um grande Santo, mas no caso do Maharshi até mesmo isto é inadequado, pois

mesmo usando o corpo ele já estava em Mahasamadhi, e a morte do corpo não lhe fez qualquer diferença.

Mantapam. Um santuário ou saguão de pedra nua, com ou sem a imagem de um Deus no seu interior.

Mantra. Uma fórmula sagrada usada como encantação.

Mantradhyaana. Meditação ou consciência espiritual induzida ou baseada no uso das encantações.

Marga. Modo de aproximação na busca espiritual. Basicamente, há três margas: Gnana-marga, bhakti-marga e karma-marga.

Gnana-marga é a aproximação através do Conhecimento ou compreensão, tratando-se não de conhecimento intelectual mas espiritual. O conhecimento físico é direto, como quando se queima o dedo e sente-se dor; o conhecimento intelectual é indireto, como quando se sabe que o fogo queima; o conhecimento espiritual também é direto, embora muito diferente.

Bhakti-marga é a aproximação através do amor e da devoção.

Karma-marga é a aproximação através da atividade harmoniosa e desinteressada.

As três margas não se excluem mutuamente. Não pode haver conhecimento espiritual sem amor. Igualmente, o amor e a devoção a Deus, levam à compreensão e à União, que é conhecimento. Para que a atividade seja perfeitamente harmônica e desinteressada tem ela de ser inspirada por amor e compreensão. A Gnana-marga leva à atividade desinteressada isenta do pensamento: "Sou o autor disto e mereço prêmio ou recompensa".

A bhakti-marga leva a uma atividade dedicada, vendo Deus manifesto em todas as suas criaturas e servindo a ele, servindo-se a si mesmo.

Não obstante, embora as margas se fundam e todas levem ao mesmo objetivo, começam a partir de pontos de vista diferentes e seus métodos são diferentes na prática.

A parte das três diferentes margas, há dois desenvolvimentos de Bhakti-marga menos diretos e mais elaborados, vale dizer, as trilhas ióguicas e tântricas. Estão elas muito distantes dos ensinamentos de Bhagavan e não precisam ser descritas aqui.

Math. Templo ou santuário privativo, algo parecido com as capelas medievais da Inglaterra.

Matrubhateswara. Deus (Iswara) na forma de Mãe.

Maulvi (Árabe.) Um muçulmano versado na doutrina e nas leis do Islamismo. O equivalente islâmico de pândita.

Moksha. Liberação. Salvação usa-se geralmente num sentido dualista para indicar a salvação de uma alma purificada na presença de Deus; Moksha se usa na completa e derradeira aceção de liberação de toda ignorância e dualidade através da compreensão da identidade com o Si.

Mouna. Silêncio.

Mouna diksha. Iniciação através do silêncio.

Mouni. Aquele que fez voto de silêncio.

Monte Meru. A montanha que, na mitologia hindu, é o Centro Espiritual do universo. Bhagavan afirmava que o Arunachala é o Monte Meru.

Mukta. Aquele que chegou à Moksha ou Liberação. Aquele que chega à Moksha durante a vida terrena é, às vezes, chamado de Jivan-Mukta, isto é, "Mukta enquanto vivo".

Mukti. Liberação; o mesmo que Moksha.

Muni. Sábio.

Não-satvic. Veja Sattvic.

Nataraja. Um nome de Xiva. Xiva é a dança cósmica da criação e destruição do universo.

Nishkamyakarma. Ação sem apego ao resultado, vale dizer, sem egoísmo. Ação que não cria novo karma.

OM. O mantra suprema, representando o substrato do som criativo que sustenta o universo. Escreve-se com as letras AUM mas pronuncia-se OM.

Pandit (Pândita.) Aquele que é versado nas escrituras, doutrinadas e leis hindus.

Paramatman. O Atma ou Espírito Supremo. Na realidade, a palavra Atma propriamente dita é usada neste sentido, como a usou Bhagavan.

Parayanam. Canto e dança.

Pial. Uma plataforma ou catre de pedra ou concreto, amiúde encontrada no exterior das casas hindus ou na varanda.

Pradakshina. Veja Giripradakshina.

Prana. Respiração ou força vital.

Pranayama. Controle da respiração, regulando ou sustendo a respiração.

Prarabdha. Veja karma.

Prasadam. Algum objeto dado pelo Guru como veículo da sua Graça. Quando se dá comida ao Guru é hábito que este devolva parte dessa comida a título de prasadam.

Puja. Adoração ritual.

Pujari. Aquele que faz a puja.

Purana. História mitológica encerrando um significado simbólico.

Purusha. O Espírito. Atma se usa no puro sentido de Espírito, ao passo que Purusha dá mais uma idéia de masculinidade, sendo o Espírito contrastado ou combinado com Substância (Prakriti). Na linguagem comum pode ser usado como homem ou marido.

Rishi. Sábio. Literalmente Vidente.

Rudra. Nome de Xiva como Aquele que se anuncia a si mesmo em voz alta.

Rupa. Forma.

Sadhaka. Aspirante espiritual.

Sadhana. Busca ou trilha espiritual. A técnica do esforço espiritual.

Sadhu. Esta palavra deveria propriamente significar aquele que atingiu o Objetivo da sadhana, mas se usa de fato

para designar aquele que renunciou ao lar e à propriedade, quer haja consecução, quer não.

Sahaja Samadhi. Samadhi contínuo não requerendo transe ou êxtase, mas compatível com o pleno uso das faculdades humanas. O estado de Gnani.

Sivalta (Xivaíta.) Do ponto de vista de Siva (Xiva). Um devoto de Siva. A principal divisão do hinduísmo é entre Xivaísmo e Vixenuísmo, os pontos de vista representados por Xiva e Vixenu respectivamente. Corresponde à diferença entre Advaita e Dvaita, já que os devotos de Vishnu estacam diante da dualidade, enquanto o Xivaísmo é a doutrina da não-dualidade. Corresponde também à diferença entre Gnana-marga e Bhakti-marga, desde que o advaitista dirige-se pela compreensão espiritual e o dvaitista pelo amor e devoção a Deus.

Estas diferenças não são semelhantes às que ocorrem entre as seitas cristãs, pois ambos os caminhos são reconhecidos como legítimos e um homem segue aquele que melhor se adapta ao seu temperamento.

Sakti. A Força, Energia ou Atividade de um Aspecto Divino ou Principal. Na mitologia hindu um Aspecto ou Princípio Divino é representado como um Deus e sua Energia ou Atividade como a Esposa do Deus.

Samadhi. (1) Absorção no Espírito ou Si, com ou sem transe e suspensão das faculdades humanas.

(2) O túmulo de um Santo. Por vezes aplica-se a qualquer túmulo.

(3) Eufemismo para morte. Ao invés de dizer-se que alguém morreu costuma-se dizer que alguém atingiu o samadhi.

Samatva. O costume de tratar a todos da mesma forma, com igual consideração, vendo todos indistintamente como manifestações do Espírito.

Sambhu. Um nome de Xiva; Xiva como o Munifcente.

Samsara. A interminável cadeia de nascimentos e mortes que apenas a Auto-realização interrompe. A vida humana.

As atribuições e encargos da vida. Comumente usada em tâmil para designar "esposa".

Sankalpas. Tendências, desejos e ambições inerentes.

Sanyasin. Aquele que renunciou ao lar, à propriedade, à casta e a todos os interesses humanos na busca espiritual. A renúncia é permanente e definitiva, ao passo que o sadhu tem a liberdade de poder voltar à família. Um sanyasin usa o manto ocre como símbolo da sua renúncia, enquanto um sadhu usa um dhoti branco.

Sari. A vestimenta normal das mulheres em quase toda a Índia. A parte inferior é enrolada no corpo como uma saia e a parte superior é drapeada sobre o ombro esquerdo.

Sarvardhikari. Senhor ou governador.

Sastraico. Baseado ou de acordo com os Sastras. Sastras são leis das escrituras regendo a conduta, a arte, a ciência, o governo, etc.

Sat. Ser Puro. (Veja Satchitananda.)

Satchitananda. Literalmente Ser-Consciência-Bem-aventurança. Um termo para o Estado Divino, desde que espiritualmente saber é ser, e saber ou ser o Si é pura Bem-aventurança.

Sat-Guru. O Guru de poder Divino em oposição ao guru num sentido mais limitado.

As vezes a transliteração é Sad-Guru embora a pronúncia seja mais "Sat-Guru".

Sattvic. O universo é gerado e mantido em equilíbrio pela ação conjunta das três gunas (pressões, tensões ou tendências), sattva, rajas e tamas. Tamas é o movimento descendente do Espírito para a matéria, da Unidade para a multiplicidade; rajas é a expansão exterior para a atividade e multiplicidade; sattva é a ascensão ao Espírito.

Cosmicamente, as gunas não são nem boas nem más mas apenas o mecanismo da manifestação; contudo num ser humano tamas é a tendência ao mal, à malícia e à ignorância; rajas é a tendência à atividade exterior;

sattva é a tendência à espiritualidade, envolvendo a isenção das paixões terrenas. "Sattvic" e "não-sattvic" são formas adjetivais inglesas aqui usadas respectivamente para qualquer coisa que ajuda ou impede o esforço espiritual.

Sattya-Yuga. A idade de ouro. (Veja Yuga.)

Shabda (Árabe.) O credo islâmico: La ilaha ill' Allah, "não há deus senão Deus".

Siddha. Pode significar aquele que conseguiu a Auto-realização, mas comumente significa alguém que tem poderes sobrenaturais, seja ou não espiritualmente realizado.

Siddha Purusha. Um sábio (encarnado ou não) possuindo poderes sobrenaturais.

Siddhi. Poderes sobrenaturais.

Siva (Xiva.) No sentido teórico, Siva (ou Xiva, em português), pode ser considerado (veja Brahma) como um aspecto de Iswara (o Deus Pessoal). No entanto, para os seus devotos Siva é o Destruidor do ego, da dualidade de homem e Iswara, de todas as limitações, deixando apenas Ser Absoluto, que é Conhecimento perfeito e pura Bem-aventurança. Por isso Siva é o Absoluto personificado, contendo Iswara e todos os deuses e mundos como um sonho dentro de si.

Sivaswarupa. A forma de Xiva; nome por vezes dado ao universo para indicar que este não tem realidade intrínseca mas existe apenas como uma forma assumida por Xiva.

Sri. Abençoado ou beatífico. Nos tempos modernos é amiúde usado como uma forma de tratamento, equivalendo quase a "senhor"; no entanto continua a ser usado no seu verdadeiro sentido com relação a um Santo.

Sruti. Texto das escrituras.

Suddha Manas. Mente purificada.

Swami. Senhor. Geralmente significa o "Senhor" quando se fala de Deus; também para um mestre espiritual ou

professor independentemente do seu estágio espiritual; às vezes também como mero sinal de respeito.

Swarupa. A verdadeira forma de alguém.

Taluq (Urdu.) Um distrito governamental local.

Tao. Em chinês "Tao" é usado tanto para o caminho (sadhana) quanto para o Objetivo, isto é o Eu ou Absoluto (Atma).

Tapas. Penitência ou austeridade.

Tirtha. Piscina sagrada.

Upadesa. A instrução ou orientação dada a um discípulo por seu Guru.

Vairagya. Desapego

Vasanas. Latências ou tendências inerentes num homem, resultando das suas ações numa vida anterior e governando as ações da vida presente, a menos que sejam superadas por meio de tapas ou pela Graça do Guru.

Vedas. As mais antigas escrituras hindus, reveladas aos antigos Rishis.

Vichara. Discriminação. A trilha da Auto-investigação ensinada por Sri Bhagavan, uma vez que essa trilha implica na discriminação entre o Real e o irreal, entre o Eu e o ego.

Vignana. Conhecimento especializado. Conhecimento do Eu e também do mundo externo.

Vishnu. Deus em seu aspecto de Protetor e Sustentáculo do universo.

Yoga. Literalmente "União". Uma aproximação indireta (veja Marga) que começa a partir do ponto de vista da dualidade e procura desenvolver os poderes latentes de um homem através de meios bastante técnicos, como objetivo final de conseguir a Divina União.

Yogue. Aquele que segue ou conhece a fundo o caminho da Yoga.

Yuga. Idade. Segundo os ensinamentos hindus, bem como os greco-romanos e medievais, há quatro idades no manvantara ou ciclo desde o "Paraíso Terrestre" de Adão

antes da queda até à "Jerusalém Celestial" ou consumação depois do décimo Avatar (veja Avatar). São essas idades chamadas de Satrya Yuga (Idade da Verdade ou Pureza), Dwapara Yuga (Segunda Idade), Tretya Yuga (Terceira Idade) e Kali Yuga (Idade Negra). Sua duração está na proporção de 4, 3, 2, 1, de modo que a Kali Yuga é uma décima parte de todo o manvantara.